



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Cristiane Raposo Sousa Araújo

Narrativas de si: Memórias da escolarização na zona rural do distrito de
São José da Mata, município de Campina Grande – PB (1990 - 2010)

Campina Grande
2024

Cristiane Raposo Sousa Araújo

Narrativas de si: Memórias da escolarização na zona rural do distrito de São José da Mata, município de Campina Grande – PB (1990 - 2010)

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em História.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento

Campina Grande
2024

A663n

Araújo, Cristiane Raposo Sousa.

Narrativas de si: Memórias da escolarização na zona rural do distrito de São José da Mata, município de Campina Grande – PB (1990 – 2010) / Cristiane Raposo Sousa Araújo – Campina Grande, 2024.

208 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação: Profa. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento."

Referências.

1. História Cultural da Educação. 2. Educação do Campo. 3. Cultura Escolar. 4. Memórias Afetivas. 5. Práticas Educativas. 6. Políticas Educacionais. 7. Comunidades Rurais. I. Nascimento, Regina Coelli Gomes. II. Título.

CDU 930.85:37(043)

Cristiane Raposo Sousa Araújo

Narrativas de si: Memórias da escolarização na zona rural do distrito de São José da Mata, município de Campina Grande – PB (1990 - 2010)

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 25 de março de 2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Documento assinado digitalmente
 REGINA COELLI GOMES NASCIMENTO
Data: 27/03/2024 10:48:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento
Universidade Federal de Campina Grande – PPGH/UFCG
Orientadora

 JAQUELINE LEANDRO FERREIRA
Data: 27/03/2024 21:14:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dra. Jaqueline Leandro Ferreira
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
Examinador Externo

Documento assinado digitalmente
 IRANILSON BURITI DE OLIVEIRA
Data: 27/03/2024 15:55:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira
Universidade Federal de Campina Grande –UFCG
Examinador Interno

Prof^a. Dra Manuela Aguiar Damião de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Suplente Externo

Prof^a. Dra Juciene Ricarte Apolinário
Universidade Federal de Campina Grande –UFCG
Suplente Interno

Campina Grande, 2024.

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Maria do Socorro Raposo, pela inspiração e apoio incondicional.

À minha avó, Antonia Raposo (in memoriam), pelo que ela representou/representa para a nossa família.

Às professoras do presente e passado da zona rural do distrito de São José da Mata, especialmente dos sítios Capim Grande e Cajazeiras, pela dedicação e resiliência em educar gerações, ofertando muito mais do que conhecimentos científicos, apesar das adversidades.

AGRADECIMENTOS

Pai eu quero agradecer

E sempre reconhecer

A beleza do cuidado que Tu tens por mim

Sinto Tua alegria me fazendo companhia

Nos fracassos ou sucessos eu não estou só.

(Canção, Cláudia. **Hoje eu quero ser grato**, 2022).

Em primeiro plano, registro o meu agradecimento a Deus, que é a razão do meu viver. Está comigo em todos os momentos da minha vida, fortalecendo-me nas adversidades, me permitindo sonhar e abrindo portas as quais eu não imaginava que seriam possíveis de transpor. Também agradeço a Ele pelas pessoas especiais, algumas mais parecem anjos, que fizeram/fazem parte da minha trajetória de vida, e do itinerário de produção desse trabalho acadêmico.

O processo de produção acadêmica não é fácil. O percurso é íngreme e requer muita dedicação. Por volta de dois anos meus pensamentos estavam em sua maioria relacionados à pesquisa. Uma caminhada exaustiva que certamente promoveu o meu crescimento profissional e uma significativa transformação pessoal, mas também demandou considerável esforço físico, psicológico e emocional, principalmente pelo contexto de continuar trabalhando em horário integral. Por isso, eu não teria vencido essa fase tão especial na minha vida, se não contasse com apoio de pessoas, tanto a nível emocional como intelectual, às quais expresso minha gratidão.

Um agradecimento especial a Maria do Socorro Raposo Sousa, minha doce e incansável mainha, por me apoiar em todas as minhas decisões na vida, não medindo esforços para ajudar-me. Ela que é a minha melhor amiga, foi a principal articuladora no processo de acesso às fontes dessa pesquisa e de realização das entrevistas, sempre disposta e em contato com várias pessoas que de alguma maneira pudessem contribuir. Revirou seus armários e incontáveis bolsas fornecidas nas formações continuadas em busca de fotos, cadernos, cartões de natal, certificados, entre outros documentos do período a ser analisado. Ela é o meu maior exemplo de ética profissional, mas sobretudo,

de simplicidade, humildade e amor para com o próximo. Resiliência e fé perante os desafios da vida. Resumindo, é a minha base.

Nesse percurso de investigação, outra grande mulher se revelou uma protagonista, e por coincidência, mais uma Socorro, Maria do Socorro Santos Silva. Senti-me privilegiada em ser a primeira a escrever um pouco sobre sua história. Desde o primeiro contato mostrou-se receptiva em contribuir com o meu trabalho. Não temos vínculo de parentesco. Foram muitas mensagens enviadas pelo *whatsapp* nesse transcorrer da produção textual, todas respondidas, apesar de sua jornada de trabalho diário cuidando da sua mãe idosa e de sua família. No dia da sua entrevista, recepção agradável e horas de uma boa conversa e muita partilha de experiências, que ficaram guardadas em sua memória. Ela marcou a história da educação em sua comunidade e merece todos os aplausos e a minha gratidão.

Ao meu esposo e filhos meu agradecimento pela compreensão nos momentos de ausência e *stress*. Luiz Carlos, meu companheiro, o qual compartilho a vida há 16 anos, obrigada por estar sempre por perto, ajudando-me e dando um jeito para realizar o que eu peço, alguém que eu sei que posso contar. Um pai presente e exemplar. Meus filhos, Luiz Otavio e Ana Júlia, os motores que me impulsionam a seguir em frente, buscando dar o meu melhor a cada dia.

O meu muito obrigada aos meus familiares que contribuíram de alguma maneira, ou apenas torceram por mim. Um carinho especial ao meu pai, Clovis Claudino, que sempre demonstra muito orgulho quando fala em meu nome. Educou a mim e aos meus irmãos de maneira rígida, mas sempre notamos o seu amor e cuidado conosco. Ao meu irmão, Cleiton, presente quando preciso, obrigada pela busca por entrevistados e momentos de descontrações que sempre tornam o ambiente mais leve e engraçado. A minha irmã, Clediane, que é minha parceira de vida, a formatadora oficial dos meus trabalhos, também contribuiu com as transcrições das entrevistas, sempre perguntando como estava o andamento do texto. Além do amor e cuidado com os meus filhos. É “pau para toda obra”. Obrigada a Lidiane Nascimento, minha prima-irmã que é uma pessoa iluminada, preocupada com toda a família. Dispôs-se, apesar de sua rotina puxada, a conceder entrevista, buscar fotografias e documentos deixados por sua mãe e minha tia querida, Gerinalda Nascimento (*in memoriam*), cujo acervo contribuiu de forma significativa para a pesquisa.

A minha eterna gratidão as pessoas que me enviaram materiais ou contribuíram para a pesquisa, a exemplo de Ana Cléa Sampaio, e principalmente as que se dispuseram

a ser entrevistadas, as quais faço questão de mencioná-las aqui: Clediane Raposo Sousa, Flávio Romero Guimarães, Guilherme Nascimento, Israelly Karolliny Silva Bernardo, Kátia Cilene da Silva, Lenilson dos Santos Silva, Lidiane Nascimento Silva Gonçalves, Lidiane Rocha da Silva, Luan Helder Pereira Araújo, Lucivania Vidal de Sousa, Maria Aparecida Silva Santos, Maria Luíza Nascimento Farias, Maria do Socorro Santos Silva e Maria do Socorro Raposo Sousa. Todos(as) foram muito importantes nesse processo. Aproveito para destacar as contribuições de Lucivania Sousa, que foi gestora da E. M. Professor Luiz Gil durante a pesquisa e disponibilizou os arquivos que precisei, recebeu-me em mais de uma visita com muita prestatividade e teve paciência para responder às várias mensagens que enviei quando as dúvidas surgiram.

Também agradeço aos funcionários da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Campina Grande responsáveis pelo processo de liberação da pesquisa na Escola Municipal Professor Luiz Gil e ao pessoal da Inspeção Técnica de Ensino de Campina Grande que resgatou e disponibilizou com agilidade os arquivos da Escola Maria do Carmo Santos Silva, possibilitando tempo hábil para o estudo. Aos servidores do IBGE de Campina Grande, especialmente a Ida Porto, pelos esclarecimentos prestados a respeito das comunidades analisadas.

Foram muitas pessoas incentivando-me, amigos(as), colegas de trabalho e da turma do mestrado, pessoas que acreditaram em mim, mesmo quando eu não me sentia segura de que cursar um mestrado seria possível. Dentre essas, duas amigas foram fundamentais para eu seguir em frente nessa jornada acadêmica: Liliann de Freitas e Luciana Moura.

Liliann foi a responsável por me rerepresentar o mestrado e incentivar a matricular-me como aluna especial enquanto eu questionava-me se realmente tinha potencial para essa etapa, já que somavam 12 anos afastada da UFCG. Ela acreditou em mim e praticamente “empurrou-me” para a seleção. Tirou-me da “zona de conforto”, me fez “acordar” e voltar a amar essa vida acadêmica de leitura, escrita e publicação. Uma amiga presente que para esse e outros assuntos sempre me diz: “estou aqui, conte comigo”.

Luciana é outra pessoa especial com quem convivo e aprendo diariamente. Somos companheiras de trabalho, mas não apenas isso. Entramos juntas em 2019 na escola na qual atualmente lecionamos e isso gerou uma irmandade entre nós. Ela também é uma grande incentivadora da minha trajetória acadêmica. Excelente professora de Língua Portuguesa, ainda se dispõe a corrigir meus textos ausentes de crases. Torna a minha jornada diária de trabalho mais leve, é alguém com quem também sei que posso contar.

Por último, não menos importante, agradeço à banca examinadora, especialmente a melhor orientadora que eu poderia ter, a professora Regina, com quem tive a honra de conviver novamente nesses últimos dois anos. Ser humano incrível, orienta com seriedade, ao mesmo tempo em que é humilde e serena. Regina foi a pessoa que me mandava descansar, cuidar da minha saúde, acalmava-me quando eu demonstrava receio de não dar conta. Não tenho palavras para descrever a minha gratidão por tudo o que vivemos nesse percurso. Aos demais membros da banca, o professor Iranilson, que assim como Regina fez parte da minha história desde a graduação e é uma referência como profissional, pessoa por quem tenho grande apreço. Professora Jaqueline, que tive o prazer de conhecer na banca de qualificação, mostrou-se muito competente e solícita. As contribuições de ambos foram de grande importância para o aperfeiçoamento desse trabalho e certamente para minha realização pessoal em vencer mais essa etapa da minha vida, muito obrigada por aceitarem participar desse momento. E é claro, que esse espaço também é de gratidão a todos os(as) professores(as) que passaram pela minha vida, seja na Educação Básica ou no Ensino Superior, sou uma construção em obras, com um pouco ou muito de cada um(a).

Enfim, esse trabalho é fruto de muitas relações, de muitos encontros e reencontros. É fruto de muitas histórias que precisavam ser contadas. De muito amor ao tema e orgulho. É fruto de alguém que não desistiu e deu o seu melhor. E que venham novos ciclos. Pois, “desafios sei que vão chegar, mas Contigo do meu lado sempre irei avançar” (Canção, 2022).

Obrigada a todos(as). Obrigada, Deus!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo desenvolver um estudo sobre os processos de escolarização na zona rural do distrito de São José da Mata, município de Campina Grande/PB, entre os anos 1990 e 2010, problematizando as memórias afetivas dos estudantes e professores(as) no intuito de perceber como aconteceu a construção de suas identidades. Trata-se de uma pesquisa em consonância com a História da Educação que desenvolve uma análise baseada na Cultura Escolar empreendida nessas comunidades rurais, ressaltando suas Práticas Educativas e as experiências da Educação do Campo. Portanto, busca-se compreender o espaço escolar enquanto produtor de cultura, para além de um lugar de ensino. Os diálogos teóricos dessa proposta foram influenciados pelo conceito de Cultura Escolar de Dominique Julia (2001), de Memória por Le Goff (2003), de Experiência por Larrosa (2002) e de Sensibilidades a partir de Pesavento (2007). As discussões foram direcionadas no sentido de compreender como esses sujeitos (re)significam ou (re)significaram o vivido na formação de suas identidades e qual o valor atribuído a ela, na vida em comunidade. Além das contribuições da literatura consagrada ao tema, a História Oral, por meio de uma escuta sensível, alia-se à análise bibliográfica e documental a partir de uma Análise de Conteúdo influenciada por Bardin (2011). Entre as fontes, destacam-se: fotografias, cadernetas, atas, dentre outras, disponibilizadas pelas instituições de ensino e por estudantes e professores egressos. Também foram levadas em consideração as afirmações do Professor Flávio Romero Guimarães, Secretário da Educação do Município de Campina Grande entre 2005 e 2012, bem como documentos oficiais voltados às políticas educacionais do período escolhido para estudo.

Palavras-chave: Educação do Campo. Cultura Escolar. Memória. Experiência. Sensibilidades.

ABSTRACT

This work aims to develop a study on the schooling processes in the rural area of the district of São José da Mata, municipality of Campina Grande/PB, between the years 1990 and 2010, problematizing the affective memories of students and teachers in the in order to understand how the construction of their identities happened. This is research in line with the History of Education that develops an analysis based on the School Culture undertaken in these rural communities, highlighting their Educational Practices and the experiences of Rural Education. Therefore, we seek to understand the school space as a producer of culture, in addition to a place of teaching. The theoretical dialogues of this proposal were influenced by the concept of School Culture by Dominique Julia (2001), Memory by Le Goff (2003), Experience by Larrosa (2002) and Sensitivity by Pesavento (2007). The discussions were aimed at understanding how these subjects (re)signify or (re)signify what they experienced in the formation of their identities and what value is attributed to it, in community life. In addition to the contributions of literature dedicated to the topic, Oral History, through sensitive listening, is combined with bibliographic and documentary analysis based on a Content Analysis influenced by Bardin (2011). Among the sources, the following stand out: photographs, notebooks, minutes, among others, made available by educational institutions and by former students and teachers. The statements of Professor Flávio Romero Guimarães, Secretary of Education of the Municipality of Campina Grande between 2005 and 2012, were also taken into consideration, as well as official documents focused on educational policies of the period chosen for study.

Keywords: Rural Education. School Culture. Memory. Experience. Sensitivities.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Entrevistados(as) referentes à Escola Municipal Professor Luiz Gil.....	35
Tabela 2: Entrevistados(as) referentes à Escola Municipal Maria do Carmo Santos Silva.....	36
Tabela 3: Entrevistado representando a Secretaria de Educação do Município de Campina Grande.....	36
Tabela 4: Comparativo do número de discentes entre escolas distintas durante o período de 2001 a 2006.....	54
Tabela 5: Identificação das dependências da E. M. Prof. Luiz Gil após a reforma e ampliação em 2008.....	55
Tabela 6: Identificação das dependências da E. M. Maria Do Carmo Santos Silva inaugurada em 1988.....	63
Tabela 7: Número de estudantes matriculados na E. M. Maria Do Carmo Santos Silva entre 2003 e 2007.....	68
Tabela 8: Docentes por nível de formação e local de atuação no Ensino de 1º Grau – PB (1994).....	94
Tabela 9: Demonstrativo de salários de professores leigos de acordo com o nível de formação (1994).....	95
Tabela 10: Número de Docentes com Formação no Ensino Fundamental Completo atuando em diferentes níveis de ensino no Brasil – 2006.....	97
Tabela 11: Docentes com Formação no Ensino Fundamental Completo atuando em diferentes níveis de ensino no Brasil por estado – 2006.....	98

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Fotografia de Antônia Raposo do Nascimento.....	20
Imagem 2: Fotografia de Maria do Socorro Raposo Sousa na sua Formatura em Pedagogia (2005).....	23
Imagem 3: Vista aérea de parte do Sítio Capim Grande.....	26
Imagem 4: Vista aérea de parte do Sítio Cajazeiras.....	28
Imagem 5: Placa de Inauguração do Grupo Escolar Professor Luiz Gil.....	41
Imagem 6: Corredor na entrada da Escola Municipal Professor Luiz Gil.....	42
Imagem 7: Corredor na entrada da Escola Municipal Professor Luiz Gil.....	42
Imagem 8: Fotografia de uma página da cópia do Histórico da Escola M. Prof. Luiz Gil.....	43
Imagem 9: Fotografia de Luiz Gil de Figueiredo.....	44
Imagem 10: Planta Baixa da estrutura física da Escola M. Prof. Luiz Gil no início da década de 1990.....	47
Imagem 11: Planta Baixa da estrutura física da Escola M. Prof. Luiz Gil no início dos anos 2000.....	48
Imagem12: Fotografia de Clediane Raposo pronta para o seu primeiro dia de aula em 2000.....	49
Imagem 13: Fotografia do Evento “Dia das Conquistas” em 2004.....	51
Imagem 14: Placa de Reforma e ampliação da E. M. Prof. Luiz Gil.....	56
Imagem 15: Fotografia da frente da Escola M. Prof. Luiz Gil (2023).....	57
Imagem 16: Fotografia da vista externa da Escola M. Prof. Luiz Gil (2023).....	57
Imagem 17: Montagem de fotografias dos espaços físicos da Escola M. Prof. Luiz Gil em 2023.....	58
Imagem 18: Fotografia da casa de Maria do Socorro Santos onde o Grupo Escolar Sítio Cajazeiras iniciou as atividades.....	60
Imagem 19: Fotografia recente de Maria do Socorro Santos Silva.....	61
Imagem 20: Planta Baixa da estrutura física da Escola M. Maria do Carmo S. Silva.....	62
Imagem 21: Cerimônia de Primeira Comunhão nos anos 1990.....	65
Imagem 22: Carnaval no início dos anos 2000.....	65
Imagem 23: Fotografia atual do prédio onde funcionava a E. M. Maria do Carmo Santos Silva.....	69

Imagem 24: Fotografia atual do prédio onde funcionava a E. M. Maria do Carmo Santos Silva.....	69
Imagem 25: Fotografia atual do prédio onde funcionava a E. M. Maria do Carmo Santos Silva.....	70
Imagem 26: Diploma – Logos II / PB (1995).....	91
Imagem 27: Gráfico da quantidade de professores leigos no Estado da Paraíba (1982-1994).....	93
Imagem 28: Certificado de Formação - 1991.....	101
Imagem 29: Certificado de Formação - 2002.....	101
Imagem 30: Certificado de Formação – 2003.....	102
Imagem 31: Capa de Caderneta (1997).....	105
Imagem 32: Projeto apresentado em Feira de Ciências.....	106
Imagem 33: Troféu da E. M. Professor Luiz Gil.....	107
Imagem 34: Capa de Caderneta (2003).....	109
Imagem 35: Gincana ocorrida entre 2003/2004.....	112
Imagem 36: Apresentação sobre a natureza - 2003/2004.....	114
Imagem 37: Eleição da Gestão Escolar Estudantil – 2003.....	114
Imagem 38: Apresentação em um “Dia das Conquistas”.....	115
Imagem 39: Projeto Contar e Encantar.....	116
Imagem 40: Utilização de recursos pedagógicos nas aulas.....	118
Imagem 41: Fotografia dos estudantes concluintes de 1997.....	121
Imagem 42: Visita a E. M. Pedro Gomes, em 1998.....	122
Imagem 43: Fotografia da Eleição para Gestão Escolar.....	124
Imagem 44: Estudantes apresentando-se em uma gincana.....	125
Imagem 45: Estudantes participando de uma prova em uma gincana.....	125
Imagem 46: Estudantes participando de uma prova em uma gincana.....	124
Imagem 47: Estudantes apresentando-se em um “Dia das Conquistas”.....	124
Imagem 48: Professor Guilherme Nascimento e parte da turma tocando instrumentos em uma festa junina.....	128
Imagem 49: Capa da caderneta de 2006.....	129
Imagem 50: Professor Guilherme Nascimento e a supervisora Iraguaci Costa acompanhados da turma de estudantes.....	130
Imagem 51: Planilha de Resultados Finais – 2007 (Frente e verso).....	131
Imagem 52: Fotografia do ex-aluno Luan Helder na escola em 2005.....	137

Imagem 53: Fotografia das estudantes Renata Lopes e Clediane Raposo durante o carnaval de 2000.....	140
Imagem 54: Estudantes apresentando-se em comemoração ao Dia das Mães em 1995..	141
Imagem 55: Estudantes apresentando-se em comemoração ao Dia das Mães por volta de 2001.....	142
Imagem 56: Apresentação de quadrilha junina no início dos anos 2000.....	143
Imagem 57: Estudantes vestidos a caráter durante a festa junina.....	144
Imagem 58: Apresentação de quadrilha junina no início dos anos 2000.....	144
Imagem 59: Apresentação em desfile cívico no início dos anos 2000.....	146
Imagem 60: Apresentação em desfile cívico no início dos anos 2000.....	147
Imagem 61: Fotografia de uma festa do Dia das Crianças no início dos anos 2000.....	148
Imagem 62: Corrida de saco nos anos 2000.....	149
Imagem 63: Corrida de saco nos anos 2000.....	150
Imagem 64: Formatura do ABC em 1996.....	151
Imagem 65: Confraternização natalina nos anos 2000.....	152
Imagem 66: Fotografia de um cartão de Natal para a professora Socorro Raposo.....	152
Imagem 67: Confraternização entre gestão professores e funcionários nos anos 2000...	153
Imagem 68: Fotografia de um casal de estudantes da E. M. Maria do Carmo S. Silva nos anos 2000.....	155
Imagem 69: Cerimônia de coroação à Maria.....	156
Imagem 70: Apresentação de quadrilha junina nos anos 2000.....	157
Imagem 71: Apresentação de quadrilha junina nos anos 2000.....	157
Imagem 72: Estudantes com trajes juninos nos anos 2000.....	158
Imagem 73: Estudantes com trajes juninos nos anos 2000.....	159
Imagem 74: Hora do lanche na festa junina.....	159
Imagem 75: Estudantes prontos para o desfile cívico nos anos 2000.....	160
Imagem 76: Comissão de frente do desfile cívico nos anos 2000.....	161
Imagem 77: Desfile cívico no Sítio Cajazeiras.....	162
Imagem 78: Desfile cívico em São José da Mata.....	163
Imagem 79: Apresentação natalina nos anos 2000.....	164
Imagem 80: Apresentação natalina nos anos 2000.....	164
Imagem 81: Estudantes trajados para peça natalina.....	165

Imagem 82: Confraternização de final de ano entre gestão, professores e funcionários das escolas E. M. Maria do Carmo S. Silva, E. M. Professor Luiz Gil e E. M. Pedro Gomes.....	166
Imagem 83: Confraternização de final de ano entre gestão, professores e funcionários das escolas E. M. Maria do Carmo S. Silva, E. M. Professor Luiz Gil e E. M. Pedro Gomes.....	166

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	18
1.1 COMO CHEGUEI ATÉ AQUI: HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES PROTAGONISTAS	19
1.2 CONHECENDO O SÍTIO CAPIM GRANDE.....	24
1.3 CONHECENDO O SÍTIO CAJAZEIRAS	27
1.4 DIALOGANDO COM O REFERENCIAL TEÓRICO.....	30
1.5 PROBLEMATIZANDO AS MEMÓRIAS A PARTIR DE UMA ESCUTA SENSÍVEL	33
2. CAPÍTULO 1: OS PORTÕES DAS ESCOLAS MUNICIPAIS PROFESSOR LUIZ GIL E MARIA DO CARMO SANTOS SILVA “ABREM-SE” À PESQUISA HISTORIOGRÁFICA	39
2.1 “AQUI É MEU PORTO SEGURO”: CONHECENDO A ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR LUIZ GIL.....	40
2.2 “É UMA HISTÓRIA QUE NÃO SE APAGA E ESTÁ AÍ COMO UM TROFÉU”: MEMÓRIAS DA ESCOLA MUNICIPAL MARIA DO CARMO SANTOS SILVA	59
2.3. NO CRUZAR DOS PORTÕES REALIDADES DISTINTAS: UM SEMPRE ABERTO, O OUTRO FORÇADO A ABRIR	72
3. CAPÍTULO 2: OS MODOS DE ENSINAR E DE APRENDER: REFORMAS EDUCACIONAIS, FORMAÇÃO DOCENTE E EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS	74
3.1 REFORMAS EDUCACIONAIS NO BRASIL ENTRE 1990 E 2009	75
3.2 FORMAÇÃO DOCENTE ENTRE OS ANOS 1990 E 2010	87
3.3 EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR LUIZ GIL	102
3.4 EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA MUNICIPAL MARIA DO CARMO SANTOS SILVA	119
3.5 DO DITADO À PEDAGOGIA DE PROJETOS.....	133
4. CAPÍTULO 3: ENTRE QUADRILHAS E DESFILES: A CONSTRUÇÃO DE CULTURAS ESCOLARES NAS INSTITUIÇÕES MUNICIPAIS PROFESSOR LUIZ GIL E MARIA DO CARMO SANTOS SILVA	135
4.1 “ENTÃO ERA MUITO PRAZEROSO OUVIR: TU VAIS PARA A ESCOLA AGORA”: O CALENDÁRIO LETIVO E AS VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES E PROFESSORES(AS) NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR LUIZ GIL	135
4.2 “ALI FOI UMA PARTE DA MINHA INFÂNCIA, DA MINHA VIDA”: O CALENDÁRIO LETIVO E AS VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES E PROFESSORES(AS) NA ESCOLA MUNICIPAL MARIA DO CARMO SANTOS SILVA	154
4.3. RESSIGNIFICANDO DATAS COMEMORATIVAS E CRIANDO UMA CULTURA PRÓPRIA.....	167

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
REFERÊNCIAS	172
ANEXOS	180

*No meu sertão tem de tudo, de bom que se
possa imaginar,
tem um sol clareando lá onde canta o sabiá,
tem a bondade nos olhos
de um homem trabalhador
que usa chapéu de palha
com humildade, sim senhor.*

REIS, Rita de Cássia. **Raízes do Nordeste**,
1999.

1. INTRODUÇÃO

Como pensar a vida como produção? É com esse questionamento que Michel Fabre faz-me refletir acerca dos sentidos do que somos e produzimos sobre nós mesmos - o que "faz de sua vida uma obra?", quais os princípios e os fins de "esculpir a si mesmo"? (Fabre, 2011). Como professora de História, há mais de catorze anos, posso dizer que trago comigo os sentidos da sala de aula - o lugar dela, seus sons e cheiros. Eles são parte de mim mesma, constituindo e construindo meu fazer e estar profissional.

Sendo fruto da Educação Pública do distrito de São José da Mata, em Campina Grande – PB, aproximo-me desse objeto de pesquisa, pois ele perpassa todos esses sentidos. Foi no Sítio Capim Grande, onde vivi e cresci e onde tive minhas primeiras experiências educacionais. Sendo assim, desenvolver uma pesquisa sobre a escolarização em comunidades rurais do Distrito de São José da Mata contribui para conhecermos histórias da educação, ainda não contadas, vivenciadas no interior do município de Campina Grande, no estado paraibano. Isso possibilita vislumbrar os múltiplos significados que os sujeitos envolvidos nesse contexto atribuem aos espaços de aprendizagem. Permite contar minha história e de tantas outras pessoas.

Trata-se de um estudo voltado para a História da Educação dentro de um contexto histórico que germinou entre comunidades rurais¹, pertencentes ao município de Campina Grande/PB, e que foi cultivado e regado até a sua colheita, por uma historiadora, que é resultado também desse processo educacional pois, “é a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, ideias, temores, desejos” (Pesavento,

¹ O sítio Capim Grande está localizado a aproximadamente 13 km do centro da cidade de Campina Grande, distando em torno de 125 km da capital paraibana, João Pessoa. Com uma pequena variação, o sítio Cajazeiras está a aproximadamente 14 km do centro de Campina Grande e a 126 km da capital do estado. Ambos são territórios vizinhos e considerados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE pertencentes à zona rural do Distrito de São José da Mata.

2005, p. 57). Mas também, é a partir das memórias afetivas de estudantes egressos e professores(as) que se pretende compreender como ocorreu o processo de escolarização na zona rural de Campina Grande entre os anos 1990 e 2010.

Nessa perspectiva, cabe ressaltar a singularidade dessa pesquisa, na medida em que o repositório do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, é composto nos últimos anos por uma maioria de trabalhos voltados para análise das cidades, aspecto contemplado, inclusive, dentro da própria linha de pesquisa (História Cultural das Práticas Educativas).

Como campo de análise foram selecionadas duas escolas: a Escola Municipal Maria do Carmo Santos Silva, localizada no sítio Cajazeiras, que teve suas atividades encerradas em 2008, e a Escola Municipal Professor Luiz Gil, situada no Sítio Capim Grande, que permanece em funcionamento, sob responsabilidade da Prefeitura Municipal de Campina Grande.

Entre as motivações para esta pesquisa, destacam-se o interesse em compreender qual o papel dessas instituições para as comunidades onde estão localizadas, quais as marcas deixadas nos indivíduos que fizeram parte dessas histórias, caminhando por meio da interpretação das subjetividades narradas.

1.1 COMO CHEGUEI ATÉ AQUI: HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES PROTAGONISTAS

A educação mudou a minha vida, literalmente, com apenas onze meses de idade. Nasci na capital paulista, em 1987, filha de migrantes nordestinos, Clovis Claudino de Sousa e Maria do Socorro Raposo Sousa, que aventuraram-se a sair dos sítios Capim Grande (minha mãe) e Serrotão (meu pai)², na década de 1980, com destino a São Paulo, em busca de melhores condições de vida para constituírem sua família.

No início de 1988, minha mãe, Maria do Socorro Raposo, foi avisada pela família, através de um telefonema, que havia uma vaga para ela atuar como professora no Grupo Escolar Professor Luiz Gil, localizado no Sítio Capim Grande, escola em que estudou o primário e onde a maioria de suas irmãs mais velhas eram professoras. Foi a oportunidade de retornar à terra natal com uma boa perspectiva de emprego³. Sem hesitar, a jovem

² Ambos localizados na zona rural do Distrito de São José da Mata, Campina Grande – PB.

³ Isso porque não havia a exigência de uma formação além da que possuía no momento, e era a oportunidade de contar com uma rede de apoio familiar que lhe garantia o cuidado com a filha enquanto trabalhava. Além disso, garantia um status positivo na comunidade, apesar do salário ser considerado baixo no período.

senhora viajou comigo, sua única filha até então, ainda bebê, sozinha, por longos três dias de viagem de ônibus, deixando o esposo naquela cidade para organizar o seu processo de demissão e de mudança de volta à Campina Grande – PB. Atitude corajosa, a qual admiro. Um novo rumo foi destinado à minha existência. Ao invés de uma possível infância trancada em um pequeno apartamento em São Paulo, experimentei a riqueza de uma infância no campo, brincando e correndo rodeada pelos meus avós, tios (as) e muitos primos (as).

Refletindo sobre a sua atitude, me vem à memória minha avó materna Antônia Raposo, matriarca da nossa família, mulher valente e gentil, que sempre lutou para ver todos os(as) filhos(as) e netos(as) estudando e, posteriormente, empregados. Antônia Raposo do Nascimento nasceu em 08 de janeiro de 1923, natural de Campina Grande – PB, moradora do Sítio Capim Grande durante toda a sua vida, casou-se aos dezessete anos com Pedro José Sobrinho, meu avô, com quem teve treze filhos, dentre estes, cinco faleceram na primeira infância, os demais (cinco mulheres e três homens) casaram ao longo do tempo e concederam a ela um total de trinta e um netos, que por sua vez, ampliaram a família com quarenta e oito bisnetos.

Imagem 1: Fotografia de Antônia Raposo do Nascimento



Fonte: Acervo pessoal de Lidiane Gonçalves

Não se sabe ao certo se ela frequentou a escola, mas escrevia e lia muito bem. Era bem relacionada, na sua casa e por onde passava fazia amizades, sendo muito conhecida na comunidade. Foi merendeira do Grupo Escolar Professor Luiz Gil desde a sua fundação, em 1960, profissão que lhe proporcionou aposentaria aos cinquenta e nove anos. Faleceu em 22 de outubro de 2014, aos noventa e um anos de causas naturais. Quero destacar que Antônia Raposo foi a principal influenciadora para que as suas filhas estudassem e seguissem a carreira da docência, e que fossem independentes financeiramente. Das cinco, quatro tornaram-se professoras e se aposentaram-se exercendo a função, entre estas a minha mãe, caçula da família. Cabe ressaltar que a condição de professoras garantiu as mesmas *status* e reconhecimento na comunidade local.

Quanto aos filhos homens, só cursaram o ensino primário, trabalhando desde muito jovens na agricultura junto ao pai e seguindo adiante na fase adulta em profissões diversas, entre as quais: caminhoneiro, motorista de ônibus e porteiro. Em conversa com um deles, Genildo José do Nascimento ressalta que a mãe insistia muito para que ele estudasse, até o matriculou em outra escola, em uma comunidade vizinha, para tentar uma melhor experiência, mas o seu propósito era buscar um emprego e garantir a independência financeira, estudando o suficiente apenas para ler, escrever e realizar contas matemáticas simples.

De acordo com Guacira Lopes, “o masculino e o feminino são construídos através de práticas masculinizantes ou feminizantes em consonância com as concepções de cada sociedade” (Lopes, 1994, p. 36). Desse modo, compreende-se que culturalmente foram construídos os lugares sociais de homens e mulheres na família. Pois no que diz respeito ao trabalho, existiam/existem “trabalhos próprios para mulheres e trabalhos próprios para os homens” (Lopes, 1994, p.44) e essa ideologia se destacou consideravelmente no século XX, na medida em que,

A saída das mulheres do reduto do lar para o trabalho e para a escola, para a sociedade produtiva, tenha sido marcada pela desigualdade de possibilidades escolares, predominância da atuação no magistério, e pela separação entre profissões masculinas – ativas – e femininas – sedentárias, num processo de naturalização da divisão sexual do trabalho. (Fialho; Duque, 2019).

Sendo assim, apesar de se dedicarem aos estudos, as mulheres não dispunham de um horizonte variável de profissões, tal como os homens, ficando restritas, em sua maioria, ao exercício do magistério. Tornando-se responsáveis não apenas pela educação

dos(as) filhos(as), mas também passam a assumir a “missão” de educar os(as) estudantes, de formar os(as) cidadãos(as) brasileiros(as), como uma extensão da própria casa.

Maria do Socorro Raposo Sousa, é natural de Campina Grande – PB, nasceu em 23 de fevereiro de 1964, na própria casa onde mora hoje, no Sítio Capim Grande, que antes pertencia aos seus pais. É a irmã caçula de uma família de oito irmãos, cresceu sendo cuidada e protegida pelos mais velhos.

Através de muito esforço, principalmente da sua mãe, após concluir o primário, no Grupo Escolar Professor Luiz Gil, seguiu estudando na cidade de Campina Grande, período em que teve que passar a morar na casa de familiares ou conhecidos de seus pais. O primeiro grau cursou em uma escola particular chamada Ginásio Evangélico Robert Kalley⁴, sendo bolsista. O segundo grau cursou no Colégio Estadual da Prata (E. E. Dr. Elpídio de Almeida), concluindo em 1983.

Casou-se em dezembro de 1984, aos vinte anos, com Clovis Claudino de Sousa, meu pai. Logo se mudou para a capital paulista, onde ocupou-se com as funções de mãe e dona de casa, retornando no início de 1988, para assumir uma vaga de professora na escola em que estudou quando criança. Teve três filhos.

Atuando como professora do primário, precisou formar-se no Magistério, concluindo o LOGOS II⁵, em 1995. Foi a única a cursar o Ensino Superior, entre seus irmãos, concluindo a Licenciatura em Pedagogia em 2005, pela Universidade Estadual da Paraíba. Socorro Raposo aposentou-se em 2019, marcando a história da educação no Sítio Capim Grande, contribuindo para a formação de centenas de crianças durante trinta e um anos de carreira.

⁴ Escola de princípios evangélicos, que funcionou nas dependências da Igreja Evangélica Congregacional Central de Campina Grande, situada na Rua Treze de Maio, no centro da cidade, embora a entrada para o colégio fosse voltada para os fundos da igreja, na Avenida Floriano Peixoto. Ofertava a modalidade de ensino hoje denominada de Ensino Fundamental II (Anos Finais). Funcionou até 1982, segundo Valnisa Maria Carneiro, gestora da instituição entre 1976 e 1982.

⁵ Programa de formação para docentes leigos implantado a partir de 1970 em alguns estados do Brasil, com o objetivo de formar professores não habilitados que estavam atuando em sala de aula nas quatro primeiras séries da modalidade que era chamada de 1º Grau, na época. Habilitava em nível de segundo grau e magistério, com a modalidade de ensino a distância e estudo por meio de módulos (Gouveia, 2019).

Imagem 2: Fotografia de Maria do Socorro Raposo Sousa na sua Formatura em Pedagogia (2005)



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro R. Sousa

Por que destacar essa trajetória? Porque me orgulho da minha origem, das mulheres que vieram antes de mim. Da minha avó e da minha mãe especialmente, mas também das minhas tias e de outras mulheres corajosas, trabalhadoras, a maior parte delas professoras, que deixaram um legado na comunidade Sítio Capim Grande.

Quanto a mim, aqui estou buscando realizar o sonho de tornar-me Mestre em História. Serei a primeira, entre homens e mulheres, da minha grande família a conseguir tal feito. Sigo em frente também como professora, trazendo comigo gratidão e um pouco de cada uma dessas mulheres como referência.

Por caminhos aos quais não imaginei que aconteceriam, retornei à Universidade na qual cursei a graduação em História, e passados treze anos de distanciamento, encontro-me diante desse texto e sinto-me especial por ter a oportunidade de integrar as comunidades Sítio Capim Grande e Sítio Cajazeiras à Historiografia Local a partir de seus processos de escolarização. Dois “mundos” diferentes que se entrecruzaram e hoje são meus objetos de pesquisa e apreço.

Em 2021, houve a possibilidade de cursar as disciplinas do Mestrado em História da UFCG como aluna especial, na modalidade on-line, em decorrência das medidas

sanitárias adotadas durante a pandemia do novo Coronavírus⁶. Incentivada por uma amiga, cursei algumas disciplinas que me proporcionaram a volta à academia, e nortearam a construção do projeto o qual foi submetido a seleção no final deste mesmo ano, sendo aprovado. No primeiro semestre de 2022, oficialmente aluna do PPGH, consegui concluir as disciplinas obrigatórias ainda na modalidade on-line, contexto que certamente foi decisivo para que eu chegasse até aqui, sendo uma professora do Ensino Médio em tempo integral. Em um momento de caos e restrições, desabrochou a minha oportunidade, e eu a segurei.

Tal experiência tem sido também motivo de realização pessoal, distante da academia por motivos do trabalho e da criação dos filhos, conseguir retornar após um contexto pandêmico provocado pela Covid-19, deu um sabor especial a esse momento, o qual ainda esforço-me para conciliar as atribuições de professora, mãe, esposa, filha e pesquisadora.

1.2 CONHECENDO O SÍTIO CAPIM GRANDE

O Distrito de São José da Mata, pertencente ao Município de Campina Grande, Paraíba, está situado a 12 Km do centro da cidade. Limita-se ao Norte com os Municípios de Puxinanã e Lagoa Seca, a Leste Boa Vista e Pocinhos, ao Sul e a Oeste com a Sede do Município de Campina Grande. Sua área territorial é de 126,86 Km², dividido entre zona urbana e vinte e duas localidades rurais, entre as quais está o Sítio Capim Grande (Mercês, 2018, p. 26).

Nos seus trabalhos de pesquisa, o IBGE leva em consideração a área urbana e rural que compõem o distrito, sendo a população do Distrito de São José da Mata estimada

⁶ A pandemia de covid-19 foi assim classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no mês de março de 2020. Essa doença respiratória causada pelo vírus SARS-CoV-2, espalhou-se pelo mundo e contaminou milhões de pessoas. Entre 2020 e 2022 foi a causa da morte de pelo menos 693.853 brasileiros(as), de acordo com os dados disponibilizados pelo Ministério da Saúde no endereço on-line https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Especialmente entre os anos de 2020 e 2021, foram adotadas, pela maioria dos governantes mundiais, e no caso do Brasil, por parte dos governadores estaduais, medidas restritivas que visaram reduzir a contaminação com o vírus, entre elas, o fechamento de escolas, universidades, algumas categorias de comércio, entre outros estabelecimentos. No país, as medidas foram sendo aliviadas no decorrer de 2021 (mais expressivamente no segundo semestre) como consequência da disponibilização de vacinas para a população, provocando declínio nos números de infectados e de mortes. Em 05 de maio de 2023, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou uma alteração no status da covid-19, que deixou de ser classificada como emergência de saúde pública de interesse internacional, apesar de a doença continuar vitimando pessoas em uma escala reduzida.

em 13.068 habitantes⁷, de acordo com o Censo de 2010⁸. A maioria dos habitantes reside na zona rural, caracterizando-se como um distrito de características agrícolas e de pequenas propriedades na sua maioria.

A economia local gira em torno basicamente do comércio varejista, formado por supermercados e pequenos estabelecimentos que atendem às mais diversas necessidades dos moradores do distrito. Quanto ao setor agrícola, existem granjas de pequenos e médios portes, agricultura familiar e pecuária (Mercês, 2018, p.29).

Com relação ao Sítio Capim Grande, a família do meu avô materno, Pedro José do Nascimento, está na região desde a década de 1920, sendo dona de grande parte das terras, que eram pouco habitadas até a sua morte em 1986, fato que facilitou o povoamento do lugar, na medida em que, o grande terreno de sua posse foi dividido entre os herdeiros e herdeiras, onde alguns não chegaram a construir e venderam suas partes a terceiros.

A origem do seu nome remete à tradição oral de justificar que foi por lá onde caiu um avião, cuja área atingida foi identificada pela quantidade e o tamanho do capim. Todavia, uma pesquisa mais apurada revela que o único avião que caiu em áreas próximas foi no ano de 1958, no Sítio Serrotão, em Bodocongó⁹. O que deixa subentendido que a adoção do nome foi bem posterior ao início do seu povoamento, fato é que no Sítio Capim Grande não se escuta outra justificativa para o nome adotado, a não ser a da queda do avião no “Capim Grande”.

Infelizmente, a ausência de dados oficiais sobre a quantidade de habitantes não nos permite demonstrar melhor os aspectos de povoamento da localidade. Entretanto, em consulta a Unidade Básica de Saúde Pardal, foi possível conhecer o número de pessoas cadastradas pelo posto de saúde local, correspondente ao ano de 2023 (até 13 de setembro), em um total de 2.684 pessoas. Todavia, o número leva em consideração a população atendida do Sítio Capim Grande e das comunidades circunvizinhas (Sítios Cajazeiras, Gaspar, Castelo, Serrotão e Félix Amaro) e também não corresponde à totalidade de habitantes, já que remete apenas aos usuários atendidos pelo sistema¹⁰.

⁷ Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/1309>, acesso em 21 de ago. 2023.

⁸ Em visita a sede do IBGE em Campina Grande no dia 18 de outubro de 2023, em busca de dados atualizados, fui informada pela servidora Ida Porto que os dados do Censo 2022 serão disponibilizados apenas em 2024. Todavia, a visita possibilitou a confirmação de que o Instituto integra nas pesquisas sobre o Distrito de São José da Mata também as áreas rurais, entre estas, os sítios Capim Grande e Cajazeiras.

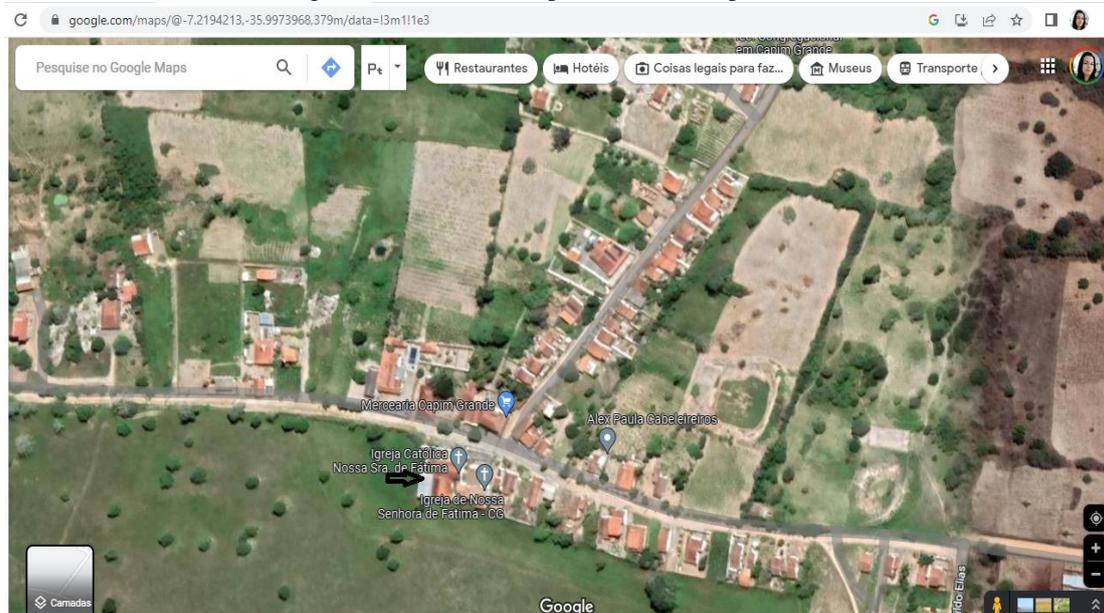
⁹ Fato que ganhou repercussão na mídia local e posteriormente na mídia nacional, por um dos passageiros sobreviventes tratar-se do artista Renato Aragão (Didi).

¹⁰ Informações repassadas pela agente de saúde Lindinalva Pedro da Silva Cardoso, em 13 de setembro de 2023.

Cabe ressaltar que, apesar de não disponibilizar os dados demográficos exclusivos do Sítio Capim Grande, o IBGE (2010) o enquadra como um aglomerado rural¹¹ com o perfil de povoado¹², já que possui uma rede de serviços (escola, comércio, igreja, posto de saúde) que atendem à própria comunidade e outras comunidades próximas.

Durante a pesquisa em loco foi constatado que o Sítio Capim Grande é composto de pequenas e médias unidades territoriais, com a economia dividida entre a agricultura familiar, pecuária e um pequeno comércio local (mercearias, borracharias, lanchonetes, entre outros.). Possui redes de telefonia fixa (Oi/Vivo) e móvel (Oi/Vivo, Claro e Tim) e internet (Wi-Fi - Proxima Internet e empresas locais de São José da Mata), conta com a oferta de transportes coletivos, inclusive escolares, que facilitam a locomoção de quem trabalha e/ou estuda na cidade e em São José da Mata.

Imagem 3: Vista aérea de parte do Sítio Capim Grande



Fonte: Google Maps¹³

¹¹ Os aglomerados rurais caracterizam-se pelo caráter aglomerado de domicílios, posicionados normalmente até 50 m de distância entre si, e separados em mais de 1 km de distância da franja das cidades e vilas, com a exceção aplicada aos núcleos urbanos (Informações coletadas do Manual da Base Territorial Contínua de 2018, publicado na Biblioteca IBGE Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/> Acesso em: 22 de dez. 2023).

¹² A classificação de localidades em povoados é feita a partir de critérios funcionais, com base na quantidade mínima de serviços e comércio. Para além dos critérios gerais de aglomerado rural, deve-se observar a presença de, pelo menos, duas das seguintes ocorrências: 1. Estabelecimento de ensino de funcionamento regular; 2. Posto de saúde com atendimento regular; 3. Templo religioso de qualquer credo. 4. Estabelecimento comercial de venda de bens de consumo frequente (Informações coletadas do Manual da Base Territorial Contínua de 2018, publicado na Biblioteca IBGE Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/> Acesso em: 22 de dez. 2023).

¹³ Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/S%C3%ADtio+Capim+Grande+-+S%C3%A3o+Jos%C3%A9+da+Mata,+Campina+Grande+-+PB/@-7.2131002,-36.0098045,14.75z/data=!4m6!3m5!1s0x7aea162361bb811:0x28c41e405dcdfe36!8m2!3d->

Na área central do Sítio Capim Grande destaca-se a Escola Municipal Professor Luiz Gil¹⁴, construída em 1959, que passou a funcionar em 1960, ofertando o ensino primário a crianças da comunidade e adjacências. O nome foi dado em homenagem ao professor paraibano Luiz Gil de Figueiredo, falecido nesse mesmo ano. A instituição continua funcionando na atualidade, formando estudantes na Educação Infantil e Ensino Fundamental (anos iniciais), sendo um patrimônio relevante para toda a localidade.

1.3 CONHECENDO O SÍTIO CAJAZEIRAS

O sítio Cajazeiras também faz parte da zona rural do Distrito de São José da Mata. Recebeu esse nome em referência a uma fazenda que possuía vários pés de cajá, cujas filhas do fazendeiro, em número de três, ficaram conhecidas como “as Cajazeiras” (Silva, Maria do Socorro. 2023).

A priori, a localidade fazia parte do Sítio Capim Grande, tendo os documentos dos terrenos assim descritos. Mas, de acordo com a professora aposentada, Maria do Socorro Santos Silva, por volta dos anos 1980, uma equipe da prefeitura traçou os limites do sítio, passando a ser oficialmente Sítio Cajazeiras, forma que já vinha sendo chamada pelos moradores. Tanto é que a escola local, fundada em 1980, foi nomeada de Grupo Escolar Sítio Cajazeiras. Ela reforça que, dentre os seus familiares, os seus avós estavam entre os primeiros moradores do lugar (Silva, Maria do Socorro. 2023).

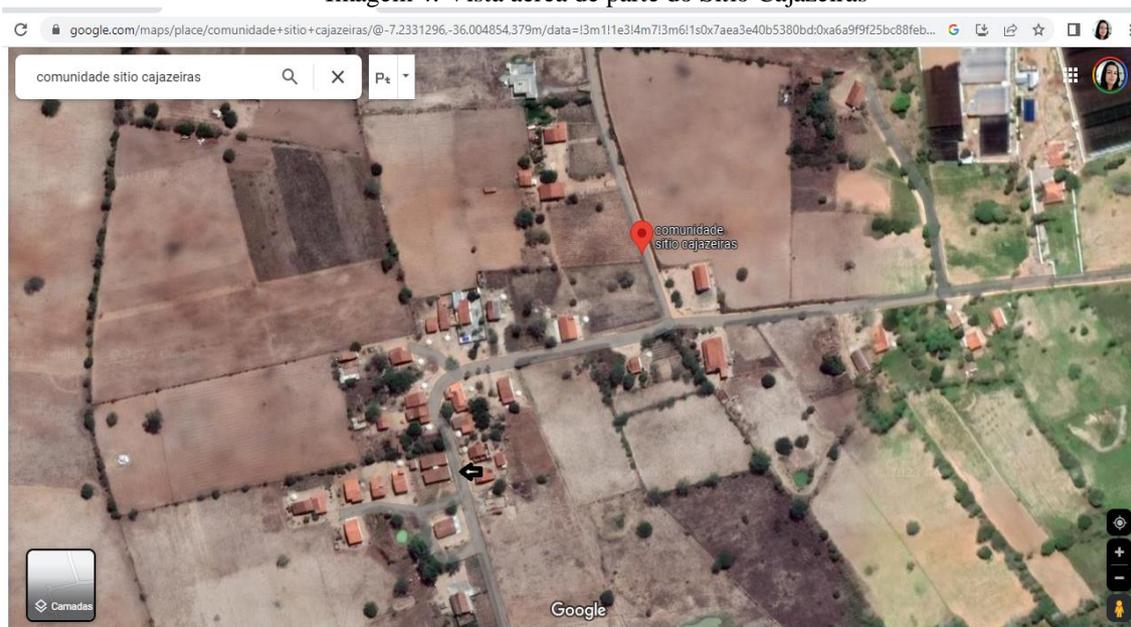
Para o IBGE (2010), o sítio Cajazeiras caracteriza uma área rural com domicílios, não dispondo do número de domicílios necessário para ser um aglomerado rural, e da oferta de serviços dentro da comunidade para ser denominado lugarejo ou povoado.

Durante a presente pesquisa foi constatado que a região ainda é habitada pelos núcleos familiares fundadores, com poucos moradores fora desse círculo. Possui pequeno comércio local (duas mercearias), também dispõe de rede de telefonia móvel (Oi/Vivo, Claro e Tim) e internet wi-fi (empresas de São José da Mata), a linha de transportes coletivos se resume aos escolares, a locomoção de habitantes que trabalham e/ou estudam na cidade depende de transporte próprio. A agricultura familiar é a sua principal atividade econômica.

[7.2130612!4d-35.9988692!16s%2F1ymvkn42h?authuser=0&entry=ttu](https://www.google.com/maps/@-7.2130612,-51.44359988692,16s/data=!3m1!1e3!3m2!1s%2F1ymvkn42h?authuser=0&entry=ttu) Acesso em: 16 de abril de 2023.

¹⁴ Na imagem obtida, por meio do Google Maps, a escola não foi indicada corretamente, sendo descrita como Igreja Nossa Senhora de Fátima, que na verdade é sua vizinha. Para uma melhor orientação, foi adicionada uma seta indicando onde está situada.

Imagem 4: Vista aérea de parte do Sítio Cajazeiras



Fonte: Google Maps¹⁵

O Sítio Cajazeiras teve sua história marcada em 1988 pela inauguração do Grupo Escolar Maria do Carmo Santos Silva¹⁶, que anteriormente era chamado de Grupo Escolar Sítio Cajazeiras e funcionava em outro espaço, em uma sala improvisada, cedida pela mãe da professora fundadora da escola, Maria do Socorro Santos Silva. A mudança de nome deveu-se a uma homenagem concedida pela Prefeitura do Município a uma das filhas do dono do terreno doado para a escola. Maria do Carmo Santos Silva, faleceu ainda criança, em 1977, vítima de apendicite, e tinha sido aluna da escola em um período anterior à sua regulamentação.

Foi uma conquista para a comunidade receber uma escola com estrutura física para atender aos fins educacionais locais, que logo também passou a ser um espaço para encontros religiosos, festivos, entre outros. Vale ressaltar que a escola foi inaugurada cerca de um mês de antecedência da Promulgação da Constituição que permanece em vigor no país, conhecida como “Constituição Cidadã” e que descreve, em seus artigos 205 e 206, os objetivos e princípios que integram o direito à educação. Todavia, a Carta

¹⁵ Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/comunidade+sítio+cajazeiras/@-7.2326028,-36.0068522,17z/data=!3m1!4b1!4m6!3m5!1s0x7aea3e40b5380bd:0xa6a9f9f25bc88feb!8m2!3d-7.2326081!4d-36.0042773!16s%2Fg%2F11jzx0ypdn?authuser=0&entry=ttu> Acesso em: 16 de abril de 2023.

¹⁶ Imagem obtida por meio do Google Maps. A localização da Escola Maria do Carmo Santos Silva está destacada por uma seta adicionada à imagem.

Magna não menciona especificidades em relação à educação do campo, modalidade legitimada apenas em 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases, no Artigo 28.

Porém, passados dezenove anos funcionando com uma, ou no máximo duas turmas multisseriadas, contexto acompanhado do decréscimo de estudantes matriculados(as) ao longo do tempo (pouco mais de uma dezena de estudantes matriculados em 2007), no início de 2008, a Escola Municipal Maria do Carmo Santos Silva foi desativada, sem sequer iniciar o ano letivo, passando pelo processo denominado de nucleação, pelo Conselho Nacional de Educação, em que uma escola é escolhida como núcleo para receber os estudantes das demais que possivelmente venham a ser fechadas em comunidades próximas. Nesse caso, os estudantes, professores e funcionários foram transferidos para a Escola Municipal Professor Luiz Gil, localizada no Sítio Capim Grande.

Todavia, é sabido que a partir de uma lógica liberal adotada na educação brasileira após o fim da Ditadura Militar, as escolas que dispunham de uma dinâmica baseada em salas multisseriadas passaram a ser criticadas, entre outros fatores, pelo nível de aprendizagem que proporcionavam, tornando-se alvos fáceis da desativação.

Em 2007, o Parecer CNE/CEB 23/2007 estabeleceu as diretrizes complementares para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a Educação do Campo. O documento prevê no Art. 3 que a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental sejam oferecidos nas comunidades rurais a que os estudantes pertencem, evitando o processo de nucleação. Todavia, deixa brechas, quando pressupõe que possam existir recomendações para oferta dos anos iniciais do Ensino Fundamental em escolas nucleadas com deslocamento “intracampo”, evitando sobretudo o deslocamento às cidades.

Este parecer foi homologado pelo CNE/CEB 3/2008, no qual o Ministério da Educação esclarece as justificativas alegadas para o processo de nucleação: “baixa densidade populacional determinando a sala multisseriada e a unidocência; facilitação da coordenação pedagógica; racionalização da gestão e dos serviços escolares; e melhoria da qualidade da aprendizagem” (CNE/CEB 3/2008, p. 6).

Soma-se a esse contexto a implementação do “Programa Caminho da Escola” empreendido pelo Governo Federal, a partir de 2007, que disponibilizou ônibus escolares para transporte de estudantes nas áreas rurais, sendo um incentivo à prefeitura em ofertar o transporte ao invés de manter escolas funcionando sem as condições consideradas adequadas e principalmente reduzindo custos.

Fato é que a primeira década dos anos 2000 evidenciou ainda mais a desativação de escolas do campo em todo o território nacional. Entre os anos de 2002 e 2010, o número de escolas públicas localizadas na zona rural passaram de 106.531 escolas para 78.822 (Ferreira; Brandão, 2017, p. 81).

Para a comunidade houve o tensionamento da duplicidade de sensações, primeiro, pela morte prematura da menina Maria do Carmo, que impactou a comunidade no passado e, segundo, pela morte da Escola Maria do Carmo Santos Silva fazendo com que o luto fosse ressignificado. São memórias que se mantêm presentes entre o povo cajazeirense.

Albuquerque Junior considera que “na memória fica o que significa, na história se ressignifica o que fica, esta é a violência do historiador que com seus conceitos atribuem novos significados ao que ficou guardado nas memórias” (Albuquerque Jr, 1994).

Até hoje (2023), o prédio da E. M. Maria do Carmo Santos Silva mantém-se de pé, preservado por moradores locais que ainda o utilizam para reuniões que se fizerem necessárias, sem muita frequência, especialmente nesse contexto pós-pandêmico.

1.4 DIALOGANDO COM O REFERENCIAL TEÓRICO

Não podemos negar a importância da educação para a formação de crianças, jovens e adultos, pois ela é um dos pilares da sociedade contemporânea. A sua contribuição vai além da transmissão de um conhecimento teórico em disciplinas curriculares. Essencial para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos, a escola é um dos alicerces mais relevantes na construção de vínculos, afetividades e identidades.

Práticas de pesquisa em História da Educação referenciam-se na chamada Nova História, considerando que a noção de documentos se ampliou e isso possibilitou que se investigue o passado através da análise dos mais variados tipos de fontes. Desse modo, a escola, enquanto espaço de aprendizagem e de sociabilidades, tornou-se lócus de pesquisa e de múltiplas possibilidades de análise para o fazer historiográfico em diálogo com a chamada História Cultural. Nesse sentido,

A história da educação se pergunta perplexa pelo cotidiano escolar de outrora. Tal como outros historiadores que instauraram a outra história ou a história vinda de baixo ou ainda a história de gente comum, trata-se de compreender a história da educação a partir de dentro, como é que se fazia a educação, como eram os comportamentos, de que maneira eram compostas as suas atividades de maneira a atingir seus objetivos, etc, etc. Esse como é certamente a carne e o sangue dos porquês (Lopes, 1992, p. 111).

Problematizar os contextos de escolarização possibilita o conhecimento a respeito de como ocorriam os processos educativos e quais os seus significados para os sujeitos envolvidos. Isto significa, dentre outras coisas, entender e analisar a escola como um espaço de produção de cultura. E, por considerar que, são nos caminhos investigativos que os procedimentos teóricos/metodológicos se imbricam, alicerçam a discussão, a problematização e as análises discursivas acerca de um determinado tema, essa proposta de estudo inscreve-se nas práticas educativas e de escolarização, especificamente, práticas produzidas e produtoras de discursos e subjetividades no espaço rural.

Para tanto, nesse caminhar as análises teóricas não podem dissociar-se das experiências sobre o vivido e como isso se produz em experiências de vida, “explorar o que a palavra experiência nos permite pensar, o que a palavra experiência nos permite dizer, e o que a palavra experiência nos permite fazer no campo pedagógico” (Larrosa, 2015, p. 38). Logo, faz-se necessário também entender como as práticas cotidianas são apreendidas pelos sujeitos ou grupos e os lugares sociais pelos quais transitam, se sentem pertencentes e como isso culmina numa rede de significados e significantes, não só individualmente, como para o grupo. Uma vez que, a “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Larrosa, 2002, p.21).

Nessa perspectiva, ao considerar que práticas educativas acabam por inscrever outras histórias, revelando personagens, circunstâncias, regras, costumes, entre outros elementos, é necessário dialogar com os alicerces que norteiam os princípios da Cultura Escolar. No que tange às bases conceituais da cultura escolar, Dominique Julia respalda essa discussão ao colocar que se trata de “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (Julia, 2001, p.10).

Desse modo, podemos perceber que o espaço escolar é compreendido para além de um mero transmissor de conhecimentos científicos, sendo este também o lugar de aprender condutas para a vida em sociedade. E, a despeito da escolarização de comunidades rurais do Distrito de São José da Mata, torna-se importante nessa pesquisa, entender como essa cultura foi produzida nas escolas do campo e tornar possível a compreensão sobre como os modos de vida interferem nas práticas educativas. Sobre essa questão, Marques e Carvalho consideram “prática educativa como o conjunto das ações socialmente planejadas, organizadas e operacionalizadas em espaços intersubjetivos destinados a criar oportunidades de ensino e aprendizagem” (Marques; Carvalho, 2016,

p. 123). Nesse caso, é relevante identificar de que maneira as práticas educativas se inscrevem na cultura escolar local, considerando o contexto vivenciado pelas comunidades do campo.

Esses discursos condensam, classificam, julgam e produzem seus efeitos, assim, podemos dizer que, é no espaço escolar que essas relações de poder se encontram e emergem no processo educativo, assim sendo, o diálogo sobre os discursos e como estes são resultantes das relações de poder fundamenta-se em Foucault, quando afirma que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (Foucault, 1996, p.44).

Porém, vale salientar que a convivência diária na escola não é pacífica e seus espaços são constantemente ressignificados por docentes, discentes e demais sujeitos que os integram provocando realidades heterogêneas e distanciando-se da homogeneidade projetada inicialmente e politicamente para o ambiente escolar.

E, em se tratando da Educação do Campo, Santos demonstra que os movimentos sociais têm empreendido uma luta para romper com a ideia da educação rural como um processo pedagógico que apenas absorve as matrizes da educação urbana. Importa, então, ressaltar o conceito de educação do campo, defendido atualmente, em detrimento do termo educação rural. A mudança na compreensão desse conceito vai além de uma simples reflexão em torno da nomenclatura, pois se refere à educação como um processo de produção e de ressignificação a partir da cultura local (Santos, 2017, p.212).

Esse trabalho de tradução entre a experiência sobre o vivido, sobre o experienciado e de como esse conjunto de significados engendra verdades discursivas se estabelece também nos documentos. A cultura escolar, que permeou e que ainda permeia as práticas educativas no campo transitam entre o que é visível (imposto) no que diz respeito ao que se ensinar, como se ensinar, mas também, sobre como esses sujeitos se relacionam ou se relacionaram com essas práticas. Se por um lado, temos práticas afetivas que nem sempre estavam impressas sobre os documentos legais da educação, por outro, também temos relações conflituosas, tensas e que deixam suas marcas.

Nesse sentido, cabe ao historiador compreender e problematizar sobre essas práticas a partir não só do estudo de documentos oficiais que regem a educação no campo, mas sobre como foram construídas essas narrativas sobre a escolarização nesse espaço, ou seja, como esse passado se faz presente nas múltiplas possibilidades de se entender as relações sociais e afetivas que se expressam a partir dessas memórias.

Para Le Goff, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (Le Goff, 1990, p. 476), ressaltando o seu papel enquanto instrumento de poder, na medida em que reflete sobre a dominação da recordação e da tradição como instrumentos seletivos da construção de uma memória coletiva.

Pesavento ressalta que as sensibilidades passaram a compor o leque da chamada História Cultural, na medida em que se passou a privilegiar as subjetividades dos sujeitos enquanto objeto de estudo. Nessa perspectiva,

toda experiência sensível do mundo, partilhada ou não, que exprima uma subjetividade ou uma sensibilidade partilhada e coletiva, deve se oferecer à leitura enquanto fonte, precisando ser objetivada em um registro que permita a apreensão dos seus significados (Pesavento, 2005, p.132).

Sendo assim é no terreno das Sensibilidades que esse caminho permeará esse estudo, uma vez que, a escuta, o sentir e o ver são elementos tão importantes ao historiador quanto os documentos.

Pesquisar sobre os processos de escolarização na zona rural do distrito de São José da Mata, com base nos relatos dos seus personagens e nos arquivos disponibilizados, possibilita a percepção de como a educação do campo, ao longo do período recortado para o estudo, desenvolveu diferentes práticas educativas e como essas práticas foram experienciadas. Buscou-se olhar para esses processos como espaço de subjetividades perceptíveis através das memórias registradas, pois os estudos sobre as Práticas Educativas e a Cultura Escolar possibilitam apreender como estas variam em diferentes contextos históricos.

1.5 PROBLEMATIZANDO AS MEMÓRIAS A PARTIR DE UMA ESCUTA SENSÍVEL

No tocante à metodologia, essa pesquisa buscou articular a História Oral à pesquisa bibliográfica e documental. Foram realizadas treze entrevistas com professores(as)¹⁷ e estudantes egressos(as) das escolas envolvidas nesse estudo, no intuito de se perceber como a educação do campo, no período entre os anos 1990 e 2010,

¹⁷ Cabe ressaltar que a maioria dos(as) professores(as) entrevistados(as) são do gênero feminino pelo fato de pertencerem a parcela mais significativa na incidência da profissão.

desenvolveu suas práticas educativas e como essas foram experienciadas, considerando a memória sobre o vivido. Também foi realizada uma entrevista com o professor Flávio Romero Guimarães, Secretário da Educação do Município de Campina Grande entre 2005 e 2012, a fim de traçar um contraponto, possibilitando o lugar de fala a um representante dos poderes públicos, que esteve à frente de mudanças significativas no que diz respeito às políticas voltadas para Educação, especialmente, no que diz respeito à Educação do campo.

Nessa senda, também foram analisados documentos disponibilizados pelas instituições: Escola Municipal Professor Luiz Gil e Inspetoria de Ensino do Município de Campina Grande (relacionados à Escola Municipal Maria do Carmo Santos Silva), e fontes imagéticas disponibilizadas pelos(as) entrevistados(as) que pautaram suas vivências escolares nesse período, reconhecendo também a importância do trabalho com os arquivos para se fazer história.

Consideramos que, por se tratar de um espaço onde interagem comportamentos diversos e com diferentes valores, as representações sobre o que cada um vivenciou, suas experiências nessas escolas em comunidades rurais, não são uniformes, ao contrário, são experiências subjetivadas. Desse modo, faz-se necessário compreender o dito e o não dito, isso permite ao pesquisador interpretar o significado atribuído à experiência, trazendo à tona aspectos identitários e sociais. Daí resulta a importância em se desenvolver uma escuta sensível sobre essas narrativas e, mais do que isso, não só compreender como essas memórias são ativadas, remontando a acontecimentos, lugares e pessoas, mas, sobretudo, a quais significados são atribuídos à escolarização pelos sujeitos pertencentes à comunidade rural de São José da Mata.

A escuta sensível de narrativas nos permite ressignificar a história dos processos de escolarização na zona rural do distrito de São José da Mata. As recordações sobre as primeiras professoras e as cartilhas utilizadas, as brincadeiras no recreio e o sabor das merendas, as quadrilhas juninas, as provas com suas capas decoradas e o “cheirinho” de álcool do mimeógrafo, denotam a “presença do passado” gravado na memória e possibilitaram a construção desse projeto em consonância com a História Oral.

Sendo “perpassada por relações de poder, constitui momento de construção, diálogo de um universo de experiências humanas” (Silva, et. Al., 2007, p. 27). Se enquadra no que Meihy e Holanda consideram uma história oral de vida, pois “são decorrentes de narrativas e estas dependem da memória, dos ajeites, contornos, derivações, imprecisões e até das contradições naturais da fala” (Meihy; Holanda, 2015,

p.34). Nessa linha de reflexão, a subjetividade é percebida como essencial e como um diferencial na produção historiográfica sendo uma das principais “bandeiras” da História Oral, na medida em que valoriza emoções e sentimentos, inserindo nas explicações históricas a dimensão subjetiva dos processos sociais (Schmidt, 2011 p. 84), correspondendo a uma perspectiva de pesquisa qualitativa.

Percorrendo as narrativas e vivências dos personagens das escolas escolhidas para a análise, tornou-se possível, em nosso fazer historiográfico, entender que o cotidiano do espaço escolar é configurado pelos laços entre as práticas educativas escolares e as sensibilidades das memórias. Uma vez que, “por mais individual que seja uma história, ela é sempre, ainda coletiva, mostrando também o quão genérica é a trajetória do ser humano” (Silva, et. al., 2007, p. 27).

Utilizamos como critério para inclusão de fontes orais, professoras e estudantes que atuavam e que estavam devidamente matriculados na Escolas Municipais Professor Luiz Gil e Maria do Carmo Santos Silva, entre os anos de 1990 a 2010. Vale destacar que uma das entrevistadas, Lucivania Vidal de Sousa, permanece como professora da Escola Municipal Professor Luiz Gil, exercendo atualmente a função de gestora. E que Maria Aparecida Silva Santos foi professora da Escola Maria do Carmo Santos Silva por um período (descrito na tabela) e depois passou a atuar como Auxiliar de Serviços Gerais na mesma instituição. O professor Flávio Romero Guimarães, Secretário da Educação do Município de Campina Grande entre 2005 e 2012, também foi entrevistado, sendo um representante da administração pública no tocante à Educação. No total, catorze pessoas foram entrevistadas.

Tabela 1: Entrevistados(as) referentes a Escola Municipal Professor Luiz Gil

NOME	IDADE	GRAU DE ESCOLARIDADE	OCUPAÇÃO	VÍNCULO COM A INSTITUIÇÃO	PERÍODO NA INSTITUIÇÃO
Clediane Raposo Sousa	27 anos	Superior Completo (Administração)	Auxiliar de Escritório	Aluna egressa	2000-2004
Lidiane Nascimento Silva Gonçalves	41 anos	Pós-Graduação (Educação)	Professora/ Gestora	Aluna egressa	1989-1992 / 2003-2007
Luan Helder Pereira Araújo	26 anos	Superior Completo (Ed. Física)	Personal Trainer	Aluno egresso	2003-2007
Lucivania Vidal de Sousa	44 anos	Pós-Graduação (Educação)	Professora/ Gestora	Professora e Gestora	1997 -2000/ 2003 - permanece
Maria Luíza Nascimento Farias	66 anos	Ensino Médio Completo	Professora aposentada	Professora	1993 - 2000

Maria do Socorro Raposo Sousa	59 anos	Superior Completo (Pedagogia)	Professora aposentada	Professora	1988 – 2019
-------------------------------	---------	-------------------------------	-----------------------	------------	-------------

Tabela 2: Entrevistados(as) referentes a Escola Municipal Maria Do Carmo Santos Silva

NOME	IDADE	GRAU DE ESCOLARIDADE	OCUPAÇÃO	VÍNCULO COM A INSTITUIÇÃO	PERÍODO NA INSTITUIÇÃO
Guilherme Nascimento	62 anos	Superior Completo (Pedagogia)	Professor	Professor	2003-2007
Israelly Karolliny Silva Bernardo	23 anos	Ensino Médio Completo	Vendedora	Aluna egressa	2005-2007
Kátia Cilene da Silva	44 anos	Superior Completo (Pedagogia)	Merendeira	Aluna egressa	1991 – 1995
Lenilson dos Santos Silva	35 anos	Ensino Médio Completo	Zelador Predial	Aluno egresso	1993 – 1997
Lidiane Rocha da Silva	37 anos	Superior Incompleto (cursando)	Técnica em Segurança do Trabalho	Aluna egressa	1992 – 1996
Maria Aparecida Silva Santos	49 anos	Ensino Fundamental completo	Agricultora	Professora e Auxiliar de Serviços Gerais	2002 - 2005 / 2005 - 2008
Maria do Socorro Santos Silva	62 anos	Superior Completo (Pedagogia)	Professora aposentada	Professora	1980 - 2016

Tabela 3: Entrevistado representando a Secretaria de Educação do Município de Campina Grande

NOME	IDADE	GRAU DE ESCOLARIDADE	OCUPAÇÃO	VÍNCULO COM A INSTITUIÇÃO	PERÍODO NA INSTITUIÇÃO
Flávio Romero Guimarães	60 anos	Doutorado	Professor Aposentado	Secretário da Educação - PMCG	2005-2012

Como instrumentos de coleta de dados na pesquisa, foram utilizadas as técnicas da observação participante e da entrevista semiestruturada com a utilização de um roteiro pré-estabelecido. Gaskell sugere que a Observação Participante deve levar em consideração que:

Primeiro, o entrevistador não deve aceitar nada como se fosse pacífico. Segundo, ele deve sondar cuidadosamente mais detalhes do que aqueles que o entrevistado pode oferecer em uma primeira resposta à pergunta. Terceiro, e através do acúmulo de informações conseguidas a partir de um conjunto de entrevistas que podemos chegar a compreender os mundos da vida dentro de um grupo de entrevistados (Gaskell, 2002, p. 72-73).

Além das entrevistas, foram analisados documentos escritos e imagéticos, como fotografias, históricos, atas, diários de classe, entre outros, disponibilizados por sujeitos da comunidade, envolvidos no processo de escolarização, e pela secretaria da instituição

em funcionamento, assim como, pela Inspeção de Ensino Municipal no que diz respeito a escola que já foi fechada. Levando em consideração que “contextualizar o documento que se coleta é fundamental para o ofício do historiador. Documento algum é neutro, e sempre carrega consigo a opinião da pessoa e/ou do órgão que o escreveu” (Bacellar, 2008, p.63). É importante ressaltar que a metodologia utilizada para a problematização das fontes toma como base a análise de conteúdo adotada por Bardin, que considera:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 47).

Foi levado em consideração que “as sensibilidades são uma forma de apreensão e de conhecimento do mundo para além do conhecimento científico, que não brota do racional ou das construções mentais mais elaboradas” (Pesavento, 2007, p. 10).

Ressaltando o trabalho do historiador da cultura, evidenciando a necessidade de um “olhar adestrado” que a partir da sua bagagem de conhecimentos seja capaz de preencher as lacunas e ausências, assim como estabelecer relações e nexos em busca da compreensão de representações do passado. Pesavento recorre a Ginzburg, quando fala sobre esse método como sendo “detetivesco” (Pesavento, 2005, p.133).

Sendo assim, estudar as sensibilidades é descrito como um desafio, uma vez que, o trabalho com as fontes pode levar a um caminho de dúvidas e incertezas, ao mesmo tempo em que, “talvez resida nisso o charme que se encontra presente em toda aventura do conhecimento... Por que não aceitar o desafio?” (Pesavento, 2005, p. 134). Sim, por que não aceitar? Eis aqui a minha resposta: Desafio aceito!

É importante ressaltar que a escolha do recorte temporal compreende períodos relevantes à Educação, sob influência da recém promulgada Constituição de 1988, que estabelece o direito à educação, bem como no que se refere à implantação de políticas públicas como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), que reconhece as especificidades da Educação do Campo, e a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997). Por outro lado, esse recorte é marcado pela desativação de várias escolas no país, assim como, na zona rural do município de Campina Grande, como é o caso da Escola Maria do Carmo Santos Silva, que teve as atividades encerradas em 2008. Notadamente, nos referidos anos, houve um movimento influenciado pelo neoliberalismo com vistas à concentração de alunos em comunidades maiores, ou mesmo em áreas

urbanas, denominado de nucleação, sem levar em consideração o que essas instituições representavam para as comunidades.

Ademais, consideramos que a rota adotada nesta pesquisa dialoga diretamente com a Linha de Pesquisa História Cultural das Práticas Educativas do Mestrado em História da Universidade Federal de Campina Grande e com a História da Educação, e tem sua viabilidade acadêmica, por reconhecer a variedade de fontes documentais e orais que, uma vez disponíveis, alargam assim o leque discursivo em Cultura Escolar e Práticas Educativas. Além disso, evidencia no mapa da História Local, comunidades até então não contempladas pela Historiografia a partir de uma escrita influenciada pelas Sensibilidades.

O texto obedece a divisão em capítulos correspondentes aos objetivos que se pretende alcançar. O primeiro capítulo tem como propósito analisar o espaço escolar no intuito de compreender o papel das instituições de ensino na dinâmica social das comunidades em que estão situadas, atentando para a relação estabelecida com o Estado. O segundo leva em consideração os modos de ensinar e aprender inquirindo sobre as possíveis transformações metodológicas mediante alterações nas políticas públicas voltadas à educação no período demarcado para estudo. O terceiro capítulo tem a sua centralidade na interpretação e problematização de memórias afetivas que foram construídas pelos(as) alunos(as) e professores(as), mediante suas experiências acerca do cotidiano do espaço escolar.

*Há um menino, há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança
Ele vem pra me dar a mão.*

(NASCIMENTO, Milton. **Bola de meia, bola de gude.** 1998)

2. CAPÍTULO 1: OS PORTÕES DAS ESCOLAS MUNICIPAIS PROFESSOR LUIZ GIL E MARIA DO CARMO SANTOS SILVA “ABREM-SE” À PESQUISA HISTORIOGRÁFICA

Nesse primeiro capítulo cruzaremos os portões das Escolas Municipais Professor Luiz Gil e Maria do Carmo Santos Silva com o objetivo de analisar o espaço escolar no intuito de compreender o papel dessas instituições na dinâmica social das comunidades em que estão situadas, atentando para a relação estabelecida com o Estado.

Nesse itinerário serão estabelecidos diálogos entre as fontes orais e os documentos disponibilizados pelas instituições e sujeitos entrevistados, transformados em “monumentos esculpidos pelo historiador” (Albuquerque Jr., 2019, p. 63), nesse caso, uma historiadora.

Cabe também ressaltar a apropriação do conceito de espaço na perspectiva de Certeau enquanto “um lugar praticado”, na medida em que os relatos sobre a referida escola, transformam esse ambiente em um espaço que carrega consigo significados, frutos das relações ali estabelecidas no decorrer do tempo (Certeau, 1998, p. 202). Reconhecendo a multiplicidade de relações em seu interior, Dayrell considera que:

a instituição escolar seria resultado de um confronto de interesses: de um lado, uma organização oficial do sistema escolar, que define conteúdos da tarefa central, atribui funções, organiza, separa e hierarquiza o espaço, a fim de diferenciar trabalhos, definindo idealmente, assim, as relações sociais; de outro, os sujeitos - alunos, professores, funcionários, que criam uma trama própria de inter-relações, fazendo da escola um processo permanente de construção social (Dayrell, 2001, p. 137.)

Portanto, é interessante problematizar as relações estabelecidas nessas instituições de ensino levando em consideração que apesar da presença do Estado, a comunidade escolar tem uma dinâmica própria traçada a partir de alianças e da subversão, reconhecendo a importância da escola para as trajetórias de vida dos sujeitos que fazem parte dela. “Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. (...) O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida” (Larrosa, 2002, P. 27).

Nesse percurso tentamos chegar as respostas para alguns dos questionamentos de Dominique Julia: “O que sobra da escola após a escola? Quais marcas ela realmente imprimiu nos indivíduos de uma sociedade onde há efetivamente sempre mais escola, já que a formação não para de se prolongar?” (Julia, 2001, p.37). Nesse intuito o capítulo será dividido em duas partes, abordando inicialmente sobre a Escola Municipal Professor Luiz Gil, que iniciou suas atividades primeiro, e no segundo momento será tratado sobre a Escola Municipal Maria do Carmo Santos Silva.

2.1 “AQUI É MEU PORTO SEGURO”: CONHECENDO A ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR LUIZ GIL

A Escola Municipal Professor Luiz Gil¹⁸ está situada no Sítio Capim Grande, em uma região central da comunidade, vizinha à Paróquia Nossa Senhora de Fátima, comércio, ponto de ônibus e residências, em uma área que, inclusive, é calçada. Atende estudantes da própria comunidade e adjacências, ofertando a Educação Infantil e o Ensino Fundamental (anos iniciais).

Foi nessa escola onde a maior parte da minha família¹⁹ e eu iniciamos a nossa jornada nos estudos. Ela tem um significado muito importante para nós. Para alguns(as), também foi/é o ambiente de trabalho. Minha mãe foi estudante e professora da instituição, assim como a maioria de suas irmãs (apenas uma não exerceu a docência como profissão). Especialmente no meu caso e dos meus irmãos e primos(as), representou e representa para além de um lugar onde aprendemos a ler e escrever, mas uma verdadeira extensão de nossas casas. Crescemos nesse ambiente. Passamos a frequentá-lo antes mesmo de estudar oficialmente. Assim como continuamos frequentando após o término dos estudos a instituição. Contudo, reconheço que ocupamos um lugar privilegiado, que certamente não foi vivenciado por todos os estudantes.

As afirmações da entrevistada Lucivania Sousa²⁰, minha prima de segundo grau, aluna egressa, professora e atual gestora da E. M. Professor Luiz Gil pressupõem o estabelecimento de uma relação que ultrapassa o âmbito profissional, diante de muita emoção, voz trêmula e olhos lacrimejados, comenta²¹:

¹⁸ A abreviação adotada para mencionar esta instituição é E. M. Professor Luiz Gil.

¹⁹ Em torno de quarenta pessoas, entre meus pais e irmãos, tios(as) e primos(as) de primeiro e segundo graus.

²⁰ Alguns(as) entrevistados(as) serão mencionados(as) pelo nome e último sobrenome no intuito de evitar confusão, pois partilham do mesmo sobrenome de outros(as) entrevistados(as). Assim também ocorrerá nas referências das citações.

²¹ As narrativas relativas às entrevistas realizadas foram adequadas à norma culta.

Eu tenho uma relação de pertencimento com a Escola Professor Luiz Gil. Eu até me emociono. Eu estudei aqui, fui alfabetizada nessa escola. Minha mãe foi professora dessa escola e minha avó trabalhou nessa escola. E depois que eu passei no concurso, em 2003, eu voltei a trabalhar aqui. Estou aqui até hoje. Então eu tenho essa escola como parte da família sim. Não me vejo em outra instituição, já trabalhei em outras instituições, mas aqui é o meu porto seguro. (Sousa, Lucivania. 2023)²².

Ela tornou-se professora da E. M. Professor Luiz Gil em 1997, como prestadora de serviço. Em 2001 passou no seu primeiro concurso e foi trabalhar em outra escola na cidade de Campina Grande, retornando em 2003 para essa escola que tem um significado muito relevante em sua vida, um “porto seguro”. Nessa perspectiva, cabe o pensamento de Albuquerque Júnior, na medida em que, “expressar um sentimento significa conseguir comunicá-lo a um outro, fazer passar algum sentido através dele para um observador” (Albuquerque, Jr., 2013, p.155). Lucivania Sousa passou pela experiência de gestora da escola entre 2007 e 2012, retornando ao cargo no ano passado (2022) no qual permaneceu até os primeiros meses de 2024.

Imagem 5: Placa de Inauguração do Grupo Escolar Professor Luiz Gil



Fonte: Acervo pessoal da autora

²² Lucivania Vidal de Sousa foi entrevistada no dia 09 de maio de 2023 em seu ambiente de trabalho, a Escola Municipal Professor Luiz Gil, da qual é gestora atualmente. Lucivânia também disponibilizou o acesso aos arquivos da escola e esteve sempre disponível para esclarecer dúvidas no decorrer da pesquisa, contribuindo significativamente para o seu desenvolvimento.

A placa de inauguração do então Grupo Escolar Professor Luiz Gil, produzida aparentemente em bronze, hoje localizada no corredor central na entrada da escola, indica o nome da escola e que foi construída durante a administração do prefeito Severino Cabral, com a descrição do período em que vigorou todo o mandato de referido prefeito.

Imagens 6 e 7: Corredor na entrada da Escola Municipal Professor Luiz Gil



Fonte: Acervo pessoal da autora

Todavia, a existência de um documento que é considerado um Histórico da instituição, produzido em 1980, vinte anos depois da sua inauguração, esclareceu sobre a sua origem, orientando inclusive que a construção ocorreu na administração do governante anterior, Elpídio de Almeida.

Cabe ressaltar que apenas uma cópia desse Histórico foi disponibilizada²³. Apesar do documento datilografado não esclarecer quem o produziu e, no caso da cópia, apresentar algumas rasuras feitas com caneta, a referida é legível e constituída das seguintes partes: Origem; Aspectos físicos²⁴; Corpo administrativo; Corpo discente²⁵; Organograma; Docentes²⁶; Técnicos administrativos e de serviços gerais²⁷; patrimônio²⁸. A maioria dos dados referem-se ao ano de sua produção, mas tornou-se relevante especialmente por explicar informações sobre o início do funcionamento do Grupo Escolar Professor Luiz Gil, pois como afirma Foucault, tratando sobre os

²³ No dia da visita o documento original não foi encontrado.

²⁴ Duas salas, dois sanitários e quarto para depósitos. Todavia, Maria do Socorro Raposo Sousa, aluna nos anos 1970, narra a existência da cantina.

²⁵ Contendo os números de estudantes entre os anos de 1975 e 1980 (1975 – 154; 1976 – 107; 1977 – 132; 1978 – 128; 1979 – 134; 1980 – 130) e esclarecendo que não foram encontrados registros sobre os anos anteriores.

²⁶ Quatro professoras, dentre essas duas são minhas tias (Esmeralda Raposo Sousa e Geralda Martins Raposo).

²⁷ Uma gestora, uma supervisora e uma servente (Antonia Raposo do Nascimento, minha avó materna).

²⁸ Cinquenta e seis carteiras, dois quadros de giz, três mapas e dois “bureaux” (birôs).

“hupomnêmata”²⁹ na Grécia Antiga, o papel da escrita é constituir um “corpo”, que resulta não apenas da transcrição de leituras, mas da apropriação e constituição de uma verdade (Foucault, 2004, p. 152.).

Construído em 1959, na gestão do prefeito Dr. Elpídio de Almeida (30 de novembro de 1955 a 30 de novembro de 1959), teve suas atividades iniciadas em 1960, já no governo de Severino Bezerra Cabral (30 de novembro de 1959 a 30 de novembro de 1963). A priori contou com o quadro de funcionários resumido a duas professoras: Maria de Lourdes Alves e Rita Alves do Nascimento; e uma “servente” (como era chamado o cargo de quem era merendeira e auxiliar de serviços gerais ao mesmo tempo): Antônia Raposo do Nascimento³⁰.

Imagem 8: Fotografia de uma página da cópia do Histórico da Escola M. Prof. Luiz Gil

I - ORIGEM:

O Grupo Escolar "Professor Luiz Gil", foi construído no ano de 1959, na administração do Prefeito Dr. Elpídio de Almeida.

Passando a escola a funcionar no ano de 1960, na administração do Prefeito Severino Bezerra Cabral.

Recebendo o referido nome em homenagem ao seu dono poeta e professor "Luiz Gil de Pigueirêdo".

Iniciando com duas professoras: Maria de Lourdes Alves e Rita Alves do Nascimento.

Primeira diretora: professora Maria Madalena Alves. e a atual *Marli Pereira Carvalho*

Atualmente a escola conta com ~~quatro~~ ^{oito} professoras, ¹⁵ ~~uma~~ ^{uma} ~~servente~~ ^{servente}, ^{uma} ~~uma~~ ^{uma} ~~supervisora~~ ^{supervisora} e ~~cento e trinta~~ ^{noventa} alunos. (190)

O terreno é patrimônio da Prefeitura Municipal de Capina Grande, mas não há escritura.

Fonte: Arquivos da Escola M. Prof. Luiz Gil

²⁹ “Podiam ser livros de contabilidade, registros públicos, cadernetas individuais que serviam como bilhete”. (FOUCAULT, 2004, p.147).

³⁰ Minha querida avó materna.

Maria Madalena Alves, foi a primeira gestora da escola, iniciando seu trabalho em fevereiro de 1970, ou seja, praticamente dez anos depois da fundação, permanecendo, pelo menos, até o período em que este Histórico foi produzido³¹. A mesma também geria outras escolas no Distrito de São José da Mata, priorizando atuar na área urbana de São José da Mata e visitando esporadicamente o Grupo Escolar Professor Luiz Gil. Perdurou por bastante tempo esse sistema de gestão que privilegiava a área urbana do Distrito de São José da Mata, deixando as escolas da zona rural em segundo plano. Além disso, ficavam sob a responsabilidade de uma única pessoa um grande número de escolas, o que deixa subentendido a falta de atenção necessária a essas instituições³².

O documento também descreve a biografia do homenageado que dá nome à escola, Luiz Gil de Figueiredo, segundo o qual foi professor, orador e poeta. Nascido em 1895, no município de Santa Luzia – PB, estabeleceu-se em Campina Grande a partir de 1931. Destacou-se como diretor da Sociedade Beneficente dos Artistas e fundador de “O Rebate”, semanário que dirigiu até o fim da sua vida, em 1960³³, mesmo ano em que a escola foi inaugurada.

Imagem 9: Fotografia de Luiz Gil de Figueiredo



Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande

³¹ Não encontrei registros do término de sua gestão.

³² Tal cenário só foi modificado em 2003, quando houve a primeira eleição para gestor partilhando uma atuação focada em quatro escolas sendo todas de comunidades rurais vizinhas.

³³ Tais informações foram confirmadas em consulta feita ao Blog Retalhos Históricos de Campina Grande. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2019/04/luiz-gil-de-figueiredo-por-rau-ferreira.html#:~:text=Na%20%E2%80%9CRainha%20da%20Borborema%E2%80%9D%2C,%2C%20Marluce%2C%20Mozart%20e%20Arist%C3%B3teles>. Disponível em: abril de 2023.

Vale salientar que nos anos 1980 houve a necessidade de improvisar uma sala de aula em outro espaço externo ao prédio escolar em decorrência do aumento do número de estudantes. A garagem da casa da professora Gerinalda Nascimento Araújo, foi um espaço transformado em sala de aula. Localizada em frente à escola, atravessando apenas a estrada para o lado oposto. Sua filha relata:

Eu nasci com a minha mãe já trabalhando nessa escola que era em frente a nossa casa e o número de alunos da escola foi aumentando e não tinha espaço na escola. Então ela cedeu a garagem da nossa casa como extensão da escola (...). Diariamente eu a via dando aula aos seus alunos, acompanhava esse processo (Gonçalves, 2023)³⁴.

O espaço estava desocupado na época e com cerca de vinte metros quadrados, foi organizado como uma sala de aula, contando inclusive com um quadro negro de giz. As carteiras permaneciam enfileiradas no local sem a necessidade de serem retiradas com frequência. E assim funcionou até o final da década de 1990. A minha percepção sobre a terceira série cursada nesse espaço, apesar de não saber exatamente o número de estudantes na turma, (acredito que algo em torno de vinte estudantes) é de que a passagem entre as carteiras era apertada.

Sendo assim, fica evidente o descaso dos poderes públicos para com a referida escola. Nos seus primeiros dez anos de existência a escola funcionou sem a presença de um(a) gestor(a), e mesmo quando esta foi instituída para o cargo, priorizou as áreas urbanas. Também é notório o extenso espaço de tempo em que a mesma pessoa permanece na gestão, conforme as fontes indicam foram pelo menos dez anos. Cabe também ressaltar que no percurso dos primeiros anos de funcionamento do Grupo Escolar Professor Luiz Gil passou a vigorar a Ditadura Militar no Brasil, perdurando entre 1964 e 1985³⁵.

Outro lugar utilizado como sala de aula extensiva da Escola M. Professor Luiz Gil foi a Igreja Católica Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, situada do lado direito do prédio da escola. Inclusive, a turma que estudou nesse espaço foi exatamente a que eu iniciei oficialmente³⁶ minha experiência estudantil, uma primeira série, tendo como

³⁴ Entrevista realizada com Lidiane Nascimento Silva Gonçalves em 21 de abril de 2023. Lidiane é minha prima. Moradora do Sítio Capim Grande. Além de aluna egressa da E. M. Professor Luiz Gil (1989 a 1992), vivenciou a experiência de ter a mãe como professora da instituição e retornou anos depois também como professora.

³⁵ Não me estenderei na análise desse recorte temporal, pois não faz parte do que foi demarcado para a pesquisa.

³⁶ Digo oficialmente, porque no ano anterior eu já tinha sido alfabetizada por minha mãe e uma prima, Edvânia, a qual dava aulas particulares a mim e a alguns(as) primos(as). Ao ser avaliada pela professora da turma da Alfabetização, a mesma aconselhou a me adiantarem de série por já saber ler e escrever, então já iniciei na escola cursando a primeira série, atual segundo ano do Ensino Fundamental, sem frequentar a

professora Maria Luíza Nascimento Farias, que também estava iniciando sua jornada na docência em 1993. Farias afirma que

Foi um pouco preocupante porque não tinha uma estrutura normal para receber os alunos, naquela época a escola só tinha duas salas de aula. Então tivemos que improvisar na igreja e foi ainda mais preocupante porque a merendeira não tinha a obrigação de limpar. E quem limpava era eu. Tinha que chegar um pouco mais cedo para fazer a limpeza, para ficar um pouco confortável para os alunos (Farias, 2023)³⁷.

Desse modo, a professora Luíza, além de lidar com os desafios comuns a uma professora iniciante, ainda teve que cuidar da organização e higiene do espaço em que ministrava suas aulas, precisando, inclusive, chegar mais cedo para isso. Além disso, a paróquia era habitada por pardais precisando de limpeza frequente, era muito espaçosa e as crianças facilmente se dispersavam observando as imagens eclesiais.

Na segunda-feira, nós, estudantes, carregávamos nossas pesadas carteiras da escola para a igreja e na sexta-feira, levávamos de volta, já que aos domingos tinha a missa. As carteiras disponibilizadas para a primeira série de 1993 eram de ferro, pintadas na cor cinza e com um braço fixado como uma pequena mesa para servir de apoio à escrita, um modelo muito desconfortável que não apoiava bem a coluna, especialmente de crianças com seus aproximadamente cinco anos de idade, que era o meu caso. Enquanto as que permaneciam no prédio escolar eram de madeira com espaço para sentarem em dupla.

Sendo assim, o descaso do Estado permanece no início da década de 1990 quando a escola precisa recorrer a outros espaços improvisados, transformando-os em salas de aula, sem a estrutura adequada para os(as) estudantes. Todavia, mudanças significativas foram empreendidas em seu espaço físico a partir de 1994. Tais mudanças foram reafirmadas pelos(as) entrevistados(as).

O prédio escolar no início dos anos 1990 teria a mesma configuração física dos seus primórdios³⁸. Contava com apenas duas salas de aulas, dois banheiros e uma cantina. Não havia muros, como afirma a aluna egressa Lidiane Gonçalves:

A escola era um ambiente aberto. Nós não tínhamos muros na escola (...). Nas horas do intervalo, todos brincavam, brincavam na rua porque o espaço da

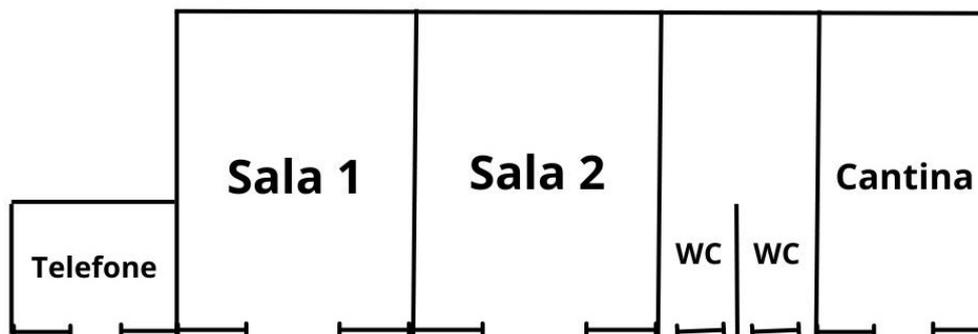
turma referente à alfabetização, atual primeiro ano do Ensino Fundamental. Meu período de estudo na E. M. Prof. Luiz Gil foi entre 1993 e 1996.

³⁷ Maria Luíza Nascimento Farias foi professora da E. M. Professor Luiz Gil entre 1993 e 2000. A sua entrevista aconteceu de forma on-line, via chamada de vídeo do whatsapp em 11 de abril de 2023. Foi uma ótima experiência reencontrar minha primeira professora, mesmo que de forma virtual.

³⁸ Não há registros de reformas anteriores à década de 1990. Provavelmente aconteceram apenas para manutenção.

escola era externo e não tinha muro. Então era na rua as nossas brincadeiras, mas todo mundo brincando tranquilamente. (Gonçalves, 2023)³⁹.

Imagem 10: Planta Baixa da estrutura física da Escola M. Prof. Luiz Gil no início da década de 1990



Fonte: Produção de Clediane Sousa no Canva a partir de relatos dos(as) entrevistados(as)

Ao lado da escola funcionou por muitos anos, um posto da Telpa⁴⁰, que dispunha de um telefone público em uma espécie de escritório⁴¹. Contava com funcionários(as) durante o dia e parte da noite. Estes além de realizarem ligações e cobrar uma tarifa por elas, eram responsáveis por repassarem possíveis recados de familiares e conhecidos aos habitantes da comunidade, sendo um importante meio de comunicação nos anos 1990. É o espaço que aparece na imagem acima vizinho à sala 1.

A primeira reforma de que se tem registro não possui a placa afirmando exatamente o ano em que aconteceu, mas pelos relatos transcorreu por volta de 1994, e ampliou o prédio com mais uma sala de aula, alterou a localização dos banheiros para uma área externa aos fundos da escola. Também foi construído um muro baixo composto por tijolos cimentados na parte de baixo com cerca de um metro de altura, complementado por estacas de cimento e arames na parte de cima.

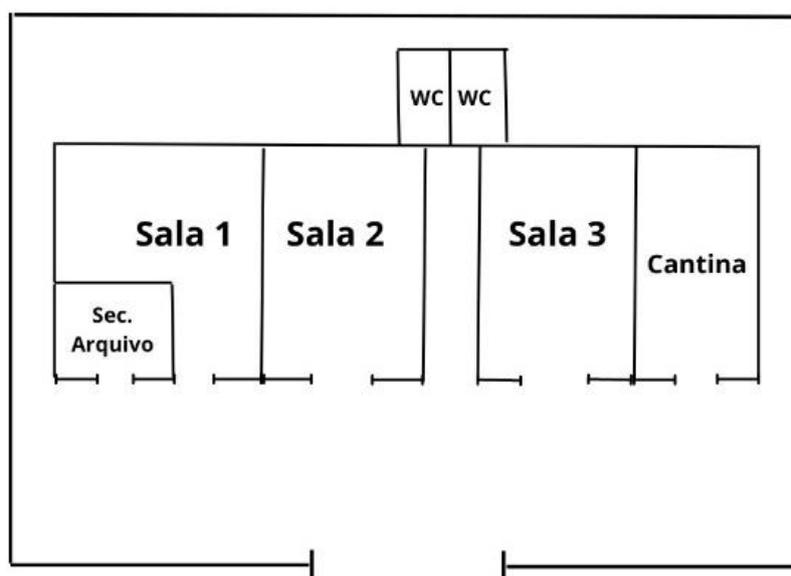
No início dos anos 2000 foi acrescentada uma secretaria/arquivo, que passou a funcionar em uma sala que foi aproveitada onde funcionava o telefone público, mencionado anteriormente, nesse período já desativado.

³⁹ Entrevista realizada com Lidiane Nascimento Silva Gonçalves em 21 de abril de 2023. Lidiane é minha prima. Moradora do Sítio Capim Grande. Além de aluna egressa da E. M. Professor Luiz Gil (1989 a 1992), Lidiane vivenciou a experiência de ter a mãe como professora da instituição e retornou anos depois também como professora.

⁴⁰ Telecomunicações da Paraíba S/A (TELPA) foi a empresa operadora de telefonia do sistema Telebras, no estado da Paraíba antes do processo de privatização em julho de 1998. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Telecomunica%C3%A7%C3%B5es_da_Para%C3%ADba Acesso em 12 de out. de 2023.

⁴¹ Não se tem registros de quando começou a funcionar.

Imagem 11: Planta Baixa da estrutura física da Escola M. Prof. Luiz Gil no início dos anos 2000



Fonte: Produção de Clediane Sousa no Canva a partir de relatos dos entrevistados

Diferente de Lidiane Gonçalves, que estudou durante o início da década de 1990, a narrativa do entrevistado Luan Araújo, estudante da E. M. Professor Luiz Gil nos anos 2000, possibilitou a percepção de mudanças com relação às brincadeiras nessa segunda fase da estrutura física do Luiz Gil, sendo assim “o esconde-esconde, não dava muito porque a gente não podia ficar aí...” (se referindo ao espaço externo à escola), confirmo então se já tinha muros na escola, e ele reforça: “Já tinha. Já tinha sim” (Araújo, 2023)⁴². Ou seja, os estudantes passaram a brincar “guardados” no ambiente escolar, sem liberdade para aproveitar o entorno. Nesse aspecto, cabe ressaltar a defesa de Escolano, no que diz respeito à arquitetura escolar como:

um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos. (Escolano, 2001, p.26).

Outra mudança percebida diz respeito ao fardamento escolar. Quando estudei, na década de 1990, não era corriqueiro o uso de fardamento. Geralmente os(as) aluno(as) usavam roupas coloridas comuns (camisetas, bermudas, saias, calças e vestidos), evitando

⁴² Entrevista realizada com Luan Helder Pereira Araújo no dia 23 de julho de 2023. Nascido em Cotia, no estado de São Paulo, Luan veio morar na Paraíba aos três anos de idade. É morador do Sítio Capim Grande foi aluno da E. M. Professor Luiz Gil entre 2003 e 2007, e concedeu a entrevista na casa da minha mãe. Se dispôs a ir ao meu encontro demonstrando muito interesse em contribuir com a pesquisa. Cabe ressaltar que não temos vínculo familiar.

apenas roupas curtas. De maneira divergente, encontrei um registro da minha irmã arrumada para o seu primeiro dia de aula, em 2000, já fardada.

Imagem12: Fotografia de Clediane Sousa pronta para o seu primeiro dia de aula em 2000



Fonte: Acervo pessoal de Lidiane Gonçalves

Na fotografia acima, Clediane Raposo Sousa usa o fardamento escolar completo concedido pela Secretaria de Educação do Município. Camiseta branca de algodão com gola e punhos verdes, emblema da prefeitura de Campina Grande do lado esquerdo do peito, short em malha na cor verde, meias brancas e tênis preto. Demonstrando um leve sorriso e aparentemente animada para o seu primeiro dia de aula, do qual ela não se recorda, mas teve esse momento de saída registrado e guardado por todo esse tempo. Afinal, o primeiro dia de aula, marca uma nova fase na vida de uma criança. Como diria Artières “não arquivamos nossas vidas (...) de qualquer maneira; omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens” (Artières, 1998, p. 11),

A merenda escolar também faz parte da recordação dos estudantes entrevistados. Lidiane Gonçalves recorda que “vinha mel, mel em potes, potes de mel para tomar com a colher e um copinho, aquele copinho azul e aquelas colherzinhas azuis para tomar o mel, e uma sopa já preparada em sacos” (Gonçalves, 2023).

É importante destacar que o Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE foi criado em 1979, apesar de já existirem modelos anteriores voltados à essa

preocupação. Sobretudo, a Constituição de 1988 assegurou o direito à alimentação escolar fortalecendo o PNAE. Até 1993, o planejamento dos cardápios era realizado pelo órgão gerenciador, o qual também era responsável pela qualidade e distribuição em todo o país. Sendo assim, a merenda consumida nas escolas era distribuída, sem opção de escolha ou adequação à realidade local.

A partir de 1994, com a Lei n° 8.913, de 12/7/94, tornou-se possível a descentralização da responsabilidade sobre a merenda escolar, sendo consolidada para todos os municípios em 1998, com a Medida Provisória n° 1.784, de 14/12/98. O repasse da verba passou a acontecer diretamente para as escolas que passam a gerenciar os recursos. A Medida Provisória n° 2.178, de 28/6/2001 propiciou a obrigatoriedade de que 70% dos recursos transferidos pelo governo federal fossem aplicados exclusivamente em produtos básicos e respeitados os hábitos alimentares regionais e à vocação agrícola do município. Já em 2006, tornou-se obrigatório o acompanhamento técnico de nutricionistas no Programa. E em 2009, ficou determinado que pelo menos 30% dos recursos deveriam ser utilizados para aquisição de gêneros agrícolas provindos da agricultura familiar local. Esse histórico está disponível no site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE⁴³.

Já no contexto de descentralização da responsabilidade sobre a merenda, o aluno egresso Luan Araújo recorda que “tinha aquele achocolatado, iogurte, biscoito, cuscuz, frango, arroz, sempre bem preparado. Tinha aquela variação, nunca era todo dia a mesma coisa” (Araújo, 2023). Portanto, a escola também é feita de sabores e cheiros e a merenda ocupa um papel primordial para a manutenção dos estudantes no ambiente. Proporciona a garantia de uma refeição adequada.

Com relação ao material didático, não há um consenso sobre o ano em que os docentes passaram a ter o direito à escolha das coleções que seriam adotadas, assim como no que se refere à escolha de materiais de expediente, a exemplo de itens de papelaria, entre outros. Mas a professora aposentada, Socorro Raposo, afirma que trabalhou com turmas da Alfabetização ainda no início dos anos 1990 utilizando como recurso as Cartilhas “Caminho Suave” e depois passou a utilizar outra chamada “Porta Aberta”. Contudo, as professoras entrevistadas reconhecem uma evolução nos livros didáticos traçando uma comparação entre os anos 1990 e 2000. Fato que deve estar relacionado à adequação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) às reformas proporcionadas

⁴³ Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/pnae/historico> Acesso em agosto de 2023.

pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1996, e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) referentes às séries de primeira à quarta, em 1997.

Meu percurso enquanto aluna da E. M. Professor Luiz Gil encerrou-se em 1996. Nesse itinerário, a leitura de um livro literário marcou a minha memória. “As Férias do Pequeno Nicolau”⁴⁴, nunca saiu da minha lembrança, isso porque parte da história se passa em uma praia, e eu até então não conhecia o mar. Esse livro apresentou-me por meio da história de uma criança comum aproveitando suas férias, atrapalhada e que sempre se envolvia em confusão, um mundo desconhecido, que me deixou muito curiosa e ansiosa para conhecer. Não recordo se li outros livros antes, mas essa lembrança me faz afirmar que livros literários também faziam parte da experiência de leitura dos(as) estudantes, mesmo não existindo uma biblioteca na escola. Porém, não recordo se havia um estímulo e se faziam parte do cotidiano das aulas, ou se ficavam livres a demanda de cada aluno(a).

Vale destacar que a igreja deixou de ser utilizada como sala de aula em 1994, mas ainda permaneceu servindo de espaço para a realização de alguns eventos da escola já que não havia um lugar adequado para a realização de encontros que agregavam todo o coletivo de estudantes. Não que a igreja fosse de fato o espaço adequado, mas acabou sendo a opção mais viável devido à escola não possuir um auditório que comportasse todas as turmas.

Imagem 13: Fotografia do Evento “Dia das Conquistas”, em 2004



Fonte: Acervo de Maria do Socorro Santos Silva

⁴⁴ Livro de Sempé Goscinny, publicado em 1992 pela Editora Martins Fontes.

Na imagem 13 há o registro fotográfico de um evento, ocorrido em 2004, denominado “Dia das Conquistas”⁴⁵, que geralmente acontecia na fase final do ano letivo, e era um momento de culminância com apresentações de todas as turmas para celebrar as “conquistas” do corrente ano. É possível perceber a gestora Maria do Socorro Santos Silva, de costas, segurando em uma das mãos uma folha onde provavelmente estava descrita a programação do evento, e falando ao microfone para os(as) estudantes, alguns pais ou responsáveis e pessoas da comunidade que no momento estão sentados em cadeiras brancas de plástico, algumas crianças estão sentadas no altar e de costas para a gestora, inclusive. A maioria veste roupas coloridas, poucas são notadas usando a farda. Não há cadeiras suficientes para todos, algumas poucas pessoas aparecem de pé. Portanto, apesar das primeiras reformas, ainda permanecem alguns problemas referentes à estrutura física da E. M. Professor Luiz Gil.

Todavia, é notável que as metodologias foram significativamente transformadas de uma década para a outra (1990-2010). O desenvolvimento de projetos e a quantidade de eventos aumentou, assim como a disposição de recursos que passaram a ser destinados em verba para serem administrados pelo Conselho Escolar, assim como a merenda, no contexto inicial a escola recebia os materiais de expediente da Secretaria de Educação, nem sempre suficientes ou mesmo adaptados às necessidades do momento, e passou a ter autonomia na compra desses materiais (papéis diversos, tesouras, colas, tintas, entre outros) de forma planejada e em consulta à equipe pedagógica.

Assim como as formações tornaram-se mais frequentes e algumas exigências passaram a ser cobradas aos(as) docentes. A maioria das professoras da E. M. Prof. Luiz Gil na década de 1990 tinha como formação profissional o curso LOGOS II⁴⁶. A partir de 1999, apenas duas professoras leigas permaneciam atuando na escola e precisaram cursar o Proformação,⁴⁷ curso com a mesma validade do descrito anteriormente, devido a uma exigência do Ministério da Educação. Cabendo destacar o artigo 62 da LDB que trata sobre formação de professores e estabelece a necessidade de formação continuada para

⁴⁵ O “Dia das Conquistas” fazia parte das orientações de um projeto nacional voltado para a educação do campo empreendido por meio da Secretaria de Educação do Município de Campina Grande, na primeira década dos anos 2000, chamado “Escola Ativa”. Esse projeto será abordado de modo mais detalhado em outro capítulo desse texto.

⁴⁶ Para saber mais consulte Gouveia (2019).

⁴⁷ Habilitou professores leigos que atuavam nas séries iniciais do que hoje é denominado ensino fundamental. Foi um programa de nível médio, modalidade Normal, que utilizou a educação a distância para desenvolver suas ações. Para saber mais: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/manoprec.pdf>. Acesso em 24 de nov. 2023.

esses profissionais, e o Ensino Médio Normal como nível mínimo exigido para a atuação docente nos cinco anos iniciais do que hoje é denominado Ensino Fundamental.

No início dos anos 2000, foram ofertadas três turmas em sequência, ano após ano, específicas para professores(as) da Prefeitura de Campina Grande na Universidade Estadual da Paraíba com o objetivo de promover o Ensino Superior para esse público. As aulas de Licenciatura em Pedagogia, cuja duração eram dois anos, aconteciam presencialmente aos sábados.

Além disso, em 2001, foram convocados(as) professores(as) concursados(as) para atuar na instituição, movimento que provocou o fim de contratos com os prestadores de serviço do período, contudo, os professores efetivados antes da Constituição de 1988, permaneceram com seus direitos garantidos, precisando atualizar os seus currículos às novas exigências. Contudo, Lucivania Sousa fez a seguinte observação:

A gente percebe que os professores que vêm de fora não ficam devido à distância. Por exemplo, no concurso de 2000 que o pessoal entrou em 2001, houve uma mudança total. Todos os professores que ficaram aqui eram efetivos, mas dos concursados nenhum permaneceu. Sempre eles buscavam trabalhar perto de onde moram (Sousa, Lucivania. 2023).

Sendo assim, nota-se que apesar dos concursos serem legítimos, nessas comunidades rurais os vínculos com a instituição foram/são experienciados com mais intensidade no caso de profissionais que moram na mesma comunidade, ou nas proximidades. Para os demais, essas escolas representaram/representam uma fase, um lugar de passagem.⁴⁸

A Escola Municipal Professor Luiz Gil tem formado gerações do Sítio Capim Grande e comunidades circunvizinhas. Conforme já descrito, sua estrutura física foi modificada com o passar dos anos, recebendo maior atenção dos governantes especialmente em 2008, uma vez que, ela passou a ser polo da região, concentrando os estudantes das comunidades ao redor que tiveram suas escolas fechadas.

Três escolas de comunidades vizinhas foram fechadas na segunda metade da década de 2000, na vigência do mandato de Veneziano Vital do Rego⁴⁹. Coube à Escola Municipal Professor Luiz Gil, receber os estudantes e profissionais de pelo menos duas delas, E. M. Pedro Gomes e E. M. Maria do Carmo Santos Silva. Mas, o que lhe conferiu o motivo de ser a escolhida para permanecer de “pé”? A sua localização centralizada, situada em uma comunidade com um maior número de habitantes em relação às

⁴⁸ Não cabe aqui questionar a atuação ou decisão desses profissionais. Apenas reforçar o vínculo entre escola e comunidade, inclusive no âmbito profissional das relações.

⁴⁹ Uma quarta escola foi fechada mais recentemente.

redondezas, consequentemente tendo um número maior de estudantes matriculados(as) em comparação com as demais, pode ser considerada um dos motivos. Pois “a localização da escola é por si mesma uma variável decisiva do programa cultural e pedagógico comportado pelo espaço e pela arquitetura escolares” (Escolano, 2001, p. 32).

Um relatório produzido pela gestora Maria do Socorro Santos Silva, em 2006, descreve o número de discentes das escolas em que ela atuou entre os anos 2001 e 2006, tornando possível a comparação dos dados entre as escolas municipais: E. M. Prof. Luiz Gil (Sítio Capim Grande), E. M. Maria do Carmo Santos Silva (Sítio Cajazeiras) e E. M. Pedro Gomes (Sítio Castelo).

Tabela 4: Comparativo do número de discentes entre escolas distintas durante o período de 2001 a 2006

E. M. Prof Luiz Gil	Nº de discentes	E. M. Maria do Carmo Santos Silva	Nº de discentes	E. M. Pedro Gomes	Nº de discentes
2001	116	2001	32	2001	42
2002	115	2002	35	2002	45
2003	107	2003	36	2003	61
2004	118	2004	38	2004	57
2005	115	2005	40	2005	64
2006	107	2006	40	2006	48

Fonte: Arquivos da E. M Prof. Luiz Gil

Os dados sobre a E. M. Maria do Carmo Santos Silva foram mais bem detalhados em algumas atas referentes aos resultados finais dos discentes, identificando a quantidade de alunos que faziam parte do ensino regular e a que fazia parte da modalidade de Ensino de Jovens e Adultos – EJA, com aulas no período da noite. Desse modo, o número de estudantes regulares na referida escola compreende os seguintes dados: 2003 – 23 discentes; 2004 – 25 discentes; 2005 – 18 discentes; 2006 – 18; 2007 – 12. Cabe ressaltar que as demais escolas não adotaram a modalidade EJA no período em comparação.

Porém, o secretário da Educação, professor Flávio Romero, que atuou entre os anos de 2005 e 2012, considera que as ações realizadas pela Secretaria eram consonantes com a política nacional que no seu ponto de vista, visava melhorias para a Educação do Campo. Segundo ele, as escolas do campo passavam por “problemas acumulados de décadas que não foram problemas acumulados ou responsabilidades exclusivas de

secretaria, mas de uma realidade que era de política nacional mesmo” (Guimarães, Flávio, 2023⁵⁰).

Quando questionado sobre os motivos que levavam ao processo de nucleação, respondeu:

Um dos fatores era a estrutura física extremamente precária (...), mas, a gente viu que não era uma questão somente da estrutura física, era também uma questão de estrutura, de pessoal. Porque aí você observava, não tinha assistente social, educacional, não tinha psicólogo educacional. Não tinha, enfim, essa parte pedagógica. Na escola do campo era muito deficitária (Guimarães, 2023).

Desse modo, para adequar a E. M. Professor Luiz Gil a essa demanda da chegada de estudantes das escolas desativadas foi realizada mais uma reforma, que transcorreu em 2008, e foi bem mais significativa. Com o terreno de trás cedido pelo vizinho, Sr. José Ferreira, foram construídas mais duas salas de aula aos fundos, uma delas com banheiro adaptado para crianças menores, um pátio coberto onde funciona um parquinho para as crianças menores, dois banheiros construídos na área interna da escola, a secretaria passou a ocupar uma das salas da frente, sendo que sua porta foi alterada de lugar, voltada para o corredor que segue para as duas salas ao fundo e o pátio, a cantina também foi ampliada e ainda foi construída uma quadra esportiva. Tal estrutura está preservada até o momento e pode ser confirmada na planta baixa disponível no Anexo A.

Tabela 5: Identificação das dependências da E. M. Prof. Luiz Gil após a reforma e ampliação em 2008

DEPENDÊNCIA	QUANTIDADE
Salas de aula	4
Banheiros	3
Pátio interno	1
Pátio externo	1
Diretoria/Secretaria	1
Arquivo	1
Cantina	1
Quadra esportiva	1

Fonte: Arquivos da E. M. Prof. Luiz Gil

⁵⁰ Entrevista realizada com o professor aposentado Flávio Romero Guimarães no dia 21 de outubro de 2023, via Google Meet. Mediante o contato inicial por intermédio de uma rede social, o mesmo se dispôs a contribuir com a pesquisa de forma muito prestativa.

Imagem 14: Placa de reforma e ampliação da E. M. Prof. Luiz Gil



Fonte: Acervo pessoal da autora

Analisando a placa dessa última reforma em comparação à que foi mostrada inicialmente (Imagem 3), percebemos o material distinto, feito com uma arte gráfica fixada em um metal que por sua vez está fixado em uma pedra de granito em tom escuro. Uma série de informações foram acrescentadas. Aparecem na lateral direita o brasão do Município de Campina Grande, o slogan do governo federal: “Brasil país de todos” representado pelo Ministério da Educação, também descrito na placa. Assim como uma arte representando a Secretaria de Educação, Esportes e Cultura, seguindo essa ordem de cima para baixo. Na parte superior e ocupando o restante do espaço são descritas informações sobre a prefeitura e a secretaria responsável. Abaixo seguem as informações na ordem que se inicia com a identificação dos recursos oriundos do FUNDEB e próprios. A identificação do Prefeito, vice-prefeito, secretário de Educação, Esporte e Cultura, e da gestora no período, que inclusive é uma das entrevistadas nesse trabalho, e por fim, mês e ano que foi entregue. Fica situada ao lado da primeira placa. No mesmo corredor em que estão expostas outras placas com as fotografias dos concluintes do Ensino Fundamental (Anos iniciais).

Imagem 15: Fotografia da frente da Escola M. Prof. Luiz Gil (2023)



Fonte: Acervo pessoal da autora

Imagem 16: Fotografia da vista externa da Escola M. Prof. Luiz Gil (2023)



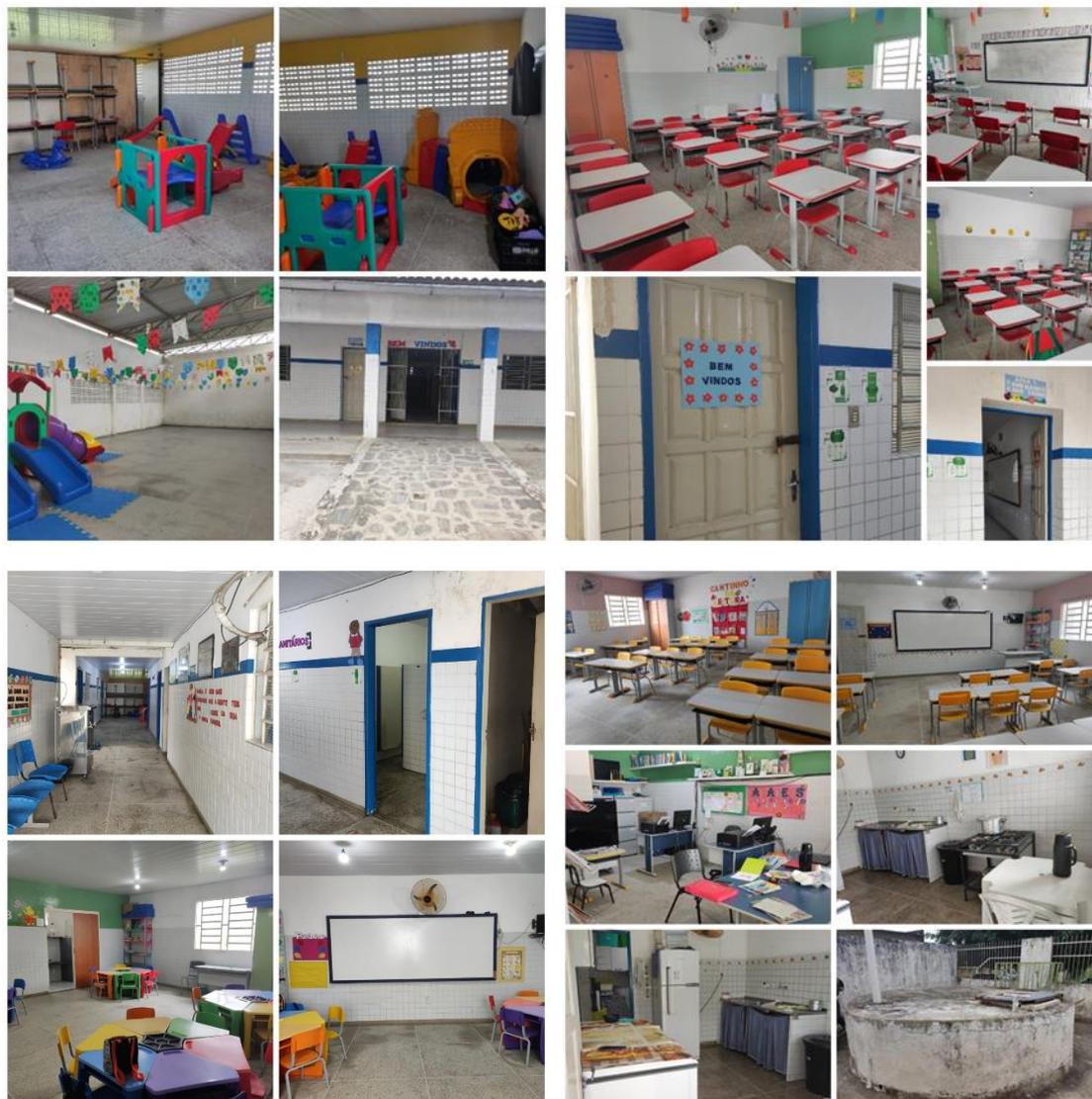
Fonte: Acervo pessoal da autora

No ano de 2023, período de execução dessa pesquisa, a Escola Municipal Professor Luiz Gil, oferta a Educação Infantil com o funcionamento de três turmas, assim como, funcionam cinco turmas de Ensino Fundamental I, recebendo crianças a partir dos três anos de idade e compreendendo toda a Educação Básica em seu primeiro nível de formação. Conta com 165 alunos matriculados, oito professores(as)⁵¹, dentre estes(as) duas são professoras auxiliares, e um total de treze funcionários, que desempenham as

⁵¹ Dentre estes (as) apenas duas professoras são efetivas e os(as) demais são prestadores de serviço.

demais funções. Lucivania Vidal tem atuado pela segunda vez na gestão, todavia, faz parte do quadro de professores(as) efetivos(as) da escola, estando afastada da função para exercício da gestão.

Imagem17: Montagem de fotografias dos espaços físicos da Escola M. Prof. Luiz Gil em 2023



Fonte: Acervo pessoal da autora

As informações declaradas no último parágrafo são apenas descritivas da situação atual da instituição, não se enquadrando entre o período definido para análise nesse trabalho, que prioriza as transformações ocorridas entre os anos de 1990 e 2010.

Tais reformas em sua estrutura foram acompanhadas por mudanças significativas em seu quadro de funcionários e especialmente nas propostas pedagógicas⁵²,

⁵² Aspecto que será mais abordado em outro capítulo.

considerando assim como Escolano, que a “arquitetura pode ser vista como um programa educador, ou seja, como um elemento do currículo invisível e silencioso, ainda que ela seja, por si mesma explícita ou manifesta” (Escolano, 2001, p. 45).

Desde o início de seu funcionamento até o presente momento, a família Raposo⁵³ tem sido presente entre discentes e docentes e a previsão é de que esse percurso continue por muitos anos.

2.2 “É UMA HISTÓRIA QUE NÃO SE APAGA E ESTÁ AÍ COMO UM TROFÉU”: MEMÓRIAS DA ESCOLA MUNICIPAL MARIA DO CARMO SANTOS SILVA

Cruzaremos a partir de agora o segundo portão, da Escola Municipal Maria do Carmo Santos Silva⁵⁴, localizada no Sítio Cajazeiras. E essa história, por sua vez, vai estar entrelaçada a de sua fundadora, a professora Maria do Socorro Santos Silva, hoje aposentada. Isso porque ela teve uma atitude inédita que transformou o cenário educacional do Sítio Cajazeiras, comunidade onde reside até hoje.

Nesse percurso devemos considerar que “recuperar sensibilidades não é sentir da mesma forma, é tentar explicar como poderia ter sido a experiência sensível de um outro tempo pelos rastros que deixou” (Pesavento, 2005, p. 133). Assim como, reconhecer que

Memória, portanto, já não pode mais nos dias de hoje ser associada metaforicamente a um “espaço inerte” no qual se depositam lembranças, devendo ser antes compreendida como “território”, como espaço vivo, político e simbólico no qual se lida de maneira dinâmica e criativa com as lembranças e com os esquecimentos que reinstituem o Ser Social a cada instante (Barros, 2009, p.37).

Nascida em 15 de janeiro de 1961, no Sítio Cajazeiras, filha de Genezio Correia da Silva e Luzia dos Santos Silva, Maria do Socorro Silva, diferente de muitos com quem convivia e a partir de muito esforço seu e de sua família, conseguiu seguir nos estudos. Inicialmente estudou no Grupo Escolar Professor Luiz Gil, onde cursou até a quarta série do primeiro grau e depois prosseguiu na Escola Cenecista São José, localizada em São José da Mata, até concluir o segundo grau. Vale salientar que não era nada fácil esse deslocamento durante a década de 1970. Tal feito é fruto de muita persistência e dedicação. Maria do Socorro Silva tornou-se uma exceção no Sítio Cajazeiras.

⁵³ Minha família.

⁵⁴ O nome da escola ao longo do texto será abreviado para E. M. Maria do Carmo S. Silva.

Mas não para por aí, aos catorze anos de idade, ela decidiu compartilhar parte de seus conhecimentos com vizinhos e familiares. Sua mãe cedeu uma sala conjugada a casa onde moravam para servir de sala de aula. Tudo no improviso, mas não faltavam alunos(as) de variadas faixas etárias querendo ser alfabetizados. A “professora” Socorro, passou então a dividir suas atividades entre estudar e ensinar. Nessa fase inicial, os estudantes contribuía da forma que podiam, seja com dinheiro ou presentes, buscavam agradecer e incentivar a jovem alfabetizadora.

Esta história tornou-se notável, e aos dezoito anos de idade, tendo concluído o que hoje nomeamos de Ensino Básico, recebeu o convite para ser professora contratada pela Prefeitura Municipal de Campina Grande. Nesse mesmo contexto, em 1980, a escola foi oficializada, sendo chamada inicialmente de Grupo Escolar Sítio Cajazeiras. Todavia, permaneceu funcionando no mesmo lugar. Foram disponibilizadas cadeiras escolares e a prefeitura passou a enviar a merenda para o lanche da criançada, contratando também a mãe de Maria do Socorro Silva, Dona Luzia Silva, como merendeira. Maria Madalena Alves, foi a primeira gestora desta escola.

Imagem18: Fotografia da casa de Maria do Socorro Santos onde o Grupo Escolar Sítio Cajazeiras iniciou as atividades



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro Silva

Não foi confirmado o ano em que a foto acima foi tirada, mas é possível notar a área ao redor da casa da professora Maria do Socorro Silva cercada pela vegetação, sem

habitações próximas. Na frente da casa tem um feixe de lenha, provavelmente para ser utilizada em fogão, ou mesmo, para queimar durante uma festa junina. Uma seta indica a área onde as aulas aconteceram até a inauguração do prédio da escola, em 1988.

Segundo Maria do Socorro Silva, logo no início da sua atuação docente passou a cursar o LOGOS II, concluindo a formação para o Magistério em 1984. A jovem professora casou-se aos vinte e um anos. No Sítio Cajazeiras construiu sua família. Teve sete filhos, dentre os quais três também são professoras formadas em Pedagogia. Entre 2003 e 2006 atuou como gestora de um grupo de quatro escolas, entre estas a E. M. Maria do Carmo S. Silva e outras três de comunidades vizinhas. Em 2005 formou-se em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. E depois de uma longa jornada na educação aposentou-se em 2016, exercendo a docência por cerca de trinta e seis anos.

Imagem 19: Fotografia recente de Maria do Socorro Santos Silva



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro Santos

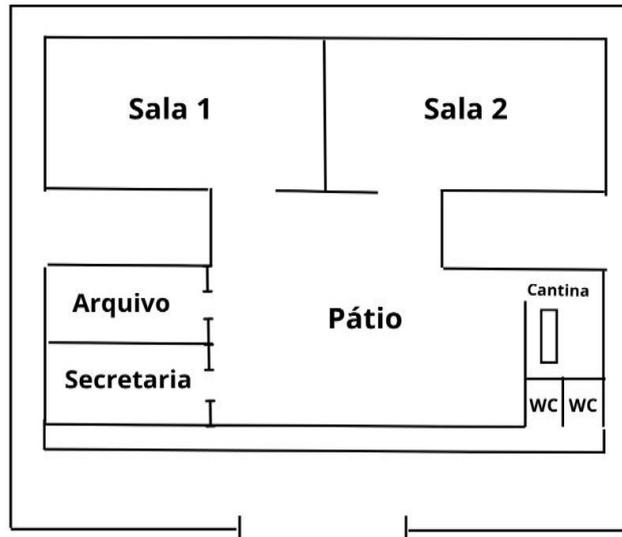
Voltando a falar sobre o Grupo Escolar Sítio Cajazeiras, passaram-se oito anos, para os(as) moradores(as) do Sítio Cajazeiras presenciarem o prédio da escola ser inaugurado. Construído pela prefeitura em terreno cedido pelo pai da professora, Maria do Socorro Silva narra que não houve um evento especial no dia da inauguração, ocorrida no mês de setembro de 1988, na vigência do segundo mandato de prefeito de Ronaldo Cunha Lima. O que lhe foi informado é que também aconteceu uma outra inauguração no mesmo dia em São José da Mata, sendo assim, alguns políticos e secretários passaram

brevemente pelo Grupo Escolar Maria do Carmo Santos Silva e foram embora para São José da Mata, sem demonstrar grande relevância (Silva, Maria do Socorro. 2023)⁵⁵.

Mais uma reafirmação do descuido das autoridades públicas para com a comunidade e a instituição. Depois de anos funcionando em um espaço inadequado, enfim a escola foi construída, e mesmo nesse momento que deveria ser de comemoração, ela foi deixada em segundo plano.

Todavia, para a comunidade foi um sonho realizado. Entendendo também que “não apenas o espaço-escola, mas também sua localização, a disposição dele na trama urbana dos povoados e cidades, tem de ser examinada como um elemento curricular” (Escolano, 2001, p. 28). Vale ressaltar novamente, pois já foi dito na Introdução, que a passagem para o novo prédio também marcou a mudança do nome da escola, antes Grupo Escolar Sítio Cajazeiras, passou a se chamar Grupo Escolar Maria do Carmo Santos Silva, uma homenagem à irmã da professora Maria do Socorro Silva, falecida ainda criança. Com relação à arquitetura, não sofreu alterações com as reformas realizadas em sequência que aconteceram apenas para manutenção.

Imagem 20: Planta Baixa da estrutura física da Escola M. Maria do Carmo S. Silva



Fonte: Produção no Canva a partir da observação do espaço pela autora

⁵⁵ Maria do Socorro Santos Silva foi entrevistada em 15 de abril de 2023, no prédio onde funcionava a E. M. Maria do Carmo Santos Silva, escola em que foi professora entre 1980 e 2002, afastando-se para exercer a gestão dessa escola e demais três entre 2003 e 2007. Passando a ser Professora da E.M. Professor Luiz Gil ainda em 2007, escola que trabalhou até a sua aposentadoria em 2016. Socorro Santos contribuiu de forma muito significativa para o desenvolvimento dessa pesquisa, especialmente no que se refere à Escola Maria do Carmo S. Silva, mostrou-se sempre disposta a contribuir e esclarecer dúvidas.

Tabela 6: Identificação das dependências da E. M. Maria Do Carmo Santos Silva inaugurada em 1988

DEPENDÊNCIA	QUANTIDADE
Salas de aula	2
Banheiros	2
Pátio interno	1
Diretoria/Secretaria	1
Arquivo	1
Cantina	1

Fonte: Verificação em loco

Foram dezenove anos de funcionamento nesse ambiente projetado para funcionar enquanto escola. Contando com duas salas, dois sanitários, arquivo, secretaria, pátio e cantina. Ao seu redor um muro baixo de cerca de um metro de altura complementado por estacas de cimento e arames na parte de cima. Para Escolano, o espaço-escola faz parte de um “currículo oculto” representando “um mediador cultural em relação à gênese e formação dos primeiros esquemas cognitivos e motores, ou seja, um elemento significativo no currículo, uma fonte de experiência e aprendizagem” (Escolano, 2001, p 26).

Seguindo com a estrutura de turma multisseriada e funcionando na maior parte do tempo em apenas um turno (manhã), a escola ofertava o Ensino Fundamental (anos iniciais). Analisando algumas cadernetas, é possível notar que Maria do Socorro Silva não foi a única professora da instituição, que funcionou em alguns momentos com as turmas divididas em duas salas, todavia, é perceptível a partir da quantidade de cadernetas registradas que os(as) demais professores(as) não permaneceram por muito tempo. Também é importante destacar que em alguns anos passou a ofertar a Educação de Jovens e Adultos no período da noite, conforme indica a Tabela 6, para estudantes considerados fora de faixa etária, e que, na maioria dos casos, trabalhavam durante o dia.

A E. M. Maria do Carmo S. Silva era um ambiente de trabalho marcado por relações familiares. Como já dito, Maria do Socorro Silva atuou em toda a história da instituição (seja como professora ou gestora). Sua mãe, Dona Luzia, era merendeira. Sua irmã caçula, Maria Aparecida também chegou a ser professora da instituição, depois passando a ocupar o cargo de serviços gerais. E o seu esposo, Lusimar era vigia. As relações familiares também se estendem aos(as) estudantes. Os sete filhos de Socorro Santos foram seus alunos. Sobre esse aspecto, Lenilson Silva, estudante da década de 1990, quando entrevistado, afirmou: “Mãe, com relação a ser professora sabia distinguir.

Está certo, está certo, errado, errado” (Silva, Lenilson. 2023)⁵⁶. Demonstrando que não era favorecido por ser filho da professora e era cobrado para dar exemplo.

A aluna egressa Lidiane Silva narra que no período em que estudou na Escola Maria do Carmo, durante a década de 1990, “a questão de material do ambiente escolar, eram aquelas carteiras antigas bem grandonas, todo mundo sentava, às vezes sentavam duas ou três juntas” (Silva, Lidiane. 2023)⁵⁷, demonstrando que apesar do prédio em si apresentar melhorias com relação ao anterior, o número de cadeiras talvez não fosse suficiente para a quantidade de alunos.

Com relação à merenda servida, em um tom nostálgico, Lenilson afirma: “A sopa era boa (...) A questão, assim, de sabor dos produtos que não tem mais” (Silva, Lenilson. 2023). Cabe também refletir sobre a importância da merenda para que os estudantes continuassem frequentando a escola. Quantos teriam condição de levar o próprio lanche? A resposta exata para essa pergunta não sabemos, porém, notamos que a merenda escolar faz parte do cotidiano nas escolas, mostrando-se necessária e complementar à aprendizagem.

Sobre as brincadeiras coletivas, a aluna egressa Kátia Cilene recorda que brincava de “baleada e pega-pega. A gente saía correndo, tinha alguns matinhos por lá e a gente brincava até por fora” (Silva, Kátia Cilene. 2023)⁵⁸. Nesse sentido, “a proximidade à natureza, (...) entre outras ações e estímulos, o jogo em liberdade, a utilização didática do entorno, (...) a contemplação natural e estética da paisagem, a expansão dos sentimentos, o desenvolvimento moral (...)” (Escolano, 2001, p. 32) compreendiam aspectos que provavelmente faziam parte da vivência escolar.

Até a primeira década dos anos 2000, a comunidade do Sítio Cajazeiras não tinha a sua igreja construída, sendo a escola o espaço para a realização das missas e demais cerimônias religiosas, como batizados, primeira comunhão, casamentos e crisma. Portanto o acesso à escola não se restringia a estudantes, professores e funcionários, como também não se restringia ao campo educacional.

⁵⁶ Entrevista realizada com Lenilson dos Santos Silva em 15 de julho de 2023. Lenilson foi aluno da Escola Maria do Carmo entre 1992 e 1996, além disso, ele é filho da professora Socorro Santos. Dispôs-se a contribuir com a pesquisa sendo entrevistado na sua casa.

⁵⁷ Entrevista realizada com Lidiane Rocha da Silva em 06 de abril de 2023. Lidiane foi aluna da Escola Maria do Carmo Santos Silva entre 1992 e 1996, e se dispôs a contribuir com a pesquisa sendo entrevistada na sua casa

⁵⁸ Entrevista realizada com Kátia Cilene da Silva em 21 de maio de 2023. Kátia foi aluna da Escola Maria do Carmo Santos Silva entre 1990 e 1993, e se dispôs a contribuir com a pesquisa sendo entrevistada na sua casa

Imagem 21: Cerimônia de Primeira Comunhão nos anos 1990



Fonte: Acervo de Maria do Socorro S. Silva

Na imagem 21, é possível reconhecer uma cerimônia católica de Primeira Comunhão sendo realizada com as crianças que certamente também eram estudantes da escola. Elas estão vestidas de branco, como é comum nesse tipo de cerimônia. É possível enxergar uma mesa organizada para esse fim e o padre celebrando o ritual eclesial, assistido por outras crianças, jovens e adultos, entre os quais está a professora Socorro Santos, usando um vestido azul com detalhes na gola e nos punhos em tom rosé. Portanto, a ida ao prédio escolar não se restringia aos dias úteis, mas também aos fins de semana para atividades religiosas como catequeses e missas, entre outras.

Imagem 22: Carnaval no início dos anos 2000



Fonte: Acervo de Lidiane R. da Silva

Assim como, eram realizadas festividades populares, entre as quais destacavam-se as festas juninas, bingos, carnaval (conforme a imagem 22, onde crianças e adolescentes aparecem com roupas coloridas, algumas com fantasias e rostos pintados, parecem estar dançando), festas em geral que reuniam a comunidade. No local também chegaram a acontecer atendimentos periódicos de equipes da Secretaria Municipal de Saúde.

Com relação à percepção da professora Maria do Socorro Silva, no que diz respeito às alterações no material didático e no currículo entre os anos 1990 e 2010, não recorda o nome das cartilhas utilizadas inicialmente, mas comenta que uma das coisas que mais lhe chamou atenção foi a divisão das disciplinas História e Geografia, antes englobadas no que era chamado de Estudos Sociais: “Realmente ali era somente um paliativo (...) Geografia e História eram quase que uma coisa só” (Silva, Maria do Socorro. 2023).

É importante destacar que a disciplina Estudos Sociais passou a ser reformulada desde a década de 1980, com o processo de redemocratização, rompendo com as determinações da Ditadura Militar, que buscava formar os estudantes apenas para o mercado de trabalho, evitando reflexões sociais. Todavia, é a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em 1996, e das Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino de História e Geografia, em 2001, que surge definitivamente um novo modelo de ensino, visando à melhor formação do profissional da educação (Silva, Daniela. 2018). Maria do Socorro Silva continua:

A chegada de material também ajudou muito, aqueles Atlas. Porque os livros que tinha antes eram cartilhas, que ensinavam só alfabetização, Português e Matemática. Depois foi desenvolvendo mais, aí a gente foi conhecendo mais, estudando mais também, e foi evoluindo” (Silva, Maria do Socorro. 2023).

Portanto, nesse percurso houve alteração no currículo e um processo de formação dos professores mais frequente, uma vez que, esses profissionais passaram a ser cobrados a atualizar seus conhecimentos e metodologias⁵⁹. Como já mencionado, a professora cursou o Ensino Superior, Licenciatura em Pedagogia, formando-se em 2005.

Em 2003, uma nova fase profissional marcou a vida de Maria do Socorro Silva, que se afastou da docência para atuar como gestora. A gestão era compartilhada, atuando em quatro escolas de comunidades circunvizinhas, entre estas, a E. M. Professor Luiz Gil, no sítio Capim Grande, que passaram a ficar sob sua responsabilidade. Sua irmã caçula,

⁵⁹ Os aspectos pedagógicos serão abordados de maneira mais detalhada em outro capítulo.

Maria Aparecida Silva Santos, passou a ser professora da escola, atuando como prestadora de serviço até 2004, quando chegou um professor efetivo para assumir sua vaga. Sobre esse momento desabafou:

Tinha tantas pessoas na comunidade que podiam se engajar, e às vezes vem outras pessoas de fora para trabalharem na escola. Não é achando que outra pessoa lá de fora não mereça. Mas tem pessoas da comunidade e ficam de fora. Tanto para professor como para outras funções na escola. (Santos, Maria Aparecida. 2023)⁶⁰.

Desse modo, o processo de chegada de um professor concursado à escola não foi visto com bons olhos, evidenciando as relações de poder estabelecidas pela família Santos na instituição. A fala da entrevistada, demonstra a opinião de que a escola deveria ter como funcionários e professores, prioritariamente, pessoas da comunidade em que está localizada.

Quanto à Maria do Socorro Silva, ao final do exercício da gestão não teve a oportunidade de voltar para a sua escola de origem, passando a fazer parte do quadro de professores(as) da E. M. Prof. Luiz Gil, em 2007, sob a justificativa de que se especulava o fechamento da E. M. Maria do Carmo no ano seguinte, fato que realmente aconteceu.

Notadamente o número de matrículas foi decrescendo nos anos 2000. Contexto marcado por fechamentos de escolas na zona rural de todo o país, um movimento que inicia na década de 1990, mas tornou-se ainda mais evidente a partir de 2000 (Carvalho, 2021, p.169).

Em 2008, a Escola Maria do Carmo passou a fazer parte dessa estatística que não levou em consideração, por exemplo, uma consulta à comunidade escolar, bem como a recomendação do Estatuto da Criança e do Adolescente, entre os incisos do artigo 53 (Lei nº 8.069/90)⁶¹, de que as crianças devem estudar próximo de onde residem. Era o fim de um sonho. De acordo com as irmãs Maria do Socorro Silva e Maria Aparecida Santos, esse momento foi de grande tristeza na comunidade, mas especialmente para a família. O luto foi ressignificado. Maria do Carmo Santos Silva faleceu duas vezes. Enquanto menina e enquanto escola.

⁶⁰ Maria Aparecida Silva Santos foi entrevistada no dia 29 de julho de 2023 na sua casa. Ela foi professora da E. M. Maria do Carmo entre 2003 e 2004 (aproximadamente). Depois da chegada de um professor efetivo, passou a exercer a função de auxiliar de serviços gerais até a desativação da escola, no início de 2008, vivenciando o processo de transição para a E. M. Professor Luiz Gil, onde permaneceu atuando na mesma função até o final do mesmo ano, ou seja, ficou por pouco tempo na outra escola.

⁶¹ Em 2019, por meio da Lei nº 13.845 esse inciso foi complementado: “acesso à escola pública e gratuita, próxima de sua residência, garantindo-se vagas no mesmo estabelecimento a irmãos que frequentem a mesma etapa ou ciclo de ensino da Educação Básica”.

Tabela 7: Número de estudantes matriculados na E. M. Maria Do Carmo Santos Silva entre 2003 e 2007

E. M. Maria do Carmo Santos Silva	Nº de estudantes do ensino regular	Nº de estudantes da EJA	Total de discentes
2003	23	13	36
2004	25	13	38
2005	18	22	40
2006	18	22	40
2007	12	-	12

Fonte: Arquivos da E. M. Maria Do Carmo Santos Silva

A desativação da escola certamente não esteve relacionada ao seu espaço físico, considerado de qualidade para atender ao quantitativo de estudantes à época. Quando comentei especificamente sobre a situação do número de estudantes ser resumido a doze matriculados em 2007, o ex-secretário da educação, Flávio Romero Guimarães, ressaltou que

o processo de nucleação foi pensado na perspectiva de melhorar as condições de oferta do ensino nas escolas do campo. Ou seja, o olhar não foi no sentido de dizer: Aqui só tem dois alunos. Vamos fechar isso aqui. Leva os alunos para ali. Não era a perspectiva economicista. Porque se tivesse um aluno, ele merecia as mesmas condições de que se tivesse cinquenta, cem, duzentos. A obrigatoriedade do Estado é de proporcionar a qualidade a um aluno. Mas aí existe a questão da viabilidade da gestão. Então a nucleação, portanto, foi pensada primeiro numa perspectiva pedagógica. O nosso compromisso era com a questão pedagógica, não era com a questão financeira (Guimarães, 2023).

Foi disponibilizado um ônibus escolar para conduzir os estudantes à escola mais próxima, E. M. Prof. Luiz Gil, embora esse serviço tenha sido marcado pela ocorrência de problemas frequentes, Guimarães, reforça que o “projeto Caminhos da Escola, com os ônibus escolares, os amarelinhos, acabaram de vez com aquela história de alunos sendo transportados em situações extremamente precárias” (Guimarães, 2023). Uma vez que, esses meios de transporte passaram a ser administrados diretamente pela Secretaria. Dispensando a necessidade de contratação de empresas do setor, bem como evitando o clientelismo praticado anteriormente pelos políticos e cabos eleitorais nas comunidades a esse respeito.

Imagem 23: Fotografia atual do prédio onde funcionava a E. M. Maria do Carmo Santos Silva



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 24: Fotografia atual do prédio onde funcionava a E. M. Maria do Carmo Santos Silva



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 25: Fotografia atual do prédio onde funcionava a E. M. Maria do Carmo Santos Silva



Fonte: Acervo pessoal

A professora Maria do Socorro Silva, assim como os demais funcionários da escola, teve que conviver, suportar a situação e seguir em frente. Todos os dias passando pela sua “antiga” escola, sendo sua vizinha, e tendo que ir trabalhar em outra. Ela considera que:

Todo mundo poderia estar cada um no seu quadrado. Que se a gente for olhar aqui a comunidade tem bastante alunos já de novo. Foi só um temporal. A gente fica triste. Eu pelo menos senti tristeza. Quiseram fechar, mas mesmo assim a gente abre (risos). Nos outros momentos. A gente está se encontrando, tem o pessoal, tem a reunião com os meninos que são do conselho dos trabalhadores rurais, essas coisas. Aí qualquer momento que tem algum evento, alguma coisa faz na escola. A gente sempre comemora as coisas. De vez em quando, é um momento com a família e tem o espaço. E quando alguém da comunidade precisa também a gente cede (Silva, Maria do Socorro. 2023).

Desse modo, o prédio é mantido por iniciativas da sua família e ainda é utilizado para reuniões diversas referentes à comunidade⁶². Maria Aparecida Santos, inclusive, defende que poderia funcionar uma outra instituição que beneficiasse a comunidade em geral. Um posto de saúde, uma cooperativa, ou mesmo, Clube de Mães (Santos, Maria Aparecida. 2023).

Quando perguntada sobre a importância da E. M. Maria do Carmo Santos Silva para sua trajetória de vida, Maria do Socorro Silva respondeu: “Tem uma importância muito grande. É uma história que não se apaga e está aí como um troféu. É um troféu para a gente nunca esquecer da trajetória do trabalho, como também da minha irmã” (Silva,

⁶² Na última visita realizada, em janeiro de 2024, o prédio continuava sem qualquer previsão de utilização para fins públicos.

Maria do Socorro, 2023). É interessante a sua alusão a um troféu, a uma vitória, embora o prédio hoje esteja fechado e sob outra ótica represente uma derrota. Mas a simbologia de avistar o prédio ainda de pé, reforça a lembrança dos “verdes anos” em que ele funcionou enquanto polo educacional da comunidade Cajazeiras, reforça a vitória da própria professora Maria do Socorro Silva, que hoje está aposentada, mas tem um legado. Reforça o nome da jovem menina Maria do Carmo Santos Silva, falecida prematuramente, ainda descrito nas paredes do prédio, o que fez com que hoje soubéssemos da sua existência também.

Em seu texto sobre a vida e o trabalho do poeta e professor português Antônio Corrêa d’Oliveira, Albuquerque Júnior baseando-se no que ele chama de “sensibilidades saudosistas”, considera um “processo de desterritorialização subjetiva” o contexto que vai produzir “uma idealização desses espaços e desse tempo que antecedem o que seria visto como a queda, que serão guardados na memória como espaços-tempos de bonança e felicidade” (Albuquerque Jr. 2013, p. 160). Tal análise parece-me apropriada também para essa experiência narrada sobre a E. M. Maria do Carmo S. Silva.

Contraditoriamente, a aluna egressa Israelly Bernardo, que vivenciou o processo de transição para a outra escola, reconhece que o então professor da E. M. do Carmo S. Silva, dava o seu melhor para atender os estudantes em uma classe multisseriada, mas recorda que na E. M. Professor Luiz Gil passaram a estudar separados cada um na turma de sua série e isso melhorou a aprendizagem. Quando perguntada sobre o sentimento mediante a necessidade de mudar de escola, responde que “foi bom, porque era uma coisa nova, e criança gosta de coisa nova. A gente queria sair para um lugar mais longe, andar de ônibus e conhecer mais crianças para brincar” (Bernardo, 2023)⁶³.

A opinião de Israelly Bernardo nos permite traçar um contraponto a partir de um outro olhar. Um olhar de aluna que não tinha vínculo familiar com a instituição e que demonstrou interesse pela mudança e por outras possibilidades de socialização. O interesse pelo novo, reconhecendo que a E. M. Maria do Carmo S. Silva ofertou-lhe o melhor de acordo com as condições físicas e pedagógicas que possuía.

Com um olhar geral sobre sua atuação à frente da Secretaria de Educação, o professor Flávio Romero enfatiza:

⁶³ Entrevista realizada em 10 de setembro de 2023 com Israelly Karolliny Silva Bernardo. Israelly foi aluna da E. M. Maria do Carmo Santos Silva nos três últimos anos de seu funcionamento (2005-2007), sendo transferida para a E. M. Professor Luiz Gil onde concluiu o Ensino Fundamental (Anos iniciais). A entrevista aconteceu na casa de sua mãe, no Sítio Cajazeiras.

Fizemos concurso, aumentamos a quantidade de profissionais de apoio ou de suporte pedagógico e fizemos a nucleação (...). Naquele momento, nós avançamos no sentido de garantir que pelo menos a equipe pedagógica estivesse presente na escola. Então, isso foi um avanço que eu considere extremamente importante (Guimarães, 2023).

E assim nos deparamos com versões e percepções de lados opostos sobre o mesmo acontecimento, a desativação da E. M. Maria do Carmo Santos Silva. Anos de serviços educacionais prestados, gerações de aprendizes, mas que agora não passa de um prédio vazio e sem funcionamento efetivo.

2.3. NO CRUZAR DOS PORTÕES REALIDADES DISTINTAS: UM SEMPRE ABERTO, O OUTRO FORÇADO A ABRIR

Retornar a E. M. Professor Luiz Gil foi uma experiência muito significativa de reencontro com o meu passado e da minha família, apesar da necessidade de analisar as fontes com um viés investigativo e questionador até mesmo com relação às minhas próprias memórias.

Eu fui muito bem recebida em minhas visitas e a todo instante foi possível perceber que havia adentrado em um ambiente vivo. O barulho das crianças fazia-se ouvir e frequentemente a gestora, Lucivania Sousa, era interrompida por algum funcionário ou estudante, ou mesmo chamada para resolver alguma necessidade.

A E. M. Professor Luiz Gil estava com todas as suas salas funcionando, e um quadro considerável de professores e demais funcionários. Ela está viva. O seu portão é diariamente e frequentemente aberto.

Quanto à E. M. Maria do Carmo Santos Silva, histórias que não me pertenciam passaram a fazer parte do meu fazer historiográfico. E nesse percurso de muita escuta e análise de fontes e narrativas, uma visita ao prédio em que a instituição funcionava, sendo muito bem recebida pela professora aposentada Maria do Socorro Silva. Ali, ela apresentou-me todos os cômodos e realizamos também a sua entrevista. Foram horas de conversa, mas o clima era sobretudo saudosista, como quando recordamos os momentos de convivência com alguém que já partiu dentre nós. O luto fazia-se presente.

Nesse caso, o portão foi/está fechado pelo poder público. Não se ouve o barulho das crianças. Não há circulação frequente de pessoas. A população o abre quando necessita, e assim também o foi para a presente pesquisa.

Cabe ressaltar que o descaso dos órgãos competentes foi tamanho, que ao entrar em contato com a professora Maria do Socorro Santos demonstrando o meu interesse pela

pesquisa, ela confessou que os documentos da escola permaneciam no prédio. Ao solicitar a autorização da Secretaria de Educação do Município de Campina Grande para analisar esses documentos fui informada de que eles precisariam ser primeiro resgatados pela Inspeção de Ensino, catalogados, para que só então eu tivesse acesso. Quinze anos depois da escola ser fechada, esse processo aconteceu, por intermédio desse estudo. De todo modo, a equipe desse órgão, atuante no início de 2023, foi ágil e comprometida em contribuir, mantendo sempre a comunicação durante o processo e possibilitando o desenvolvimento dessa pesquisa em tempo hábil.

Portanto, de maneiras divergentes os portões das escolas foram abertos a mim. Seguiremos adiante conhecendo mais sobre essas instituições e suas contribuições para as comunidades em que estão situadas.

3. CAPÍTULO 2: OS MODOS DE ENSINAR E DE APRENDER: REFORMAS EDUCACIONAIS, FORMAÇÃO DOCENTE E EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS

*Há uma estrada de pedra que passa na
fazenda
É teu destino, é tua senda, onde nascem tuas
canções
As tempestades do tempo que marcam tua
história
Fogo que queima na memória e acende os
corações
Sim, dos teus pés na terra nascem flores
A tua voz macia aplaca as dores
E espalha cores vivas pelo ar
Sim, dos teus olhos saem cachoeiras
Sete lagoas, mel e brincadeiras
E espuma as ondas, águas do teu mar.*

(Sater, Almir; Fernandes, Paula. **Jeito de Mato**, 2009).

Nesse espaço, serão analisados os processos de ensino e aprendizagem empreendidos nas escolas definidas como objetos de pesquisa. Serão consideradas as memórias sobre os modos de ensinar e de aprender registrados a partir dos relatos das professoras e estudantes envolvidos. Além disso, serão analisadas fontes documentais dentre os arquivos das escolas, tais como: cadernetas, cadernos de planejamento, materiais formativos e atas.

Entendendo que as metodologias implementadas decorrem, em grande parte, da influência ou mesmo determinação dos órgãos públicos responsáveis, *a priori*, interessa refletir sobre as transformações ocorridas em termos de políticas educacionais empreendidas no Brasil entre os anos 1990 e 2010, enfatizando, sobretudo, o que se refere à Educação do Campo. Considerando também a formação dos(as) docentes, principalmente com relação às que foram entrevistadas, analisando as mudanças que aconteceram na formação de professores(as) no decorrer desse período, questionando em que medida as suas metodologias foram afetadas na prática.

Além disso, atentaremos para a influência da cultura local no desenvolvimento de atividades e projetos. Nessa perspectiva de escrita leva-se em consideração que a escola é influenciada por fatores externos e que as suas propostas pedagógicas são afetadas e ressignificadas pelos sujeitos que a compõem ao longo do tempo.

Desse modo, relacionando as fontes documentais com as narrativas das docentes e estudantes egressos entrevistados(as), cabe refletir: Quais políticas educacionais foram empreendidas no Brasil durante a década de 1990? E na primeira década dos anos 2000? Qual o perfil do(a) professor(a) da zona rural nos anos 1990? E o perfil do(a) professor(a) da zona rural na primeira década dos anos 2000? Quais experiências didáticas ficaram guardadas na memória dos estudantes dessas duas décadas?

3.1 REFORMAS EDUCACIONAIS NO BRASIL ENTRE 1990 E 2009

A década de 1990 promoveu reformas significativas na educação brasileira, fruto de uma mobilização de setores políticos de esquerda a favor do cumprimento da Constituição recém promulgada, mas, sobretudo, para atender a anseios de uma lógica neoliberal que passou a se estabelecer como dominante no mundo, mediante o contexto de fim da Guerra Fria e prevalência do capitalismo como modelo econômico de referência.

Em março de 1990, o Brasil participou da “Conferência Nacional de Educação para Todos”, que foi realizada na Tailândia, convocada pelo Banco Mundial e outros órgãos internacionais que, segundo Fonseca, passa a elaborar novas diretrizes políticas buscando, entre outros propósitos, reduzir pela metade o analfabetismo até o final do século XX (Fonseca, 1995).

A partir de então, políticas passaram a ser definidas, pressionando os países considerados em desenvolvimento quanto aos seus atrasos com relação ao desempenho educacional. Levando em consideração esse contexto, o Brasil passa a se adequar paulatinamente às imposições do Banco Mundial e do FMI. O capital financeiro passa a ser o mentor das políticas públicas na educação, na medida em que os anos 1990 também são marcados por uma transição presidencialista aliada a essa ideologia, iniciando por Fernando Collor (1990-1992), passando por Itamar Franco (1992-1995) e chegando ao seu auge, com as privatizações promovidas por Fernando Henrique Cardoso (1995-2003).

De acordo com Oliveira, a agenda dos anos 90 está “mundializada”. “Procura-se incorporar, em nome da eficiência, os valores e procedimentos do mercado para o interior do sistema educativo” (Oliveira, 2000, p. 77). Entre as primeiras transformações, destaca-se o processo de descentralização da gestão e financiamento, ao mesmo tempo em que se investe na centralização dos processos de avaliação e de controle do sistema.

Portanto, seguiremos analisando as principais alterações ocorridas na política educacional do Brasil entre 1990 e 2009 ressaltando também as mudanças ocorridas no que diz respeito à Educação do Campo.

Nesse percurso de análise, são notadas fragilidades na Constituição Federal, popularmente chamada de “Constituição Cidadã”, já que ela não evidencia de forma precisa as competências entre as diferentes esferas da administração pública com relação às modalidades de ensino. A Carta Magna determinava que o Ensino Fundamental era prioritário em relação aos demais, descrevendo no Artigo 211:

A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão em regime de colaboração seus sistemas de ensino.

§ 1º A União organizará e financiará o sistema federal de ensino e o dos Territórios, e prestará assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios para o desenvolvimento de seus sistemas de ensino e o atendimento prioritário à escolaridade obrigatória.

§ 2º Os Municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e pré-escolar. (Brasil, 1988).

Não há uma prescrição objetiva das atribuições de cada esfera política. Até mesmo aos municípios se descreve o que é prioridade, mas não se tem um sentido imperativo no texto. Sendo assim, a lei que passa a encaminhar de forma efetiva a descentralização e as atribuições dos poderes federal, estadual e municipal é pautada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1996.

A LDB, Lei 9394/96, é considerada a mais importante lei brasileira no que se refere à educação, foi criada para garantir o direito a toda população de ter acesso à educação gratuita e de qualidade, para valorizar os profissionais da educação, estabelecer o dever da União, do Estado e dos Municípios para com a educação pública. É um documento muito amplo, que ainda está em vigor, contudo não seria o nosso objetivo analisá-lo em sua totalidade para esse momento.

Todavia, a partir dos direcionamentos propostos por essa lei, a Emenda Constitucional Nº 14/1996 modificou o Artigo 211 da Constituição na medida em que alterou os dois primeiros parágrafos e acrescentou dois novos, explicitando as atribuições de cada instância administrativa:

§ 1º A União organizará o sistema federal de ensino e o dos Territórios, financiará as instituições de ensino públicas federais e exercerá, em matéria educacional, função redistributiva e supletiva, de forma a garantir equalização de oportunidades educacionais e padrão mínimo de qualidade do ensino mediante assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios.

§ 2º Os Municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil.

§ 3º Os Estados e o Distrito Federal atuarão prioritariamente no ensino fundamental e médio.

§ 4º Na organização de seus sistemas de ensino, os Estados e os Municípios definirão formas de colaboração, de modo a assegurar a universalização do ensino obrigatório. (Brasil, 1996).

A LDB tornou-se propulsora de outras mudanças e projetos a exemplo da Gestão Democrática do ensino público já descrita no Artigo 206 da Constituição, que passa a ganhar maior notoriedade e organização nas escolas por meio de instrumentos como o Projeto Político Pedagógico e os Conselhos Escolares detalhados na Lei 9394/96.

Também é na LDB que a Educação do Campo é especificada pela primeira vez na legislação educacional, em seu Artigo 28, de maneira tímida, mas teoricamente representando um avanço para o modelo:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III – adequação à natureza do trabalho na zona rural (Brasil, 1996).

Em conjunto com a elaboração e promulgação dessas novas propostas na educação brasileira, estava sendo estudado e em processo de produção a primeira versão dos Parâmetros Curriculares Nacionais, organizados pelo MEC, no período de 1995-1996, da qual participaram docentes de universidades públicas e particulares, técnicos de secretarias municipais e estaduais de educação, especialistas e educadores, segundo descreve a “Introdução” dos PCN (Brasil, 1997).

Teoricamente os PCN passam a ser uma referência produzida para os educadores que antes eram “autônomos” a partir de então passaram a ter subsídios na definição de seus planejamentos, adequando-os às peculiaridades de cada região, com propostas modernas e inovadoras, no intuito de formar para o exercício da cidadania e para uma sociedade democrática.

Todavia, apesar de não detalharmos o referido material nesse texto, um olhar mais atento nos leva a refletir sobre o contexto político que transcorre. A educação se torna um

dos principais focos do governo federal, pois ela prepara a mão de obra para a produção dentro dos padrões do capital mundial. Portanto, a principal preocupação da educação pública passa a ser a de formar trabalhadores segundo a necessidade de exploração vigente no mercado.

Com relação à Educação do Campo, o “Programa Escola Ativa” começa a ser implementado em 1997 por meio de convênios do Ministério da Educação com o Banco Mundial. De acordo com o “Projeto Base” do Programa Escola Ativa (Brasil, 2008), sua referência está na experiência colombiana (Programa Escuela Nueva), lançada em 1975. A Coordenação Geral de Educação do Campo aparece como órgão responsável. Fica evidente a influência escolanovista nessa proposta metodológica, sendo ressignificada na passagem do século XX para o século XXI pelas pedagogias do “aprender a aprender”, ligadas aos referenciais do neoliberalismo, a exemplo do construtivismo, pedagogia das competências, pedagogia de projetos, teoria do professor reflexivo, pedagogia empreendedora, entre outros.

Todavia, o programa destina-se à orientação de educadores das classes multisseriadas, fornecendo materiais formadores teórico-metodológicos para atuarem. O caderno de “Orientações pedagógicas para a formação de educadoras e educadores do Programa Escola Ativa”, considera que

os sujeitos possuem história, participam de lutas sociais, produzem arte, fazem parte de grupos, de gêneros, de raças, de etnias e de classes sociais diferenciadas. Portanto, o currículo se desenvolve das formas mais variadas de construção e reconstrução do espaço físico e simbólico, do território e do meio ambiente buscando a integração do trabalho pedagógico. (Brasil, 2009).

Desse modo, a proposta pedagógica tem como objetivo o respeito à cultura local sobrepondo-lhe à universal. A construção do conhecimento a partir das experiências no contexto em que se vive e o estabelecimento de parcerias com a comunidade, além de outros pressupostos.

Outra novidade da década de 1990 é a criação do FUNDEF – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental (1998 a 2006) atrelado a uma política de Valorização do Magistério⁶⁴. Governos estaduais e municipais tinham como

⁶⁴ Em 2007 passou a vigorar o FUNDEB - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, abrangendo toda a educação básica, da Educação Infantil ao Ensino Médio. Cerca de 90% dos recursos do fundo têm origem em impostos municipais e estaduais. A União, até então, era responsável pela complementação em 10%. Trata-se de uma espécie de pacto federativo em prol da Educação, com o objetivo de reduzir as desigualdades. Com a Emenda Constitucional 108/2020, o Artigo 212-A é inserido na Constituição. Nesse sentido, o Fundeb que seria descontinuado em dezembro de 2020 - como prevê a Emenda Constitucional 53/2006 -, passa a ser definitivo, além de ter os percentuais de repasse ampliados para evitar discrepâncias entre municípios que arrecadam mais e cidades

prerrogativa para utilização dos recursos: 60%, no mínimo, para a remuneração dos profissionais do magistério em efetivo exercício no Ensino Fundamental público. Até dezembro de 2001, parte desta parcela também podia ser utilizada para a habilitação de professores leigos. O restante da verba poderia ser investido em outras ações de manutenção e desenvolvimento do Ensino Fundamental público – como, por exemplo, capacitação de professores, aquisição de equipamentos, reforma e melhorias de escolas da rede de ensino e transporte escolar⁶⁵.

Vale também destacar que nesse transcorrer de alterações na política educacional brasileira passa-se a adotar também sistemas avaliativos nacionais, posteriormente estaduais e municipais. Entre os sistemas avaliativos federais figura o SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica, que tem seu destaque até a atualidade. Implantado em 1990, ao longo da década seguinte passou a constituir uma média conjunta com a Prova Brasil e os dados do Censo, fornecendo uma nota que passou a representar o IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Avaliações de Língua Portuguesa e Matemática são realizadas com as séries concluintes de cada etapa do ensino básico⁶⁶.

O governo central adotou um modelo como referência de ensino e avaliação para as escolas e os professores, os quais passam a ser pressionados pelo resultado das avaliações. Os projetos devem contribuir para o conhecimento do estudante, podendo relacionar-se às particularidades da comunidade à que pertence, porém, não se pode perder de vista o modelo avaliativo que é padronizado.

Sendo assim, cabe à escola a responsabilidade dos resultados cobrados sobre a educação. Neste sentido, percebemos que o currículo e as avaliações estabelecidas passam a objetivar o cumprimento da LDB, porém o propósito está sempre atrelado a interesses neoliberais que paulatinamente vão consolidando suas metas para moldar o sistema educacional no Brasil.

Seguindo na linha do tempo das reformas, no ano de 2001 é aprovado pelo Congresso o Plano Nacional da Educação (Lei Nº 010172/ 2001), com uma proposta de

que possuem recursos inferiores para aplicar na Educação. Para saber mais: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/presidente-jair-bolsonaro-assina-decreto-do-novo-fundeb> Acesso em 16 jan. 2024.

⁶⁵ Para saber mais sobre o FUNDEB: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/prof.pdf> Acesso em: 13 jan. 2024.

⁶⁶ Para saber mais sobre o SAEB: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/6/saeb-definicao-caracteristicas-e-perspectivas#:~:text=Em%202007%2C%20introduziu%2Dse%20uma,a%20qualidade%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica>. Acesso em: 13 jan. 2024.

duração de dez anos⁶⁷. Tal plano teve sua produção iniciada ainda em 1998, fruto de um projeto de lei proposto pelo então deputado Ivan Valente, sendo aprovado. O texto oficial descreve como objetivos:

A elevação global do nível de escolaridade da população;
A melhoria da qualidade do ensino em todos os níveis;
A redução das desigualdades sociais e regionais no tocante ao acesso e à permanência, com sucesso, na educação pública;
Democratização da gestão do ensino público, nos estabelecimentos oficiais, obedecendo aos princípios da participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola e a participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes (Brasil, 2001).

Além disso, cinco prioridades:

1. Garantia de ensino fundamental obrigatório de oito anos a todas as crianças de 7 a 14 anos, assegurando o seu ingresso e permanência na escola e a conclusão desse ensino;
2. Garantia de Ensino Fundamental a todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria ou que não o concluíram;
3. Ampliação do atendimento nos demais níveis de ensino;
4. Valorização dos profissionais da educação;
5. Desenvolvimento de sistemas de informação e de avaliação em todos os níveis e modalidades de ensino (Brasil, 2001).

Percebe-se, mais uma vez, o ensino fundamental como sendo o principal motivo de atenção. Nessa perspectiva, combate-se principalmente o analfabetismo e pretende-se o fim da distorção entre idade e série cursada.

Esse documento também trata sobre as “diretrizes para a gestão e o financiamento da educação; as diretrizes e metas para cada nível e modalidade de ensino e as diretrizes e metas para a formação e valorização do magistério e demais profissionais da educação” (Brasil, 2001), durante a vigência do plano. Aborda os direcionamentos a serem seguidos de forma separada por níveis de ensino: Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio) e Educação Superior; por modalidades de ensino: Educação de Jovens e Adultos, Educação a Distância e Tecnologias Educacionais, Educação Tecnológica e Formação Profissional, Educação Especial, Educação Indígena; Formação dos Professores e Valorização do Magistério; Financiamento e Gestão; Acompanhamento e Avaliação do Plano.

As considerações que serão aqui esplanadas sobre esse Plano dizem respeito à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental, por serem os níveis de ensino ofertados nas escolas que são objetos de estudo dessa pesquisa. Quanto à Educação Infantil, nota-se o

⁶⁷ O primeiro PNE surgiu em 1962, elaborado na vigência da primeira LDB em 1961, porém foi considerada apenas uma iniciativa do Ministério da Educação e Cultura, não tomando a consistência de um projeto de Lei. Para saber mais: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/L10172.pdf> Acesso em: 13 jan. 2024.

interesse pela oferta nas escolas de modo a atender crianças a partir dos três anos de idade, bem como à preocupação com a estrutura física, de modo a realizar adaptações nos prédios e disponibilizar mobiliário próprio à faixa etária, adequado também a possíveis necessidades especiais dos estudantes. Reforçando a formação dos professores habilitados em nível médio (modalidade Normal), mas com a meta de que pelo menos 70% desses profissionais curse o ensino superior em um prazo máximo de dez anos.

Com relação ao Ensino Fundamental, o tópico denominado “Diagnóstico” apresenta dados em tabelas referentes à taxa de matrícula em 1996, por faixa etária e estado federativo, bem como a de escolarização por região do Brasil, comparando 1991 e 1996. O documento relata “inchaço nas matrículas do ensino fundamental que decorre basicamente da distorção idade-série, a qual, por sua vez, é consequência dos elevados níveis de reprovação” (Brasil, 2001, p.17).

Também chama atenção para o fato dos índices de crianças fora da escola não terem como causa determinante o déficit de vagas, “está relacionado à precariedade do ensino e às condições de exclusão e marginalidade social em que vivem segmentos da sociedade brasileira” (Brasil, 2001). Recebendo destaque as regiões Norte e Nordeste com as piores taxas de escolarização no período analisado.⁶⁸ Nesse sentido, é reforçado no texto que o FUNDEF e o Projeto Nordeste/Fundescola⁶⁹ devem garantir os recursos para a correção dessas desigualdades e a União deve priorizar auxílio técnico e financeiro para as regiões com maiores deficiências. Também é destacada a necessidade de avançar em programas de formação e qualificação de professores.

Ainda sobre o Ensino Fundamental, o PNE afirma que a escola rural deve ter tratamento diferenciado considerando as peculiaridades regionais e a sazonalidade, porém reforça que se deve ampliar a “oferta de quatro séries regulares em substituição às classes

⁶⁸ A taxa de escolarização da Região Nordeste no Ensino Fundamental com a faixa etária de 7 a 14 anos foi de 72,5% em 1991, e 82,8% em 1996, que apesar da elevação nos números, apresentou os piores índices do Brasil, cuja porcentagem geral subiu de 86,1% em 1991, para 90,8% em 1996. Com exceção da região norte, as demais estabeleceram porcentagens acima de 93% em ambos períodos de investigação.

⁶⁹ Programa do Ministério da Educação (MEC) criado em 1995 e desenvolvido em parceria com as secretarias estaduais e municipais de Educação, para promover um conjunto de ações para melhorar a qualidade do ensino fundamental e ampliar o acesso e a permanência das crianças nas escolas públicas das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. O Fundescola é financiado com recursos do governo federal e do Banco Mundial (Bird), atuando principalmente em zonas de atendimento prioritário formadas por microrregiões com municípios mais populosos, definidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Entre as ações do Fundescola, destacam-se projetos de educação a distância para professores leigos, o Escola Ativa (programa criado nas áreas rurais para combater a repetência e a evasão por meio de classes multisseriadas) e o Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE), a partir do qual cada escola organiza um debate interno para identificar suas deficiências e preparar um plano de ação. Para saber mais: <https://educabrasil.com.br/?p=331> Acesso em: 16 jan. 2024.

isoladas e unidocentes” como sendo uma “meta a perseguir” (Brasil, 2001). A breve passagem do texto a respeito das escolas, hoje denominadas escolas do campo, teve como objetivo “perseguir” a existência de salas que podemos interpretar como sendo multisseriadas. Ou seja, salas de aulas compostas por estudantes que cursam séries diferentes, mas ocupam o mesmo espaço, tendo como responsável apenas um(a) professor(a) (unidocência)⁷⁰.

Entre os objetivos específicos do ensino fundamental esse tema volta a ser abordado, inclusive mencionando que devem prover transporte escolar nas zonas rurais, quando necessário. Fato esse que se tornou atrativo às prefeituras municipais principalmente a partir do “Programa Caminhos da Escola”, empreendido pelo Governo Federal, a partir de 2007, que disponibilizou ônibus escolares para transporte de estudantes nas áreas rurais, sendo um incentivo aos governantes municipais ofertarem o transporte ao invés de manterem escolas funcionando sem as condições consideradas adequadas e principalmente reduzindo custos.

Além disso, o documento “prevê formas mais flexíveis de organização escolar para a zona rural, bem como a adequada formação profissional dos professores, considerando a especificidade do alunado e as exigências do meio” (Brasil, 2001).

Nesse contexto estudado, a Educação do Campo passou a ocupar a atenção do Estado, sofrendo mudanças significativas. Na página destinada ao tema no site do MEC, são discriminados oito pareceres do Conselho Nacional da Educação datando a partir de dezembro de 2001 até agosto de 2023⁷¹. Para este estudo vamos concentrar-nos em quatro deles.

Iniciando pelo parecer CNE/CEB nº 36/2001, aprovado em 4 de dezembro de 2001, definido como Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. O documento parte da seguinte definição:

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (Brasil, 2001).

Nessa perspectiva, a Educação do Campo assume o seu diferencial especialmente ligado às relações econômicas e culturais locais estando vinculada especialmente aos

⁷⁰ Experiência vivenciada pela E. M. Maria do Carmo S. Silva, desativada em 2008.

⁷¹ Para saber mais: <http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/90931-educacao-do-campo> Acesso em: 17 jan. 2024.

movimentos sociais, cabendo ao Poder Público zelar para que sejam ofertadas Educação Básica e Educação Profissional de Nível Técnico.

O Parecer torna possível a adoção de um calendário escolar que se adeque à realidade local, desde que leve em consideração as orientações propostas pela LDB, e propõe a parceria com a comunidade local e o desenvolvimento de projetos voltados para a sustentabilidade.

Determina que a formação continuada seja empreendida com relação aos docentes, que devem ter formação mínima do Ensino Médio (Escola Normal) para atuar na educação infantil e Licenciatura para atuar nos demais níveis de ensino, passando a ser necessária a oferta dessa formação para os professores leigos, além da formação permanente para toda a categoria.

O material pedagógico deve estar relacionado às vivências no campo, à gestão democrática promovida por meio dos conselhos e projetos desenvolvidos em busca por qualidade de vida e uma melhor experiência democrática, entre outras proposições presentes no total de 16 artigos. Tal Parecer foi instituído pela Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002.

Em 1º de fevereiro de 2006 foi aprovado o Parecer CNE/CEB nº 1/2006, que disserta sobre a experiência da Pedagogia de Alternância. Nele são descritos modelos que podem ser adotados a partir da referida metodologia, incluindo formação técnica. O Artigo Nº 23 descreve:

A educação Básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar (Brasil, 2006).

Recomenda a flexibilização do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas, reforçando a necessidade de cumprimento da carga horária anual total de 800 horas e 200 dias letivos, podendo considerar as atividades fora de sala de aula, desde que obedeçam a um plano de estudo previamente elaborado⁷². Sobre o conceito de Pedagogia da Alternância, Rodrigues considera:

A Pedagogia da Alternância é uma proposta destinada aos sujeitos do campo com o intuito de garantir o direito à educação dos camponeses, bem como a oferta de condições para que esses se desenvolvam como sujeitos críticos e participativos em suas comunidades sem a necessidade de migrarem para

⁷² No decorrer da pesquisa não foram encontradas evidências da implementação da Pedagogia de Alternância nas escolas analisadas.

centros urbanos em busca de melhores condições de vida (Rodrigues, 2020, p.10)⁷³.

Cabe aqui fazer um adendo voltado à publicação dos Cadernos Secad 2 - “Educação do Campo: diferenças mudando paradigmas”, publicados pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade⁷⁴, em março de 2007, contendo um histórico da Educação do Campo, marcos institucionais, diagnósticos, estratégias e alguns programas implementados a partir de 2004 pela referida secretaria⁷⁵.

Em setembro de 2007, foi aprovado o Parecer que também merece a nossa atenção, o Parecer CNE/CEB nº 23/2007. Logo na primeira página é feita a seguinte afirmação, “As atuais políticas de nucleação e de transporte escolar têm contribuído para descaracterizar a educação que se oferece a essas populações” (Brasil, 2007). Sendo claro o questionamento às garantias estabelecidas na Resolução que se refere às Diretrizes da Educação do Campo, bem como, cobrando esclarecimentos sobre a implementação dos processos de nucleação, ou seja, refere-se ao processo de desativação de escolas, levando os estudantes para outra escolhida como núcleo.

O documento é enfático quando considera que precisa ser extinta a ideia de superioridade da cidade em relação ao campo, pensando em uma política que atraia o estudante à vivência no campo, sem que isso seja determinante, e ao mesmo tempo evitando que a Educação do Campo seja propulsora da expulsão das populações camponesas para a cidade. Recomenda “trabalhar sobre as demandas e necessidades de melhoria sob vários aspectos: acesso, permanência, organização e funcionamento das escolas rurais, propostas pedagógicas inovadoras e apropriadas, transporte, reflexão e aperfeiçoamento das classes multisseriadas” (Brasil, 2007).

Na sequência, o documento expõe dados sobre a prática recorrente da implantação de transporte escolar com o deslocamento campo-cidade e não intracampo, como deveria ser feito, especialmente no que concerne à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental.

⁷³ Para mais informações leia Rodrigues (2020) disponível em: https://profept.ifma.edu.br/wp-content/uploads/sites/57/2020/08/Anny-Camila-MANUAL_CONHECENDO_A_PEDAGOGIA_DA_ALTERN%C3%82NCIA.pdf Acesso em: 20 dez. 2023.

⁷⁴ Criada em julho de 2004. Nela foram reunidos temas como alfabetização e educação de jovens e adultos, educação do campo, educação ambiental, educação escolar indígena, e diversidade étnico-racial, temas antes distribuídos em outras secretarias. Para saber mais: <https://www.contee.org.br/noticias/educacao/nedu449.asp> Acesso em: 18 jan. 2024.

⁷⁵ Material completo disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaocampo.pdf> Acesso em: 18 jan. 2024.

O texto também expõe como grave o fato das escolas nucleadas adotarem a mesma organização e funcionamento das demais escolas urbanas.

São mencionados os motivos alegados para a nucleação: “baixa densidade populacional determinando a sala multisseriada e a unidocência; facilitação da coordenação pedagógica; racionalização da gestão e dos serviços escolares; e melhoria da qualidade da aprendizagem”. Todavia, reforça em contraponto que não houve diálogo com as comunidades, assim como questiona: “Qual é a visão pedagógica que nega às escolas multisseriadas a possibilidade de oferecerem ensino de boa qualidade?” (Brasil, 2007).

Sendo assim, o referido parecer questiona a atuação do Poder Público no que trata sobre a Educação do Campo, simplificando sua atuação ao processo de nucleação das escolas, sem oferecer a atenção devida e as condições necessárias para o desenvolvimento da educação de qualidade respeitando as peculiaridades das comunidades camponesas no Brasil. Para isso, lista uma série de Artigos já estabelecidos na Constituição Federal e em outras Leis no intuito de evidenciar que o cumprimento dos mesmos levaria aos objetivos pretendidos para a Educação do Campo.

Tais questionamentos lançam as bases para a Resolução redigida no Parecer CNE/CEB nº 3/2008, aprovado em 18 de fevereiro de 2008, o qual descreve em doze artigos orientações gerais para a Educação do Campo, especialmente no que tange ao processo de nucleação. Dentre os quais merecem destaque:

Art. 3º A Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental serão sempre oferecidos nas próprias comunidades rurais, evitando-se os processos de nucleação de escolas e de deslocamento das crianças.

§ 1º Os cinco anos iniciais do Ensino Fundamental, excepcionalmente, poderão ser oferecidos em escolas nucleadas, com deslocamento intracampo dos alunos, cabendo aos sistemas estaduais e municipais estabelecer o tempo máximo dos alunos em deslocamento a partir de suas realidades.

§ 2º Em nenhuma hipótese serão agrupadas em uma mesma turma crianças de Educação Infantil com crianças do Ensino Fundamental.

Art. 4º Quando os anos iniciais do Ensino Fundamental não puderem ser oferecidos nas próprias comunidades das crianças, a nucleação rural levará em conta a participação das comunidades interessadas na definição do local, bem como as possibilidades de percurso a pé pelos alunos na menor distância a ser percorrida.

Parágrafo único. Quando se fizer necessária a adoção do transporte escolar, devem ser considerados o menor tempo possível no percurso residência-escola e que as crianças sejam transportadas do campo para o campo (Brasil, 2008).

Já no que se refere aos anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, a resolução aponta que o processo de nucleação pode ser a melhor alternativa, reforçando

que a prioridade de deslocamento seja de campo para campo, entretanto, deixa claro que o diálogo com as comunidades deve ser considerado.

Sobre as escolas multisseriadas, “necessitam de professores com formação pedagógica, inicial e continuada, instalações físicas e equipamentos adequados, materiais didáticos apropriados e supervisão pedagógica permanente”, para então atingirem o “padrão de qualidade” estabelecido nacionalmente (Brasil, 2008).

Seguindo com a análise geral das políticas educacionais da primeira década dos anos 2000, é importante destacar o Programa de Fortalecimento do Conselhos Escolares⁷⁶, implantando por meio da Portaria Ministerial nº 2896, de 16 de setembro de 2004, com o principal objetivo de ampliar a participação das comunidades escolar e local na gestão administrativa, financeira e pedagógica das escolas públicas.

Assim como é relevante mencionar o Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE-Escola)⁷⁷, que teoricamente auxilia as escolas públicas no que diz respeito a um planejamento estratégico de utilização de recursos federais em que a escola deve investir de forma consciente oferecendo mais qualidade de ensino ao estudante, melhorando a aprendizagem escolar. A prioridade de atendimento das escolas leva em consideração o IDEB. Sendo os índices mais baixos, os mais carentes de atenção.

Portanto, nesse percurso foram descritas algumas das políticas públicas realizadas entre os anos 1990 e 2010, no que diz respeito à Educação no Brasil, sem o interesse de desenvolver um estudo totalizante, mas voltado para os marcos considerados mais relevantes e que estivessem conectados ao tema da presente pesquisa. Observa-se, sobretudo, que a educação sempre esteve controlada pela classe burguesa, porém tem a sua história marcada por contradições, conquistas e desafios que são frutos das lutas de classes e dos movimentos sociais, especialmente no que se refere a Educação do Campo.

⁷⁶ Para saber mais: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-de-fortalecimento-dos-conselhos-escolares> Acesso em: 18 jan. 2024.

⁷⁷ O PDE Escola foi concebido no âmbito do Fundescola, objeto do acordo de empréstimo firmado em 1998 entre o governo brasileiro e o Banco Mundial, cujo objetivo era melhorar a gestão escolar, a qualidade do ensino e a permanência das crianças na escola. Até 2005, o programa era destinado exclusivamente às unidades escolares de Ensino Fundamental localizadas nas chamadas "Zonas de Atendimento Prioritário" das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Estas zonas eram escolhidas entre aquelas com baixos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) e abrangiam um número restrito de escolas e municípios. Em 2006, após a divulgação dos resultados da primeira rodada do IDEB (relativo ao período 2005), o Ministério da Educação entendeu que seria necessário criar um mecanismo que envolvesse diretamente as escolas com os IDEBs mais críticos, optando-se então pela adoção do PDE Escola junto aquele público específico. Para saber mais: <https://pdeescola.mec.gov.br/index.php/34-principal/pagina-inicial/58-breve-historico-> Acesso em: 18 jan. 2024.

3.2 FORMAÇÃO DOCENTE ENTRE OS ANOS 1990 E 2010

As políticas de formação docente empreendidas seguem a mesma lógica das políticas educacionais mencionadas no tópico anterior. A partir dos anos 1990, evidencia-se a necessidade de uma nova educação, um(a) novo(a) professor(a) e de novas práticas pedagógicas, a fim de satisfazer o neoliberalismo vigente que ganhou ainda mais consistência com o Governo de Fernando Henrique Cardoso.

O documento de maior destaque que regulamenta a educação no país é a Lei de Diretrizes e Bases, promulgada em 1996, a qual traz em seu texto inicial, no Artigo 62 a principal exigência voltada para a formação de professores:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal (Brasil, 1996).

Mais adiante, em 2009, o Artigo 62 da LDB sofreu alterações com a inclusão de três parágrafos, por meio da Lei nº 12.056:

§ 1º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério.

§ 2º A formação continuada e a capacitação dos profissionais de magistério poderão utilizar recursos e tecnologias de educação a distância.

§ 3º A formação inicial de profissionais de magistério dará preferência ao ensino presencial, subsidiariamente fazendo uso de recursos e tecnologias de educação a distância (Brasil, 2009).

Também é interessante evidenciar o Artigo 67 que trata sobre a valorização desses profissionais:

Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:

I - ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos;

II - aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim;

III - piso salarial profissional;

IV - progressão funcional baseada na titulação ou habilitação, e na avaliação do desempenho;

V - período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho;

VI - condições adequadas de trabalho. (Brasil, 1996)

Mencionados os primeiros esclarecimentos sobre a formação docente na LDB, vamos dar sequência analisando os modelos formativos que provavelmente foram experienciados pelos(as) docentes que trabalharam nas Escolas Municipais Professor Luiz Gil e Maria do Carmo S. Silva, durante o recorte temporal estabelecido na pesquisa.

Iniciando pelos cursos de Magistério em nível médio, ofertados pela Escola Normal, Projeto Logos II, e Proformação, concluindo com o Curso de Licenciatura em Pedagogia, promovido em regime especial pela Universidade Estadual da Paraíba, destinado aos docentes do Município de Campina Grande.

De acordo com Oliveira, o curso Normal foi fundado no Brasil em 1835, na cidade de Niterói no estado do Rio de Janeiro. Uma instituição voltada à formação de professores para elite. “Estas escolas vinham a garantir uma educação para a formação social do Brasil Imperial, tendo como requisitos para o ingresso das mesmas não apenas saber ler e escrever, mas os valores morais” (Oliveira, 2014, p. 22).

Ao longo do século XIX essas escolas se multiplicaram pelo Brasil e, *a priori*, “abarcavam apenas o gênero masculino, formando pedagogicamente professores”. A educação para as mulheres na época tinha como objetivo apenas a educação básica, aprender ler, escrever e as quatro operações matemáticas, ficando o cargo docente, em um momento inicial, destinado ao gênero masculino (Oliveira, 2014, p.32 e 33).

Na Paraíba, a Escola Normal foi criada por iniciativa do Governo do Estado na Gestão do Dr. José Fernandes de Lima, pela Lei Estadual N° 2.229, que foi publicada no Diário Oficial, edição de número 8, de abril de 1960, com a denominação de “Escola Normal Estadual”, a qual funcionava no Grupo Escolar Solon de Lucena, em Campina Grande. O ingresso à mesma era realizado por um “Exame Vestibular”, no qual avaliava-se os seguintes conhecimentos: Português, Matemática, Geografia Brasileira, História do Brasil, Ciências e Francês, sendo realizado na própria escola. Tendo que ser obtida média final sete para ser admitido e matriculado na referida escola. (Oliveira, 2014, p. 40).

Oliveira também descreve as disciplinas ofertadas na década de 1960 para o primeiro e segundo ano. No que se refere ao primeiro ano: Português, Matemática, Física, Química, Biologia Geral, Anatomia e Fisiologia, Música e Canto Orfeônico, Educação Física, Desenho, Artes Aplicadas, Geografia da América e Geografia e História da Paraíba. No segundo ano letivo eram cursadas as disciplinas: Português, e Literatura Portuguesa, Biologia Educacional, Filosofia da Educação, Psicologia Geral, Higiene e Educação Sanitária, Metodologia, Música e Canto Orfeônico, Desenho, Artes Aplicadas, História da América e Educação Física.

Chama atenção a oferta de disciplinas consideradas comuns acrescentadas de disciplinas específicas como Música e Canto Orfeônico, Desenho, Psicologia Geral, Higiene e Educação Sanitária. Outra observação da autora é que as avaliações ocorriam mensalmente em cada disciplina (Oliveira, 2014, p. 41 e 42). Em 10 de maio de 1970, a

Escola Normal começou a funcionar em prédio próprio na Avenida Severino Bezerra Cabral, s/n, no bairro do Catolé (Oliveira, 2014, p. 43).

Vale salientar que até 1971 para formar-se professor do ensino primário no Brasil era necessário frequentar o Curso Normal. Porém, as diretrizes profissionalizantes estabelecidas pela Lei nº 5.692/71 estenderam-se aos Cursos Normais, que passaram a ser apenas uma das habilitações oferecidas no ensino de segundo grau. Com a expansão dos Cursos Profissionalizantes promovida pelo Governo Médici, no contexto de Ditadura Militar no Brasil, a formação no Curso Normal foi transformada em Habilitação Específica para o Magistério (Rosa; Búrigo, 2020). Entretanto, percebe-se que o nome “Escola Normal” já popularizado, continuou em uso.

Oliveira salienta que até 1975 a instituição foi administrada por homens, contexto em que se configura na cidade uma expansão de outras atividades profissionais voltadas a esse público, relacionadas ao processo de industrialização. Assim, passam a ocupar outras funções produtivas, direcionando os cargos administrativos da Escola Normal às mulheres/professoras, tornando a Escola Normal de Campina Grande uma instituição de ensino eminentemente feminina, tendo em vista o número predominante de professoras e de alunas (Oliveira, 2014, p. 46).

O trabalho de Oliveira não apresenta alterações no currículo após o estabelecimento da Lei nº 5.692/71, o que não quer dizer que não tenha ocorrido. A observação feita pela autora mostra-se focada na ampliação do número de mulheres na instituição no decorrer dos anos 1970.

Em 1981, passou a ser chamada de Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correia, através do Projeto de Lei nº 54/ 81 de 09 de julho de 1981, homenageando o educador campinense (Oliveira, 2014, p. 45).

Não foram encontradas pesquisas sobre a Escola Normal Padre Emídio Viana, relacionadas ao seu currículo a partir dos anos 80. De todo modo, busquei comparar fichas de estudantes e/ou históricos das décadas de 1980, 1990 e 2000, subentendo que podem ser períodos formativos de profissionais dentro do recorte estudado nesse texto. Os documentos analisados não são de professoras entrevistadas⁷⁸ e estão disponíveis nos Anexos B, C e D.

⁷⁸ A “Ficha de aluno” de 1983 foi disponibilizada por meio do arquivo da E. E. Padre Emídio Viana, trata-se da ficha de uma estudante da 3ª série do Ensino Médio Normal. O Histórico Escolar de 1994 pertence a uma estudante egressa da E. M. Professor Luiz Gil, atual secretária da Instituição. Já o Histórico de 2002 foi disponibilizado pela entrevistada Kátia Cilene Silva, aluna egressa da E. M. Maria do Carmo Santos Silva.

Percebemos que as alterações com relação ao currículo do curso pedagógico com habilitação para o Magistério foram praticamente nulas. No geral, as disciplinas se repetem: Estrutura, Fundamentos da Educação I e II, Didática Geral, Didática da Linguagem, Didática da Matemática, Didática das Ciências, Didática dos Estudos Sociais e Prática de Ensino. Integração Social e Ciências são descritas juntamente com as disciplinas anteriores, chamadas no conjunto de Instrumentais, porém enquadram-se no currículo comum. Entre as mudanças nas demais disciplinas encontramos História e Geografia separadas e a oferta do ensino de Língua Estrangeira (inglês).⁷⁹

Sobre o Projeto Logos II foi um programa de educação a distância, criado em 1975 pelo Governo Federal por intermédio do Ministério da Educação e Cultura (MEC) em vigência, no contexto da Ditadura Militar, e implantado no ano de 1976, cujo principal objetivo era habilitar em caráter emergencial os professores ainda não habilitados, então conhecidos como leigos. Ao concluir os estudos desse programa, o professor-cursista estava legalmente habilitado em nível de segundo grau para atuar de 1ª a 4ª série do primeiro grau e mais adiante no que viria a ser chamada de Educação Infantil (Gouveia, 2009, p. 15).

De acordo com Andrade, o contexto de carência e indisponibilidade de profissionais nas cidades menores e na zona rural favoreceu ao clientelismo político, sendo o emprego de professor(a) moeda comum de troca por votos. Na sua dissertação de mestrado, o referido autor afirma que de 1976 até 1994, o Logos II foi espalhando-se pelo estado da Paraíba, chegando a funcionar em 132 municípios, contando com 147 núcleos pedagógicos no total, alguns municípios possuíam mais de um núcleo, a exemplo de Campina Grande e João Pessoa (Andrade, 1995, p.51).

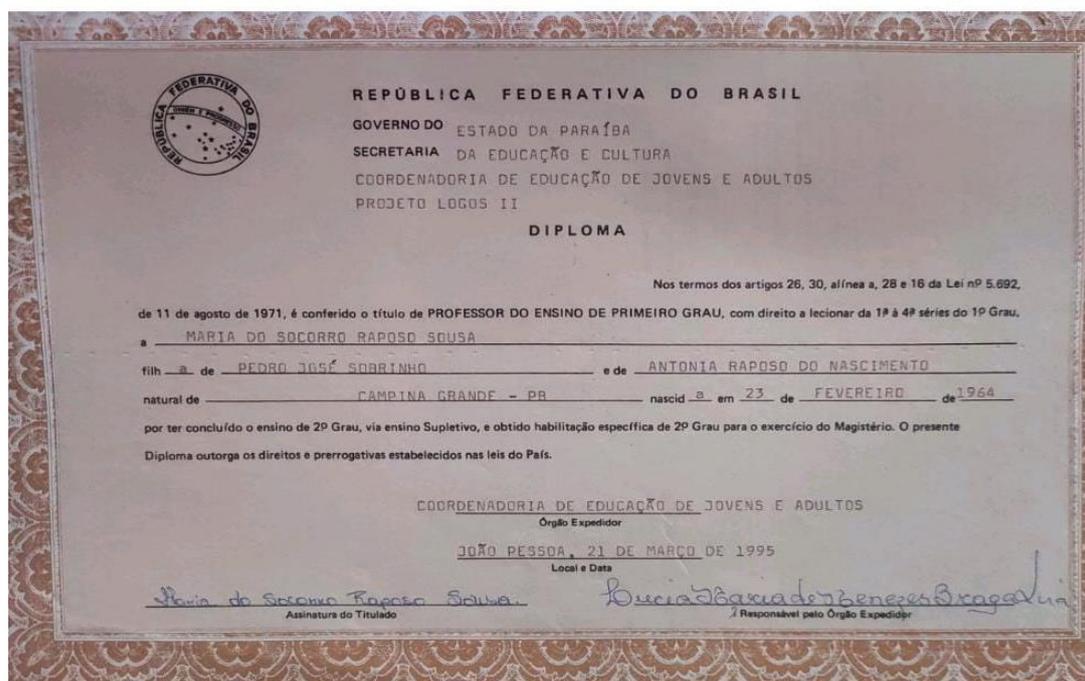
Segundo Gouveia, o projeto tinha como referência o modelo do Ensino Supletivo, por isso o encarregado por sua execução foi o Departamento de Ensino Supletivo e o material didático, assim como outras atribuições, ficaram a cargo do Centro de Ensino Técnico de Brasília – CETEB (Gouveia, 2019, p. 15).

A proposta curricular era composta por 12 disciplinas e 106 módulos nos quais os assuntos eram organizados em ordem crescente de complexidade. Já a chamada categoria especial era composta por 18 disciplinas, podendo existir algumas variações entre os

⁷⁹ Em 2024 a Escola Normal Padre Emídio Viana tem ofertado o Ensino Médio Regular e os Cursos Técnicos de Informática e Logística de forma optativa aos estudantes. O curso Magistério foi extinto, porém não foi possível confirmar a data em que deixou de ser ofertado.

currículos. Essa seção era estudada em 99 módulos, classificados também por ordem de complexidade (Gouveia, 2019, p. 15 e 16).

Imagem 26: Diploma – Logos II / PB (1995)



Fonte: Acervo de Maria do Socorro R. Sousa

O Histórico de Maria do Socorro R. Sousa (Anexo E), professora aposentada da E. M. Professor Luiz Gil, formada pelo Logos II, em 1995, por meio de um dos núcleos de Campina Grande – PB, demonstra a aproximação com a divisão de disciplinas apresentada na pesquisa de Gouveia que tem como referência o estado de Rondônia.

Um total de 12 disciplinas da chamada “Educação Geral”, entre as quais chama atenção o fato das disciplinas História e Geografia estarem apresentadas de forma individual, sem a menção generalizante de “Estudos Sociais”, bem como, a presença das disciplinas: Língua Estrangeira Moderna, Organização Social e Política do Brasil (OSPB) e Educação Moral e Cívica.

Sobre a Língua Estrangeira Moderna, Gouveia explica que se tratava da Língua Inglesa e que o espaço dado nessa formação “era pautado somente na leitura e na escrita, não havendo o estudo da comunicação oral (pronúncia), devido às características do ensino modular, adotadas pelo programa” (Gouveia, 2009, p. 225). Sendo assim, percebemos que funcionava mais voltada ao cumprimento de uma exigência ou protocolo do que voltada para aprendizagem.

Com relação à Educação Moral e Cívica (EMC) e Organização Social e Política do Brasil (OSPB), foram disciplinas implantadas durante o Regime Militar (Lei nº 869/1969) sob a ótica defendida pelos militares de que o sistema educacional precisava ser reestruturado. A EMC “fazia parte da estratégia de controlar a população politicamente e ideologicamente, sendo a escola uma das principais difusoras da mentalidade do governo militar” (Gouveia, 2009, p. 238). De forma consonante, a “disciplina de OSPB estava incumbida do preparo do aluno para o exercício consciente da cidadania e da capacitação para organização política e social” (Gouveia, 2009, p. 249). Em 1993, o decreto Lei nº 869 de 1969 foi revogado, por meio da Lei nº 8.663/1993, pelo então presidente Itamar Franco, desobrigando a oferta das disciplinas no país em todos os níveis de ensino. Portanto, chama atenção ainda estarem presentes em um histórico de 1995.

O currículo ainda contava com três disciplinas chamadas de “Instrumentais” e outras 17 disciplinas nominadas de “Formação Especial”. Ambos os grupos de disciplinas, no geral, indicam estudos e metodologias voltadas para a prática pedagógica. A “Didática dos Estudos Sociais” demonstra que, apesar das disciplinas de História e Geografia indicarem seu estudo de forma separada dentre as disciplinas gerais, na hora de colocá-los em prática na sala de aula, o(a) professor(a) ministraria os conteúdos na aula de Estudos Sociais, uma vez que, as disciplinas só passam a ser ministradas de forma separada com os efeitos da LDB de 1996 (SILVA, Daniela. 2018).

Além disso, constam dois tipos de estágio: supervisionado e não supervisionado. No último, era considerada a carga horária de trabalho que já estava sendo praticada pela maioria dos cursistas.

O material produzido para o Logos II levava em consideração que este era um programa específico de formação em serviço, tendo como principal intenção uma integração maior entre a prática cotidiana do professor e a sua formação docente. Todavia, Gouveia afirma que a equipe do CETEB, responsável pela elaboração do material, admitiu que nem sempre era possível a adequação do material ao cursista docente da zona rural (Gouveia, 2019, p.17).

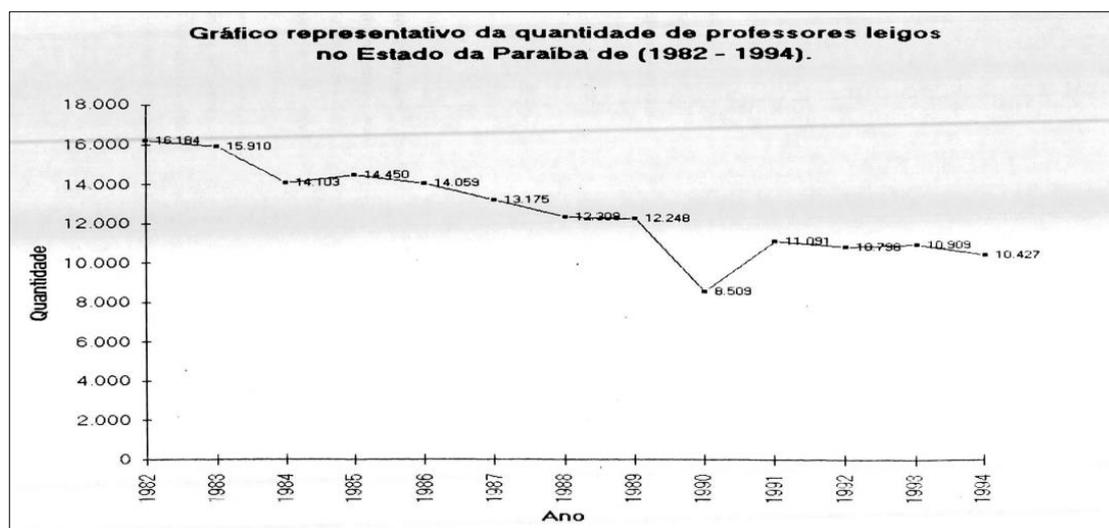
Teoricamente os encontros deveriam ocupar cento e oitenta horas, acontecendo nos sábados ou domingos e promover atividades de socialização entre os cursistas. Porém, a carga horária tornou-se impossível de ser cumprida, provavelmente devido a questões de transporte e deslocamento, sendo reduzida para 60 horas transcorridas em 10 encontros que aconteciam durante os dias da semana (Andrade, 1995, p.73).

Já o “Microensino” deveria cumprir duzentos e oitenta horas, dividido em cinco sessões, objetivando o treino de habilidades docentes, dando a entender que seriam momentos em que os cursistas ministravam aulas para serem avaliadas. Podendo cada orientador tutelar até 150 cursistas (Andrade, 1995, p.73). Ou seja, um número bem alto de cursistas para serem monitorados, sendo praticamente impossível exercer esse papel com atenção e qualidade a todos os cursistas.

O processo de estudos dos módulos ocorria de forma individualizada e, para cada módulo, o cursista tinha até três chances para obter a nota mínima 8,0, cabendo à Gerência Regional decidir como seria a recuperação no caso de não se obter a nota mínima passadas as chances. Andrade afirma que os cursistas deveriam ter orientações e esclarecimentos de dúvidas por parte de orientadores, porém, geralmente não procuravam ou não eram estimulados a isso. (Andrade, 1995, p.71). O que demonstra de certo modo, a superficialidade por parte do atendimento institucional.

A pesquisa realizada por Andrade (1995) disponibiliza nos anexos dados muito significativos a respeito da formação de professores na Paraíba. A exemplo do gráfico comparativo sobre o número de professores leigos entre 1982 e 1994 e o nível de formação dos docentes no estado paraibano em 1994, separando, inclusive, os números referentes à zona urbana e à zona rural.

Imagem 27: Gráfico da quantidade de professores leigos no Estado da Paraíba (1982-1994)



Fonte: Andrade, 1995.

Tabela 8: Docentes por nível de formação e local de atuação no Ensino de 1º Grau – PB (1994)

Pessoal docente, por nível de formação, segundo a localização - Ensino de 1º Grau - Estado da Paraíba (1994)										
Ano	Localização	Total	Nível de Formação							
			1º Grau		2º Grau		3º Grau		Completo sem Licenciatura	
			Incompleto	Completo	Incompleta	Completa	Outra Formação	Licenciatura		Completa
1994	Urbana	22.574	189	505	448	8.361	870	1.348	10.232	621
	Rural	9.864	2.933	2.067	818	3.115	499	90	303	19
	Total	32.438	3.122	2.592	1.266	11.476	1.369	1.438	10.535	640

Fonte: Núcleo de Estatística / Unidade Setorial de Planejamento (USP) SEC - PB

Fonte: Andrade, 1995.

A imagem 27, por meio de um gráfico demonstra a redução no número de professores leigos na Paraíba, de 16.184 profissionais em 1982, para 10.427 em 1994. Tal redução deve ser atribuída à pressão por parte dos governantes a respeito da formação dos docentes leigos, sendo o Projeto Logos II responsável de forma significativa por esse declínio numérico.

Já a Tabela 8, por sua vez, apresenta um quadro com informações detalhadas sobre o ano de 1994, apresentando um total de 32.438 docentes atuando no 1º grau, dentre estes, apenas 10.535 haviam cursado um curso de Licenciatura completo, 11.476 possuíam a formação para o magistério em nível médio e 2.592 apenas concluíram o 1º grau. 3.122 docentes sequer haviam concluído o 1º grau, desse total 2.933 atuavam na zona rural.

Em toda a tabela, é possível perceber a significativa disparidade dos números entre zona urbana e zona rural. Para tornar a interpretação mais coerente em relação ao número de docentes atuando no campo, partindo dos dados expostos, chegamos à seguinte divisão em porcentagens: 29,73% não havia concluído o 1º grau, 21,15% concluíram o 1º grau apenas, 8,3% não concluíram o curso para o Magistério, 31,57% concluíram o curso para o Magistério em nível médio, 5,1% concluíram o 2º grau (outra formação), 0,9% não concluiu um curso de Licenciatura, 3,1% concluíram uma licenciatura e 0,19% concluíram o ensino superior em outra área.

Dentre os dados referentes aos docentes que atuavam no campo, o que mais se destaca é a porcentagem mais significativa, de 31,57%, referente à formação em nível médio para o Magistério, subentendendo o papel significativo do Projeto Logos II, mesmo que não seja exclusivamente.

Outra contribuição de Andrade (1995), trata sobre um quadro demonstrativo de salários pagos em 1994 aos docentes entrevistados na sua pesquisa:

Tabela 9: Demonstrativo de salários de professores leigos de acordo com o nível de formação (1994)

Grau de Escolaridade	1º grau incompleto	1º grau completo	2º grau completo	Pedagógico ou Logos II	Licenciatura	Administração de Empresa
Profes. Leigos						
X2					181,00	
X3	*					
X7	40,00					
X8				20,00		
X9		21,00				
X10		21,00				
X11						*
X12	13,20					
X13		*				
X14		31,68				
Y1			63,00			
X15		43,00				
X17					200,00	
X24		20,64				
X25	30,00					
Y2			10,00			
X26		5,00				

(*) representa os professores leigos que não revelaram os salários.

- Obs.: - O salário mínimo, na época, era de R\$ 70,00.
 - Só estão no quadro os "cursistas" professores.
 - O salário de X2 é pago por uma cidade considerada de grande porte.
 - O salário de X8 ignora o curso pedagógico que a professora possui, por este não ser registrado.
 - O salário de X17 é pouco inferior ao demonstrado e é pago pela rede estadual de ensino.

Fonte: Andrade, 1995.

Tomando como referência o salário mínimo apresentado, no valor de R\$70,00 em 1994, percebe-se que os salários variavam muito de município para município e era comum ser abaixo do salário mínimo. Os dois salários apresentados como superiores ao de referência eram pagos a docentes que cursaram licenciatura, em um dos casos de um município de grande porte, no outro, um servidor estadual. Embora possamos associar os baixos salários à uma formação inferior, é importante refletir sobre o contexto de clientelismo muito comum para contratação de profissionais.

Em nossas pesquisas não foi possível ter certeza do ano em que o Projeto Logos II encerrou as atividades na Paraíba, todavia, os estudos a esse respeito adotam como recorte temporal limite a década de 1990, o que leva a crer que o projeto foi extinto nesse período.

Na sequência dos Programas de Formação de professores leigos, destaca-se na primeira década dos anos 2000, o Programa de Formação de Professores em Exercício –

Proformação, um curso de nível médio, com habilitação em Magistério na modalidade de ensino a distância, realizado em parceria com o MEC, estados e municípios. Destinado aos professores que, sem formação específica, encontravam-se lecionando nas quatro séries iniciais, classe de alfabetização e pré-escola nas redes públicas, foi empreendido nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste (FUNDESCOLA - SEED / MEC, 2000, p. 9).

O primeiro programa de base foi iniciado em janeiro de 2000, fazendo parte do mesmo os seguintes estados: Acre, Ceará, Goiás, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rondônia e Sergipe. O segundo iniciou-se em julho do mesmo ano, através dos seguintes estados: Alagoas, Amazonas, Bahia, Maranhão e Tocantins. Finalmente, a terceira etapa começou em julho de 2002 com os estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rondônia e Sergipe (Bandeira; Ximenes Filho; Machado, 2004).

O Proformação envolvia como metodologia: atividades a distância, orientadas por material impresso e videográfico, atividades presenciais concentradas nos períodos de férias escolares e aos sábados (encontros quinzenais) e atividades de prática pedagógica nas escolas dos professores cursistas, acompanhadas por tutores e distribuídas por todo o período letivo. O curso tinha a duração de dois anos, organizando-se em quatro módulos semestrais de 800 horas cada, com um total de 3.200 horas. A dinâmica de realização do curso envolvia uma fase presencial, atividades individuais nos cadernos disponibilizados, reunião quinzenal aos sábados, práticas pedagógicas, elaboração de Memorial, Projetos de Trabalho e Língua Estrangeira (FUNDESCOLA - SEED / MEC, 2000, p. 13 e 14).

Para ser aprovado, o professor cursista deveria obter pelo menos 60% de aproveitamento na média final e não menos do que 50% de aproveitamento em cada instrumento de avaliação e em cada uma das áreas temáticas previstas na matriz curricular. Além disso, o cursista precisava de uma frequência mínima de 75% do total das atividades do curso (FUNDESCOLA - SEED / MEC, 2000, p. 18).

A carga horária é bem semelhante em ambos os quadros apresentados no Manual de Operacionalização do Proformação (Anexos F e G), havendo uma divergência apenas quanto à carga horária dos “Projetos de Trabalho: Integração Escola-Comunidade” nos dois últimos semestres, já que a diferença da carga horária em relação aos semestres iniciais vai ser atribuída à Língua Estrangeira.

As disciplinas ofertadas (Anexo H) demonstram uma atualização às demandas vigentes da “modernização” da educação e um distanciamento maior aos princípios da

Ditadura Militar ainda presentes no Projeto Logos II. Notamos disciplinas com princípios filosóficos e reflexões sobre a História da Educação, os Eixos Integradores e a proposta de desenvolvimento de projetos.

O quadro de tutoria era formado por especialistas que acompanhavam os professores cursistas no dia a dia e cada tutor podia acompanhar até dez professores participantes. Os tutores eram responsáveis por tirar dúvidas, responder perguntas, por meio de contato telefônico ou pessoal. Quinzenalmente, o tutor deveria visitar o seu grupo analisando planos de aula, ajustando o conteúdo do Programa à sala de aula, orientando projetos de trabalho e planejando atividades para serem realizadas na prática docente (Bandeira; Ximenes Filho; Machado, 2004).

Moraes disponibiliza alguns dados em seu artigo sobre o Proformação, informando sobre o número de docentes leigos no Brasil em 2006 atuando em diferentes níveis de ensino, inclusive no Ensino Médio, com a formação identificada apenas como formação fundamental completa.

Tabela 10: Número de Docentes com Formação no Ensino Fundamental Completo atuando em diferentes níveis de ensino no Brasil - 2006

Funções Docentes com formação Fundamental completa - Ano 2006	Total: 22.618
Leciona em Creche	4.918
Leciona em Pré-Escola	6.343
Leciona na Educ Especial	343
Leciona na Alfab - J/Adultos	0
Leciona de 1ª a 4ª Sér - J/Adultos	1.742
Leciona de 5ª a 8ª Sér - J/Adulto	192
Leciona Ensino Médio - J/Adultos	2

Fonte: (Moraes, 2011)

Tabela 11: Docentes com Formação no Ensino Fundamental Completo atuando em diferentes níveis de ensino no Brasil por estado - 2006

Critério de seleção: Funções Docentes com formação Fundamental completa – Ano: 2006	Total - 22.618
Abrangência_Geográfica	Leciona no Ensino Médio
Brasil	22
Alagoas	1
Ceará	2
Mato Grosso do Sul	1
Paraíba	4
Rio Grande do Sul	5
Roraima	3
Santa Catarina	1
Tocantins	5

Fonte: (Moraes, 2011)

Um total de 22.618 professores não têm a formação mínima exigida para atuação na Educação Infantil e no Ensino Fundamental – anos iniciais. Além disso, 22 desses professores estavam atuando no Ensino Médio, o que teoricamente deveria ser proibido. A Paraíba aparece na tabela 11, como sendo o estado com o segundo maior número de docentes leigos ministrando aulas no Ensino Médio. Ficando abaixo apenas do Rio Grande do Sul e de Tocantins.

Sobre o modelo de avaliação adotado pelo Proformação, Moraes considera que o mesmo segue na linha do “fordismo”, pois tem a “avaliação no centro do processo, conferindo e controlando a “qualidade” do produto, a saber: se o resultado está de acordo com o modelo apresentado nos módulos e vídeos, sobretudo por meio da Avaliação Prática Pedagógica, onde o cursista tem suas aulas assistidas pelo tutor, como parte integrante do processo avaliativo” (Moraes, 2011, p. 267).

Moraes vai adiante na crítica percebendo a relação capitalista das exigências do mercado de trabalho com a “pedagogia das competências”, redirecionando as metodologias avaliativas na educação não mais para a promoção do conhecimento de disciplinas, mas para o desenvolvimento de competências que possam ser necessárias em determinadas situações (Moraes, 2011, p. 270).

Apesar de não desenvolver uma análise dos módulos disponíveis do Curso Proformação, é perceptível que as capas foram produzidas de forma atrativa, com cores fortes e imagens chamativas com situações do cotidiano nas escolas, envolvendo atividades com as crianças e possíveis reuniões de planejamento entre a equipe pedagógica (Anexo I).

Os módulos à mostra no Anexo I, pertenciam à professora Gerinalda Nascimento Araújo, falecida em 2019. A sua jornada docente iniciou em janeiro de 1970 nomeada pelo interventor federal General Manoel de Lima, para atuar no ensino primário na E. M. Professor Luiz Gil. Em 1977 deu uma pausa na carreira por motivo de ir morar em outro estado, retornando em 1982 para sua terra e retornando à função, na qual se aposentou em 2003.

A professora Gerinalda Nascimento tinha como formação o Ensino Fundamental. Chegou a iniciar o curso Proformação, porém, por questões pessoais, não concluiu, optando por se aposentar. Tal atitude não invalidou a sua atuação durante anos como profissional. Entretanto, o contexto estudado, leva-nos a acreditar que assim como Gerinalda, outros docentes leigos não chegaram a concluir o curso, alguns já estavam com a idade de se aposentarem, ou mesmo enfrentavam dificuldades de locomoção, ou de saúde, entre outros. Afinal, enfrentar a jornada semanal de trabalho e assistir aulas no fim de semana requer muita disposição. Todavia, a conclusão do curso e a certificação recebida deve ter alimentado a autoestima de muitos docentes que vinham sendo pressionados ao cumprimento da legislação e venceram os obstáculos conquistando o título.

Por último, o curso de Licenciatura em Pedagogia oferecido em Regime Especial pela Universidade Estadual da Paraíba, que passou a ser ministrado no início dos anos 2000, a partir de processos seletivos de vestibulares específicos para os professores da Rede Municipal de Ensino de Campina Grande – PB. De acordo com a cursista Maria do Socorro Sousa, a UEPB chegou a ofertá-lo a três turmas em anos consecutivos, sendo a sua turma a segunda na sequência. O curso tinha duração prevista de dois anos, com aulas presenciais aos sábados e a exigência da produção de uma monografia enquanto trabalho de conclusão de curso (Sousa, Maria do Socorro. 2023)⁸⁰.

⁸⁰ Busquei informações oficiais sobre esse curso junto à Coordenação de Educação da UEPB, mas fui direcionada a entrar em contato com outro setor (PARFOR). Com o prazo de envio da dissertação se esgotando, não tive êxito.

Por meio do Histórico de uma cursista (Anexo J), é possível perceber a divisão em quatro semestres que distribui nove disciplinas introdutórias no primeiro semestre, dez disciplinas no segundo semestre, dez também no terceiro semestre, chegando ao último com um saldo de mais seis disciplinas. No total a carga horária soma 3020h, considerando as atividades presenciais e à distância. As disciplinas variavam entre temas voltados à educação e à Psicologia, assim como existiam as destinadas à Prática de Ensino e estágios, bem como à orientação da produção do trabalho de conclusão de curso.

Diante da rotina puxada de trabalho, o deslocamento à universidade aos sábados e os estudos à distância durante a semana, compreendemos que foi necessário esforço e compromisso para dar conta de todo o processo formativo. Entre as professoras entrevistadas, Lucivania Vidal de Sousa, Maria do Socorro Raposo Sousa e Maria do Socorro Santos Silva concluíram o curso ao final de 2004, recebendo o diploma em 2005.

3.2.1 Formação continuada

Além dos cursos apresentados anteriormente, é possível perceber também a existência de atividades formativas desenvolvidas pela própria Secretaria de Educação do Município ou em parceria com outras instituições, como na imagem 28 em que está descrito um “Curso de Capacitação”, em 1991. A imagem 29 apresenta um certificado da “7ª Semana Pedagógica”, em 2002, evento que passou a ocorrer anualmente desde a década de 90, onde geralmente ocorrem os planejamentos iniciais para o ano letivo e são repassadas orientações gerais, já que reúne todos os profissionais da educação do município em um mesmo ambiente. Enquanto a imagem 30 expõe um “atestado” de participação em um curso voltado para a Reciclagem, em 2003, oferecido pela Universidade Federal de Campina Grande, já em consonância com a sustentabilidade, temática contemporânea que demonstra preocupação com o meio ambiente mediante os prejuízos causados pelo capitalismo.

Imagem 28: Certificado de Formação - 1991



Fonte: Acervo de Lidiane N. S. Gonçalves

Imagem 29: Certificado de Formação - 2002



Fonte: Acervo de Lidiane N. S. Gonçalves

Imagem 30: Certificado de Formação - 2003



Fonte: Acervo de Maria do Socorro R. Sousa

Todavia, vale salientar que, segundo os relatos das docentes entrevistadas, esses momentos formativos sempre transcorriam na cidade e não tinham um direcionamento diferenciado para o campo, sendo mantido o padrão urbano durante as formações das quais participaram.

3.3 EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR LUIZ GIL

As experiências pedagógicas vivenciadas na E. M. Professor Luiz Gil serão analisadas a partir do entrelaçar das narrativas de docentes e estudantes egressos a outros tipos de documentos a exemplo de cadernetas e fotografias voltadas para as atividades pedagógicas realizadas dentro do recorte temporal escolhido.

Sendo assim, trataremos inicialmente sobre a década de 1990 considerando que é um período de pouco acesso às câmeras fotográficas, assim como, de conservação de materiais didáticos como livros e cadernos, devido ao distanciamento maior no tempo.

Sobre a abordagem adotada com relação às cadernetas, foram escolhidos quatro desses instrumentos referentes à mesma série (primeira série/ I Ciclo Intermediário), dois da década de 1990 e dois da década de 2000, no intuito de proporcionar reflexões e

questionamentos, ciente de que não refletem a totalidade de conteúdos e metodologias empreendidas nos anos letivos que representam.

Contando com poucos recursos de apoio pedagógico, quadro de giz, cartilhas e atividades reproduzidas em estêncil as professoras ministravam os conteúdos planejados para cada turma, contando com uma certa autonomia avaliativa para reprovar quem julgassem necessário, por não atingir o nível de aprendizagem esperado ao final do ano letivo, utilizando como principal critério as provas bimestrais. Apesar de serem desenvolvidas atividades diversas durante o decorrer do ano letivo, “a nota mais importante era a nota da prova de junho e a nota da prova de dezembro, que era quando diziam se nós tínhamos passado de ano ou não” (Gonçalves, 2023).

A caderneta analisada da 1ª série do 1º Grau (Ensino Fundamental - Anos Iniciais) de 1991 (Anexo K), inicia com a menção a um estudante cujas notas apresentam-se todas abaixo da média 7,0, somadas a um número de 17 faltas que não justificam a sua reprovação, que provavelmente esteve atrelada ao não alcance do que era compreendido como ideal para a série. Não há registro no campo destinado a possíveis observações, assim como não há a assinatura do professor(a) no espaço indicado.

O espaço das notas é dividido em quatro bimestres que repetem a mesma sequência de áreas do conhecimento: Comunicação e Expressão, Integração Social, Iniciação à Ciência e Matemática. O presente currículo ainda sofre as influências da recente ditadura militar vivenciada no Brasil, a qual instituiu no Parecer Nº 853/197, Artigo 1º:

O núcleo-comum a ser incluído obrigatoriamente, nos currículos plenos do ensino de 1º e 2º graus abrangerá as seguintes matérias:

- a) Comunicação e Expressão;
- b) Estudos Sociais;
- c) Ciências.

§ 1.º - Para efeito da obrigatoriedade atribuída ao núcleo comum, incluem-se como conteúdos específicos das matérias fixadas:

- a) em Comunicação e Expressão - A Língua Portuguesa;
- b) nos Estudos Sociais - a Geografia, a História e a Organização Social e Política do Brasil;
- c) nas Ciências - a Matemática e as Ciências Físicas e Biológicas.

§ 2º - Exigem-se também Educação Física, Educação Artística, Educação Moral e Cívica, Programas de Saúde e Ensino Religioso, este obrigatório para os estabelecimentos oficiais e facultativo para os alunos. (Brasil, 1971).

Com exceção da Educação Moral e Cívica, as demais disciplinas permaneciam fazendo parte da matriz curricular ofertada no 1º grau (Ensino Fundamental - Anos iniciais), sendo marcada também por uma forte vivência religiosa, que diariamente era

sentida no início de cada dia letivo, pois “a acolhida a gente sempre iniciava com uma oração” (SOUSA, Maria do Socorro).

Lendo algumas páginas dos registros de atividades da mesma caderneta mencionada anteriormente (Anexo L), é possível perceber ainda uma preocupação com a alfabetização, buscando incentivar a formação de palavras simples, com poucas sílabas, leitura e chama atenção a repetição de Ditados, atividade em que o(a) professor(a) dita as palavras e os(as) estudantes escrevem-nas para depois haver a conferência se foram grafadas corretamente. A matemática, pelo menos nesse primeiro momento, foi deixada em segundo plano, com poucas atividades de adição, e percebemos também a menção à disciplina Religião, apesar de não especificar o conteúdo em si abordado a esse respeito.

Alguns registros do mês de junho (Anexo M), incluem a existência de um Planejamento em São José da Mata, além disso, demonstram abordagens de outras disciplinas: Ciências e Estudos Sociais. A utilização de alguns termos como, por exemplo, “animais úteis”, redigido no dia 04 de junho de 1991, acompanhado de “animais nocivos” deixa a interpretação um pouco confusa, todavia acredito tratar-se de grupos de espécies anônimas. A aula de Estudos Sociais está focada em um viés cultural junino, assim como a produção de desenhos de bandeirinhas, fogueiras e balões, que possivelmente compreendiam as atividades artísticas programadas pela professora. A página encerra com a descrição das avaliações bimestrais.

Dando um pequeno salto no tempo, passamos a analisar uma caderneta da mesma série em 1997, ano posterior a promulgação da LDB tomada como referência até a atualidade. E aqui cabe destacar o hábito de alguns docentes de encapar suas cadernetas, buscando protegê-las de sujeiras e conservar esses instrumentos tão importantes para a história de todos que fazem parte das instituições educacionais. É evidente que essa prática não se compartilha a todos, porém é importante reconhecer o capricho de muitos com a profissão, desde a forma como cuidavam/cuidam de suas cadernetas. Nesse caso, a caderneta foi encapada com papel madeira, e decorada com figuras de flores e da personagem infantil, Mônica, de Maurício de Sousa.

Imagem 31: Capa de Caderneta (1997)



Fonte: Acervo da E. M. Professor Luiz Gil

Em 1997, percebemos a mesma configuração curricular de 1991, portanto, na prática ainda não haviam sido efetivadas mudanças significativas no perfil das disciplinas ofertadas ao Ensino Fundamental, denominado, então, de 1º grau. Apesar da aluna apresentada na página da caderneta, exposta no Anexo N, ter sido aprovada, são notadas médias em sua maioria, abaixo de 7,0, isso porque a média final de aprovação tem como nota mínima a média geral 5,0.

Quanto aos registros de aulas, o Ditado ainda permanece como sendo uma das principais atividades, ocorrendo no segundo semestre juntamente com leitura, interpretação textual, uso de acentos e o trabalho com temas voltados para o meio ambiente e geográficos. Com relação à Matemática só ocorre a menção, porém o assunto não é especificado (Anexo O).

Não são registradas alterações significativas nas descrições sobre metodologias empreendidas, todavia, no período entre uma década e a outra passaram a acontecer feiras de ciências/mostras pedagógicas temáticas, modificando o cenário mais tradicional de até então. Dentre os projetos, um ficou na memória das entrevistadas e possui registro fotográfico, apesar de não se saber especificamente o ano em que aconteceu.

Imagem 32: Projeto apresentado em Feira de Ciências



Fonte: Acervo de Lidiane N. S. Gonçalves

“Eu lembro do projeto que Dona Pelela fez. Foi lindo o que ela trouxe. Ela fez uma réplica da casa de farinha. Foi perfeito” (Sousa, Lucivania. 2023). Lidiane Gonçalves, filha da professora explica melhor o projeto:

Ela desenvolveu os projetos sobre o meio ambiente. E, foram dois projetos. Foi sobre a cultura nordestina e a cultura da comunidade, dentre eles o plantio da mandioca, que era o que tinha afluente aqui na comunidade há anos atrás. O plantio da mandioca, do milho, do feijão. Na época era a Feira de Ciências na escola. Com a apresentação de todos esses projetos, desde o trabalho com a casa de farinha, que era o processo da transformação da mandioca, até chegar a farinha e os itens agrícolas trabalhados na comunidade, com uma exposição na escola (Gonçalves, 2023).

Certamente a mudança de perspectivas metodológicas também influenciou à adoção de avaliações qualitativas. Embora o foco das fotografias seja o de mostrar muito mais os materiais produzidos e apresentados do que a participação dos estudantes que, pelo menos nessas fotografias, aparecem como coadjuvantes, mas que certamente apresentaram suas falas, após ensaios, para os convidados, e passaram a vivenciar novas

experiências pedagógicas, inclusive com temáticas voltadas para o cotidiano e às vivências no campo.

Ainda em 1997, a E. M. Professor Luiz Gil participou do seu primeiro Desfile Cívico da Independência no Distrito de São José da Mata⁸¹ e recebeu o troféu mais antigo do seu acervo. Nele está descrito: “Encontro Cívico de Bandas e Fanfarras de São José da Mata. Júlio César. 31.08.97”. Sendo mais um marco nesse percurso, que tornara-se anual, e envolve a preparação da equipe pedagógica e dos estudantes para apresentarem-se com temáticas relevantes (meio ambiente, cultura, inclusão, entre outros) além dos muros da escola e juntamente a tantas outras instituições na área urbana do distrito.

Imagem 33: Troféu da E. M. Professor Luiz Gil



Fonte: Acervo da E. M. Professor Luiz Gil

⁸¹ Faz parte da cultura local do distrito a realização de desfile cívicos em alusão ao dia da Independência, geralmente acontecendo em um domingo anterior ou posterior ao dia 7 de setembro de cada ano, contando com a apresentação de escolas, bandas marciais e fanfarras.

Os relatos de Lucivania Sousa evidenciam uma alteração na oferta de turmas na E. M. Professor Luiz Gil. “Em 1998, eu já fui para uma turma de Educação Infantil que até então não tinha” (Sousa, Lucivania, 2023). Portanto, uma nova oferta de nível de ensino passa a ser empreendida, fruto da implementação da LDB.

No início dos anos 2000 (não foi confirmado o ano exatamente) destaca-se o acompanhamento de uma supervisora pedagógica, que passou a visitar a escola semanalmente, dependendo das demandas chegava a ir mais de uma vez na semana, desenvolvendo também um trabalho de planejamento com os(as) docentes internamente na escola, atendendo a um dos principais pedidos da equipe que até então se dirigia a São José da Mata para planejamentos coletivos com outras escolas.

Também cabe lembrar o ano de 2003 como um marco no que se refere à gestão que passou a ser exercida pela professora Maria do Socorro Santos Silva, que até então atuava na E. M. Maria do Carmo Santos Silva, em uma comunidade vizinha, e passou a atuar à frente de quatro escolas do campo, entre estas a E. M. Professor Luiz Gil. Sendo assim, a escola passa a contar com um quadro administrativo e pedagógico mais atuante, tendo uma gestora e uma supervisora no cotidiano escolar.

Sobre a primeira década dos anos 2000, uma das novidades percebidas nas cadernetas é a divisão das séries em ciclos adotada como referência pela Secretaria de Educação do Município de Campina Grande, sistema previsto como possibilidade no Artigo Nº 23 da LDB, de 1996. Sendo, nesse caso, o Ciclo I Inicial correspondente à alfabetização, o Ciclo I Intermediário correspondente à primeira série, o Ciclo I Final à segunda série, o Ciclo II Inicial à terceira série e o Ciclo II Final à quarta série. Segundo relatos das docentes, com a divisão do Ensino Fundamental (Anos Iniciais) em dois ciclos, a reprovação dos discentes seria possível apenas nas turmas concluintes de cada ciclo (Ciclo I Final e Ciclo II Final).

Sobre a tónica de que a escola em ciclos correspondia à modernização da sociedade e da escola e como resposta ao fracasso e à evasão escolar, foi aprovada a Lei nº 10.172, de janeiro de 2001, cujos objetivos propunham a elevação do nível de escolaridade da população e a redução das desigualdades no que se refere ao acesso e à permanência dos alunos nas escolas, fortalecendo ainda mais a lógica dos ciclos (Ladeira; Insfrán, 2020).

Analisando uma das cadernetas de 2003, notamos a partir da capa que era possível agregar em uma mesma caderneta e sala de aula mais de uma turma pertencente ao mesmo ciclo. Fator que provavelmente está ligado à quantidade de estudantes matriculados por turma e ao número de docentes na escola.

Imagem 34: Capa de Caderneta (2003)

	PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, ESPORTE E CULTURA		 DIÁRIO DE CLASSE ENSINO FUNDAMENTAL
---	---	---	---

NOME DO ESTABELECIMENTO DE ENSINO: Escola Municipal Professor Luiz Gil

CICLO: I INICIAL (X) INTERMEDIÁRIO (X) FINAL () TURNO: tarde TURMA: única

PROFESSOR(A): Lucivânia Rêidal de Sousa ANO LETIVO: 2003

DISCIPLINA: _____

Fonte: Acervo da E. M. Professor Luiz Gil

Sobre o currículo, nota-se a alteração na descrição das disciplinas quando comparadas às descritas nas cadernetas da década de 1990, passando a ter os espaços específicos para História e Geografia. Também são descritas as disciplinas: Educação Artística, Educação Física e Ensino Religioso. Todavia, chama atenção a ausência de notas registradas relacionadas a essas últimas.

No espaço referente às notas, uma linha em negrito divide o ano letivo em quatro, não sendo mais descritos como bimestres, mas, cada divisão possui dois Campos de Estudo, totalizando oito Campos de Estudo por ano. Algumas siglas também estão descritas indicando na primeira linha a síntese das atividades trabalhadas, na segunda o espaço para a avaliação de recuperação e na terceira linha os resultados do período (média formada). A síntese dos Campos de Estudo representa o que atualmente é conhecida como média geral calculada no final do ano letivo, no exemplo demonstrado no Anexo P, algumas médias são abaixo de 7,0, o que reforça a interpretação de que independente das notas os estudantes não eram reprovados nos ciclos iniciais e intermediário.

De acordo com Ladeira e Insfrán, tomando como fonte os dados do MEC/Inep, no Brasil, “9,72% das escolas do Ensino Fundamental estavam, até 2006, organizadas em

ciclos e 7,16% possuíam séries e ciclos ao longo do Ensino Fundamental (14% das matrículas), reduzindo o total de escolas organizadas em séries para a ordem de 83,12%” (Ladeira; Insfrán, 2020).

Levando em consideração que a caderneta apresentada refere-se às turmas Primeiro Ciclo Inicial e Intermediário, ou seja, ao que chamava-se anteriormente de Alfabetização e Primeira Série, alguns registros de aulas revelam escolhas por temas geradores, como por exemplo, “Higiene e Saúde”, além do trabalho vinculado a feriados e eventos religiosos como o “Dia do Índio” e a “Semana Santa e Páscoa”. Sobre a metodologia, percebe-se a implementação de bingos de palavras, histórias em quadrinhos, recortes e colagens, confraternizações com lanches e entregas de “lembrancinhas” (Anexo Q). Freire (1987) deixa clara a concepção de uma pedagogia inovadora, em que aluno e professor são partes integrantes e atuantes do processo ensino-aprendizagem.

Mas, se os homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o quefazer é práxis, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumina. O quefazer é teoria e prática. É reflexão e ação. (Freire, 1987, apud Rêgo, 2006, p.105).

Quando comparados às cadernetas da década de 1990 é perceptível que os temas e as metodologias foram “modernizados”, atualizados às novas cobranças atreladas às políticas educacionais do período e, certamente, frutos das novas relações estabelecidas na escola voltadas ao planejamento local e à supervisão.

Em contraposição, o último registro da página tem como conteúdo o “Descobrimento do Brasil”. Uma abordagem positivista que no geral heroiciza a invasão europeia à América e trata a colonização como sendo um privilégio civilizatório.

Outra observação diz respeito ao fato de a caderneta analisada representar duas turmas ao mesmo tempo, os primeiros ciclos inicial e intermediário, não ficando claro nos registros de aulas se havia especificações de conteúdos e metodologias por turma, que dividiam o mesmo espaço na sala de aula.

Quanto à caderneta do Ciclo I Intermediário (primeira série) de 2009 (Anexo R), mais uma novidade se revela. A ausência de notas e presença de pequenos relatórios semestrais sobre as competências desenvolvidas pelos estudantes. Não há identificação de disciplinas nas páginas, que são substituídas pela preocupação com os aspectos cognitivos, motores, socioafetivos e culturais. “Foi uma época de transição das avaliações quantitativas para as avaliações qualitativas. Eu lembro que muitos professores tinham essa dificuldade de fazer os relatórios, de observar realmente” (Sousa, Lucivania. 2023).

Portanto, a avaliação passa por mudanças significativas de paradigma, em que os aspectos qualitativos se sobrepõem aos quantitativos.

Na primeira página da referida caderneta é possível conhecer um pouco das relações estabelecidas com a estudante. As descrições realizadas pela professora demonstram de forma superficial que a estudante precisava ser estimulada pela docente para realizar algumas atividades, possuía alguns problemas de saúde (não especificados), dificuldades de socialização e não demonstrava interesse por atividades culturais (não especificadas), as quais subentende-se que seriam atividades envolvendo apresentações, danças ou que envolvam a oralidade em público.

O estudante apresentado na página 3 da caderneta (Anexo S), inicialmente é relatado como de difícil comportamento, sem interesse pelas atividades, “dificultando a avaliação do aluno pelo professor”. Já em relação ao semestre seguinte são redigidas algumas evoluções na aprendizagem. Cabe nos dois casos a reflexão sobre a dificuldade na época relacionada a possíveis transtornos mentais ou dificuldades de aprendizagem e a ausência de formação para os profissionais da educação no que diz respeito à forma de lidar com estudantes com deficiência ou algum tipo de transtorno, mesmo que não seja essa a realidade no caso dos estudantes mencionados.

De todo modo, a opinião de Rezende e Souza sobre o sistema de ciclo adotado é a de que “esse modelo de ensino proporcionou a construção de uma nova escola, com ideais diferentes, deixando de ser uma escola exclusiva/classificatória para se tornar inclusiva, respeitando o tempo de cada indivíduo para sua aprendizagem” (Rezende; Souza, 2016, p. 70). Portanto, o sistema de ciclos prevê uma proposta metodológica e avaliativa não padronizada, pautada no indivíduo.

Ao final de cada página de identificação dos estudantes, existia um conjunto de siglas entre as quais uma deveria ser marcada para confirmar o nível do estudante compreendido como o seu Resultado Final do ano letivo. As possibilidades eram: Progressão por Domínio das Competências (PDC), quando o estudante passava de ano com êxito; Progressão com Dependência (PCD), quando demonstrava algumas dificuldades; Retenção por não domínio das competências (RPND), quando não atingia o mínimo de competências previstas para a fase no ciclo, lembrando que a reprovação só era possível na fase final de cada ciclo; Progressão com atendimento especializado (PCAE) para estudantes com transtornos de neurodesenvolvimento ou intelectual; Retenção por falta (RPF) quando os estudantes ultrapassavam a quantidade máxima de faltas permitidas no ano letivo; e por último, Evadido, no caso de abandono da escola.

Os registros de aulas da mesma caderneta de 2009 (Anexo T) demonstram o trabalho com temas da natureza a exemplo da água, plantas e animais, além do tema cultura e a abordagem sobre o próprio conceito de cultura, conteúdos específicos de disciplinas como Matemática e Português, propostas metodológicas envolvendo pesquisas, palavras-cruzadas, confecção de cartazes e ensaios de apresentações musicais (“Riacho do Navio”, de Luiz Gonzaga), além de uma gincana em comemoração ao Dia da Criança, entre outras atividades.

Na primeira década de 2000, tornou-se comum a realização de gincanas competitivas em datas comemorativas do Dia do Estudante e/ou Dia das Crianças. Nos registros de 2009, a gincana foi descrita como atividade do dia 09 de outubro (Anexo U). Geralmente contavam também com a participação das escolas circunvizinhas administradas pela mesma gestão, E. M. Maria do Carmo S. Silva e E. M. Pedro Gomes. Provavelmente, foram momentos de interação, aprendizagem e diversão entre essas comunidades escolares, momentos em que os estudantes aguardavam ansiosos para que chegasse o dia de participarem. “As gincanas, inclusive, contavam até com participação das pessoas da comunidade” (Sousa, Clediane. 2023).

Imagem 35: Gincana ocorrida entre 2003/2004



Fonte: Acervo de Maria do Socorro R. Sousa

A imagem 35 representa uma dessas gincanas, em que foi possível contar com a participação de duas das profissionais fundadoras da escola E. M. professor Luiz Gil:

uma das primeiras professoras, Rita Alves do Nascimento (*in memorian*) e a primeira auxiliar de serviços gerais, Antonia Raposo do Nascimento (*in memorian*), ambas já idosas na época e aparentemente alegres com a homenagem prestada.

Entre as inovações ocorridas durante a primeira década de 2000, o Programa Escola Ativa recebe uma conotação positiva nas narrativas das docentes entrevistadas, na medida em que focava na valorização do campo e possibilitava maiores reflexões e uso de metodologias ativas voltadas para a realidade local. Sendo assim, houve uma abertura maior para o empreendimento de projetos, com um planejamento local, sem estar enrijecido ou subordinado à realidade urbana (Sousa, Maria do Socorro. 2023). O relato Lucivania Sousa identifica o seu sonho enquanto professora:

O meu sonho enquanto professora foi o de sempre valorizar o campo, porque não é obrigado você ir para a cidade para ter um desenvolvimento. A gente escuta muito das pessoas que vêm da zona urbana dizerem: Você tem que estudar para ser um engenheiro, para você ter sucesso, mas você pode encontrar na própria comunidade e as pessoas gostarem do que fazem na comunidade. Querer um diploma não é errado, mas a profissão de agricultor também deve ser valorizada (Sousa, Lucivania. 2023).

Clediane Sousa recorda: “Eu lembro bastante dos projetos que tinham. Teve um específico que a gente fez sobre a natureza, uma peça envolvendo a natureza (Sousa, Clediane. 2023). O Programa Escola Ativa também instituiu a Gestão Escolar Estudantil, que passou a atuar como uma espécie de Grêmio Estudantil na escola, incentivando o protagonismo e atuação mais incisiva por parte dos discentes. Eram montadas chapas e realizadas eleições democráticas para escolha dos representantes.

A imagem 36 registra um momento de apresentação de uma peça sobre a natureza na calçada da escola onde estudantes apresentam-se vestidos com macacões feitos de TNT e usam máscaras. Entre as crianças, as representações de uma árvore, o sol, passarinhos e flores. A professora segura o microfone para uma estudante, que devia ser a narradora. Outras crianças estão ao redor assistindo. Se tem a impressão de que a apresentação é em uma gincana, pois é possível ver muitos estudantes vestidos com a cor amarela, como sendo a cor que representa a equipe.

Imagem 36: Apresentação sobre a natureza - 2003/2004



Fonte: Acervo de Maria do Socorro R. Sousa

Imagem 37: Eleição da Gestão Escolar Estudantil - 2003



Fonte: Acervo de Maria do Socorro R. Sousa

Já a imagem 37 é composta por uma montagem de fotografias de uma eleição para Gestão Escolar Estudantil, em 2003, onde aparecem os estudantes das duas chapas que concorreram reunidos na frente do quadro da sala posando para o registro. Na sequência, é possível ver a contagem dos votos escrita no quadro e o momento de discurso da chapa vencedora, as fotografias que seguem mostram a comemoração na escola com a chapa vencedora. Uma funcionária da escola segue entre os estudantes com o “presidente” eleito nos ombros.

Quanto ao “Dia das Conquistas” era um evento ocorrido ao final de cada ano letivo com a comunidade escolar para celebrar a aprendizagem alcançada com os projetos implementados. “A gente tinha o Dia da Conquista, que era como se fosse uma mostra pedagógica” (Sousa, Lucivania. 2023). Geralmente aconteciam apresentações musicais, peças teatrais, entre outras atividades, que ocorreram, pelo menos até 2008, no espaço cedido pela Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, vizinha à escola, como mostra a imagem 38.

Imagem 38: Apresentação em um “Dia das Conquistas”



Fonte: Acervo de Maria do Socorro R. Sousa

Dentre os projetos desenvolvidos, e cujos registros chegaram até aqui, destaca-se o Projeto “Contar e Encantar” como uma ação baseada no Projeto Geral da Secretaria de Educação de Campina Grande “Ler, prazer e saber”, realizado entre agosto e dezembro de 2010. O projeto em questão contava com as seguintes metodologias: Biblioteca Móvel (Estrutura móvel para carregar livros paradidáticos pelos espaços da escola), Rodas de Leitura, Contadores de Histórias Mirins (estudantes liam histórias para os demais

colegas), Contadores de Histórias da Comunidade (pessoas da comunidade eram convidadas para contarem histórias), Leitura na Comunidade (livros de variados gêneros expostos em diferentes espaços da comunidade, como mercearias e posto de saúde) e Leitura na Família (leitura em casa com os familiares).

Imagem 39: Projeto Contar e Encantar





Fonte: Acervo da E. M. Professor Luiz Gil

A montagem de fotografias da Imagem 39, sobre o Projeto “Contar e Encantar” foi retirada a partir de um fichário que está guardado na escola. Decorado com muitas figuras ilustrativas feitas em EVA e TNT, cuja variedade de animais e flores é complementada ainda pelas figuras de uma arca e de Noé. Na sequência de fotografias é possível ver os estudantes reunidos no pátio da escola para momentos de rodas de leitura e contação de histórias, por meio da biblioteca móvel, também é observada a presença da professora aposentada Esmeralda Raposo contando uma história para os estudantes. Livros foram disponibilizados à leitura para a comunidade na Mercearia Capim Grande e no Posto de Saúde. Também há registros de momentos de leitura em família.

A década de 2000 também contou com um maior investimento dos recursos advindos à escola em materiais pedagógicos voltados para a melhoria da aprendizagem e dinamização das aulas. Assim como passaram a chegar com maior frequência na escola revistas voltadas à educação com discussões teóricas contemporâneas e exemplos de projetos empreendidos. Todavia, permaneceu uma lacuna no que diz respeito à inclusão e formação adequada aos docentes para lidar com estudantes com deficiências.

Imagem 40: Utilização de recursos pedagógicos nas aulas



Fonte: Acervo de Maria do Socorro R. Sousa

Na imagem 40, a turma de estudantes aparece organizada em grupos, interagindo entre si e utilizando materiais e jogos para tornar a aprendizagem concreta de forma mais lúdica e atrativa.

Ainda sobre o sistema de ciclos, é possível comparar opiniões opostas. De apoio, para os quais “os ciclos de aprendizagem são uma forma de reorganizar o tempo e o espaço escolar, bem como a prática pedagógica, num processo contínuo, respeitando a diversidade e os diferentes ritmos de aprendizagem do aluno (Rezende; Souza, 2016, p. 70). E de críticas, principalmente no que diz respeito à aprovação automática nas fases iniciais e intermediários dos ciclos, compreendendo que:

a adoção da política de ciclos, quando se apresenta sob o formato de aprovação automática, se por um lado agrada os interesses governamentais, ao apresentar a educação brasileira em números estatísticos, aparentando educação de qualidade para os organismos internacionais e para os países com os quais o Brasil possui relações econômicas, como Estados Unidos, China e Alemanha, por outro lado representa, em termos objetivos, um verdadeiro desserviço à qualidade da educação pública no país, sobretudo para as camadas mais pobres, que acabam passando pela Educação Básica sem se apropriar verdadeiramente dos conhecimentos fundamentais para seu processo de desenvolvimento humano e sociopolítico (Ladeira; Insfrán, 2020).

A partir das narrativas e do material analisado, são notadas mudanças significativas entre as décadas tomadas para estudo, seja no currículo, nas metodologias ou mesmo modelos avaliativos, sobretudo, chama atenção a perspectiva da professora Lucivania Sousa quando afirma o seu posicionamento a favor de um “referencial de que uma escola do campo pode ter sucesso, pode brilhar como outras escolas urbanas”. Portanto, foi transcorrido um caminho para a autoestima e valorização da Escola do Campo ao longo dos anos, que certamente não foi vivenciado em todas as experiências no país, mas que fez “brilhar” ainda mais a Escola Municipal Professor Luiz Gil, apesar das políticas implementadas estarem sujeitas a constantes críticas.

3.4 EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA MUNICIPAL MARIA DO CARMO SANTOS SILVA

As experiências pedagógicas vivenciadas na E. M. Maria do Carmo S. Silva serão analisadas a partir das narrativas de docentes e estudantes egressos complementadas com outros tipos de documentos a exemplo de cadernetas e fotografias voltadas para as atividades pedagógicas realizadas dentro do recorte temporal escolhido.

Deve-se levar em consideração que não há um interesse comparativo entre esta instituição e E. M. Professor Luiz Gil. A análise das fontes revela vivências singulares, portanto, o decorrer da investigação dos documentos não levará a uma linearidade de acontecimentos que foram vivenciados por escolas distintas. Cabe ressaltar que durante o período de funcionamento da E. M. Maria do Carmo S. Silva, as turmas sempre tiveram como característica a experiência de sala multisseriada, ou seja, funcionavam com mais de uma série na mesma turma/classe. Esse modelo, segundo Hage, “tem assumido a responsabilidade quanto à iniciação escolar da grande maioria dos sujeitos do campo” (Hage, 2004, p. 4)⁸².

Entre os relatos de estudantes egressos dos anos 1990, Lidiane Silva afirma:

Eu gostava muito de ir para a escola, lá era um lugar que todo mundo se conhecia e era muito bom, um ambiente muito tranquilo, apesar de que a gente estudava todo mundo junto, de todas as séries. Na época a gente não tinha esse conhecimento de que isso talvez não fosse tão bom para o ensino (Silva, Lidiane. 2023).

Kátia Silva lembra de que em alguns momentos das aulas as atividades eram as mesmas para toda a turma e em outros momentos eram diferenciadas, baseadas na série de cada estudante. “Mas a base era mais essa questão de ler mesmo, e das quatro operações. (...) Ela também fazia muita tabuada” (Silva, Kátia. 2023).

Entre as cadernetas analisadas, a de 1991 (Anexo V) revela a matriz curricular do período e a dificuldade em compreender a série de cada estudante. Não há uma separação por série na caderneta única para a turma multisseriada. Na análise do conjunto, também foi possível ver que a maioria dos estudantes mantinham-se na média ou abaixo. O que por um lado pode demonstrar as dificuldades de aprendizagem em uma turma mista somadas a uma metodologia de avaliação considerada mais rígida, ou, por outro lado,

⁸² Em 2019, os números indicavam mais de 80 mil de turmas multisseriadas no Brasil, contemplando mais de 1,2 milhão de estudantes (Lichand et. al, 2023) Disponível em: <https://cadernosdeestudos.inep.gov.br/ojs3/index.php/cadernos/article/view/5770> Acesso em 23 fev. 2024.

pode ser compreendida pela constância do número de faltas de parte desses estudantes, que, segundo a professora Maria do Socorro Silva, frequentemente se ausentavam para ajudar a família com o trabalho no campo (Silva, Socorro. 2023).

Maria do Socorro Silva também reforçou que algumas situações de evasões e transferências no decorrer do ano letivo eram justificadas, mediante a demissão de funcionários de uma fazenda vizinha à escola. Ou seja, havia uma rotatividade de funcionários que matriculavam os filhos na escola, mas em situações de demissão migravam para outro lugar, precisando retirar as crianças (Silva, Maria do Socorro. 2023). Todavia, nos documentos analisados tais eventos não se mostraram frequentes.

Quanto aos registros de aulas (Anexo W), a mesma questão da identificação das séries se repete. O registro é unificado de modo a gerar o questionamento se havia diferenciação ou não na abordagem aos estudantes de séries diferentes, seja por parte do conteúdo, seja por parte da metodologia. Provavelmente, na prática havia a distinção, cabendo o registro apenas a uma exigência formal. A preocupação com a leitura, separação de sílabas, ditados e formações de frases toma destaque, além das contas matemáticas e os chamados “problemas”.

Lidiane Silva lembra de atividades que envolviam a escrita do alfabeto, a diferenciação entre uso de letras maiúsculas e minúsculas; e contas matemáticas, como as de subtração. Em alguns momentos os estudantes chegaram a receber livros para apoiar o estudo e a realização das atividades (Silva, Lidiane. 2023).

Nas fotografias dos estudantes da quarta série de 1997, a turma posa dividida entre meninos e meninas, que vestem roupas coloridas, em ambas as fotos parte dos estudantes está agachada em frente ao restante, que está em pé. O cenário escolhido é o mesmo, com duas portas ao fundo. Em uma das fotografias, as duas portas estão fechadas, na outra, uma das portas encontra-se aberta.

Imagem 41: Fotografia dos estudantes concluintes de 1997



Fonte: Acervo de Maria do Socorro Santos Silva

Entre os concluintes de 1997, apresentados na imagem 41, Lidiane Silva afirma que o Hino Nacional era cantado com frequência no cotidiano escolar, além disso, durante o mês de maio, havia uma metodologia vinculada ao período religioso de culto à Maria, geralmente vivenciado pelos católicos. Nesse caso, a professora organizava, durante o horário das aulas, apresentações temáticas que faziam parte do momento religioso de culminância com a “Coroação de Maria” (Silva, Lidiane. 2023). Portanto, a religião interferia de forma significativa no calendário escolar.

Quando perguntada sobre as dificuldades de trabalhar em uma turma multisseriada, a professora Maria do Socorro Silva responde que, no geral, não encontrou dificuldade utilizando a seguinte metodologia:

Para ministrar as aulas, eu começava com todos juntos, fazíamos uma oração, cantávamos, explicava o assunto que ia trabalhar no momento, passava as tarefas de acordo com o nível de cada turma, quando os mais adiantados terminavam, eu pedia para eles ajudarem os irmãos, e assim todos realizavam suas atividades, como também recreavam todos juntos sem nenhum problema (Silva, Maria do Socorro. 2023).

Apesar de “adaptar-se” ao modelo e utilizar-se de estratégias, considerando a sua atuação pedagógica como tranquila, um olhar crítico reconhece que qualquer cenário que envolve crianças de diferentes idades e níveis cognitivos requer muita dedicação por parte do profissional da educação que fica à frente de uma sala multisseriada, sendo esse frequentemente sobrecarregado.

Lenilson Silva relembra que a ansiedade tomava conta quando eram avisados de que fariam uma aula de campo ou excursão. Ele recorda de ter ido com a sua turma ao Parque da Criança, em Campina Grande, e de ter ido a Boqueirão, conhecer o açude da cidade que abastece Campina Grande e de se divertir com a turma em um clube com piscinas. Segundo ele, foi o mesmo que “conhecer a praia” (Silva, Lenilson. 2023). Um ônibus era enviado pela Prefeitura do Município, para realizar essas atividades, que apesar de não serem frequentes, marcaram a sua memória.

Maria do Socorro Silva reforça que, apesar dos poucos recursos, buscava sempre mobilizar os estudantes e proporcionar momentos de maior interação, organizando, inclusive, visitas e ações pedagógicas em conjunto com outras escolas de comunidades circunvizinhas, a exemplo do registro na imagem 42, em que visitaram a Escola Municipal Pedro Gomes, no Sítio Castelo, em 1998 (Silva, Maria do Socorro. 2023).

Imagem 42: Visita a E. M. Pedro Gomes, em 1998



Fonte: Acervo de Maria do Socorro Santos Silva

A fotografia, que registra o dia diferente de aula, marcado por uma visita à outra escola, apresenta uma turma de mais de trinta crianças, de faixas etárias diferentes, vestidas com roupas comuns. Algumas colocam a mão acima dos olhos, sinalizando o incômodo com o sol.

Hage acredita que “as escolas multisseriadas têm assumido um currículo deslocado da cultura das populações do campo, inspirado em compreensões universalizantes, que sobrevalorizam concepções mercadológicas e urbano-cêntricas de vida e de desenvolvimento” (Hage, 2004, p. 5). Nesse sentido, o caminho para a qualidade do ensino na sala multisseriada seria a transgressão. Podemos interpretar as atividades extraclasse desenvolvidas na E. M. Maria do Carmo como possíveis atividades transgressoras. Sair com os estudantes da sala de aula até hoje não é considerada uma tarefa fácil para qualquer profissional de escola pública.

Sobre a relação entre escola e família, Maria do Socorro Silva destaca que:

os pais não faltavam quando tinha alguma reunião ou confraternização, assim como em eventos especiais como o Dia das Mães e o Dia dos Pais. Mas era um elo de amizade, de comunidade, de família, que era como se fosse uma família de verdade. Era superlotado os pais acompanhavam mesmo e era um tempo bom de se trabalhar porque os pais também faziam tudo para que os filhos obedecessem (Silva, Maria do Socorro. 2023).

Sendo assim, fica clara a participação da família no processo pedagógico dos estudantes, assim como as relações hierárquicas e de poder, onde o estudante está para obedecer e a professora para liderar. Todavia, Kátia Silva evidencia que “a professora era muito incentivadora, muito boa, amiga e muito competente, esforçada demais. Então, isso motivou os seus alunos, todos nós, a seguirmos em frente” (Silva, Kátia. 2023).

Um dos aspectos de mudança no currículo que ficou guardado na memória da professora Maria do Socorro Silva diz respeito às alterações no material didático e no currículo entre os anos 1990 e 2010, mencionadas no primeiro capítulo desse trabalho, mas que consideramos importante reforçar aqui. Ela comenta que uma das coisas que lhe chamou atenção foi a chegada de Atlas na escola e a divisão das disciplinas História e Geografia, antes englobadas no que era chamado de Estudos Sociais: “Realmente ali era somente um paliativo (...) Geografia e História eram quase que uma coisa só”. Os livros anteriores focavam apenas em Português e Matemática (Silva, Maria do Socorro. 2023).

Em 2003, Maria do Socorro Silva foi eleita gestora para gerenciar um grupo de quatro escolas de comunidades circunvizinhas, função que exerceu até 2007 e certamente foi um divisor de águas no cotidiano dessas instituições, uma vez que passaram a ter uma gestora presente e que sentia na pele as dificuldades das escolas do campo a partir da sua

própria experiência. A eleição ocorreu de forma democrática, contando com a participação da comunidade escolar.

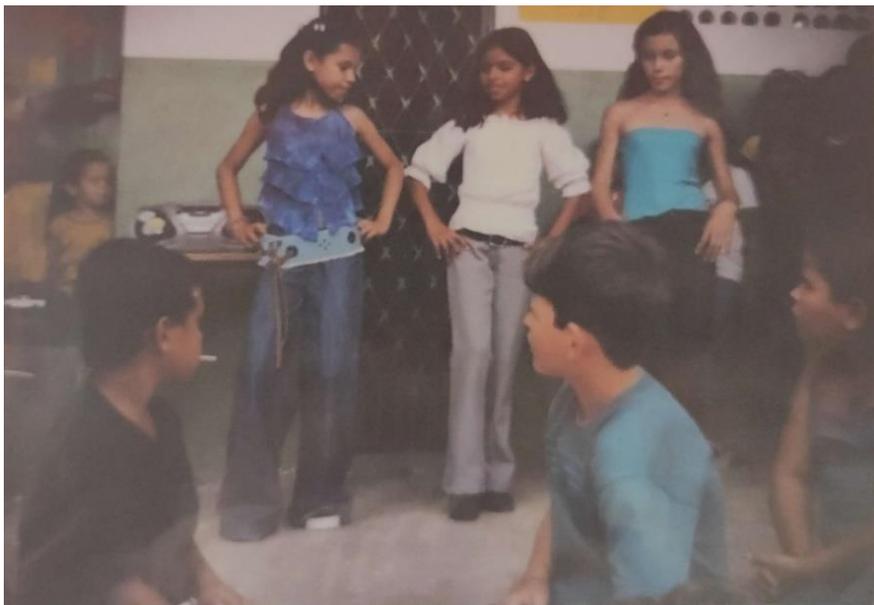
Imagem 43: Fotografia da Eleição para gestão



Fonte: Acervo de Maria do Socorro Santos Silva

No período da gestão de Maria do Socorro Silva a relação entre as escolas sob seu gerenciamento estreitou-se ainda mais. Era frequente o número de eventos que reuniam as instituições, a exemplo de gincanas e os chamados “Dias das Conquistas”, que ocorriam geralmente na E. M. Professor Luiz Gil, que possuía o maior número de estudantes, sendo, por isso, considerado mais viável o deslocamento das demais escolas.

Imagem 44: Estudantes apresentando-se em uma gincana



Fonte: Acervo de Maria do Socorro Santos Silva

Imagem 45: Estudantes participando de uma prova em uma gincana



Fonte: Acervo de Maria do Socorro Santos Silva

Imagem 46: Estudantes participando de uma prova em uma gincana



Fonte: Acervo de Maria do Socorro Santos Silva

Imagem 47: Estudantes apresentando-se em um “Dia das Conquistas”



Fonte: Acervo de Maria do Socorro Santos Silva

A imagem 44 mostra três estudantes da E. M. Maria do Carmo S. Silva apresentando-se, aparentemente dançando, em uma das provas da gincana realizada na E. M. Professor Luiz Gil, assim como a imagem 45 mostra alguns fazendo parte da equipe azul e participando de uma prova que envolvia reconhecimento de fotografias. Na imagem 46, vemos a participação em mais uma gincana, nessa todos os estudantes que

aparecem na fotografia usam o fardamento, mas aparecem uns tecidos de TNT verdes no telhado, aparentemente a cor da equipe dessa vez, a professora segura o microfone para um estudante. Já na imagem 47, acontece uma apresentação organizada pelo professor Guilherme Nascimento para o “Dia das Conquistas”, que ocorreu na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, no Sítio Capim Grande. Os estudantes estão fardados e apresentam-se no altar da igreja, cenário composto de duas imagens religiosas e uma cruz.

Com a saída da professora Maria do Socorro Silva para assumir a gestão das escolas, um professor passou a atuar na E. M. Maria do Carmo S. Silva, Guilherme Nascimento⁸³, que já era pedagogo, passou a enfrentar os desafios de atuar em uma sala multisseriada.

Eram muito discrepantes as realidades que chegavam naquela escola. Mas a gente como pedagogo, porque o pedagogo tem essa facilidade de a gente conhecer um por um. A gente vai na mesa, a gente vai na banquinha de cada um. Quantas vezes não precisou pegar na mão para poder ensinar, escrever de fato, ordenar a coordenação motora? Então, isso a gente vai ficando muito próximo. E são desafios que, apesar dessa dificuldade toda, mas ainda surte algum resultado. Quando a gente faz as coisas com dedicação e com amor, Deus vai mostrando. Independentemente de ser Piaget, Vygotsky, esses camaradas fizeram muito, mas aqui é desse jeito. Aqui é diferente. É a nossa prática, a nossa lida. Vai descobrindo meios e mecanismos de ir chegando em cada um. E assim, sobretudo, estimular o aluno porque o aluno desestimulado, não aprende com ninguém (Nascimento, 2024)⁸⁴.

O professor Guilherme Nascimento também comenta que havia periodicamente (a cada dois meses, aproximadamente) um “encontrão” em Campina Grande para tratar sobre o acompanhamento pedagógico de salas multisseriadas. Nesses encontros eram traçadas as metas para serem alcançadas, porém reforça que eram “utópicas”. Sobre os recursos pedagógicos, revela que aproveitava materiais da própria vivência dos estudantes: “caramujo era boi, pedaço de pau era curral, era um joguinho de bola, era um joguinho de bila. (...) O que podia arrumar para ir mobilizando e animando o pessoal, tentando fazer uma aprendizagem mais concreta” (Nascimento, 2024).

⁸³ O professor Guilherme Nascimento trabalhou na E. M. Maria do Carmo S. Silva entre 2003 e 2007, acompanhando a sua desativação e sendo transferido para a E. M. Professor Luiz Gil em 2008. Guilherme que é professor efetivo da Prefeitura de Boa Vista – PB e morador do Distrito de São José da Mata (área urbana) teve sua atuação nas referidas escolas a partir de uma permuta com outro professor que foi aprovado em concurso da Prefeitura de Campina Grande, para atuar na zona rural do Distrito de São José da Mata, mas era morador da cidade de Boa Vista. Portanto, a permuta tornou-se conveniente a ambos. Guilherme não recorda o ano em que esse acordo encerrou e precisou retornar ao seu trabalho e Boa Vista.

⁸⁴ Guilherme Nascimento foi entrevistado por meio de chamada de vídeo pelo *whatsapp* no dia 23 de fevereiro de 2024. Suas contribuições foram significativas para complementar as reflexões sobre a E. M. Maria do Carmo S. Silva.

Imagem 48: Professor Guilherme Nascimento e parte da turma tocando instrumentos em uma festa junina



Fonte: Acervo de Maria do Socorro Santos Silva

As fotos desse período, que coincide com os últimos anos de funcionamento da E. M. Maria do Carmo S. Silva, demonstram o entrosamento do professor Guilherme Nascimento com a sua turma, que na imagem 48 aparentam estar participando de uma festa junina, apesar de no momento estarem no ambiente da sala de aula, alguns estudantes estão tocando instrumentos, acompanhando o professor que toca um violão sentado na mesa. Alguns também usam chapéus de palha, as meninas usam vestidos juninos.

Aquela bandinha foi formada. E hoje tem profissionais. Que aquele sonho de criança se tornou fértil. E a semana passada encontrei um que me deu um abraço. Nem me lembrava mais que quando eu vi ele era pequenininho. Então, eu me lembrei. Alisson e Alencar enveredaram pelo lado da música (Nascimento, 2024).

Sobre o Programa Escola Ativa, tem boas recordações de uma proposta educacional em parceria com a comunidade para além dos muros da escola.

A gente ia visitar plantações de tomate. E não só ia visitar, mas a gente ia entrevistar as pessoas que trabalhavam lá e de todo o processo de como cultivava, o preparo do solo, qual era o tipo da semente, o nome daquela semente e quando estava maiorzinho, quais eram os defensivos agrícolas que colocavam? A que se destinava? Onde ia vender? (...). Ao invés da gente, está jogando coisas de livros, coisas importadas, a gente preparava as aulas

justamente nesse gancho e foi muito bom. Foi um aprendizado mais eficaz (Nascimento, 2024).

A caderneta mais recente disponível no acervo da Inspetoria de Ensino do Município de Campina Grande corresponde ao ano 2006, penúltimo ano de seu funcionamento. Nela percebemos desde a capa à experiência do sistema de ciclos acompanhada da classe multisseriada.

Imagem 49: Capa da caderneta de 2006

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, ESPORTE E CULTURA

DIÁRIO DE CLASSE

Escola Municipal Maria do Carmo S. Silva
ESCOLA

PROFESSOR(A): Guilherme Nascimento ANO LETIVO: 2006

TURNO: manhã TURMA: Única

(x) EDUC. INFANTIL (x) 1º CICLO INICIAL () 1º CICLO INTERMEDIÁRIO () 1º CICLO FINAL (x) 2º CICLO INICIAL
(x) 2º CICLO FINAL () 3º CICLO INICIAL () 3º CICLO FINAL () 4º CICLO INICIAL

PREFEITURA CIDADE DE
Campina Grande
Orgulho do gênero!

Fonte: Arquivo da Inspetoria de Ensino do Município de Campina Grande

As páginas, que descrevem os estudantes matriculados na turma, seguem sem a identificação individual da série/ciclo que cada um cursa. A área das notas por disciplina cede o espaço a breves relatórios sobre aspectos gerais dos estudantes, que não se restringem à cognição, mas também atentam para o relacionamento interpessoal e ao “domínio do corpo” (Anexo X).

Apesar dos relatórios serem individuais, é notável que há repetição de alguns termos, a exemplo de “forma global”, sendo um termo genérico para descrever as habilidades da aluna em questão, deixando o questionamento sobre essa maneira de avaliar que positivamente se abre para os aspectos qualitativos, mas também pode ser vista como mais uma forma de rotular e generalizar disfarçada em uma nova versão avaliativa.

Durante uma das visitas realizadas no decorrer da pesquisa, a professora Maria do Socorro Silva apresentou alguns dos livros recebidos de Alfabetização e Língua Portuguesa durante a década de 2000, que ainda permanecem guardados em seu acervo (Anexo Y). Entre eles, um tem na capa a identificação da proposta construtivista como base, percebe-se também que os anos 2000 possibilitaram o acesso à uma maior diversidade de material didático, a exemplo desses livros.

As alterações significativas nas metodologias da E. M. Maria do Carmo S. Silva durante a primeira década dos anos 2000, de modo a se tornarem mais lúdicas, são marcadas pelo acompanhamento regular de uma supervisora, fator que contribuiu para o planejamento e execução de práticas educativas mais interativas. Segundo Nascimento, ela visitava a escola a cada 15 dias e era muito atuante. Apoiava o professor e levava as novidades da Secretaria de Educação do Município para serem implementadas, mas sempre com um perfil de ajudar (Nascimento, 2024). Na imagem 50, aparecem na foto o professor Guilherme Nascimento e a supervisora Iraguaci Costa, juntamente com uma turma de estudantes da E. M. Maria do Carmo Santos Silva.

Imagem 50: Professor Guilherme Nascimento e a supervisora Iraguaci Costa acompanhados da turma de estudantes



Fonte: Acervo de Maria do Socorro Santos Silva

Ainda sobre o sistema de sala multisseriada, partindo de dados disponibilizados pelo INEP sobre o Censo 2002, Hage menciona que nesse período as escolas do campo representavam mais da metade das escolas brasileiras, e dentre estas 64% eram multisseriadas (Hage, 2004, p. 3). Esse modelo de educação tornou-se alvo da desativação

no Brasil, ocorrendo o processo de nucleação que chegou até a E. M. Maria do Carmo S. Silva, sendo desativada e tendo seu corpo discente e docente transferido para a E. M. Professor Luiz Gil, em 2008.

Conforme constam em documentos cedidos pela Inspeção de Ensino do Campina Grande, a comparação do número de estudantes entre os anos demarcados para esse estudo revela que em 1990 a escola concluiu o ano com 38 estudantes matriculados, enquanto em 2007 apenas 13 estudantes são descritos na Planilha de Resultados Finais.

Imagem 51: Planilha de Resultados Finais – 2007 (Frente e verso)

Estado da Paraíba
Prefeitura Municipal de Campina Grande
Secretaria de Educação, Esporte e Cultura

PLANILHA DE RESULTADO FINAL

25076949 ESCOLA: *M^{ra} do Carmo Santos Silva* ZONA: 1 - Urbana NÚCLEO: 31 ANO: 31 ED. INFANTIL: 1 - Pré I 2 - Pré II

Disciplinas: / Ciclo: *Múltiplo*

REGISTRO DE MATRÍCULA	Nº	NOME DO ALUNO	IDADE		Total Pontos	SÉRIE FUNDAMENTAL			TURNO			TÍT. Nº
			Anos	Meses		1-PO	2-PO	3-PO	M - Manhã	T - Tarde	N - Noite	
	1	<i>I ciclo Inicial</i>										
	2	<i>Rayanne da Silva Ferreira</i>	06		05			X				
	3											
	4	<i>I ciclo Intermediário</i>										
	5											
	6	<i>Israelly Karollyny Silva Bernardo</i>	07		04			X				
	7	<i>Wesley Laurencio da Silva</i>	07		—			X				
	8											
	9	<i>I ciclo Final</i>										
	10											
	11	<i>M^{ra} Eduarda Barbosa de Lucena</i>	08		40			X				
	12	<i>Thays de Lima Barbosa</i>	09		02			X				
	13											
	14	<i>II ciclo Inicial</i>										
	15											
	16	<i>Alemcar Silva Clemente</i>	11		06			X				
	17	<i>Vinicios Marques Laurencio da Silva</i>	09		—			X				
	18	<i>Wilmington Eduardo Lucena Ferreira</i>	10		04			X				
	19											
	20											

LEGENDA:
1 - Código informado no CENSO
2 - TÍT. - TÍT. de T. de Letra
3 - MESSI - Acesso para T. de Letra
4 - Encl. - Encl. do Aluno
5 - Transf. - Transferência

6 - PDC - Progresso por domínio das competências.
7 - PCD - Progresso com dependência.
8 - PCAB - Progresso com atendimento especializado.
9 - APDC - Retido por não dominar as competências.
10 - APP - Retido por falta (acima de 25%).

NOTAS: 1) FORTALECER OS DADOS EM LETRA DE FORMA.
2) Para a Educação Infantil, apresentar dados até o 1º de transferência.
3) A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de 0 a 6 anos em aspectos físico, psicológico, intelectual e social, com ênfase no desenvolvimento e na aprendizagem.
4) O Ensino Fundamental Inicial deve ser reportado no espaço 1000.

Campina Grande 21 de 12 de 2007
Guilherme Nascimento (Assinatura)
Luziana Vidal de Sousa (Assinatura)
Obs. Verificar verso (7-PCD)

Estado da Paraíba
Prefeitura Municipal de Campina Grande
Secretaria de Educação, Esporte e Cultura

PLANILHA DE RESULTADO FINAL

2576949 ESCOLA: *M^{ra} do Carmo Santos Silva* ZONA: 1 - Urbana NÚCLEO: 31 ANO: 31 ED. INFANTIL: 1 - Pré I 2 - Pré II

Disciplinas: / Ciclo: *II ciclo Final*

REGISTRO DE MATRÍCULA	Nº	NOME DO ALUNO	IDADE		Total Pontos	SÉRIE FUNDAMENTAL			TURNO			TÍT. Nº
			Anos	Meses		1-PO	2-PO	3-PO	M - Manhã	T - Tarde	N - Noite	
	21	<i>II ciclo Final</i>										
	22											
	23	<i>Blisson Silva Clemente</i>	13		03			X				
	24	<i>Lays de Lima Barbosa</i>	12		04			X				
	25	<i>Renata Silva Santos</i>	10		—			X				
	26	<i>Rodrigo Laurencio de Queiroz</i>	10		05			X				
	27											
	28											
	29											
	30											
	31											
	32											
	33											
	34											
	35											
	36											
	37											
	38											
	39											
	40											

LEGENDA:
1 - Código informado no CENSO
2 - TÍT. - TÍT. de T. de Letra
3 - MESSI - Acesso para T. de Letra
4 - Encl. - Encl. do Aluno
5 - Transf. - Transferência

6 - PDC - Progresso por domínio das competências.
7 - PCD - Progresso com dependência.
8 - PCAB - Progresso com atendimento especializado.
9 - APDC - Retido por não dominar as competências.
10 - APP - Retido por falta (acima de 25%).

NOTAS: 1) FORTALECER OS DADOS EM LETRA DE FORMA.
2) Para a Educação Infantil, apresentar dados até o 1º de transferência.
3) A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de 0 a 6 anos em aspectos físico, psicológico, intelectual e social, com ênfase no desenvolvimento e na aprendizagem.
4) O Ensino Fundamental Inicial deve ser reportado no espaço 1000.

Campina Grande 21 de 12 de 2007
Guilherme Nascimento (Assinatura)
Luziana Vidal de Sousa (Assinatura)
Obs. Verificar verso (7-PCD)

Fonte: Arquivo da Inspeção de Ensino do Município de Campina Grande

Nessa perspectiva, Hage considera que uma melhor atenção dos poderes públicos com relação à sala multisseriada e à valorização da educação do campo poderiam levar à permanência dos sujeitos na comunidade. Esse movimento distanciaria-se de metodologias que utilizassem o modelo urbano e seriado como referência, valorizando a realidade local. Como esse movimento não é adotado, afirma que:

No meio rural, os sujeitos se ressentem do apoio que as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação deveriam dispensar às escolas, sentindo-se discriminados em relação às escolas da cidade, que assumem prioridade em relação ao acompanhamento pedagógico e formação dos docentes. Os gestores públicos justificam a ausência do acompanhamento pela falta de estrutura e pessoal suficiente para a realizar a ação. Essas situações no conjunto associam a multissérie aos prejuízos na aprendizagem, motivando os sujeitos do campo, a considerá-la “um mal necessário” e perseguirem sua transformação em turmas seriadas, como alternativa para que o sucesso na aprendizagem ocorra (Hage, 2004, p. 4).

O processo de nucleação é apontado pelo então Secretário de Educação, Flávio Romero Guimarães, como sendo a melhor opção para a oferta de educação de qualidade, do ponto de vista de uma melhor estrutura pedagógica para as escolas escolhidas como núcleos.

Com a nucleação, nós verificamos que poderíamos aglutinar três escolas, por exemplo. (...) A nucleação era justamente para isso. Se a gente não tinha condição efetiva de ter o que seria o ideal. O ideal seria que você tivesse um quantitativo de pessoas, de equipe, de apoio pedagógico em cada escola. Então era para ter um assistente social, um psicólogo educacional, um supervisor, um orientador era para ter na escola, somente naquela escola. Só que isso não tinha condição, porque não tinha como ter tantas pessoas ao mesmo tempo. Então foi o que nós fizemos. Fizemos o concurso, aumentamos a quantidade de profissionais de apoio ou de suporte pedagógico e fizemos a nucleação. Então, por exemplo, a supervisora Maria José, ela ia segunda e terça para a escola rural X, terça e quarta ela ia para a escola rural Y. Então você diz assim: Mas professor, a escola ficava desabastecida os outros dias. Mas antes era pior, porque não tinha em dia nenhum. Então aquilo foi o que foi possível fazer. Naquele momento, nós avançamos no sentido de garantir que pelo menos a equipe pedagógica estivesse presente na escola. Então isso foi um avanço que eu considerei extremamente importante e aí também alinhado a outras questões como é a criação de laboratórios de informática com todas as dificuldades, porque o acesso à internet era precário naquele tempo, hoje ainda é, imagine naquele tempo, não é? Então nós tínhamos uma série de dificuldades (Guimarães, 2023).

A fala do secretário não menciona a sala multisseriada ou o baixo número de matriculados como sendo motivo para a desativação das escolas do campo, porém, pelo contexto vivenciado em todo o país, essas características, além da estrutura física das

escolas podem ser reconhecidas como os motivos mais óbvios do processo de nucleação. Cabe reforçar que na experiência de desativação da E. M. Maria do Carmo S. Silva não houve diálogo com a comunidade escolar.

3.5 DO DITADO À PEDAGOGIA DE PROJETOS

O Estudo realizado nesse capítulo sobre as políticas educacionais no Brasil entre 1990 e 2010 proporcionou a reflexão sobre a legislação, programas e projetos do período que sofre a influência da Constituição recém promulgada, tem como principal feito, no que diz respeito à educação, a Lei de Diretrizes e Bases, de 1996, mas que sofre constante pressão de instituições internacionais de financiamento para a implementação de projetos educacionais baseados em princípios neoliberais.

O descaso com as escolas do campo, além da perseguição às escolas com turmas multisseriadas foram confirmados, por meio dos processos denominados de nucleação. Dentre as políticas voltadas à educação do campo, destacou-se o Programa Escola Ativa, como sendo um dos mais mencionados pelos(as) professores(as) entrevistados(as), por ter efeitos positivos por meio da valorização do campo e a abertura para o desenvolvimento de projetos nas escolas baseados nas realidades locais e em parceria com a comunidade.

Também no recorte estudado, percebeu-se a preocupação com a formação mínima exigida para os docentes a partir da LDB, sendo ofertada a partir de Regimes de Formação Especial seja para o Magistério ou mesmo para a Licenciatura em Pedagogia. Portanto, o perfil dos(as) professores(as) foi alterado de forma significativa. Na década de 1990, a formação máxima entre as docentes de ambas as escolas era o Magistério, formadas pelo Logos II ou Escola Normal, e ainda lecionavam três professoras com a formação do 1º grau, na E. M. Professor Luiz Gil. Já nos anos 2000, as professoras com formação no 1º grau se aposentaram e com a chegada de concursados, passou a ter o quadro de professoras com a formação mínima do Magistério (Logos II e Escola Normal) e no decorrer dessa década a maioria dos docentes conseguiu cursar o Ensino Superior, sendo uma realidade em comum nas duas escolas.

Nesse decorrer, também foram observadas transformações no campo das práticas pedagógicas ao serem comparadas as duas décadas de estudo. Seja pelo processo de formação continuada dos docentes, seja pelos recursos mais acessíveis às escolas (livros didáticos, e materiais pedagógicos), é visível a mudança de metodologias que migraram

de um modelo mais tradicional (quadro e giz, ditados, tabuada) para uma perspectiva modernizada baseada em eixos temáticos e projetos. Nessa perspectiva, até o método de avaliação deixou de ser quantitativo e passou a ser qualitativo, sendo alvo de críticas positivas e negativas.

Entre as estradas de pedras percorridas, os(as) professores(as) reinventaram-se. Em meio ao difícil processo de cultivo que requer a educação, surgem as flores. Ao mesmo tempo em que ensinam, exigem e disciplinam, são eles(as) os(as) responsáveis pelas “cachoeiras”, “lagoas, mel e brincadeiras” que “adoçaram/adoçam” o processo de educar.

4. CAPÍTULO 3: ENTRE QUADRILHAS E DESFILES: A CONSTRUÇÃO DE CULTURAS ESCOLARES NAS INSTITUIÇÕES MUNICIPAIS PROFESSOR LUIZ GIL E MARIA DO CARMO SANTOS SILVA

*E a gente canta
E a gente dança
E a gente não se cansa
De ser criança
A gente brinca
Na nossa velha infância.*

(Monte, Marisa. et al. **Velha Infância**, 2002).

Nesse espaço pretendemos analisar os modos como culturas escolares foram sendo construídas no dia a dia das escolas, que são o objeto de estudo dessa pesquisa, a partir das datas comemorativas e eventos que se repetiam no calendário anual. Para tanto, o trabalho com as fontes levará em consideração as memórias sobre o cotidiano escolar, a organização do calendário escolar e a forma que se realizavam eventos festivos e cívicos.

Portanto, interessa compreender quais eventos eram prioritários no decorrer do ano letivo, quem financiava os recursos para esses acontecimentos, como a participação dos estudantes era expressa, além da possível relação com a comunidade circunvizinha e a influência da cultura local.

Para além disso, fazendo um contraponto com o trecho da música “Velha Infância”, interpretada pelo grupo Tribalistas, interessa analisar como os eventos escolares marcaram a memória dos estudantes, fazendo parte das suas experiências infantis. As narrativas de estudantes egressos(as) e professoras serão complementadas por registros fotográficos desses acontecimentos, quando disponíveis.

4.1 “ENTÃO ERA MUITO PRAZEROSO OUVIR: TU VAIS PARA A ESCOLA AGORA”: O CALENDÁRIO LETIVO E AS VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES E PROFESSORES(AS) NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR LUIZ GIL

Iniciamos esse percurso considerando a pergunta seguida de resposta feitas por Pesavento: Como trazer para o presente a complexidade da experiência humana do passado? Só pelo esforço da imaginação, pela educação e adestramento do olhar,

recolhendo sinais, indícios, tecendo correlações, estabelecendo nexos entre as marcas deixadas, preenchendo lacunas e ausências (Pesavento, 2005, p.132).

Em um primeiro instante, a análise volta-se para a interpretação de memórias afetivas que foram sendo construídas pelos(as) alunos(as) e professores(as), mediante suas experiências acerca do cotidiano no espaço escolar. Levando em consideração que “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le Goff, 2003, P. 423).

O ambiente escolar é múltiplo e proporciona aos(as) sujeitos(as) envolvidos(as) variadas experiências ao longo da jornada educacional, dentre estas as primeiras manifestações de socialização fora do núcleo familiar. Falar do processo de escolarização na zona rural do distrito de São José da Mata é falar, entre outros aspectos, dessas relações, “é resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui enquanto instituição” (Dayrell, 2001, p. 136). Na perspectiva de Luan Araújo, aluno egresso da E. M. Professor Luiz Gil,

falar ou pensar sobre esses momentos são muito prazerosos, porque de primeiro momento a gente quando criança nunca sai de perto da mãe, né? Quer que a mãe esteja sempre com a gente em todos os ambientes. Mas ir para a Escola Professor Luiz Gil, me fez ter contato também com outras pessoas que a partir daquele momento seriam também minha família. Desde professores, funcionários, os colegas que a gente vai socializando ali, vai fazendo amizades e enfim (Araújo, 2023).

A partir da fala do entrevistado, percebemos a escola como o ambiente em que se “corta o cordão umbilical” pela segunda vez, já que ocorre o distanciamento da mãe, mesmo que só por algumas horas. Onde o espaço está aberto para conhecer e dialogar com outras pessoas, conhecer o diferente, fazer amigos. Portanto, “esta cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular” (Julia, 2001, p.10).

Nesse caso, as experiências de Araújo relacionadas à escola integram sua infância. As primeiras vivências educacionais são partes de um todo que em seu conjunto representa uma fase inicial de conhecimento e de aprendizagem para a vida, para o mundo. “Então era muito prazeroso ouvir: Luan, tu vais para a escola agora. Vamos, vamos sim e pronto. Ficava ali, tomava o cafezinho, e ia para escola, e essa era a rotina.

E eu gostava demais” (Araújo, 2023). Ou seja, para Luan, ouvir que estava na hora de ir para a escola era motivo de alegria.

Narrativa com a qual podemos traçar um paralelo com a afirmação de Escolano sobre o “tempo disciplinar”, fundamentado em Foucault, o qual analisa que:

os relógios escolares – também os relógios domésticos e os de uso pessoal - , ao regular a conduta diária servem à aprendizagem (...). O relógio colocado na escola, que perpetua, além disso, a cronometria apreendida durante a infância na vida da comunidade, se constitui assim, num símbolo cultural e num mecanismo de controle social da duração (Escolano, 2001, p.44).

Imagem 52: Fotografia do ex-aluno Luan Helder na escola em 2005



Fonte: Acervo pessoal de Luan Helder Pereira Araújo

Na imagem 52, Luan posa, com cerca de oito anos, para o registro amador de um dito fotógrafo, que, anualmente, visitava a escola para realizar esse trabalho. É notável a falta de ajuste do ângulo da foto em que aparecem as mãos e parte dos braços de professoras que estavam segurando a bandeira nacional, que servira de fundo. Luan, no entanto, parece estar gostando do momento, talvez sentindo-se orgulhoso, por ser um dos que pode aproveitar a oportunidade de tirar uma foto com um dos símbolos da pátria (a bandeira nacional), uma espécie de canudo que simbolizava um diploma e um livro⁸⁵. Provavelmente uma foto especial. Sua mãe a guardou com cuidado e carinho e ele a trouxe para me mostrar, entre outras, antes mesmo que eu pedisse.

⁸⁵ Isso porque não eram todos(as) que tinham condições de pagar por esse tipo de fotografia, ou mesmo não recebiam a permissão dos pais.

Para Artières, a seleção de fotos a serem arquivadas faz parte de uma “exigência do arquivamento de si”, para o qual se estabelece um vínculo direto com o reconhecimento de uma identidade. Dessa forma, “não colocamos qualquer foto nos nossos álbuns”. Além disso, a produção de lembranças é compreendida como um dever; “não o fazer é reconhecer um fracasso” (Artières, 1998, p.21). Outra recordação de Luan diz respeito:

aos períodos mais aguardados por nós, né? Era o período da festa junina. Era o período do desfile cívico de sete setembro, onde a gente se preparava, ensaiava e já ia por ali falando da quadrilha. A gente ia procurando o melhor par, tinha todo aquele friozinho na barriga. Aí, meu Deus! E agora? Mas era muito bom. Eu sempre participei e sempre fui ativo dessas atividades culturais assim da escola e que me ensinou também. Luan não sabia dançar e a partir daquele momento ali, Luan se mexia. As professoras tentavam nos orientar (Araújo, 2023).

Sendo assim, o calendário cultural também compõe o leque de memórias dos estudantes a respeito da escola e deixava as crianças ansiosas e animadas. Vale ressaltar o pensamento de Escolano (2001, p. 28) quando considera que “as características psicossociais e culturais (também educativas) dos indivíduos em geral se expressam especialmente mediante a separação em grupos (intervalos, distâncias, zonas)”. Além disso, eu complementaria exemplificando também a participação nos eventos que aconteciam nas escolas. Embora as festividades fossem pensadas para o coletivo, havia sempre os(as) que se interessavam em protagonizar as apresentações, os(as) escolhidos(as) pelos(as) professores(as) por acharem que se enquadrariam melhor em determinado papel, os(as) mais tímidos(as) e os(as) que talvez até faltassem para não serem pressionados a participar. Ou até mesmo quem, como eu, tinha um grande desejo de dançar quadrilha, mas como minha mãe era/é evangélica, não me permitia participar, no máximo ia vestida de chita e trancinhas no penteado do cabelo.

Segundo Maria do Socorro Sousa, o calendário escolar para realização de eventos seguia a sequência de feriados e datas comemorativas de acordo com a ordem dos meses durante o ano letivo. Ou seja, com o início das aulas, geralmente em fevereiro, a primeira data comemorativa tinha como tema o carnaval, seguido da Páscoa, Dia das Mães, Festas Juninas, Dia da Independência, Dia das Crianças e Natal. Outras datas que também poderiam contar com atividades pedagógicas mais lúdicas eram o “Dia do Índio”, Dia do Livro e o Dia do Folclore. Para o Dia dos Pais, geralmente eram preparados cartões ou “lembrancinhas”, mas não havia festa porque se subentendia que os pais estavam em

horário de trabalho e eram mais ausentes à escola, sendo as mães, as responsáveis mais frequentes no cotidiano escolar (Sousa, Maria do Socorro. 2023).

Para a realização desses eventos, fazia-se necessário o investimento em materiais específicos de papelaria que eram disponibilizados pela escola, quando havia recursos. Quando não havia, geralmente os(as) professores(as) custeavam os materiais do próprio bolso. Assim como, costumavam custear possíveis “lembrancinhas” para agradar estudantes e convidados presentes nos eventos (Sousa, Maria do Socorro. 2023). Sobre esse assunto, Tonholo considera que:

É inegável o fato de que, hoje em dia na sociedade, algumas datas comemorativas são impulsionadas por questões comerciais. Muitas vezes, tal ideia é incorporada na escola sem maiores questionamentos. Por isso, se faz necessário partir do pressuposto de que é preciso refletir sobre a forma como são trabalhadas as datas comemorativas dentro da instituição escolar, deixando de ser apenas uma transmissão de conteúdos, apresentação de trabalhos para os pais, ou como uma forma de instigar o consumo (Tonholo, 2013, p 186).

Cabe, portanto, refletir sobre como as festas e eventos passam a compor o currículo e como estão sujeitas à lógica capitalista, incentivando o consumo e a cultura de presentes, proporcionando, inclusive, a assimilação da escola pública à privada nesse aspecto.

É importante fazer uma ressalva a respeito dos registros fotográficos que se tornaram fontes relevantes nessa pesquisa, salientando que o acesso às imagens dos anos 2000 ocorreu em maior quantidade em comparação às fotografias da década de 1990, uma vez que, o acesso a câmeras fotográficas era reduzido, geralmente eram instrumentos caros, comprados apenas por pessoas com maior condição financeira ou profissionais do ramo. Então, nos anos 2000 em diante foi tornando-se mais acessível, porém, é possível notar que as fotos não possuem qualidade nas cores e na luz.

No carnaval, geralmente eram confeccionadas máscaras pelos próprios estudantes auxiliados pelos(as) professores(as). Eram, nessa ocasião, liberados para ir com roupas coloridas e possíveis fantasias, porém, não havia, de forma evidente, a cultura de fantasiar-se. A máscara e pinturas no rosto eram as formas mais frequentes de prepararem-se para brincar ao som de marchinhas e de músicas animadas.

Imagem 53: Fotografia das estudantes Renata Lopes e Clediane Raposo durante o carnaval de 2000



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro R. Sousa

O registro na imagem 53, de Clediane Sousa e sua amiga Renata, no espaço externo à escola, em uma casa vizinha, mostra as duas colegas vestidas com propostas diferentes, uma mais arrumada e outra mais esportiva, ambas com os rostos pintados com tintas coloridas, pinturas faciais semelhantes aos contornos de máscaras, mas ainda possuem duas máscaras que se encontram levantadas à altura da testa, feitas possivelmente em cartolina vermelha e decoradas. Renata não está olhando para a foto, mas demonstra seu entusiasmo no momento, será que estava de olho na festa que seguia rolando? Já Clediane está de olhos atentos à câmera, porém, demonstra seriedade. O cenário para a foto é a frente de uma casa vizinha à escola contando com uma planta de folhas grandes ao fundo, por trás das crianças. A intenção de quem registrou a foto talvez tenha sido a de fazer uma fotografia apenas das duas amigas, de forma reservada, mas arrisco dizer que a atenção de Renata estava na festa, ansiosa para que a fotografia fosse tirada e ela pudesse retornar.

Após o carnaval era a hora de preparar-se para o Dia das Mães, geralmente aconteciam apresentações musicais, que eram ensaiadas com antecedência, assim como

eram confeccionados cartões, flores de papel, entre outros elementos que seriam entregues às mães no dia marcado para a comemoração, como uma forma de demonstrar amor e carinho a elas.

Imagem 54: Estudantes apresentando-se em comemoração ao Dia das Mães em 1995



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro R. Sousa

Na fotografia 54, eu estou segurando um microfone e cantando uma canção, em homenagem às mães, que eu não lembro qual era, mas acredito que seja de cunho religioso, em parceria com mais três colegas: Juciely, Gracinha e Simone (a que está do meu lado e a última da fileira são minhas primas). Não recordo qual o critério foi utilizado para escolha do grupo para a apresentação. O evento acontece dentro de uma sala de aula e as quatro meninas não estão usando farda, todas aparentam estar mais arrumadas do que nos dias normais de aula, por conta do evento. Ao fundo aparecem o quadro de giz e algumas pessoas, entre as quais é possível reconhecer a então gestora, Dona Maria Da Guia e a professora Maria do Socorro Sousa (minha mãe). Aparentemente o evento ocorre no último (ou entre os últimos) ano em que estudei na escola, ou seja, ocorre por volta de 1996.

A paróquia Nossa Senhora de Fátima foi cenário de mais um evento da E. M. Professor Luiz Gil, apresentado na imagem 55. As crianças apresentaram-se para as suas mães segurando rosas confeccionadas com papel crepom, também estavam segurando

uma folha, que não dá para se certificar de que na folha haja algum texto, desenho ou carta que foi entregue junto à rosa, ou se é apenas a letra da canção que cantaram.

Imagem 55: Estudantes apresentando-se em comemoração ao Dia das Mães por volta de 2001



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro R. Sousa

Essa apresentação se passou no início dos anos 2000 e, quando comparada à apresentação da imagem 55, demonstra um número maior de estudantes participando. Além disso, não há um estudante específico segurando o microfone, indicando que as vozes puderam ser ouvidas de forma mais equilibrada entre o grupo, sem favorecimento. As crianças que aparecem na foto sentadas em degraus em frente à apresentação são estudantes de outras turmas, talvez não tenham encontrado outro espaço mais adequado para sentarem-se ou preferiram ficar no primeiro plano de atenção, acompanhando todas as apresentações de frente. Na plateia, possivelmente, estão as mães, que quando não podiam participar, por motivos de trabalho, eram representadas por outras mulheres das famílias. Nesse caso, em sua maioria, eram as avós das crianças que se faziam presentes nas ausências das mães.

Entre as comemorações mais aguardadas estava a festa junina. Era a hora de escolher um par e ensaiar para o grande dia das apresentações da quadrilha, período que marcava também o encerramento do primeiro semestre. Geralmente o “Arraiá da Rosinha” acontecia/acontece no último dia de aula que antecedia o recesso junino em que

havia/há uma pausa de cerca de duas semanas sem aulas, para então retomar às atividades habituais no segundo semestre letivo (Sousa, Lucivania. 2003).

Todas as turmas contavam com as orientações dos(as) professores(as) para ensaiarem e aprenderem os passos e a dinâmica que geralmente antecedia às quadrilhas. Contando com personagens como os noivos, princesa e rainha do milho, as meninas vestiam-se com vestidos de chita cheios de babados e aplicações. Já os meninos trajavam camisas em xadrez, calças jeans com apliques e usavam chapéus de palha.

Imagem 56: Apresentação de quadrilha junina no início dos anos 2000



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro R. Sousa

A apresentação na imagem 56 transcorre em uma sala de aula e é possível ver adultos assistindo, provavelmente familiares que foram prestigiar as apresentações. Porém, é notável o espaço apertado em que as crianças e seus espectadores estavam, o qual desfavorece, inclusive, o ângulo da foto.

Imagem 57: Estudantes vestidos a caráter durante a festa junina



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro R. Sousa

Na imagem 57, todos deveriam estar posando para a foto, mas alguns viraram para o lado observando algo que deve ter chamado mais atenção. A baixa qualidade da fotografia, deixa alguns rostos embaçados, algumas crianças estão com a imagem cortada e sempre é possível perceber que, entre essas, tem as que fazem poses para saírem mais bonitas nas fotografias e as que não se importam muito com a aparência ou mesmo se escondem por trás das outras.

Imagem 58: Apresentação de quadrilha junina no início dos anos 2000



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro R. Sousa

Já a imagem 58 reforça um aspecto presente também nas demais fotografias referentes às festas juninas. As roupas utilizadas nesses eventos, a qualidade dos tecidos e seus adereços também revelavam as diferenciações econômicas e o investimento das famílias. Nem todos podiam investir em roupas mais elaboradas para o dia da quadrilha. Além disso, é possível notar que alguns estudantes não participavam das apresentações, o que pode envolver a decisão própria de não gostar de dançar, a decisão dos pais, como foi o meu caso, de proibir de dançar, ou mesmo o fato de não ter recursos o suficiente para se apresentarem como gostariam.

A festa junina era um dos momentos mais aguardados no ano letivo pela maioria dos estudantes, assim como os desfiles cívicos em alusão à Independência do Brasil. Os conhecidos desfiles de 7 de setembro, que aconteciam na zona urbana do distrito de São José da Mata passaram a partir de 1997 a contar com a participação da E. M. Professor Luiz Gil.

Com uma inspiração positivista, influenciada pelos militares, no geral, os desfiles cívicos promovem a comparação dos estudantes a soldados enfileirados marchando, ressignificando o tema da Independência do Brasil sob uma perspectiva de fomento ao patriotismo e aos ideais de “ordem e progresso”, reforçados com o movimento republicano. Cantar o Hino Nacional e participar dos desfiles cívicos, mesmo que seja assistindo, pode significar um movimento de honra à pátria e de incentivo aos jovens estudantes a tornarem-se bons cidadãos, reconhecendo no Exército Brasileiro uma instituição de referência.

Na E. M. Professor Luiz Gil os ensaios começavam antecipadamente para garantir que a apresentação fosse bem-sucedida. “Vinha uma banda também aqui para o sítio para sair com os alunos e a gente dava uma passeada aqui com eles, ensaiava” (Sousa, Maria do Socorro. 2023). Era um momento de muito anseio e expectativa, afinal, seria uma apresentação além dos muros da escola (Sousa, Clediane. 2023). A Prefeitura Municipal disponibilizava o transporte de condução dos estudantes aos desfiles, sendo alguns acompanhados também de seus responsáveis.

Imagem 59: Apresentação em desfile cívico no início dos anos 2000



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro R. Sousa

Para representar a comissão de frente, geralmente eram escolhidas meninas que usavam roupas semelhantes, da mesma cor. No caso da imagem 59, percebemos que todas usavam branco. Blusas de mangas compridas, calças e luvas, até o calçado era da mesma cor. Também usavam faixas com as cores das bandeiras seguidas de forma hierárquica, a primeira era verde e amarela, certamente se referindo às cores predominantes da bandeira nacional, a segunda de preto e vermelho, relacionada à bandeira da Paraíba, a terceira repetiu os tons de verde e amarelo, dessa vez em referência às cores de Campina Grande e por último, a faixa azul e branco, cujas cores compõem o escudo da escola.

Imagem 60: Apresentação em desfile cívico no início dos anos 2000



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro R. Sousa

Para as apresentações dos estudantes que seguiam marchando na posição posterior à banda marcial, que se colocava entre a comissão de frente e o restante da escola, era escolhido um tema de abrangência sociocultural. Conforme o desfile acontecia, apresentavam-se grupos com questionamentos e apresentações culturais relacionadas à temática escolhida. Na imagem 60, é possível perceber o tema “Nossas diferenças” como sendo escolhido para um desfile que transcorre no início dos anos 2000.

Os estudantes seguem nas ruas de São José da Mata e uma quantidade significativa de pessoas assiste das suas casas e calçadas eles passarem. Dois meninos fardados seguram uma espécie de estandarte em tecido pintado com o tema e um mapa do Brasil na cor verde, tal qual o tema, preenchido por rostos de variadas cores, que apresentavam a diversidade étnica no país. Ao fundo da foto, é possível ver um cartaz que mesmo cortado pelo ângulo, possivelmente traz a frase “Exclusão, o que temos”.

Entre as demais fotografias disponíveis desse mesmo desfile, é possível ver que o tema da diversidade abrangeu variados aspectos da sociedade brasileira, abordando desde as classes sociais, manifestações religiosas, etnias, bem como as pessoas com deficiência. Um outro cartaz complementa: “Inclusão, o que precisamos”. Ou seja, possibilitando a reflexão sobre o que acontecia na realidade e como realmente deveria ser a respeito da inclusão de pessoas com deficiência. No anexo Z, estão expostas fotos de estudantes representando indígenas, um pastor e um padre.

Desse modo, reconhecemos que apesar dos “Desfiles de 7 de setembro” partirem de uma perspectiva militar e positivista de obediência, essas manifestações foram sendo ressignificadas e abriram-se a questionamentos e críticas às situações vivenciadas pela população ou por determinados grupos. Assim como, trabalhando temáticas de cunho ambiental e cultural, dentre outras, que possibilitaram aos estudantes o estudo do que seria apresentado, bem como levaram mensagens adiante aos espectadores nos dias dos desfiles, que geralmente incluíam também políticos ou seus representantes.

A comemoração do Dia das Crianças também era um evento marcante no calendário escolar, dia de muitas brincadeiras no qual os estudantes já saíam de casa cheios de expectativas sobre o que iam ganhar e quais as brincadeiras iriam acontecer. Em algumas ocasiões chegaram a ser organizadas gincanas.

Imagem 61: Fotografia de uma festa do Dia das Crianças no início dos anos 2000



Fonte: Acervo pessoal de Lidiane N. S. Gonçalves

Na imagem 61, notamos a simplicidade da festinha. O espaço utilizado é uma sala de aula, a decoração conta com balões coloridos enfeitando o espaço acima do quadro,

no quadro de giz uma mensagem: “Feliz Dia das Crianças!”, à frente do quadro há uma mesa pequena com um bolo retangular de dois andares e laterais brancas, ao lado da mesa do bolo há outra mesa maior contendo saquinhos amarrados preenchidos com guloseimas e alguns copos descartáveis para serem usados com bebidas para acompanhar o bolo. No cenário, ainda aparece uma estante de livros ao fundo e as turmas de estudantes usando roupas coloridas⁸⁶ sentam-se ao chão na frente do bolo para posarem para as fotos, a exceção de um menino que tirou a foto de pé próximo à estante de livros.

O Dia das Crianças também incluía brincadeiras e diversão, além de comida e lembrancinhas. Dentre as principais brincadeiras, a corrida do saco era muito disputada. Pulando vestidos com sacos nas pernas, venciam o que terminasse o percurso combinado primeiro. Entre poeira e sol, muitas eram as crianças dispostas a participar da corrida saltando.

Imagem 62: Corrida de saco nos anos 2000



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro R. Sousa

⁸⁶ No período em que a fotografia foi tirada os estudantes já tinham acesso ao fardamento disponibilizado pela prefeitura do município. Provavelmente foram liberados para utilizar roupas coloridas nesse dia festivo.

Imagem 63: Corrida de saco nos anos 2000



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro R. Sousa

Maria do Socorro Sousa recorda que as confraternizações organizadas para os estudantes no Dia das Crianças e no final do ano, geralmente eram custeadas pelos(as) professores(as). “A gente fazia aquela confraternização com uma lembrancinha para cada criança e saíam satisfeitos” (Sousa, Maria do Socorro. 2023). Demonstrando a preocupação que os(as) docentes tinham e a disponibilidade em contribuir financeiramente para agradar e fazer um carinho aos estudantes em momentos especiais.

Uma novidade que passou a vigorar a partir da segunda metade dos anos 1990, foi a festa de formatura para as turmas da Alfabetização, chamada popularmente de “Formatura do ABC”. Inspirada nas escolas privadas, a E. M. Professor Luiz Gil adotou tal prática, em que a professora da turma, Maria do Nascimento Sampaio, sempre buscava organizar o momento, ficando de exemplo para as professoras posteriores. Na imagem 64, o formando Cleiton Raposo aparece vestindo beca e chapéu azuis com detalhes brancos, na beca estão bordadas as letras A, B e C. Também observa-se uma mesa forrada com toalha de renda branca, sobre a mesa há um arranjo de flores de um lado e do outro um bolo retangular de dois andares, coberto com chocolate e enfeitado aparentemente com ameixas. Ao fundo aparece o quadro de giz com a frase: “Doutorandos do ABC 96” colada com fita crepe. Também está colado no quadro um cartaz escrito: “Agora eu já sei

ler, vou dá adeus ao ABC”⁸⁷, representando o fim de um ciclo que é a base para o seguinte, tendo a leitura como o objetivo principal dessa fase escolar.

Imagem 64: Formatura do ABC em 1996



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro R. Sousa

A última confraternização do ano acontecia em clima natalino, marcando o final do ano letivo e o início das férias. Também era a época de certificar se os estudantes estavam aprovados ou não e receber as provas comprovando as notas tiradas no último bimestre. Segundo a professora Lucivania, também eram comuns as apresentações de cantatas natalinas no período (Sousa, Lucivania. 2023).

Na imagem 65, a professora Maria do Socorro Sousa está acompanhada da sua turma de concluintes da quarta série, em 2002. Na foto, alguns seguram o que deve ser o conjunto de provas do final de ano e também uma caixinha de papel em formato de árvore de natal, que receberam como brinde, recheada de doces. A professora garante que todos os estudantes receberam as caixinhas, apesar de nem todos estarem segurando na hora da foto (Sousa, Maria do Socorro. 2023).

⁸⁷ A frase foi reproduzida tal qual escrita no cartaz.

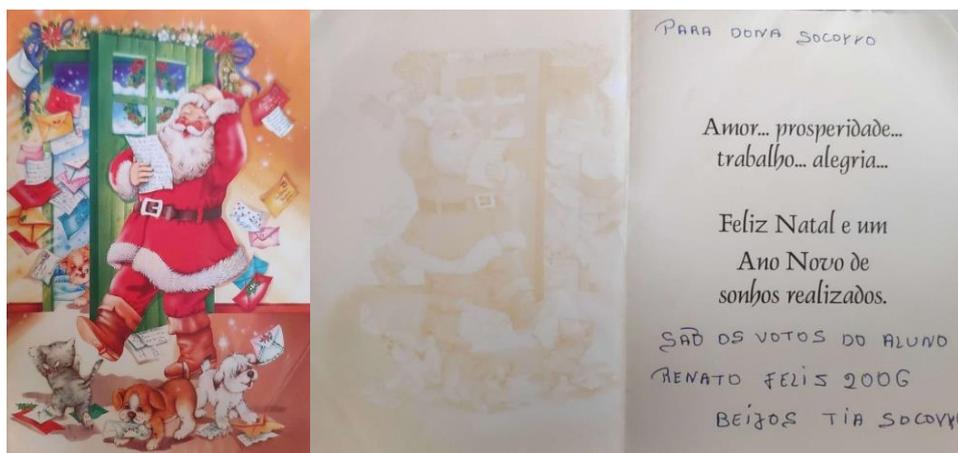
Imagem 65: Confraternização natalina nos anos 2000



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro R. Sousa

Além disso, também era frequente os(as) professores(as) receberem presentes e/ou cartões no Dia dos Professores e ao final do ano letivo. A maioria desses presentes revelavam a simplicidade de algumas famílias, mas dotados de um valor simbólico muito significativo, tanto que alguns são guardados até hoje. Como é o caso do cartão cuja fotografia segue na imagem 66, e dentre os votos desejados, chama atenção as formas de tratamento com a professora. Inicialmente chamada de “Dona Socorro”, indicando uma forma mais séria, evidenciando respeito, uma forma comum de se tratar na época. Contrastando com o final onde é chamada de “Tia Socorro”, um termo mais recente e que já rompe um pouco mais da ideia de respeito aproximando o estudante da professora de forma mais carinhosa, “familiar”.

Imagem 66: Fotografia de um cartão de Natal para a professora Socorro Raposo



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro R. Sousa

O Natal também era a época de confraternizar-se com a equipe de trabalho. A então gestora Maria do Socorro Silva aparece na imagem rodeada por professoras e outros(as) funcionários(as) da escola. Além da mensagem de Feliz Natal escrita no quadro com giz, há uma mesa com bolo, salgados, refrigerantes e embalagens vermelhas que aparentam ser presentes para a equipe.

Imagem 67: Confraternização entre gestão professores e funcionários nos anos 2000



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro S. Silva

Portanto, o ano letivo era marcado por muitas comemorações e homenagens. Foram priorizadas nesse estudo, as que se mostraram mais importantes e contavam com fontes fotográficas, aproveitando para reforçar que não eram as únicas e tinham maneiras diferentes de serem celebradas, algumas contavam com apresentações (Dia das Mães, Dia da Criança, Natal, por exemplo), outras contavam apenas com um material didático e atividades diferenciadas (Dia do Livro, Dia dos Pais, Proclamação da República, por exemplo).

Mediante os relatos e experiências vivenciadas a E. M. Professor Luiz Gil tem uma representação muito significativa na vida dos entrevistados: “Ali foram colocadas as primeiras pedrinhas para o alicerce, foi a base de tudo o que eu aprendi até hoje” (Gonçalves, 2023); sendo “um espaço não só de aprender, mas de criar memórias afetivas” (Sousa, Clediane. 2023); que para alguns transformou-se em “parte da família” (Sousa, Lucivania. 2023); ou representa toda “uma vida!” (Sousa, Maria do Socorro. 2023); e chega a ter “um valor inestimável” (Araújo, 2023).

4.2 “ALI FOI UMA PARTE DA MINHA INFÂNCIA, DA MINHA VIDA”: O CALENDÁRIO LETIVO E AS VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES E PROFESSORES(AS) NA ESCOLA MUNICIPAL MARIA DO CARMO SANTOS SILVA

A partir das memórias de estudantes egressos e professores(as) da E. M. Maria do Carmo S. Silva, compreendendo que a “sensibilidade consegue, pela evocação/memória de uma sensação, reproduzir a experiência do vivido, reconfigurado pela presença do sentimento” (Pesavento, 2005, p.129), buscaremos analisar como uma cultura escolar foi sendo construída a partir das experiências vivenciadas e tomando o calendário escolar como referência. Cabe salientar que a dinâmica pedagógica na referida escola esteve ao longo de toda sua história relacionada à metodologia multisseriada.

Considerando as palavras de Larrosa, para o qual “a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida” (Larrosa, p. 27, 2002). A aluna egressa Lidiane Silva ressalta:

Eu gostava muito de ir para a escola, lá era um lugar que todo mundo se conhecia e era muito bom, um ambiente muito tranquilo (...) eu tinha vários amigos, a gente brincava muito (...) a professora era muito boa, a gente tinha muito contato com ela, além de ser a professora também era a instrutora da igreja (Silva, Lidiane. 2023).

Essa afirmação também diz respeito à oportunidade de socialização e de cultivar laços de amizade na escola, o que pode significar uma forma de “resistência ao biopoder”, possibilitando o “surgimento de subjetividades” (Cardoso Jr.; Naldinho. 2009, p. 53). Dominique Julia contrapondo-se à posição de que a escola seja apenas um espaço de reprodução social, mas reconhecendo a escola como espaço construtor de cultura, convida os historiadores da educação a interrogarem-se sobre as práticas cotidianas, sobre o funcionamento interno da escola, pois “para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar, em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades” (Julia, 2001, p.11).

O registro fotográfico na imagem 68 foi disponibilizado por Lidiane Silva e diz respeito à foto de sua irmã mais nova acompanhada de um sobrinho. Ambos os estudantes da Escola Maria do Carmo na primeira metade dos anos 2000. O cenário é bem semelhante ao da fotografia da imagem 52. Eis aí um registro da fase escolar. Nesse caso, não entra em cena o “diploma”, mas aparece um troféu, o qual não está legível sobre o que se refere, mas traz consigo uma representação de vitória. Mais uma vez a bandeira

nacional e os livros estão presentes, reforçando os ideais de pátria e conhecimento. Outro detalhe em comum diz respeito às roupas utilizadas, não usavam o fardamento padronizado, o que pode deixar subentendido uma escolha por usar uma roupa considerada bonita para sair na foto. É interessante notar que não foram feitas fotografias separadas, uma para cada, mas fizeram juntos, talvez pela proximidade de tia e sobrinho, talvez para economizar, pagar por uma foto apenas, contemplando os dois. Enfim, os jovens tiveram sua passagem escolar legitimada com este registro simbólico guardado por sua família.

Imagem 68: Fotografia de um casal de estudantes da E. M. Maria do Carmo S. Silva nos anos 2000



Fonte: Acervo pessoal de Lidiane Rocha da Silva

A E. M. Maria do Carmo S. Silva também tinha o seu ano letivo organizado com datas comemorativas. A pessoa que esteve à frente da escola por mais tempo, foi a professora Maria do Socorro S. Silva, que mesmo quando deixou a função de professora para ser gestora, seguiu acompanhando a instituição da qual foi responsável pela fundação. Então, grande parte do que era planejado e executado tinha como mentora a professora. Comemoravam, entre outras datas, o Dia das Mães, as Festas Juninas, a Independência do Brasil e o Natal. Buscavam fazer momentos diferentes com as crianças, mesmo sem apoio dos poderes públicos e com poucos recursos, era feito algo simples, mas “não passava em branco”. Além disso, os trabalhos temáticos produzidos pelos estudantes sempre ficavam expostos para facilitar ou provocar o acompanhamento dos pais (Silva, Maria do Socorro. 2023).

Apesar de acontecerem anualmente, não foram encontrados registros fotográficos de comemorações do Dia das Mães. Dentre as fotografias disponibilizadas para essa pesquisa, uma delas chama atenção como culminância das atividades realizadas em maio, que a princípio representa uma manifestação religiosa, mas que fazia parte do calendário adotado na escola em homenagem à Maria, mãe de Jesus. “Ela às vezes fazia algumas encenações com a gente (...), sempre tinha a coroação em maio” (Silva, Lidiane. 2023), afirma a aluna egressa sobre o trabalho realizado em sala pela professora.

Imagem 69: Cerimônia de coroação à Maria



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro S. Silva

Desse modo, percebe-se claramente a influência religiosa no cotidiano da escola. A laicidade promulgada na Constituição é burlada não só nesse momento, mas em outras festas religiosas que acontecem no ambiente escolar, como a Páscoa e o Natal. Nesse sentido, Nunes considera:

as festas e celebrações como uma manifestação escolar que não despreza o cotidiano no qual esta celebração é inserida. Ao contrário, contribui para instituí-las, posto que a prática destas comemorações na escola funciona como agente importante no reforço, na formação, na alteração ou permanência de valores culturais, éticos, morais, estéticos e de cidadania dos sujeitos que transitam e convivem neste universo escolar (Nunes, 2005, p. 17).

Seguindo a sequência dos meses, consideramos os registros da festa junina realizada em 2004, onde os estudantes dançam quadrilha em pares demonstrando grande animação no pátio da escola, com a comunidade prestigiando esse momento de alegria.

Os meninos usam chapéus de palha, alguns estão de xadrez, as meninas trajam vestidos semelhantes, produzidos com o mesmo tecido e usam chapéus de palha com trancinhas penduradas, a exceção da que representa a noiva, de vestido branco e penteado diferenciado.

Imagem 70: Apresentação de quadrilha junina nos anos 2000



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro S. Silva

Imagem 71: Apresentação de quadrilha junina nos anos 2000



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro S. Silva

O teto do pátio aparenta estar decorado por folhas de palmeiras. É possível perceber que, levando em consideração a quantidade de pessoas presentes entre a comunidade e estudantes, o tamanho do pátio aparentava ser espaçoso e apropriado para as festividades, apesar de alguns estarem de pé. Espaço arejado e cimentado com o “piso queimado”, ideal para a arrastar a chinela no forró.

Na pose para a foto, fica mais evidente que as meninas usam vestidos em tecido com detalhes quadriculados, próximos a um xadrez, em tons de vermelho e branco, alguns poucos bicos aplicados, os modelos são bem semelhantes com pouquíssimos detalhes que diferenciavam-se. A única diferente é a “noiva”, toda de branco.

Imagem 72: Estudantes com trajes juninos nos anos 2000



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro S. Silva

Os registros fotográficos de mais uma festa junina ocorrida em ano posterior, demonstram a reutilização dos mesmos vestidos quadriculados pelas meninas, sendo observadas alterações de algumas estudantes que aparecem nas fotos, o número também é mais reduzido, bem como ocorre a substituição da “noiva”. Apenas uma usa chapéu. A primeira criança está com uma roupa por baixo do vestido, detalhe que é visível na área da gola, o que pode indicar realmente um empréstimo. Desse modo, é perceptível uma preocupação em padronizar as meninas durante as apresentações juninas, o que pode indicar inclusive que algumas famílias não tinham condições financeiras de investir nas roupas a caráter, e a precaução por parte da escola, proporcionando a reutilização dos

vestidos em comum, contribuindo para que todas se apresentassem e não houvesse o incentivo a uma possível competição de trajes.

Imagem 73: Estudantes com trajes juninos nos anos 2000



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro S. Silva

Na hora do lanche, os estudantes estão reunidos ao redor de uma mesa alimentando-se, utilizando pratos e copos de plástico azuis, típicos utensílios das escolas públicas. Alguns sorriem para a foto, outros ainda estão mastigando ou entretidos com outra coisa. O professor Guilherme Nascimento aparece ao fundo, juntamente com outro homem.

Imagem 74: Hora do lanche na festa junina



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro S. Silva

Na sequência, outro evento que demandava bastante preparação e entusiasmo dos estudantes era o Desfile Cívico da Independência, realizado em setembro, próximo ao feriado. “Eu lembro que a gente fazia tarefas relacionadas a isso, e a gente sempre cantava o hino nacional, que nessa época se repetia todos os dias, e ela instruía, falava mais coisas sobre essa questão da pátria” (Silva, Lidiane. 2023).

De acordo com Tonholo, “qualquer atividade desenvolvida na escola pressupõe uma relação com o saber construída a partir das concepções que se tem, na cultura escolar, do que venha a ser ensinar, aprender e sobre quais saberes tais ações são realizadas” (Tonholo, 2013, p. 184).

Na E. M. Maria do Carmo S. Silva, criou-se a cultura de desfilarem pelas estradas do sítio Cajazeiras, sem haver cobrança de superiores ou um evento oficial da comunidade. Por iniciativa própria da professora Maria do Socorro Silva e dos estudantes. Kátia Cilene recorda: “eu lembro que a gente desfilava na Independência lá pela escola e até nas estradas que tinham por lá” (Silva, Kátia Cilene. 2023).

Imagem 75: Estudantes trajados para o desfile cívico nos anos 2000



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro S. Silva

Na imagem 75, notamos a turma de estudantes, na frente da escola, uniformizada e preparada para sair pelas estradas. Uma dupla de meninos na frente segurando um cartaz com o nome da escola, dois estudantes tocam flautas e pelo menos três estão tocando pandeiros, três também carregam troféus, possivelmente recebidos pela escola. Duas bandeiras nacionais estão sendo levadas ao fundo. Todos os estudantes estão fardados, alguns usam chapéus compridos feitos de papel.

A Comissão de frente do desfile é composta apenas por meninas que usam a camiseta da farda e saias jeans relativamente curtas, algumas usam botas ou tênis, uma delas usa chinelo. A maioria está com chapéus de papel na cabeça e segue marchando de forma ensaiada. Acompanhando esse grupo seguem os músicos da banda. A paisagem local é marcada por uma plantação de palmas (cactos), que servem de alimento para animais.

Imagem 76: Comissão de frente do desfile cívico nos anos 2000



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro S. Silva

Em meio à simplicidade do evento, uma banda dá o tom ao desfile, composta pelos próprios estudantes utilizando instrumentos de percussão e flautas. De acordo com Maria do Socorro Silva, os instrumentos pertenciam à igreja, ou seja, a mesma igreja que funcionava na escola. Durante os encontros religiosos a orientação de como usá-los era promovida pelos(as) catequistas. (Silva, Maria do Socorro. 2023). Fica subentendido que os mesmos que tocavam na Igreja tocavam no desfile, se era corretamente, não se tem certeza, mas percebe-se que havia animação e empenho dos envolvidos, inclusive das professoras.

Imagem 77: Desfile cívico no Sítio Cajazeiras



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro S. Silva

Sobre os desfiles no Distrito de São José da Mata, iniciaram mais tardiamente e percebe-se que, embora houvesse o interesse em participar, as apresentações geralmente eram conjuntas entre as escolas Professor Luiz Gil, Pedro Gomes e Maria do Carmo S. Silva. Nesse caso, as apresentações da escola já não ocupavam um espaço protagonista, geralmente usavam simplesmente a farda e se misturavam aos outros estudantes de outras escolas sem grande destaque, conforme mostra a imagem 78.

Imagem 78: Desfile cívico em São José da Mata



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro S. Silva

Para o Natal, época de comemorar o nascimento de Cristo, eram organizadas apresentações que envolviam um cenário baseado na inspiração bíblica, além de personagens como Maria e José e os reis magos, que aparentemente também foram representados por meninas. As crianças vestem túnicas brancas, com exceção da que representa Maria (túnica rosa) e um outro personagem que está de amarelo. José diferencia-se com um manto azul transpassado e Maria tem a cabeça coberta por um tecido branco de aparência rendada, assim como outra estudante que aparece na foto.

Imagem 79: Apresentação natalina nos anos 2000



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro S. Silva

Imagem 80: Apresentação natalina nos anos 2000



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro S. Silva

No presépio montado está uma boneca em formato bebê, representando Jesus, sob uma mesa cheia de palhas em alusão a uma manjedoura, conforme a narrativa cristã. Uma cortina com estampa de montanhas, árvores e pinheiros foi colocada ao fundo. Maria e

José estão ao redor da manjedoura. Enquanto ela segue admirando a “criança” e sendo perspicaz na interpretação, ele olha para outro espaço.

Imagem 81: Estudantes trajados para peça natalina



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro S. Silva

Em mais uma foto sobre o Natal, percebemos a presença de mais um casal, que talvez possa representar Izabel e Zacarias. Izabel era prima de Maria, que foi visitá-la antes do nascimento de Jesus, segundo a Bíblia Sagrada (LC 1:39-44), também é possível reconhecer um anjo (ou melhor, uma “anjinha”), e duas crianças usam máscaras de animais, provavelmente, cordeiro.

Decorada com adereços natalinos, a E. M. Maria do Carmo S. Silva também sediou confraternizações conjuntas entre as escolas E. M. Professor Luiz Gil e E. M. Pedro Gomes, sob a gestão da professora Maria do Socorro S. Silva. O pátio serviu de espaço para a realização de uma brincadeira conhecida como “amigo secreto”, na imagem 82 as pessoas estão sentadas em círculo e os presentes para a troca estão sobre a mesa. Já a imagem 83 mostra o segundo momento de um lanche coletivo para encerramento das atividades do ano letivo. Momento de descontração e de agradecimento.

Imagem 82: Confraternização de final de ano entre gestão, professores e funcionários das escolas E. M. Maria do Carmo S. Silva, E. M. Professor Luiz Gil e E. M. Pedro Gomes



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro S. Silva

Imagem 83: Confraternização de final de ano entre gestão, professores e funcionários das escolas E. M. Maria do Carmo S. Silva, E. M. Professor Luiz Gil e E. M. Pedro Gomes



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro S. Silva

Mediante os eventos e datas comemorativas mencionados, e até mesmo os que não chegaram a ser comentados aqui, além de todo cotidiano escolar, compreendemos que as vivências deixam marcas registradas na memória que se perpetuam em quem esteve presente. “Fica na recordação, realmente, e é muito gratificante” (Silva, Maria do Socorro. 2023). Pois, “ali foi uma parte da minha infância, da minha vida, uma fase boa

e que infelizmente as crianças de hoje da comunidade perderam” (Silva, Lenilson. 2023). “Minha filha não pôde estudar lá teve que ir para outra escola” (Silva, Lidiane. 2023). “A gente recorda as lembranças boas. E ao mesmo tempo é um momento de tristeza, porque não funciona mais” (Silva, Kátia Cilene. 2023). A E. M. Maria do Carmo Santos Silva foi desativada em 2007, mas sua história não será apagada.

4.3. RESSIGNIFICANDO DATAS COMEMORATIVAS E CRIANDO UMA CULTURA PRÓPRIA

A partir das fontes trabalhadas nesse capítulo, compreendemos o quanto o calendário escolar e os eventos eram importantes para a dinâmica da cultura escolar produzida em cada instituição. Cabe mais uma vez ressaltar que não há interesse comparativo para estabelecer superioridade entre as mesmas, e considerar as palavras de Larrosa:

O saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida (Larrosa, 2002, p.28).

A dedicação das equipes pedagógicas para a realização de eventos, chegando a custear do próprio bolso materiais e presentes, o capricho nas fantasias e cenários, embora influenciadas pelo capitalismo, além da participação significativa dos estudantes, a motivação em atrair as comunidades e a ressignificação de datas simbólicas, passando a propiciar uma perspectiva própria, marcam de forma significativa histórias de vida e, conseqüentemente, as histórias das próprias instituições de ensino.

São memórias guardadas daquela “velha infância”, em que não se cansava de brincar, correr, cantar, ensaiar, marchar, dançar. Daquela infância, naquela escola, com aquele(a) professor(a), aquela quadrilha, aquele desfile, ou mesmo, aquele natal. Daquele tempo que não volta mais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Ei, dor!
Eu não te escuto mais
Você não me leva a nada
Ei, medo!
Eu não te escuto mais
Você não me leva a nada*

*E se quiser saber
Pra onde eu vou
Pra onde tenha sol
É pra lá que eu vou*

(Barreto, Antônio Júlio de A. **O sol**, 2005).

Chegamos ao fim dessa caminhada. Caminhada de muitas realizações, de muitos tropeços, mas sobretudo, de muita aprendizagem. Encarar o retorno à academia depois de cerca de doze anos afastada foi de fato desafiador, e por muitas vezes a dor e o medo batiam à porta da minha consciência, tentando fazer-me desistir do meu sonho de voltar a estudar, de cursar um mestrado.

Contando com a força de Deus e o apoio de muitas pessoas, seguimos em frente rumo ao Sol. Resilientes, dedicando-nos o máximo que podíamos, mesmo com as adversidades da vida, processos de enfermidade e questões profissionais e familiares para administrar.

Sinto-me duplamente honrada em encerrar esse ciclo na minha vida. Pela realização pessoal e também por saber que essa pesquisa pôde tornar comunidades rurais, Sítios Capim Grande e Cajazeiras, das quais me orgulho, objetos de estudo da historiografia local, invisibilizadas até então.

Com o objetivo principal de compreender qual o papel das instituições de ensino (E. M. Professor Luiz Gil e E. M. Maria do Carmo S. Silva) para as comunidades onde estão localizadas e quais as marcas deixadas nos indivíduos que fizeram parte dessas histórias, fomos caminhando por meio da interpretação das subjetividades narradas, bem como trabalhando com documentos oficiais e fotografias, dentre outros tipos de fonte.

Os diálogos teóricos dessa proposta foram influenciados pelo conceito de Cultura Escolar de Dominique Julia (2001), de Memória por Le Goff (2003), de Experiência por Larrosa (2002) e de Sensibilidades a partir de Pesavento (2007).

Nesse percurso de encontros e reencontros voltei ao passado, revisei amigos(as) e reconectei-me com a minha história. Conheci tantas outras. Aproximei-me da

comunidade Sítio Cajazeiras, e por meio da E. M Maria do Carmo Santos Silva, hoje essa comunidade também faz parte de mim.

O presente estudo não teve uma perspectiva totalizante, ou de verdade absoluta, e muito menos se propôs à comparação entre realidades distintas vivenciadas pelas escolas objeto de estudo, que iniciaram suas trajetórias de maneiras independentes, mas terminaram unindo-se, seja para realização de eventos, organizados pela gestão em comum, seja por motivo de força maior, pela instância superior da Secretaria de Educação do Município quando promoveu a nucleação e desativou uma delas.

Dentre os documentos, fontes e narrativas, uma das maiores dificuldades foi a de priorizar alguns aspectos em detrimento de outros devido ao tempo reduzido e à necessidade de manter o foco nos objetivos propostos para essa pesquisa. Trabalhar com a História Oral também foi desafiador, na medida em que, as pessoas, mesmo conhecidas, travavam durante as entrevistas e muitas vezes demonstravam timidez, respondendo de maneira curta e objetiva a questões cuja pretensão não era essa.

A média da quantidade de fontes entre uma escola e outra também foi divergente, visto que a Escola Municipal Professor Luiz Gil tem o maior período de funcionamento, mais estudantes e professores atuando, conseqüentemente há uma tendência de ter material em maior quantidade sobre essa instituição.

Outra consideração diz respeito às fotografias, durante a década de 1990 o acesso às câmeras ainda era bastante resumido, então esse tipo de fonte esteve mais disponível no que se refere aos anos 2000, mesmo assim, podemos observar que a maioria das fotografias não possui boa qualidade de imagem devido aos tipos de câmera da época.

Nessa trajetória, foi relevante perceber durante as abordagens, no primeiro capítulo, o significado dessas instituições para as comunidades. Como o Sítio Capim Grande e o Sítio Cajazeiras desenvolveram um espaço de dependência mútua com as suas respectivas instituições de ensino, não apenas a nível de formação educacional, mas também enquanto espaços para realização de variados eventos. Foram estabelecidas discussões a partir de autores como Dayrell (2001), sobre os múltiplos sentidos da escola, Escolano (2001), a respeito da arquitetura escolar e Artières (1998), sobre o arquivamento de si.

Conhecer a história de cada instituição foi significativo, pois, mesmo sendo estudante egressa da E. M. Professor Luiz Gil, não tinha um conhecimento mais elaborado sobre o período de sua fundação, a história do professor homenageado, além das transformações arquitetônicas que decorreram da atuação dos órgãos públicos visando à

ampliação da instituição, com o objetivo de torná-la núcleo para receber estudantes de outras escolas vizinhas que vieram a ser desativadas. São mais de 60 anos de existência, fazendo parte da história de muitas famílias.

E o que dizer da E. M. Maria do Carmo Santos Silva? A escola que começou em uma sala cedida por uma família, com uma jovem professora cuja história confunde-se com a da escola. Em 1988, a conquista de um prédio cujo nome homenageia alguém da comunidade, uma de suas alunas, irmã caçula da professora, uma identidade familiar que se perpetua não apenas no nome da instituição. Em meio ao descaso dos poderes públicos com a Educação do Campo, percebemos na dinâmica de salas multisseriadas, profissionais e comunidade comprometidos com a educação de qualidade e valorizando a cultura local.

No segundo capítulo, um olhar mais atento às políticas educacionais no Brasil entre 1990 e 2010 proporcionou a reflexão sobre a legislação, programas e projetos do período que sofre a influência da Constituição recém promulgada, tem como principal feito, no que diz respeito à educação, a Lei de Diretrizes e Bases, de 1996, mas que sofre constante pressão de instituições internacionais de financiamento para a implementação de projetos educacionais baseados em princípios neoliberais.

O descaso com as escolas do campo, além do evidente preconceito e perseguição às turmas multisseriadas foram confirmados. Dentre as políticas voltadas à educação do campo, destacou-se o Programa Escola Ativa, como sendo um dos mais mencionados pelos(as) professores(as) entrevistados(as), por ter efeitos positivos por meio da valorização do campo e a abertura para o desenvolvimento de projetos nas escolas baseados nas realidades locais e em parceria com a comunidade.

Também no recorte estudado, percebeu-se a preocupação com a formação mínima exigida para os docentes a partir da LDB, sendo ofertada a partir de Regimes de Formação Especial seja para o Magistério ou mesmo para a Licenciatura em Pedagogia.

Nesse decorrer, foram observadas transformações significativas no campo das práticas pedagógicas ao serem comparadas as duas décadas de estudo. Seja pelo processo de formação continuada dos docentes, seja pelos recursos mais acessíveis às escolas (livros didáticos, e materiais pedagógicos). É visível a mudança de metodologias que migraram de um modelo mais tradicional (quadro e giz, ditados, tabuada) para uma perspectiva modernizada baseada em eixos temáticos e projetos. Até o método de avaliação deixou de ser quantitativo e passou a ser qualitativo, sendo alvo de críticas positivas e negativas.

No terceiro capítulo, chegamos mais próximos ao dia a dia das escolas, dialogando com Nunes (2005) e Tonholo (2013), a respeito de festas e comemorações nas escolas. Conhecemos escolas festivas, com uma dinâmica própria que muitas vezes burlavam o sistema hegemônico de perfil urbano, valorizando o campo e produzindo sua própria cultura. Profissionais dispostos a custear despesas para a produção de eventos sob a influência de um novo tempo que se inspira nas datas comemorativas do mercado capitalista, mas que não deixam de ser espaços de socialização e de alegria.

São muitos carnavais, dia das mães, festas juninas, setes de setembro e natais, entre outros eventos que faziam parte do calendário escolar e mobilizavam equipe pedagógica, estudantes e as comunidades.

Nessa trajetória de estudo que transcorreu nos últimos dois anos chegamos ao final desse ciclo considerando que os objetivos foram alcançados e com a intenção de que essa pesquisa não se encerre por aqui. Esperamos que a partir dela outras portas se abram, seja por meio de novas perspectivas de estudo, seja por via de outros(as) pesquisadores(as) que possivelmente sintam-se inspirados(as). Como afirmou Araújo, o “Sítio Capim Grande tem o quê? Tem uma escola, Luiz Gil, e Cristiane Raposo, filha de Dona Socorro e de Seu Clóvis, que está fazendo o projeto, para marcar ainda mais essa história” (Araújo, 2023).

Assim como, os dezenove anos de história da Escola Municipal Maria do Carmo S. Silva não serão lançados ao vento, mas continuarão registrados na memória dos sujeitos que fizeram parte da sua existência. Ela marcará para sempre a história do Sítio Cajazeiras e estará a partir de agora registrada junto à História da Educação e a Historiografia Local. A Escola Municipal Maria do Carmo Santos Silva vive!

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir e Contar: Textos em História Oral**. –Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. Violar memórias e gestar a história: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. **Clio**, vol. 1, n. 15, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24901> Acesso em: 19 de set. 2022.

_____. **História: a arte de inventar o passado**. Curitiba: Editora Appris, 2019.

_____. Pedagogias da saudade: a formação histórica de consciências e sensibilidades saudosistas. A vida e o trabalho do poeta e professor português António Corrêa d'Oliveira. **Revista História Hoje**, v.2. n 4, p. 149-174, 2013. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/95/75> Acesso em: 06 de jul. 2023.

_____. Raros e rotos, restos, rastros e rostos: os arquivos e documentos como condição e possibilidade do discurso historiográfico. **ArtCultura**. Uberlândia, v.15, n.26. p. 7-28, 2013. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/29126> Acesso em: 14 de maio de 2023.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (org.). **Usos e abusos da História Oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

ANDRADE, Jerusa Pereira de. **Projeto Logos II na Paraíba: Ingerências políticas e implicações na sua proposta político-pedagógica**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 1995. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12318?locale=pt_BR Acesso em 19 jan. 2023.

ARAÚJO, Luan Helder Pereira. [Julho de 2023] Entrevistadora: ARAÚJO, Cristiane Raposo S. Entrevista cedida ao trabalho de conclusão de curso. **Narrativas de si: Memórias da escolarização na zona rural do distrito de São José da Mata, município de Campina Grande – PB (1990 – 2010)**. Campina Grande-PB.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos: Arquivos Pessoais**. v. 11, n. 21. P. 9 – 34, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2061> Acesso em: 20 de mar. 2023

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: **Fontes Históricas**. PINSK, Carla Bassanezi (Org.). São Paulo: Contexto, 2008.

BANDEIRA, M. J. ; XIMENES FILHO, J. B. R. MACHADO. E.C. A formação do educador a distância: o impacto do Proformação numa prática pedagógica. In: **XI Congresso Internacional de Educação a Distância e I Encontro de Educação a Distância de Países de Língua Portuguesa**. Salvador - Bahia, 2004. Disponível em:

<https://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/103-TC-D1.htm> Acesso em: 20 jan. 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. L. de A. Rego & A. Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2006.

BARROS, José D'Assunção. História e memória – Uma relação na confluência entre tempo e espaço. **Mouseion**, vol. 3, n.5. Jan/Jul 2009. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/documentos/Mouseion/Vol5/historia_memoria.pdf Acesso em: 12 de set. 2022

BERNARDO, Israelly Karoliny Silva. [Setembro de 2023] Entrevistadora: ARAÚJO, Cristiane Raposo S. Entrevista cedida ao trabalho de conclusão de curso. **Narrativas de si: Memórias da escolarização na zona rural do distrito de São José da Mata, município de Campina Grande – PB (1990-2010)**. Campina Grande-PB.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (Lei Nº. 9.394/96). Diário Oficial da União: Brasília, 1996.

_____. **Ementa Constitucional n. 14**. Brasília, 1996.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Manual de Operacionalização – PROFORMAÇÃO**. FUNDESCOLA - SEED / MEC, 2000.

_____. **Plano Nacional da Educação** (Lei Nº 010172/2001). Brasília, 2001.

_____. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (Parecer CNE/CEB nº 36/2001)**. Brasília, 2001.

_____. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (Resolução CNE/CEB nº 1)**. Brasília, 2002.

_____. Dias letivos para a aplicação da Pedagogia de Alternância nos Centros Familiares de Formação por Alternância. **Parecer CNE/CEB nº 1/2006**. Brasília, 2006.

_____. Consulta referente às orientações para o atendimento da Educação do Campo. **Parecer CNE/CEB nº 23/2007**. Brasília, 2007.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. HENRIQUES, R. et al (Org.). **Educação do Campo: diferenças mudando paradigmas. Cadernos SECAD 2**. Brasília, 2007.

_____. Reexame do Parecer CNE/CEB nº 23/2007, que trata da consulta referente às orientações para o atendimento da Educação do Campo. **Parecer CNE/CEB nº 3/2008**. Brasília, 2008.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Programa Escola Ativa. Projeto Base**. Brasília, 2008.

_____. **Lei nº 12.056, de 13 de outubro de 2009**. Acrescenta parágrafos ao art. 62 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 2009.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Programa Escola Ativa. Orientações pedagógicas para a formação de educadoras e educadores**. Brasília, 2009.

CARDOSO JR, Hélio Rebello; NALDINHO, Thiago Canonenco. A Amizade para Foucault: Resistências criativas face ao biopoder. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21. N 1, p. 44-56, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/TH8vqFDqktxKC7D8NBFL5Kg/> Acesso em: 06 de jul. 2023.

CARVALHO, Tereza Simone Santos de. **A política de fechamento de escolas como corolário da questão agrária brasileira**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe. Sergipe, 2021. Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/15501/8/TEREZA SIMONE SANTOS DE CARVALHO.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/15501/8/TEREZA_SIMONE_SANTOS_DE_CARVALHO.pdf) Acesso em: 10 de ago. de 2023.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994

_____. **A Escrita da história**/Michel de Certeau; tradução de Maria de Lourdes Menezes Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tocam o real**. Pós: Belo Horizonte, v.2.n.4, p.204-219, nov. 2012.

_____. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.

ESCOLANO, Austín. Arquitetura como programa, espaço-escola e currículo. In: FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Austín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FABRE, Michel. Fazer de sua vida uma obra. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.27, n.01, p.347-368, abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/bTSMdzF44MVC35xXXHpyYTx/abstract/?lang=pt> Acesso em: 19 de set. 2022.

FALSARELLA, Ana Maria. Os estudos sobre a cultura da escola: Forma, tradições, comunidade, clima, participação, poder. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 39, n.º. 144, p.618- 633, jul- set, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/rqNwn3Y5mT8sWs4vXJTRZFC/abstract/?lang=pt> acesso em: 19 de set. 2022.

FARIAS, Maria Luíza Nascimento. [Abril de 2023] Entrevistadora: ARAÚJO, Cristiane Raposo S. Entrevista cedida ao trabalho de conclusão de curso. **Narrativas de si: Memórias da escolarização na zona rural do distrito de São José da Mata, município de Campina Grande - PB (1990 – 2010)**. Campina Grande-PB.

FERREIRA, Fabiano de Jesus; BRANDÃO, Elias Canuto. Fechamento de escolas do campo no Brasil e o transporte escolar entre 1990 e 2010: Na contramão da Educação do Campo. **Imagens da Educação**. 7, n. 2, p.76-86, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/36910/pdf> Acesso em 10 de ago. de 2023.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; DUKE, Dawn. Mulheres na História da Educação: Formação e profissionalização. **Educação UNISINOS** vol.23 no.1 São Leopoldo jan./mar 2019 Epub 18-Jun-2019 Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-62102019000100003 Acesso em: 12 de out. de 2023.

FONSECA, Marília. O Banco Mundial e a Educação: Reflexões sobre o caso brasileiro. IN: Gentili, Pablo. (Org.). **Pedagogia da exclusão: o neoliberalismo e a crise da escola pública**. (crítica ao neoliberalismo na educação) Petrópolis. RJ: Vozes, 1995. p. 77-108.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 3. ed. Trad. L. F. de A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____.1983. A escrita de Si. In: Foucault, M. **Ética, Sexualidade e Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____.1984 – Uma estética da existência. In: Foucault, M. **Ética, Sexualidade e Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GONÇALVES, Lidiane Nascimento Silva. [Abril de 2023] Entrevistadora: ARAÚJO, Cristiane Raposo S. Entrevista cedida ao trabalho de conclusão de curso. **Narrativas de si: Memórias da escolarização na zona rural do distrito de São José da Mata, município de Campina Grande – PB (1990 – 2010)**. Campina Grande-PB.

GOUVEIA, Cristiane Talita Gromann de. **Compondo uma história do Projeto Logos II no Estado de Rondônia (1970-1990)**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual da Paulista. Rio Claro, 2019. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/dissertacoes-teses/167580/a-proposta-nos-modulos-do-projeto-logos-ii-e-a-pratica-docen> Acesso em 20 de set. 2023.

HAGE, Salomão Mufarrej. **A realidade das escolas multisseriadas frente às Conquistas na legislação educacional.** In: ANPED – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 13, 2004, Caxambu. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/posteres/GT13-2031--Int.pdf> Acesso em: 21 de fev. 2024.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação.** n°1, p.9-43, jan./jun. 2001. Disponível em: <http://repositorio.unifesp.br/handle/11600/39195> Acesso em: 19 de set. 2021.

LADEIRA, Thalles Azevedo; INSFRÁN, Fernanda Fochi Nogueira. **Reflexões sobre a escola em ciclos no Brasil – Uma análise crítica.** Revista Educação Pública, v. 20, n° 10, 17 de março de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/10/reflexoes-sobre-a-escola-em-ciclos-no-brasil-r-uma-analise-critica> Acesso em: 10 de fev. 2024.

LARROSA, Jorge. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. **Revista Brasileira de Educação.** N. 19, p. 20-28, jan. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 15 de fev. de 2022.

_____. **Tremores: escritos sobre experiência.** Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Coleção: Experiência e Sentido.

LE GOFF, Jacques. Memória. **História e Memória.** 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LOPES, Eliane Marta T. Fontes documentais e categorias de análise para uma história da educação da mulher. In: **Teoria e Educação.** Porto Alegre, n. 6, 1992, p. 105-114.

LOURO, Lopes Guacira. Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva de gênero. **Projeto História.** São Paulo, 1994. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11412/8317> Acesso em: 12 de out. de 2023.

LUCHESE, Terciane Ângela. Modos de fazer História da Educação: pensando a operação historiográfica em temas regionais. **História da Educação.** Porto Alegre v. 18 n. 43 Maio/ago. 2014 p. 145-161. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3216/321630678010.pdf> Acesso em: 19 de set. 2022.

MARQUES, Eliana de S. A.; CARVALHO, Maria Vilani C. de. O significado histórico de Práticas Educativas: um movimento que vai do clássico ao contemporâneo. **Linguagens, Educação e Sociedade.** Teresina, Ano 21, n. 35, jul./dez 2016.

MEIHY, José Carlos S. B; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MERCÊS, Janaina Avelino das. **O Distrito de São José da Mata no Município de Campina Grande-PB: Das possibilidades socioeconômicas para a emancipação política.** (Monografia – Licenciatura em Geografia) Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2018. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/17399/1/PDF%20-%20Janaina%20Avelino%20das%20Merc%C3%AAAs.pdf> Acesso em: 20 de mar. 2023.

MORAES, Raquel de Almeida. O Proformação e seu modelo de educação a distância. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.44, p. 262-274, dez2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639990> Acesso em 20 jan. 2024.

NASCIMENTO, Guilherme. [Fevereiro de 2024] Entrevistadora: ARAÚJO, Cristiane Raposo S. Entrevista cedida ao trabalho de conclusão de curso. **Narrativas de si: Memórias da escolarização na zona rural do distrito de São José da Mata, município de Campina Grande - PB, (1990 – 2010)**. Campina Grande-PB.

NUNES, Ana Lucia Siqueira de Oliveira. **Festas e Celebrações: um estudo sobre visualidades da escola**. Dissertação. Mestrado em Processos e Sistemas Visuais, Educação e Visualidade - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/8caa9217-04a3-4ca6-8c1d-9dbec8707b94> Acesso em: 13 mar. 2024.

OLIVEIRA, Catarina Batista. **Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correia: A formação de professoras nas décadas de 1960 e 1970**. Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura em História. Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2014. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/7862> Acesso em: 24 jan. 2024.

OLIVEIRA, Romualdo Portela de. Reformas educacionais no Brasil na década de 90. **Reformas educacionais em Portugal e no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001098911> Acesso em: 06 jan. 2024.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 3ed, Autêntica Editora, 2005.

_____. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Tempos Acadêmicos**. N. 3, p.127-134, 2005. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/2005sensibilidades-no-tempo-tempo-das-sensibilidades-pdf-free.html> Acesso em: 20 de maio 2022.

_____. LANGUE, Frédérique. (Orgs.). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**. V.14 jan/jun, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233> Acesso em: 22 de out. 2022.

_____. História Oral e Poder. **Mnemosine** Vol.6, nº2, p. 2-13, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41498> Acesso em: 22 de out. 2022.

RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. **A formação docente no fazer e refazer da prática pedagógica**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do rio Grande do Norte. Natal, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/14529> Acesso em 12 dez. 2023.

RESENDE, Tarcísio Renan P. Souza; SOUZA, Igor Araújo de Souza. **O ensino por meio de ciclos: Uma breve retomada histórica no contexto educacional brasileiro.** Saberes, Natal RN, v. 1, n. 14, Out. 2016, 65-80. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/download/9721/7271/28844> Acesso em: 10 de fev. 2024.

ROSA, Nícolas Giovanni da; BÚRIGO, Elisabete Zardo. Trajetória do Curso Normal: um passeio pela legislação (1971-2018). **V Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática**, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/ENAPHEM/article/download/11154/8041/> Acesso em: 24 jan. 2024.

SANTOS, Maria Aparecida Silva. [Julho de 2023] Entrevistadora: ARAÚJO, Cristiane Raposo S. Entrevista cedida ao trabalho de conclusão de curso. **Narrativas de si: Memórias da escolarização na zona rural do distrito de São José da Mata, município de Campina Grande – PB (1990 – 2010).** Campina Grande-PB.

SANTOS, Ramofly Bicalho. História da Educação do Campo no Brasil: O protagonismo dos movimentos sociais. **Teias**. v. 18, n. 51, Out. /Dez 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24758> Acesso em: 19 de set. 2022.

SANTOS, Vanessa Costa dos; GARCIA, Fátima Moraes. O fechamento de escolas do campo no Brasil: da totalidade social a materialização das diretrizes neoliberais. **Kirikere: Pesquisa em ensino**, Dossiê n. 4, vol 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/kirikere/article/view/31790> Acesso em: 13 de out. 2023.

SCHMIDT, Benito Bisso. Do que falamos quando empregamos o termo “subjetividade” na prática da história oral? In: **História Oral, desigualdades e diferenças.** Recife: Editora Universitária UFPE, 2012.

SILVA, Daniela Teles. História e Geografia: especificações e percepções do ensino no Brasil. **Revista Acesso Livre**. N. 10, jul.-dez 2018. Acesso em: https://revistaacessolivre.files.wordpress.com/2018/12/05_Hist%C3%B3ria-e-Geografia-contextualiza%C3%A7%C3%A3o-e-percep%C3%A7%C3%B5es-do-ensino-no-Brasil.pdf Disponível em: 10 de est. 2023.

SILVA, Kátia Cilene da. [Maio de 2023] Entrevistadora: ARAÚJO, Cristiane Raposo S. Entrevista cedida ao trabalho de conclusão de curso. **Narrativas de si: Memórias da escolarização na zona rural do distrito de São José da Mata, município de Campina Grande – PB (1990 – 2010).** Campina Grande-PB.

SILVA, Lenilson dos Santos. [Julho de 2023] Entrevistadora: ARAÚJO, Cristiane Raposo S. Entrevista cedida ao trabalho de conclusão de curso. **Narrativas de si: Memórias da escolarização na zona rural do distrito de São José da Mata, município de Campina Grande - PB, (1990 – 2010).** Campina Grande-PB.

SILVA, Lidiane Rocha da. [Abril de 2023] Entrevistadora: ARAÚJO, Cristiane Raposo S. Entrevista cedida ao trabalho de conclusão de curso. **Narrativas de si: Memórias da**

escolarização na zona rural do distrito de São José da Mata, município de Campina Grande - PB, (1990 – 2010). Campina Grande-PB.

SILVA, Maria do Socorro Santos. [Abril de 2023] Entrevistadora: ARAÚJO, Cristiane Raposo S. Entrevista cedida ao trabalho de conclusão de curso. **Narrativas de si:** Memórias da escolarização na zona rural do distrito de São José da Mata, município de Campina Grande – PB (1990 – 2010). Campina Grande-PB.

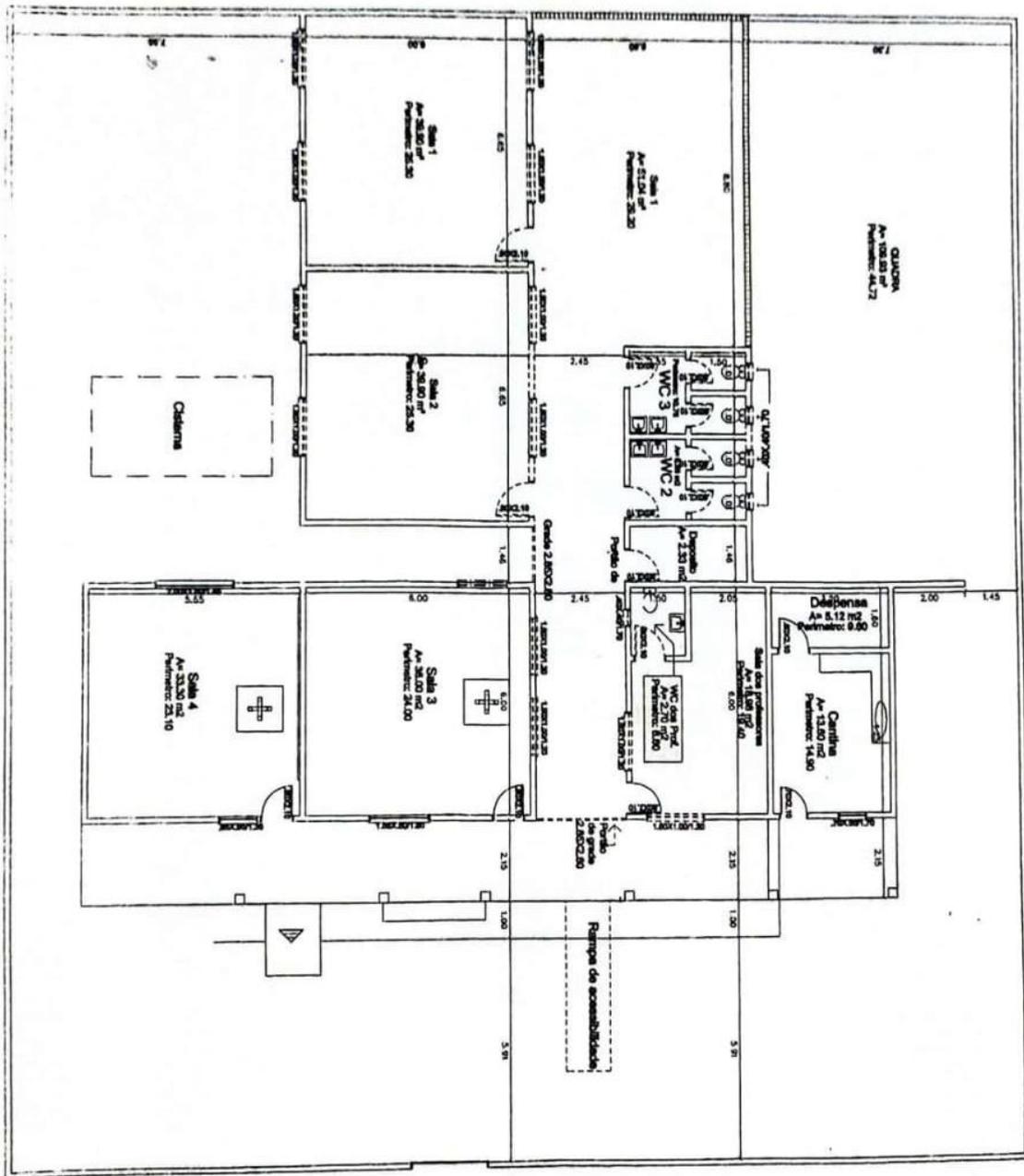
SOUSA, Clediane Raposo. [Abril de 2023] Entrevistadora: ARAÚJO, Cristiane Raposo S. Entrevista cedida ao trabalho de conclusão de curso. **Narrativas de si:** Memórias da escolarização na zona rural do distrito de São José da Mata, município de Campina Grande – PB (1990 – 2010). Campina Grande-PB.

SOUSA, Lucivania Vidal de. [Maio de 2023] Entrevistadora: ARAÚJO, Cristiane Raposo S. Entrevista cedida ao trabalho de conclusão de curso. **Narrativas de si:** Memórias da escolarização na zona rural do distrito de São José da Mata, município de Campina Grande – PB (1990 – 2010). Campina Grande-PB.

SOUSA, Maria do Socorro Raposo. [Agosto de 2023] Entrevistadora: ARAÚJO, Cristiane Raposo S. Entrevista cedida ao trabalho de conclusão de curso. **Narrativas de si:** Memórias da escolarização na zona rural do distrito de São José da Mata, município de Campina Grande - PB, (1990 – 2010). Campina Grande-PB.

TONHOLO, Thamiris Bettiol. **Datas comemorativas no contexto escolar.** Revista Eletrônica Pro-Docência/UEL. Edição Nº. 4, Vol. 1, jul-dez. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope> Acesso em: 13 mar. 2024.

ANEXO A - Fotografia da planta baixa da estrutura física da Escola M. Prof. Luiz Gil atualmente



ANEXO B - Ficha Individual de estudante egressa da Escola Normal Padre Emídio Viana de 1983 (Frente e verso)

GOVERNO DO ESTADO DA PARAIBA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIDADE DE ESTATÍSTICA

FICHA INDIVIDUAL DO ALUNO 2º GRAU

(MOD. 06)



NOME DA ESCOLA: Normal Est. Pe. Emídio Viana Soares

DISTRITO GEO-ADMINISTRATIVO: 3º MUNICÍPIO: Grande

ENDEREÇO: Av. Severino B. Cabral Nº: 514

BAIRRO: Coateli FONE: 321-4492

Nº _____

NOME DO ALUNO: Coateli

SEXO: feminino DATA DO NASCIMENTO: 31 / 07 / 1959

NATURAL DE: Grande ESTADO: Pb

PROFISSÃO: Estudante RELIGIÃO: Catolico

ENDEREÇO: Rua Rio de Janeiro Nº: 147

BAIRRO: Liberdade FONE: 321-4757

CIDADE: Grande ESTADO: Pb

NOME DO PAI: [Redacted] IVO: SIM NÃO

PROFISSÃO: _____ IDADE: _____

NOME DA MÃE: [Redacted] SIM NÃO

NOME DO RESPONSÁVEL: _____



ANO LETIVO: 1983 SÉRIE: 3º TURMA: D TURNO: manhã

ESCOLA DE ORIGEM: _____

ENDEREÇO: _____ Nº: _____

BAIRRO: _____ FONE: _____

CIDADE: _____ ESTADO: _____

DOCUMENTOS APRESENTADOS:			
ESPÉCIE	NÚMERO	ÓRGÃO EXPEDIDOR	LOCAL

EDUCAÇÃO FÍSICA:

EXAME MÉDICO: APTO NÃO APTO

EXAME DE APT. FÍSICA 1º _____

2º _____

EXAME BIOMÉTRICO:

1º- PESO: _____ ALTURA: _____

2º- PESO: _____ ALTURA: _____

ATIVIDADES EXTRACLASSE QUE O ALUNO EXERCE:

CULTURA: _____

ARTES: _____

ESPORTES: _____

OUTRAS: _____

RESUMO DAS OCORRÊNCIAS DA VIDA ESCOLAR DO ALUNO:

ANEXO C - Histórico de estudante egressa da Escola Normal Padre Emídio Viana de 1994 (Frente e verso)

Escola Normal Estadual "Padre Emídio Viana Correia"

DIPLOMA

Em nome do Governo do Estado da Paraíba, Eu, Professor SEVERINA DAIVA DA SILVA GUEDES, Diretor da Escola Normal Estadual

Pe. EMÍDIO VIANA CORREA tendo em vista o termo de colação de grau de PROFESSOR das quatro primeiras séries do Ensino de 1º Grau, conferido a ANA CLÉIA LEITE SAMPAIO nascido(a) a 25 de SETEMBRO de 199 76 natural de CAMPINA GRANDE - PARAÍBA filho(a) de ARIEL LEITE SAMPAIO e de MARIA DO NASCIMENTO SAMPAIO, usando da autoridade que me é atribuída por Lei, mandei conferir-lhe o presente DIPLOMA com o qual gozará de todos os direitos e prerrogativas inerentes ao título. CONCLUIU EM 1994.

CAMPINA GRANDE - PE, 25 de AGOSTO de 199 5

Severina Daiva da Silva Guedes
Diretor

Ana Cléia Leite Sampaio
Diplomado(a)

Roberto José de Araújo
Secretário

Curso anterior	<u>1º Grau Normal</u>					
Estabelecimento	<u>Escola Benedito, São José</u>					
Endereço	<u>Rua: João Miguel, casa - 311, São José de Mato Campina Grande - PB.</u>					
FORMAÇÃO GERAL						
	1ª		2ª		3ª	
	N	CH	N	CH	N	CH
Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	73	180	72	90	65	90
Matemática	73	180	69	90	83	90
Psicologia	-	-	-	-	-	-
Sociologia	-	-	-	-	-	-
Educação Física	85	90	80	90	74	90
História	78	60	-	-	-	-
Geografia	80	60	-	-	-	-
Educação Artística	-	-	91	60	74	60
Educação Musical	-	-	-	-	-	-
Ciências Físicas e Biológicas e Programa de Saúde	71	60	88	60	81	60
Química	75	60	-	-	-	-
Biologia	93	60	-	-	-	-
Educação Moral e Cívica	-	-	84	30	-	-
O. S. P. B.	-	-	78	30	-	-
Inglês	-	-	-	-	83	60
TOTAL DECARGA HORÁRIA	-	690	-	450	-	450
DISCIPLINAS PROFISSIONALIZANTES						
Didática Geral	86	60	-	-	-	-
Didática da Linguagem	-	-	79	60	82	60
Didática da Matemática	-	-	76	60	75	60
Fundamentos I	81	90	86	90	-	-
Fundamentos II	-	-	-	-	-	-
Didática das Ciências	-	-	79	60	88	60
Estrutura do Ensino de 1º Grau	75	60	-	-	-	-
Didático dos Estudos Sociais	-	-	73	60	79	60
Prática de Ensino	81	60	77	60	78	150
Integração Social	-	-	72	90	85	90
TOTAL DECARGA HORÁRIA	-	270	-	480	-	480
CARGA HORÁRIA GLOBAL	-	-	-	-	-	-
CARGA HORÁRIA POR SÉRIE	-	960	-	930	-	930
Total: 2.820						

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Escola Normal Estadual Pe. Emídio Viana Correia

Diploma, com validade nacional nos termos do Parecer nº 566/84 de 9/8/84 do C. F. E. registrado sob nº. 0120.0339, livro 04, fls 280
Campina Grande, 29, 103, 1991.

Roberto José de Araújo
Responsável pelo Registro
Severina Daiva da Silva Guedes
Diplomador

Estágios:
Total Realizado:
Período:

Estágio curto
- Março
- Junho
Estágio longo
- Outubro

60	ENSINO FUNDAMENTAL											ENSINO MÉDIO	NÍVEL DE ENSINO, MÉDIA FINAL E SÉRIE	5.1 ÁREAS DE CONHECIMENTO E DISCIPLINAS	5.2	5.3	5.4	5.5	5.6	5.7	5.8	5.9	5.10	5.11	5.12	5.13	5.14	5.15	5.16	5.17	5.18	5.19	5.20	5.21	5.22	5.23	5.24	5.25	5.26	5.27	5.28	5.29	5.30	5.31	5.32	5.33	5.34	5.35	5.36	5.37	5.38	5.39	5.40	5.41	5.42	5.43	5.44	5.45	5.46	5.47	5.48	5.49	5.50	5.51	5.52	5.53	5.54	5.55	5.56	5.57	5.58	5.59	5.60	5.61	5.62	5.63	5.64	5.65	5.66	5.67	5.68	5.69	5.70	5.71	5.72	5.73	5.74	5.75	5.76	5.77	5.78	5.79	5.80	5.81	5.82	5.83	5.84	5.85	5.86	5.87	5.88	5.89	5.90	5.91	5.92	5.93	5.94	5.95	5.96	5.97	5.98	5.99	6.00	6.01	6.02	6.03	6.04	6.05	6.06	6.07	6.08	6.09	6.10	6.11	6.12	6.13	6.14	6.15	6.16	6.17	6.18	6.19	6.20	6.21	6.22	6.23	6.24	6.25	6.26	6.27	6.28	6.29	6.30	6.31	6.32	6.33	6.34	6.35	6.36	6.37	6.38	6.39	6.40	6.41	6.42	6.43	6.44	6.45	6.46	6.47	6.48	6.49	6.50	6.51	6.52	6.53	6.54	6.55	6.56	6.57	6.58	6.59	6.60	6.61	6.62	6.63	6.64	6.65	6.66	6.67	6.68	6.69	6.70	6.71	6.72	6.73	6.74	6.75	6.76	6.77	6.78	6.79	6.80	6.81	6.82	6.83	6.84	6.85	6.86	6.87	6.88	6.89	6.90	6.91	6.92	6.93	6.94	6.95	6.96	6.97	6.98	6.99	7.00	7.01	7.02	7.03	7.04	7.05	7.06	7.07	7.08	7.09	7.10	7.11	7.12	7.13	7.14	7.15	7.16	7.17	7.18	7.19	7.20	7.21	7.22	7.23	7.24	7.25	7.26	7.27	7.28	7.29	7.30	7.31	7.32	7.33	7.34	7.35	7.36	7.37	7.38	7.39	7.40	7.41	7.42	7.43	7.44	7.45	7.46	7.47	7.48	7.49	7.50	7.51	7.52	7.53	7.54	7.55	7.56	7.57	7.58	7.59	7.60	7.61	7.62	7.63	7.64	7.65	7.66	7.67	7.68	7.69	7.70	7.71	7.72	7.73	7.74	7.75	7.76	7.77	7.78	7.79	7.80	7.81	7.82	7.83	7.84	7.85	7.86	7.87	7.88	7.89	7.90	7.91	7.92	7.93	7.94	7.95	7.96	7.97	7.98	7.99	8.00	8.01	8.02	8.03	8.04	8.05	8.06	8.07	8.08	8.09	8.10	8.11	8.12	8.13	8.14	8.15	8.16	8.17	8.18	8.19	8.20	8.21	8.22	8.23	8.24	8.25	8.26	8.27	8.28	8.29	8.30	8.31	8.32	8.33	8.34	8.35	8.36	8.37	8.38	8.39	8.40	8.41	8.42	8.43	8.44	8.45	8.46	8.47	8.48	8.49	8.50	8.51	8.52	8.53	8.54	8.55	8.56	8.57	8.58	8.59	8.60	8.61	8.62	8.63	8.64	8.65	8.66	8.67	8.68	8.69	8.70	8.71	8.72	8.73	8.74	8.75	8.76	8.77	8.78	8.79	8.80	8.81	8.82	8.83	8.84	8.85	8.86	8.87	8.88	8.89	8.90	8.91	8.92	8.93	8.94	8.95	8.96	8.97	8.98	8.99	9.00	9.01	9.02	9.03	9.04	9.05	9.06	9.07	9.08	9.09	9.10	9.11	9.12	9.13	9.14	9.15	9.16	9.17	9.18	9.19	9.20	9.21	9.22	9.23	9.24	9.25	9.26	9.27	9.28	9.29	9.30	9.31	9.32	9.33	9.34	9.35	9.36	9.37	9.38	9.39	9.40	9.41	9.42	9.43	9.44	9.45	9.46	9.47	9.48	9.49	9.50	9.51	9.52	9.53	9.54	9.55	9.56	9.57	9.58	9.59	9.60	9.61	9.62	9.63	9.64	9.65	9.66	9.67	9.68	9.69	9.70	9.71	9.72	9.73	9.74	9.75	9.76	9.77	9.78	9.79	9.80	9.81	9.82	9.83	9.84	9.85	9.86	9.87	9.88	9.89	9.90	9.91	9.92	9.93	9.94	9.95	9.96	9.97	9.98	9.99	10.00	10.01	10.02	10.03	10.04	10.05	10.06	10.07	10.08	10.09	10.10	10.11	10.12	10.13	10.14	10.15	10.16	10.17	10.18	10.19	10.20	10.21	10.22	10.23	10.24	10.25	10.26	10.27	10.28	10.29	10.30	10.31	10.32	10.33	10.34	10.35	10.36	10.37	10.38	10.39	10.40	10.41	10.42	10.43	10.44	10.45	10.46	10.47	10.48	10.49	10.50	10.51	10.52	10.53	10.54	10.55	10.56	10.57	10.58	10.59	10.60	10.61	10.62	10.63	10.64	10.65	10.66	10.67	10.68	10.69	10.70	10.71	10.72	10.73	10.74	10.75	10.76	10.77	10.78	10.79	10.80	10.81	10.82	10.83	10.84	10.85	10.86	10.87	10.88	10.89	10.90	10.91	10.92	10.93	10.94	10.95	10.96	10.97	10.98	10.99	11.00	11.01	11.02	11.03	11.04	11.05	11.06	11.07	11.08	11.09	11.10	11.11	11.12	11.13	11.14	11.15	11.16	11.17	11.18	11.19	11.20	11.21	11.22	11.23	11.24	11.25	11.26	11.27	11.28	11.29	11.30	11.31	11.32	11.33	11.34	11.35	11.36	11.37	11.38	11.39	11.40	11.41	11.42	11.43	11.44	11.45	11.46	11.47	11.48	11.49	11.50	11.51	11.52	11.53	11.54	11.55	11.56	11.57	11.58	11.59	11.60	11.61	11.62	11.63	11.64	11.65	11.66	11.67	11.68	11.69	11.70	11.71	11.72	11.73	11.74	11.75	11.76	11.77	11.78	11.79	11.80	11.81	11.82	11.83	11.84	11.85	11.86	11.87	11.88	11.89	11.90	11.91	11.92	11.93	11.94	11.95	11.96	11.97	11.98	11.99	12.00	12.01	12.02	12.03	12.04	12.05	12.06	12.07	12.08	12.09	12.10	12.11	12.12	12.13	12.14	12.15	12.16	12.17	12.18	12.19	12.20	12.21	12.22	12.23	12.24	12.25	12.26	12.27	12.28	12.29	12.30	12.31	12.32	12.33	12.34	12.35	12.36	12.37	12.38	12.39	12.40	12.41	12.42	12.43	12.44	12.45	12.46	12.47	12.48	12.49	12.50	12.51	12.52	12.53	12.54	12.55	12.56	12.57	12.58	12.59	12.60	12.61	12.62	12.63	12.64	12.65	12.66	12.67	12.68	12.69	12.70	12.71	12.72	12.73	12.74	12.75	12.76	12.77	12.78	12.79	12.80	12.81	12.82	12.83	12.84	12.85	12.86	12.87	12.88	12.89	12.90	12.91	12.92	12.93	12.94	12.95	12.96	12.97	12.98	12.99	13.00	13.01	13.02	13.03	13.04	13.05	13.06	13.07	13.08	13.09	13.10	13.11	13.12	13.13	13.14	13.15	13.16	13.17	13.18	13.19	13.20	13.21	13.22	13.23	13.24	13.25	13.26	13.27	13.28	13.29	13.30	13.31	13.32	13.33	13.34	13.35	13.36	13.37	13.38	13.39	13.40	13.41	13.42	13.43	13.44	13.45	13.46	13.47	13.48	13.49	13.50	13.51	13.52	13.53	13.54	13.55	13.56	13.57	13.58	13.59	13.60	13.61	13.62	13.63	13.64	13.65	13.66	13.67	13.68	13.69	13.70	13.71	13.72	13.73	13.74	13.75	13.76	13.77	13.78	13.79	13.80	13.81	13.82	13.83	13.84	13.85	13.86	13.87	13.88	13.89	13.90	13.91	13.92	13.93	13.94	13.95	13.96	13.97	13.98	13.99	14.00	14.01	14.02	14.03	14.04	14.05	14.06	14.07	14.08	14.09	1
----	--------------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--------------	--------------------------------------	---	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	---

ANEXO E - Histórico de Maria do Socorro Raposo Sousa – Logos II / PB (1995)

HISTÓRICO ESCOLAR	MENÇÃO	REGISTROS E OBSERVAÇÕES	
DISCIPLINAS DE EDUCAÇÃO GERAL		 GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO COORDENADORIA DE ENSINO SUPLETIVO Projeto: <u>Logos II</u> <hr/> Diploma, com validade nacional nos termos do Parecer 566/84, de 09/08/84 do CFE, registrado sob n.º <u>390</u> do Livro <u>33</u> , de <u>99</u> <u>Auto-suplenção, 03, 92</u> <u>Suelm C. de Oliveira</u> <small>Nomeado pelo Registro</small> <u>Emilgênia de Souza Sousa</u> <small>Coordenadora</small>	
LÍNGUA PORTUGUESA	80,00		
LITERATURA BRASILEIRA	80,00		
LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA	80,00		
EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	80,00		
EDUCAÇÃO FÍSICA	99,33		
HISTÓRIA GERAL E DA PARAÍBA	88,33		
GEOGRAFIA GERAL E DA PARAÍBA	88,00		
OSPB	80,00		
EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA	80,00		
MATEMÁTICA	80,00		
CIÊNCIAS FÍSICAS E BIOLÓGICAS	80,00		
PROGRAMAS DE SAÚDE	91,50		
DISCIPLINAS INSTRUMENTAIS			Isento do Voto do Inspetor de acordo com o Parecer 3.702/74, do CFE e Resolução 376/84, do CEE.
INFORMAÇÕES PEDAGÓGICAS	89,33		
TÉCNICAS DE ESTUDO	100,00		
ORG. DO TRABALHO INTELLECTUAL	89,00		
DISCIPLINAS DE FORMAÇÃO ESPECIAL			
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	96,50		
DIDÁTICA GERAL	90,00		
SOCIOLOGIA EDUCACIONAL	92,00		
PSICOLOGIA EDUCACIONAL	90,00		
EST. E FUNCIONAMENTO DO 1º GRAU	85,66		
ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL	86,33		
DIDÁTICA DA LINGUAGEM	98,87		
DIDÁTICA DA MATEMÁTICA	92,12		
DIDÁTICA DOS ESTUDOS SOCIAIS	92,00		
DIDÁTICA DAS CIÊNCIAS FÍS. E BIOL.	88,25		
CURRÍCULOS DO 1º GRAU	87,50		
DIDÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA	89,00		
TÉCNICA DE PREP. DE MATERIAL DIDÁTICO	95,00		
DIDÁTICA DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	97,00		
RECREAÇÃO E JOGOS	94,00		
ESTÁGIO SUPERVISIONADO	100,00		
ESTÁGIO NÃO SUPERVISIONADO	720h		

ANEXO F - Estrutura dos módulos I e II do Curso Proformação e carga horária das atividades (FUNDESCOLA - SEED / MEC, 2000)

Atividades	Semanas																				Total h		
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20			
Fase Presencial	48	48																				96	
Atividades individuais (Guia de Estudo e Caderno de Verificação da Aprendizagem)			12	12	12	12	12	12	12	12	12	12	12	12	12	12	12	12	12			192	
Reunião de Sábado				8		8		8		8		8		8		8		8	8			72	
Prática Pedagógica			20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20			320	
Elaboração do Memorial			2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2		8	40	
Total de horas por semana	48	48	34	42	34	42	34	42	34	42	34	42	34	42	34	42	34	42	34	42	8	8	720
Projetos de Trabalho: Integração Escola-Comunidade	80																				80		
Total por Módulo																					800		

ANEXO G - Estrutura dos módulos III e IV do Curso Proformação e carga horária das atividades (FUNDESCOLA - SEED / MEC, 2000)

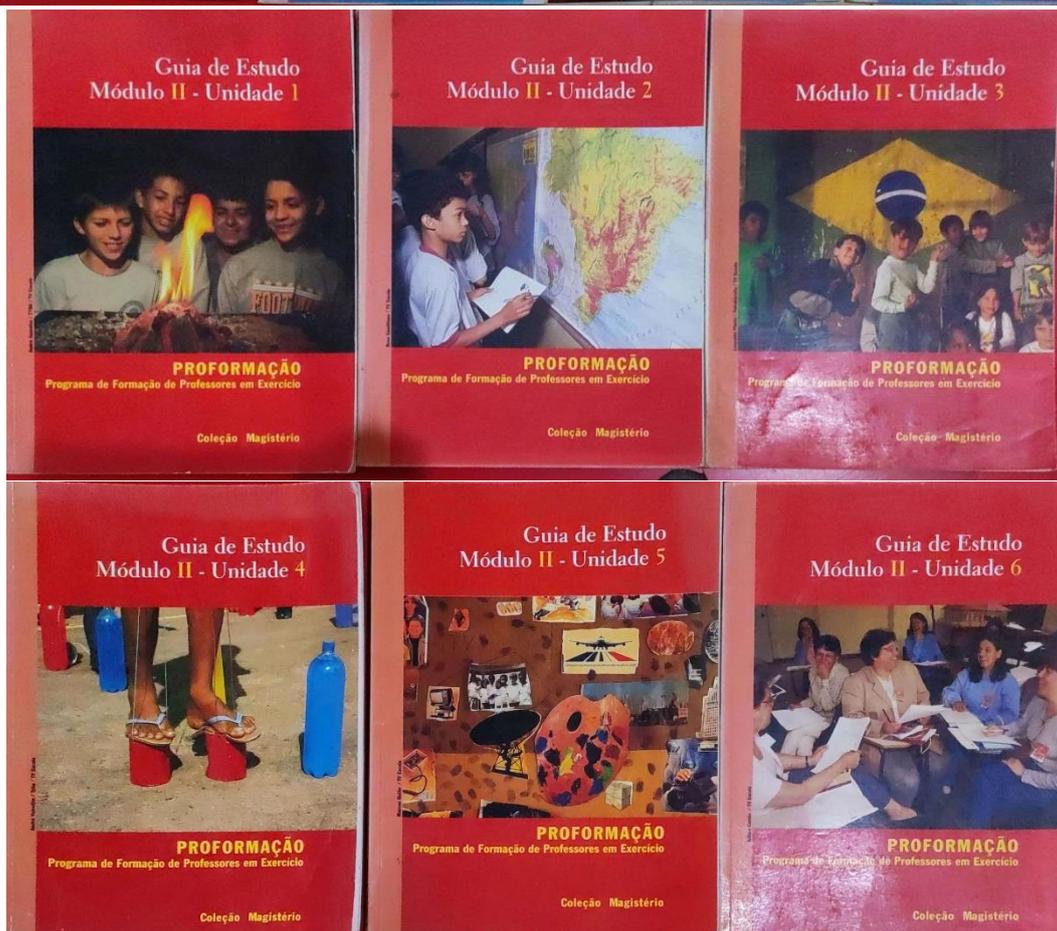
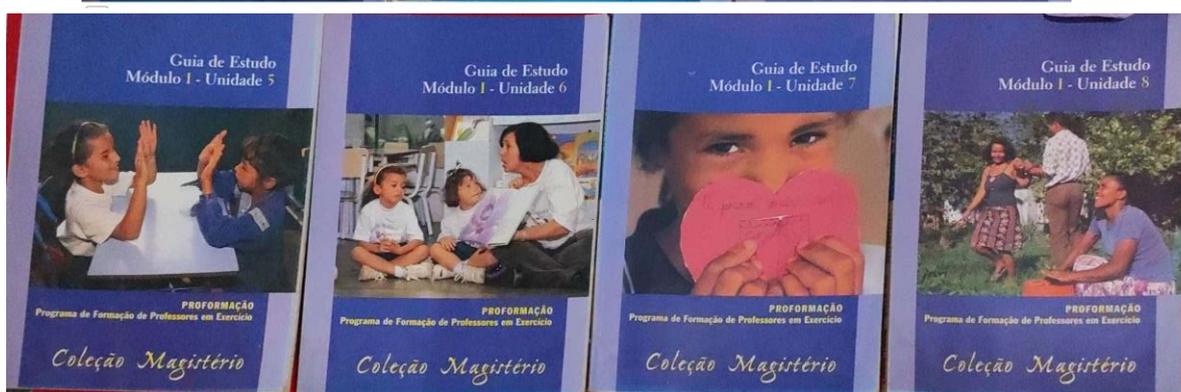
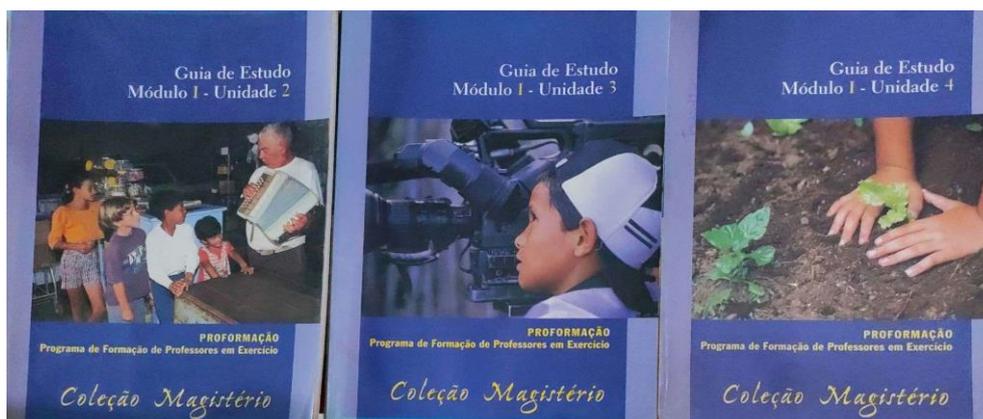
Atividades	Semanas																				Total h	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20		
Fase Presencial (1)	48	48																				96
Atividades individuais (Guia de Estudo e Caderno de Verificação da Aprendizagem)			12	12	12	12	12	12	12	12	12	12	12	12	12	12	12	12	12	12		192
Reunião de Sábado				8		8		8		8		8		8		8		8	8			72
Prática Pedagógica			20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20		320
Elaboração do Memorial			2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	40
Total de horas por semana	48	48	34	42	34	42	34	42	34	42	34	42	34	42	34	42	34	42	34	42	8	720
Língua Estrangeira	32																				32	
Projetos de Trabalho: Integração Escola-Comunidade	48																				48	
Total por Módulo																					800	

(1) Incluindo 16 horas de Língua Estrangeira.

ANEXO H - Matriz Curricular - Proformação
(FUNDESCOLA - SEED / MEC, 2000)

Módulos	Áreas Temáticas						Núcleo Integrador	
	1 Linguagens e Códigos	2 Identidade, Sociedade e Cultura	3 Matemática e Lógica	4 Vida e Natureza	5 Fundamentos da Educação	6 Organização do Trabalho Pedagógico	Eixos Integradores	Projetos de Trabalho
1º	Sistemas Simbólicos	Sociologia Filosofia Antropologia	Matemática I	Biologia Física Química I	Fundamentos Sócio-Filosóficos		Educação, Sociedade e Cidadania	Integração Escola-Comunidade
2º	Língua Portuguesa I	História Geografia I	Matemática II		Psicologia Social	O Sistema Educativo Brasileiro	A Escola como Instituição Social	
3º	Língua Portuguesa II Língua Estrangeira I		Matemática III	Biologia Física Química II	Psicologia Escolar	Bases Pedagógicas do Trabalho Escolar	Organização do Ensino e do Trabalho Escolar	
4º	Língua Portuguesa III Língua Estrangeira II	História Geografia II		Biologia Física Química III	História da Educação	Ação Docente e Sala de Aula	Teoria e Prática Educativa e Especifici- dade do Trabalho Docente	

ANEXO I - Capas de alguns módulos formativos do Programa de Formação de Professores em Exercício (Proformação)



**ANEXO J - Histórico de Maria do Socorro Raposo Sousa do Curso de Pedagogia
em Regime Especial – UEPB / 2005 (Frente e Verso)**

UEPB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
SETOR DE REGISTRO E CONTROLE ACADEMICO

Aluno: 031.33029-0 - MARIA DO SOCORRO RAPOSO SOUSA
RG: 973678/PB Data Nascimento: 23/02/64 Forma Ingresso: VESTIBUL
Curso: 33 - LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Habilitação: MAGISTÉRIO DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E EDUC. INFANTIL

(Curso Reconhecido pela Port. Ministerial No.385 de 19/06/89 - D.O.U. de 21/06/89)

HISTÓRICO ESCOLAR

NOTAS DO VESTIBULAR:

Total de Pontos	440
Portugues	50
Lingua Estrangeira	20
História	80
Geografia	20



S	CODIGO	NOME DO COMPONENTE	PERI	OB	CH	MEDIA	FAL	SITUAC
1	993301	ANALISE SOCIAL, ESTADO E EDUCACAO	03.1	99	8.8	10	APROV.	
1	993302	EPISTEMOLOGIA DA PEDAGOGIA	03.1	33	7.0	APROV.		
1	993303	FILOSOFIA E EDUCACAO	03.1	99	8.5	APROV.		
1	993304	METODOLOGIA CIENTIFICA	03.1	66	8.5	APROV.		
1	993305	ORGAN. JURID.-POLITICA E HISTORIA DA EDU.BAS.	03.1	99	9.0	APROV.		
1	993306	PRATICA PEDAGOGICA I	03.1	66	8.0	APROV.		
1	993307	TOPICOS EM EDUCACAO	03.1	99	9.5	APROV.		
1	993308	ESTUDOS INDEPENDENTES	03.1	40	8.8	APROV.		
1	993310	TOPICOS EM EDUCACAO: O CURSO DE PEDAGOGIA	03.1	33	9.3	APROV.		
2	993311	CURRICULO I	03.2	66	8.3	APROV.		
2	993312	DIDATICA	03.2	99	8.5	APROV.		
2	993313	EDUCACAO ESPECIAL	03.2	66	9.0	APROV.		
2	993314	ORGANIZACAO DO TRABALHO E GESTAO ESCOLAR	03.2	66	8.8	APROV.		
2	993315	PSICOLINGUISTICA	03.2	66	7.3	APROV.		
2	993316	PSICOLOGIA DA EDUCACAO	03.2	99	8.5	APROV.		
2	993317	PESQUISA EM EDUCACAO	03.2	66	8.8	APROV.		
2	993318	CORPO E CRIATIVIDADE	03.2	66	8.5	APROV.		
2	993319	PRATICA PEDAGOGICA II	03.2	99	9.0	APROV.		
2	993320	ESTUDOS INDEPENDENTES II	03.2	80	8.8	APROV.		
3	993321	FUND.E METODOLOGIA DO ENSINO DA ALFABETIZACAO	04.1	66	8.8	APROV.		
3	993322	FUND.E METODOL.DO ENSINO DA LINGUA PORTUGUESA	04.1	66	9.0	APROV.		
3	993323	FUND.E METODOLOGIA DO ENSINO DA MATEMATICA	04.1	66	8.5	APROV.		
3	993324	FUND.E METOD.DO ENSINO DAS CIENCIAS NATURAIS	04.1	66	9.5	APROV.		
3	993325	FUND.E METOD. DO ENSINO DAS CIENCIAS SOCIAIS	04.1	66	7.8	APROV.		
3	993326	FUNDAMENTOS PSICOPEDAGOGICOS	04.1	66	10.0	APROV.		
3	993327	ETICA E EDUCACAO	04.1	66	8.5	APROV.		
3	993328	PRATICA PEDAGOGICA III	04.1	135	8.8	APROV.		
3	993329	TRABALHO ACADEMICO ORIENTADO I	04.1	166	9.0	APROV.		
3	993330	ESTUDOS INDEPENDENTES III	04.1	80	8.5	APROV.		
4	993331	TRABALHO ACADEMICO ORIENTADO II	04.2	166	9.5	APROV.		
4	993332	ESTUDOS INDEPENDENTES IV	04.2	40	9.3	APROV.		
4	993333	CONCEPCAO DE EDUCACAO INFANTIL E ACAO DOCENTE	04.2	132	9.3	APROV.		
4	993334	FUNDAMENTOS BIOLÓGICOS DA EDUCACAO INFANTIL	04.2	66	9.5	APROV.		
4	993335	PSICOLOGIA DA CRIANCA DE 0 A 6 ANOS	04.2	66	9.5	APROV.		

----- (continua...) -----

UEPB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
SETOR DE REGISTRO E CONTROLE ACADÊMICO

Aluno: 031.33029-0 - MARIA DO SOCORRO RAPOSO SOUSA
RG: 973678/PB Data Nascimento: 23/02/64 Forma Ingresso: VESTIBUL
Curso: 33 - LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Habilitação: MAGISTÉRIO DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E EDUC. INFANTIL
(Curso Reconhecido pela Port. Ministerial No.385 de 19/06/89 - DOU de 21/06/89)

HISTÓRICO ESCOLAR

S	CODIGO	NOME DO COMPONENTE	PERI	OB	CH	MEDIA	FAL	SITUAC
4	993336	PRATICA PEDAGOGICA IV-ESTAGIO DA FORM. ESPEC.	04.2		300	9.0		APROV.

Observ.: OB --> (M-Componente do Modulo P-Pendencia C-Complementacao)
FAL --> (Numero de Faltas no Componente)
SITUAC --> (APROV.-Aprovado REPR.-Reprovado ABAND.-Abandonou
MATR.-Matriculado DISP.-Dispensado EQUIV.-Equivalencia
REPFAL-Reprovado por Faltas FALCUR-Falta Cursar)

CARGA HORARIA ACUMULADA - 3020
CARGA HORARIA A CURSAR - 0
CRE - COEF. RENDIMENTO ESCOLAR - 8.85

Data de Colação de Grau: 03/04/2005



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA

Prof. José Valdevino Filho
Prof. José Valdevino Filho
Setor de Registro e Controle Acadêmico

Chefe do S.R.C.A. ou Responsável
(Emitido em 05/04/2005)

ANEXO K – Página de Caderneta da 1ª série da E. M. Professor Luiz Gil (1991)

NOME DO ALUNO		1991. 1ª SÉRIE		NÚMERO 01		OBSERVAÇÕES			
FREQ.		APROVEITAMENTO				ASSINATURA DO PROFESSOR			
		1.º Bimestre		2.º Bimestre		3.º Bimestre		4.º Bimestre	
		CIÊNCIAS		CIÊNCIAS		CIÊNCIAS		CIÊNCIAS	
		Comun. & Express.	Instr. Social	Instr. Social	Comun. & Express.	Instr. Social	Instr. Social	Comun. & Express.	Instr. Social
			Inic. Círculo	Inic. Círculo		Inic. Círculo	Inic. Círculo		Inic. Círculo
			Motim.	Motim.		Motim.	Motim.		Motim.
ATIVIDADES ESCOLARES		30 20		20 30		50 40		50 50	
Exercício 1		50 40		50 30		50 20		50 20	
Exercício 2		50 50		50 20		50 30		50 20	
Exercício 3		50 40		50 20		50 30		50 20	
Exercício 4		43 36		43 30		40 30		40 40	
MÉDIA									
ATIVIDADES ESCOLARES		60 50		60 40		60 50		60 50	
Exercício 1		60 50		60 50		60 40		60 40	
Exercício 2		40 50		40 40		60 50		60 60	
Exercício 3		53 50		56 43		50 40		50 50	
Exercício 4		46 41		44 44		80 40		Resultado Final	
MÉDIA		35 40		46 46		30 40		Reprovado	
Síntese dos Bimestres		30 40		46 46		30 40		Reprovado	
PROVA FINAL		35 40		46 46		30 40		Reprovado	
MÉDIA FINAL		35 40		46 46		30 40		Reprovado	
% de Frequência									

ANEXO L -Página de Caderneta da 1ª série da E. M. Professor Luiz Gil (1991)

RESUMO DAS ATIVIDADES DIÁRIAS

<p>leitura com palavras de novas palavras. Ex: vela, uma, etc. Atividade no quadro geral.</p> <p>Data 06/03/91 Ass. do Prof. M.</p>	<p>leitura da Chave Boca.</p> <p>Escrever palavras com as sílabas ca, ce, ci, co ou cu.</p> <p>Data 12/03/91 Ass. do Prof. M.</p>	<p>leitura com novas sílabas da de, do, du. Formas de palavras com separação de sílabas.</p> <p>Data 19/03/91 Ass. do Prof. M.</p>
<p>Correção da atividade ditado anterior.</p> <p>Ditado Correção do Ditado.</p> <p>Data 17/03/91 Ass. do Prof. M.</p>	<p>Ditado com as palavras com as sílabas com as sílabas contínuas da separação de sílabas.</p> <p>Data 14/03/91 Ass. do Prof. M.</p>	<p>Correção da atividade de comunicação.</p> <p>Ditado Correção do Ditado.</p> <p>Data 20/03/91 Ass. do Prof. M.</p>
<p>Ditado com as palavras: frei - baba - bebe. Atividade envolvendo as mesmas palavras.</p> <p>Data 08/03/91 Ass. do Prof. M.</p>	<p>Correção da atividade de matemática.</p> <p>Ditado Correção do Ditado.</p> <p>Data 15/03/91 Ass. do Prof. M.</p>	<p>Correção de toda a matéria vista durante a semana.</p> <p>Ditado Correção do Ditado.</p> <p>Data 21/03/91 Ass. do Prof. M.</p>
<p>leitura das tab. Separação de sílabas? Atividade e correção.</p> <p>Data 11/03/91 Ass. do Prof. M.</p>	<p>Correção da matemática.</p> <p>Ditado.</p> <p>Data 18/03/91 Ass. do Prof. M.</p>	<p>Correção de toda a matéria vista durante a semana.</p> <p>Ditado Correção do Ditado.</p> <p>Data 22/03/91 Ass. do Prof. M.</p>

ANEXO M - Página de Caderneta da 1ª série da E. M. Professor Luiz Gil (1991)

RESUMO DAS ATIVIDADES DIÁRIAS

- Reforço de datas comemorativas	- Reforço da aula anterior, leitura de giz. interpretação da leitura	- Reforço de números ímpares e número pares. - leitura
Data 31/05/91 - UMG. Ass. do Prof.	Data 06/06/91 - UMG. Ass. do Prof.	Data 12/06/91 - UMG. Ass. do Prof.
Planejamento em São José da Mata	- Reforço de animais: réptil, molusco, vertebrado e invertebrado	- Ditado de palavras. separação de sílabas
Data 03/06/91 - UMG. Ass. do Prof.	- Correção da leitura	Matemática
- Leitura envolvendo palavras de animais	- Leitura sobre os jogos	Reforço de gramática
Ditado com nome de animais	Desenhos de bandedeinhos	Data 13/06/91 - UMG. Ass. do Prof.
Exercício escrito - correção	- Leitura de blocos e foguete	3ª avaliação
Data 04/06/91 - UMG. Ass. do Prof.	- Leitura das palavras	ciências
- Leitura com reforço dos meios de comunicação	Data 10/06/91 - UMG. Ass. do Prof.	Comunicação
- Apresentação e punição	- Leitura envolvendo ditado no quadro de giz	Data 14/06/91 - UMG. Ass. do Prof.
Data 05/06/91 - UMG. Ass. do Prof.	separação de sílabas	- Continuação das avaliações Intsocial
	Data 11/06/91 - UMG. Ass. do Prof.	Data 17/06/91 - UMG. Ass. do Prof.

ANEXO N – Página de Caderneta da 1ª série da E. M. Professor Luiz Gil (1997)

1. NOME DO ALUNO		2. NOME		3. NÚMERO		OBSERVAÇÕES																						
		N		03																								
MESES DIAZ	F E V	M A R	A B R	M A I	J U N	J U L	A G O	S E T	O T	N O V	D E Z	19 BIMESTRE				20 BIMESTRE												
												COMUN. E EXPRESS.		CIÊNCIAS		COMUN. E EXPRESS.		CIÊNCIAS		COMUN. E EXPRESS.		CIÊNCIAS		COMUN. E EXPRESS.		CIÊNCIAS		
ATIVIDADES												INTEGR. SOCIAL		INIC. CIENC.		MATEM.		INTEGR. SOCIAL		INIC. CIENC.		MATEM.						
EXERCÍCIOS ESCOLARES												COMUN. E EXPRESS.		INTEGR. SOCIAL		INIC. CIENC.		MATEM.		COMUN. E EXPRESS.		INTEGR. SOCIAL		INIC. CIENC.		MATEM.		
EXERCÍCIO 1												50	50	40	50	80	80	60	80	50	80	50	60	80	50	80	50	
EXERCÍCIO 2												60	70	60	60	80	80	60	60	70	80	80	60	60	70	80	80	
EXERCÍCIO 3												60	70	70	50	70	70	70	70	80	90	90	70	80	90	90	90	
EXERCÍCIO 4																												
MÉDIA												56	63	56	53	76	76	63	76	73	76	73	63	76	73	76	73	
ATIVIDADES												COMUN. E EXPRESS.		INTEGR. SOCIAL		INIC. CIENC.		MATEM.		COMUN. E EXPRESS.		INTEGR. SOCIAL		INIC. CIENC.		MATEM.		
EXERCÍCIOS ESCOLARES												COMUN. E EXPRESS.		INTEGR. SOCIAL		INIC. CIENC.		MATEM.		COMUN. E EXPRESS.		INTEGR. SOCIAL		INIC. CIENC.		MATEM.		
EXERCÍCIO 1												60	80	50	80	90	90	50	60	40	90	90	50	60	40	90	90	
EXERCÍCIO 2												60	70	60	50	80	80	60	60	90	80	80	60	60	90	90	90	
EXERCÍCIO 3												70	70	70	90	70	70	80	60	70	80	80	60	70	70	70	70	
EXERCÍCIO 4																												
MÉDIA												63	73	60	78	80	80	70	60	53	80	80	70	60	53	80	80	
SÍNTESE DOS BIMESTRES												68	67	63	63	63	63	63	63	63	63	63	63	63	63	63	63	63
PROVA FINAL																												
MÉDIA FINAL												6.8	6.7	6.3	6.3	6.3	6.3	6.3	6.3	6.3	6.3	6.3	6.3	6.3	6.3	6.3	6.3	6.3
4. TOTAL DE FALTAS																												
5. % DE FREQUÊNCIA:																												
												RESULTADO FINAL												Assinatura do Professor				
																								Assinatura do Professor				

ANEXO O - Página de Caderneta da 1ª série da E. M. Professor Luiz Gil (1997)

REGISTRO DAS ATIVIDADES DIARIAS		
<p>Entrega dos exercícios e quadros de giz</p> <p>DATA 20/06/97 <u>Unidade</u> ASS. DO PROFESSOR</p>	<p>- leitura da mesma - cópia da mesma - interpretação - reforço de mas. e - tarefa para casa.</p> <p>DATA 10/07/97 <u>Unidade</u> ASS. DO PROFESSOR</p>	<p>- leitura de palavras com acento agudo e circunflexo. - palavras de singular e plural. - leitura em classe</p> <p>DATA 16/07/97 <u>Unidade</u> ASS. DO PROFESSOR</p>
<p>- Chamada. - Reforço de Consoantes masculinas em classe. - Correção. - Matemática</p> <p>DATA 07/07/97 <u>Unidade</u> ASS. DO PROFESSOR</p>	<p>- Continuação da leitura. - Correção da tarefa de casa - tarefa em classe - Correção da tarefa preparada p/ semana.</p> <p>DATA 11/07/97 <u>Unidade</u> ASS. DO PROFESSOR</p>	<p>- Ditado de frases. - Classe dos animais - Animais inverte- brados. Tarefa para casa</p> <p>DATA 17/07/97 <u>Unidade</u> ASS. DO PROFESSOR</p>
<p>- Continuação da leitura das consoantes ditado. - Interpretação do de Matemática, Continuação de Unidades e Reza.</p> <p>DATA 08/07/97 <u>Unidade</u> ASS. DO PROFESSOR</p>	<p>- Frases de Sinônimo e Antônimo. - Matemática. Reza. Unidade</p> <p>DATA 14/07/97 <u>Unidade</u> ASS. DO PROFESSOR</p>	<p>- Reforço de Consoantes masculinas e menin - cultura. - leitura. - Ditado. - Unidade em classe - Correção da Unidade</p> <p>DATA 18/07/97 <u>Unidade</u> ASS. DO PROFESSOR</p>
<p>- Leitura da história - Ditado da mesma - Interpretação do - Matemática. - Reforço de Romanos</p> <p>DATA 09/07/97 <u>Unidade</u> ASS. DO PROFESSOR</p>	<p>- interpretação do - Matemática. - Reforço de Romanos - interpretação / tarefa</p> <p>DATA 15/07/97 <u>Unidade</u> ASS. DO PROFESSOR</p>	<p>- Leitura da mesma - interpretação da leitura - reforço de Jona Rural e Urbana.</p> <p>DATA 21/07/97 <u>Unidade</u> ASS. DO PROFESSOR</p>

ANEXO Q – Página de Caderneta da 1ª série da E. M. Professor Luiz Gil (2003)

REGISTRO DAS ATIVIDADES		
<p>CONTEÚDO: <i>Higiene e Saúde (Pielto).</i></p> <p>ATIVIDADE TRABALHADA: <i>Escreva as palavras sobre higiene e saúde ditado visual envolvendo estas palavras.</i></p> <p>03, 04, 03 ASS. DO(A) PROFESSOR(A) <i>Belva</i></p>	<p>CONTEÚDO: <i>Higiene e Saúde (Pielto).</i></p> <p>ATIVIDADE TRABALHADA: <i>Escreva as palavras de sombreado e pinte sobre a palavra.</i></p> <p>09, 04, 03 ASS. DO(A) PROFESSOR(A) <i>Belva</i></p>	<p>CONTEÚDO: <i>Dia do Índio.</i></p> <p>ATIVIDADE TRABALHADA: <i>Conversa sobre a importância dos índios e pintura sobre os índios.</i></p> <p>15, 04, 03 ASS. DO(A) PROFESSOR(A) <i>Belva</i></p>
<p>CONTEÚDO: <i>Higiene e Saúde.</i></p> <p>ATIVIDADE TRABALHADA: <i>Textos verbais e pictóricos em quadros com as palavras da história da ciência que cada criança criou.</i></p> <p>04, 04, 03 ASS. DO(A) PROFESSOR(A) <i>Belva</i></p>	<p>CONTEÚDO: <i>Ortografia letra "S".</i></p> <p>ATIVIDADE TRABALHADA: <i>Atividade de identificação a letra S. Escreva de palavras com S e pintura.</i></p> <p>10, 04, 03 ASS. DO(A) PROFESSOR(A) <i>Belva</i></p>	<p>CONTEÚDO: <i>Semana Santa e Páscoa.</i></p> <p>ATIVIDADE TRABALHADA: <i>Conversa sobre a semana santa e a páscoa. Desenhe e pinte sobre os símbolos da páscoa.</i></p> <p>16, 04, 03 ASS. DO(A) PROFESSOR(A) <i>Belva</i></p>
<p>CONTEÚDO: <i>Higiene e Saúde, Leitura escrita.</i></p> <p>ATIVIDADE TRABALHADA: <i>Apresentar ao está- lar (Leitura) escrita da história mais cristã e escrita.</i></p> <p>27, 04, 03 ASS. DO(A) PROFESSOR(A) <i>Belva</i></p>	<p>CONTEÚDO: <i>Ortografia letra S.</i></p> <p>ATIVIDADE TRABALHADA: <i>Clareza de escrita e colagem com palavras como "doas" palavras.</i></p> <p>11, 04, 03 ASS. DO(A) PROFESSOR(A) <i>Belva</i></p>	<p>CONTEÚDO: <i>Semana Santa e Páscoa.</i></p> <p>ATIVIDADE TRABALHADA: <i>Ver vídeo sobre "Seno" e comemorar a páscoa e lanche e entrega de miocacas e lembrancinhas.</i></p> <p>17, 04, 03 ASS. DO(A) PROFESSOR(A) <i>Belva</i></p>
<p>CONTEÚDO: <i>Higiene e Saúde (Pielto).</i></p> <p>ATIVIDADE TRABALHADA: <i>Apresentar cartas sobre o pieço, identificar o que o pieço nos faz estar os manuseios de cartão-lo.</i></p> <p>03, 04, 03 ASS. DO(A) PROFESSOR(A) <i>Belva</i></p>	<p>CONTEÚDO: <i>Ortografia 55.</i></p> <p>ATIVIDADE TRABALHADA: <i>Listar palavras escritas com 55 palavras e ler. Separar palavras com 55.</i></p> <p>14, 04, 03 ASS. DO(A) PROFESSOR(A) <i>Belva</i></p>	<p>CONTEÚDO: <i>Decorabimento de Pielto.</i></p> <p>ATIVIDADE TRABALHADA: <i>Leitura de texto informativo e conversa sobre o decorabimento com atul- do de desenho, pintura.</i></p> <p>28, 04, 03 ASS. DO(A) PROFESSOR(A) <i>Belva</i></p>

ANEXO R – Página de Caderneta da 1ª série da E. M. Professor Luiz Gil (2009)

1 Nome do Aluno: [Redacted]

2 Data de Nascimento: 01/12/2001 Nº 01

4 Filiação: Pai: [Redacted] Mãe: [Redacted] Endereço: Apartamento Antônio Cupertino

5 Registro de Faltas

MÊS	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	Faltas		
Fevereiro																																		1
Março																																		2
Abril																																		3
Maior																																		2
Junho																																		5
Julho																																		5
Agosto																																		5
Setembro																																		13
Outubro																																		10
Novembro																																		4
Dezembro																																		1
7 % de Frequência =																																	6	
8 Período:																																	11	
9 Aspectos Qualitativos: Cognitivos Motores Sócio-difreivos Culturais																																	Observações:	
<p>A aluna demonstra pensamento distante da sala de aula, realiza as atividades vagarosamente e com ajuda da professora ou colegas, conhece apenas algumas letras e números, das centenas associa o número a quantidade, apresenta sempre problemas de saúde, tem bons comportamentos.</p>																<p>A aluna apresenta avanço na aprendizagem escolar, em menor medida realiza as atividades propostas, com a colaboração dos demais colegas, não demonstra interesse por atividades culturais.</p>																		
10 Resultado Final																																	As faltas fustas fustas são por motivo de doença.	
<input type="checkbox"/> PDC - Progressão por Domínio das Competências <input type="checkbox"/> PCD - Progressão com Dependência <input type="checkbox"/> RPND - Retenção por Não Domínio das Competências... <input type="checkbox"/> PCAE - Progressão com Atendimento Especializado <input type="checkbox"/> RPF - Retenção por Falta <input type="checkbox"/> EVADIDO																																		

ANEXO T – Página de Caderneta da 1ª série da E. M. Professor Luiz Gil (2009)

<p>Conteúdo <u>Água</u></p> <p>Atividades Trabalhadas <u>A importância da água para os seres vivos sobre animais que não bebem água atividade escrita.</u></p> <p>Assinatura do(a) Professor(a) <u>Quiteria Condório Santos</u> Data <u>17/09/09</u></p> <p>Conteúdo <u>Água plantas animais</u></p>	<p>Conteúdo <u>continuações</u></p> <p>Atividades Trabalhadas <u>Leitura individual e coletiva escrita realizada com os pais.</u></p> <p>Assinatura do(a) Professor(a) <u>Quiteria Condório Santos</u> Data <u>22/09/09</u></p> <p>Conteúdo <u>O ciclo da água</u></p>	<p>Conteúdo <u>Projeto água</u></p> <p>Atividades Trabalhadas <u>Apresentação do projeto, missivas semana, reações do ciclo da água, lanche coletivo.</u></p> <p>Assinatura do(a) Professor(a) <u>Quiteria Condório Santos</u> Data <u>25/09/09</u></p> <p>Conteúdo <u>linguagem</u></p>
<p>Atividades Trabalhadas <u>Texto lido e escrito</u></p> <p>Assinatura do(a) Professor(a) <u>Quiteria e Silvia</u> Data <u>18/09/09</u></p> <p>Conteúdo <u>tratamento da água</u></p>	<p>Atividades Trabalhadas <u>Leitura em formato de contos de fadas e apresentação do ciclo da água</u></p> <p>Assinatura do(a) Professor(a) <u>Quiteria Condório Santos</u> Data <u>23/09/09</u></p> <p>Conteúdo <u>O ciclo da água música: riocho do navio</u></p>	<p>Atividades Trabalhadas <u>Leitura no livro didático, escrita missivas, reações de texto, ilustração de textos</u></p> <p>Assinatura do(a) Professor(a) <u>Quiteria Condório Santos</u> Data <u>28/09/09</u></p> <p>Conteúdo <u>Texto 1º bimestre</u></p>
<p>Atividades Trabalhadas <u>Texto em formato, leitura escrita, experiência realizada no texto de aula.</u></p> <p>Assinatura do(a) Professor(a) <u>Quiteria Condório Santos</u> Data <u>21/09/09</u></p>	<p>Atividades Trabalhadas <u>Ensino da revisão, racha do mau, leitura preparada para apresentação do projeto água</u></p> <p>Assinatura do(a) Professor(a) <u>Quiteria Condório Santos</u> Data <u>24/09/09</u></p>	<p>Atividades Trabalhadas <u>Leitura e escrita</u></p> <p>Assinatura do(a) Professor(a) <u>Quiteria Condório Santos</u> Data <u>29/09/09</u></p>

ANEXO U – Página de Caderneta da 1ª série da E. M. Professor Luiz Gil (2009)

Registro de Atividades		
<p>Conteúdo Matemática</p> <p>Atividades Trabalhadas Dobro multiplicação de números explorando o dobro de números e escrita de números dobrados</p> <p>Aula Nº 145 Data 30/09/09</p> <p>Assinatura do(a) Professor(a)</p>	<p>Conteúdo cultura</p> <p>Atividades Trabalhadas Apresentação de textos sobre o conteúdo cultura, leitura e escrita</p> <p>Aula Nº 148 Data 05/10/09</p> <p>Assinatura do(a) Professor(a)</p>	<p>Conteúdo multiplicação</p> <p>Atividades Trabalhadas Leitura de textos sobre problemas de multiplicação</p> <p>Aula Nº 152 Data 08/10/09</p> <p>Assinatura do(a) Professor(a)</p>
<p>Conteúdo Dobro</p> <p>Atividades Trabalhadas Exercício com os números e seu dobro representados do dobro com figuras</p> <p>Aula Nº 146 Data 01/10/09</p> <p>Assinatura do(a) Professor(a)</p>	<p>Conteúdo</p> <p>Atividades Trabalhadas Lista de trabalhos que se apresentam sobre o tema cultura, leitura e escrita</p> <p>Aula Nº 149 Data 06/10/09</p> <p>Assinatura do(a) Professor(a)</p>	<p>Conteúdo Comemoração do dia da Orange</p> <p>Atividades Trabalhadas Ginástica musical, lanche coletivo</p> <p>Aula Nº 153 Data 09/10/09</p> <p>Assinatura do(a) Professor(a)</p>
<p>Conteúdo Ortografia</p> <p>Atividades Trabalhadas Leitura e escrita</p> <p>Aula Nº 147 Data 02/10/09</p> <p>Assinatura do(a) Professor(a)</p>	<p>Conteúdo</p> <p>Atividades Trabalhadas Texto coletivo com imagens de panfletos artísticos, leitura e escrita, socialização</p> <p>Aula Nº 150 Data 04/10/09</p> <p>Assinatura do(a) Professor(a)</p>	<p>Conteúdo Matemática</p> <p>Atividades Trabalhadas Calendário</p> <p>Aula Nº 153 Data 14/10/2009</p> <p>Assinatura do(a) Professor(a)</p>

ANEXO W – Página de Caderneta da E. M. Maria do Carmo Santos Silva –
Turma Multisseriada (1991)

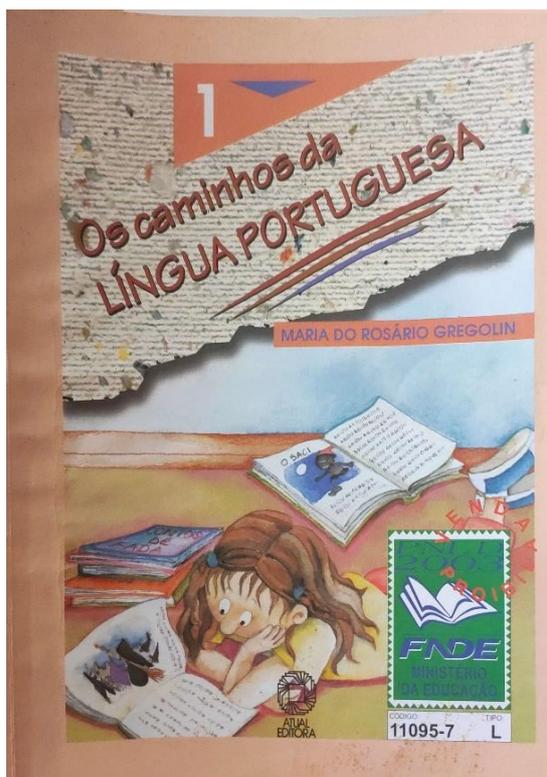
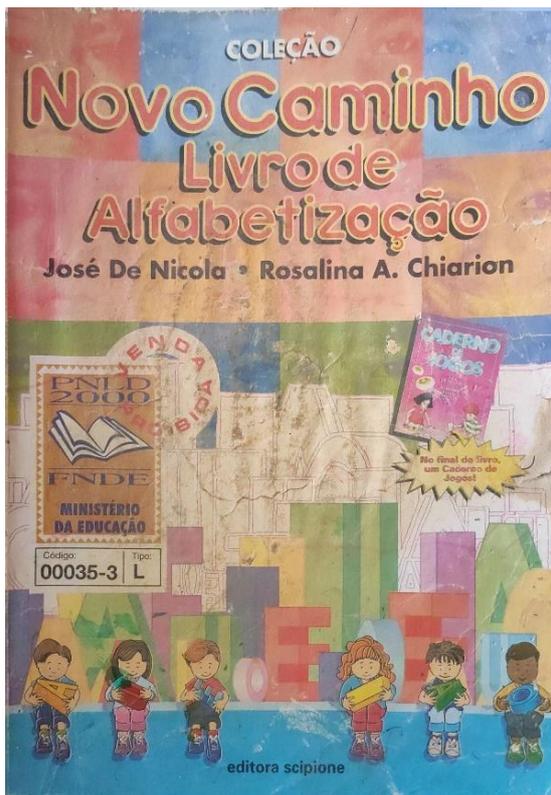
REGISTRO DAS ATIVIDADES DIÁRIAS		
<p>Leitura cópia separação de sílabas com as palavras e conexão.</p> <p>DATA 16/05/91 M^o do Socorro ASS. DO PROFESSOR</p>	<p>Leitura cópia e problemas. Ditado de palavras.</p> <p>DATA 17/05/91 M^o do Socorro ASS. DO PROFESSOR</p>	<p>Leitura cópia separação de sílabas com as palavras e conexão.</p> <p>DATA 20/05/91 M^o do Socorro ASS. DO PROFESSOR</p>
<p>Leitura separação de sílabas, completar com as palavras e conexão.</p> <p>DATA 21/05/91 M^o do Socorro ASS. DO PROFESSOR</p>	<p>Leitura Ditado de palavras. Classificação das palavras quanto ao número de sílabas com as palavras e conexão.</p> <p>DATA 24/05/91 M^o do Socorro ASS. DO PROFESSOR</p>	<p>Leitura Ditado de palavras. Classificação das palavras quanto ao número de sílabas com as palavras e conexão.</p> <p>DATA 27/05/91 M^o do Socorro ASS. DO PROFESSOR</p>
<p>Leitura separação e leitura das palavras separação das palavras quanto ao número de sílabas.</p> <p>DATA 28/05/91 M^o do Socorro ASS. DO PROFESSOR</p>	<p>planejamento. Exercícios, conexão. Tarefas para casa.</p> <p>DATA 29/05/91 M^o do Socorro ASS. DO PROFESSOR</p>	<p>Trabalho, contos para o encerramento do mês. Exercícios, problemas. Tarefas das sílabas separação.</p> <p>DATA 31/05/91 M^o do Socorro ASS. DO PROFESSOR</p>
<p>Leitura ditado. Tarefas com as palavras e problemas. Revisão de palavras e problemas.</p> <p>DATA 03/06/91 M^o do Socorro ASS. DO PROFESSOR</p>	<p>Leitura Revisão das palavras. Classificação das palavras quanto ao número de sílabas ditado com as palavras e conexão.</p> <p>DATA 04/06/91 M^o do Socorro ASS. DO PROFESSOR</p>	<p>Leitura. Separação de sílabas substituídas próprias e comuns. Exercícios com as palavras e conexão. Revisão do Município.</p> <p>DATA 05/06/91 M^o do Socorro ASS. DO PROFESSOR</p>

ANEXO X – Página de Caderneta da E. M. Maria do Carmo Santos Silva (frente e verso) – Turma Multisseriada (2006)

1 Nome do Aluno (a)		2 Data do Nascimento		3 Número				
		25/04/2001		01				
4 Filiação: Pai:								
Mãe:								
5 FREQUÊNCIA								
MESES	J	F	M	A	M	J	6 Período:	7 Observações:
DIAS	A	E	A	B	A	J		
1							8 Aspectos Qualitativos: Cognitivos / Psicomotores / Sócio-Afetivos / Culturais	<p>A aluna expressa-se oralmente, faz leitura global, reconhece algumas letras do alfabeto. Tem noção de números. Percebe-se no tempo e no espaço. Relaciona-se bem com colegas, professores e funcionários.</p>
2								
3								
4								
5								
6								
7								
8								
9								
10								
11								
12								
13								
14								
15								
16								
17								
18								
19								
20							8 Aspectos Qualitativos: Cognitivos / Psicomotores / Sócio-Afetivos / Culturais	
21							A aluna expressa-se oralmente, faz leitura global, reconhece algumas letras do alfabeto.	
22							Tem peças de número e compreende problemas globalmente.	
23							Relaciona-se bem com colegas, funcionários e professor.	
24							Apresenta habilidade com recortes e pinturas.	
25								
26								
27								
28								
29								
30								
31								
9 Total de Faltas								

5 FREQUÊNCIA		6 Período:		7 Observações:			
MESES	J	A	S	O	N	D	8 Aspectos Qualitativos: Cognitivos / Psicomotores / Sócio-Afetivos / Culturais
DIAS	U	G	E	U	O	E	
1							A aluna lê de forma global, reconhece várias letras do alfabeto, reconhece as do seu próprio nome, a escrita está na hipótese silábica não sonora.
2							Relaciona alguns números a sua quantidade.
3							Relaciona-se bem com os colegas prof. e funcionários.
4							Tem habilidade com recortes e pinturas.
5							Tem bom domínio do corpo.
6							
7							
8							
9							
10							
11							
12							
13							
14							
15							
16							
17							
18							
19							8 Aspectos Qualitativos: Cognitivos / Psicomotores / Sócio-Afetivos / Culturais
20							A aluna lê de forma global, reconhece quase que totalmente o alfabeto, resolve problemas de forma global, a hipótese de escrita está na fase de valor silábico não sonora.
21							Relaciona-se bem com colegas professor e funcionários.
22							Tem habilidade com recortes e pinturas e apresenta bom domínio do corpo.
23							
24							
25							
26							
27							
28							
29							
30							
31							
9 Total de Faltas							11 Resultado Final
10 % de Frequência							<input type="checkbox"/> PCAE - Progressão com atendimento especializado <input checked="" type="checkbox"/> PDC - Progressão por domínio das Competências <input type="checkbox"/> PCD - Progressão com dependência <input type="checkbox"/> RPDC - Retenção por não domínio de competências <input type="checkbox"/> RPF - Retenção por faltas

ANEXO Y – Capas de alguns dos livros de Alfabetização e Língua Portuguesa recebidos pela E. M. Maria do Carmo Santos Silva



ANEXO Z – Fotografias de estudantes interpretando indígenas, pastor e padre em desfile cívico na década de 2000

